NANDO PARRADO

VINCE RAUSE

MILAGRE NOS ANDES



72 Dias na Montanha e
Minha Longa Volta para Casa

OBJETIVA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

NANDO PARRADO
VINCE RAUSE

Milagre nos Andes

72 Dias na Montanha e Minha Longa Volta para Casa

Tradução
Fabiano Morais

OBJETIVA

Copyright © 2006 Nando Parrado
Todos os direitos reservados, incluindo o direito de qualquer tipo de reprodução completa ou parcial, à
EDITORA OBJETIVA LTDA.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro — RJ — CEP: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
Miracle in the Andes: 72 Days on the Mountain and My Long Trek Home

Capa
Lauren Dong

Revisão
Cristiane Marinho
Marina Couto

Coordenação de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Abreu’s System Ltda.

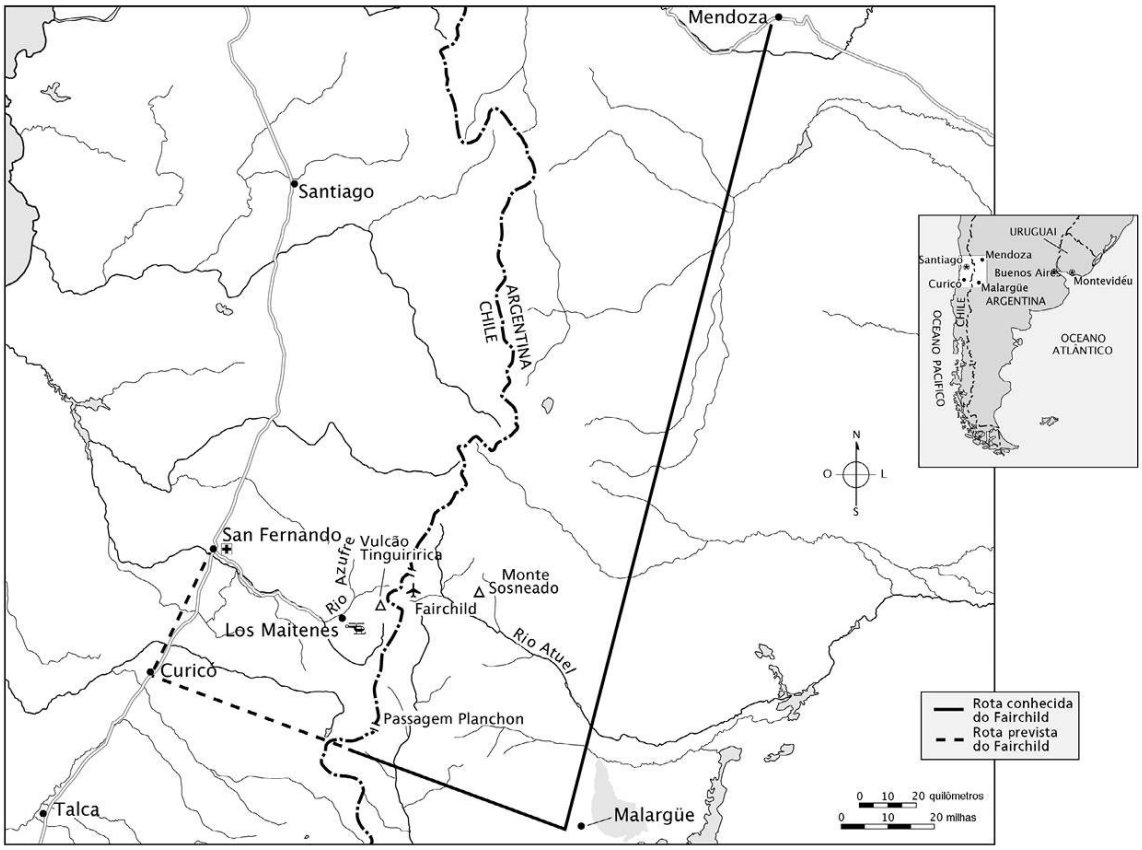
PRISA EDIÇÕES

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
P271m
Parrado, Nando
Milagre nos Andes [recurso eletrônico] : 72 dias na montanha e minha longa volta para casa / Nando Parrado, Vince Rause ; tradução Fabiano Morais . - Rio de Janeiro : Objetiva, 2012.
recurso digital
Tradução de: Miracle in the Andes : 72 days on the mountain and my long trek home
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
231p. ISBN 978-85-390-0387-7 (recurso eletrônico)
1. Parrado, Nando, 1949-. 2. Sobrevivência após acidentes aéreos, naufrágios, etc. 3. Acidentes aéreos - Andes, Cordilheira dos, Região. 4. Antropofagia - Andes, Cordilheira dos, Região. 5. Vítimas de acidentes aéreos - Uruguai - Biografia. 6. Livros eletrônicos. I. Rause, Vince. II. Título
12-4598 CDD: 920.71
CDU: 929-055.1

Sumário

Capa
Folha de Rosto
Créditos
Prólogo
Capítulo Um - Antes
Capítulo Dois - Tudo de mais valioso
Capítulo Três - Uma promessa
Capítulo Quatro - Respire mais uma vez
Capítulo Cinco - Abandonados
Capítulo Seis - Sepultura
Capítulo Sete - Leste
Capítulo Oito - O oposto da morte
Capítulo Nove - “Estou vendo um homem...”
Capítulo Dez - Depois
Epílogo
Agradecimentos de Nando Parrado
Agradecimentos de Vince Rause
Sobre o Autor

Para Veronique, Veronica e Cecilia.
Tudo valeu a pena.
Eu faria tudo de novo por vocês.


Mendoza
Santiago
ARGENTINA
CHILE
San Fernando
Vulcão
Tinguiririca
Rio Azufre
Monte
Sosneado
Fairchild
Los Maitenes
Rio Atuel
Curicó
Passagem Planchon
Talca
Malargüe
Rota conhecida do Fairchild
Rota prevista do Fairchild
0 10 20 quilômetros
0 10 20 milhas
N
O
L
S
URUGUAI
Santiago
Mendoza
Buenos Aires
Montevidéu
Curico
Malargüe
ARGENTINA
CHILE
OCEANO PACIFICO
OCEANO ATLÂNTICO

Prólogo

Nas primeiras horas não havia nada, nenhum medo ou tristeza, nenhuma sensação da passagem do tempo, nem mesmo vestígio de um pensamento ou lembrança, apenas um silêncio negro e perfeito. Então a luz surgiu — um borrão fraco e cinza de luz do dia — e fui em direção a ela, saindo da escuridão como um mergulhador que sobe lentamente para a superfície. A realidade se infiltrou no meu cérebro como uma transfusão lenta e eu despertei, com grande dificuldade, para um mundo crepuscular, entre o sonho e a consciência. Ouvi vozes e percebi movimento ao meu redor, mas meus pensamentos estavam confusos e minha visão, embaçada. Tudo o que via eram silhuetas negras e poças de luz e sombras. Perplexo diante daquelas formas vagas, notei que algumas das sombras se moviam, e percebi que uma delas pairava sobre mim.

— *Nando, podés oírme?* Está me ouvindo? Você está bem?

A sombra se aproximou e, enquanto eu a observava em silêncio, ela se transformou em um rosto humano. Vi um emaranhado de cabelos pretos sobre olhos castanho-escuros. Havia bondade naqueles olhos — aquela pessoa me conhecia —, mas além da bondade havia outra coisa, uma ferocidade, uma dureza, um traço de desespero contido.

— Acorde, Nando!

Por que estou sentindo tanto frio? Por que minha cabeça dói tanto? Tentei desesperadamente dar voz a esses pensamentos, mas meus lábios não conseguiam formar as palavras, e o esforço esgotou minhas forças num instante. Fechei os olhos e me deixei levar de volta para as sombras. Logo em seguida ouvi outras vozes e, quando olhei novamente, mais rostos flutuavam sobre mim.

— Ele está acordado? Consegue nos ouvir?

— Fale alguma coisa, Nando!

— Não desista, Nando. Estamos aqui com você. Acorde!

Tentei falar novamente, mas só consegui produzir um sussurro rouco. Então alguém se agachou perto de mim e falou bem lentamente em meu ouvido.

— *Nando, el avión se estrelló! Caímos en las montañas.*

Nós caímos, ele disse. O avião caiu. Caímos nas montanhas.

— Você consegue me entender, Nando?

Eu não conseguia. Entendi, pela urgência comedida daquelas palavras, que era uma notícia muito importante. Mas não conseguia desvendar seu significado ou compreender o que ela tinha a ver comigo. A realidade parecia distante e

amortecida, como se eu estivesse preso em um sonho e não conseguisse me forçar a despertar. Fiquei horas naquele devaneio, então finalmente meus sentidos começaram a clarear e pude examinar à minha volta. Desde os meus primeiros e turvos instantes de consciência, fiquei intrigado com uma fileira de pequenas luzes circulares que flutuavam acima da minha cabeça. Agora percebia que essas luzes eram as janelinhas redondas de um avião. Notei que estava no chão da cabine de passageiros de um avião comercial, mas quando olhei para a frente, para a cabine do piloto, vi que tudo naquele avião estava errado. A fuselagem rolara para o lado, de modo que minhas costas e minha cabeça descansavam contra a parede inferior direita da aeronave, enquanto minhas pernas se esticavam no corredor, que se curvava para cima. A maioria dos assentos sumira. Cabos e tubos balançavam no teto avariado e retalhos do isolamento pendiam como trapos sujos de buracos nas paredes destruídas. O chão à minha volta estava repleto de pedaços de plástico, lascas de metal retorcidas e outros escombros. Era dia. O ar estava muito gelado e, por mais aturdido que estivesse, fiquei espantado com a intensidade do frio. Vivera toda a minha vida no Uruguai, um país quente, onde até mesmo os invernos são brandos. A única vez em que encarei um inverno de verdade foi aos 16 anos, quando morei em Saginaw, Michigan, como estudante de intercâmbio. Não levei nenhuma roupa de frio para Saginaw e me lembro da minha primeira experiência com um genuíno pé de vento de inverno do Meio-Oeste, como o vento atravessou o meu casaco leve e como meus pés congelaram dentro dos mocassins. Mas eu jamais imaginara algo como as cortantes rajadas de vento abaixo de zero que sopravam pela fuselagem. Aquele era um frio selvagem, de triturar os ossos, que queimava minha pele como ácido. Sentia a dor em cada célula do meu corpo e, à medida que ela me provocava uma tremedeira espasmódica, cada instante parecia durar uma eternidade.

Deitado no chão gelado do avião, não havia como me aquecer. Mas não era só o frio que me preocupava. Havia também uma dor latejando na minha cabeça, pancadas tão duras e cruéis que era como se um animal selvagem estivesse preso no meu crânio e se debatesse desesperadamente para sair. Toquei de leve o alto da minha cabeça. Coágulos de sangue emplastravam meus cabelos e três feridas abertas formavam um triângulo irregular de cerca de 10 centímetros sobre minha orelha direita. Senti arestas duras de osso quebrado sob o sangue coagulado e, quando pressionei levemente o local, tive uma sensação esponjosa de afundamento. Meu estômago se embrulhou quando entendi o que isso significava — estava pressionando pedaços do meu crânio contra a superfície do cérebro. Senti no peito as pancadas do coração. Minha respiração ficou ofegante. Quando estava prestes a entrar em pânico, vi aqueles olhos castanhos sobre mim

e finalmente reconheci o rosto do meu amigo Roberto Canessa.

— O que aconteceu? — perguntei a ele. — Onde estamos?

Roberto franziu o cenho enquanto examinava os ferimentos na minha cabeça. Ele sempre fora uma pessoa séria, obstinada e intensa e, olhando em seus olhos, vi toda a tenacidade e confiança que o distinguiam. Mas havia algo de novo em seu rosto, algo sombrio e perturbador que eu nunca vira antes. Era o semblante angustiado de um homem lutando para crer no inacreditável, ou de uma pessoa atônita com uma enorme surpresa.

— Você ficou inconsciente por três dias — ele disse, sem emoção alguma na voz. — Já tínhamos desistido de você.

Aquelas palavras não fizeram sentido.

— O que aconteceu comigo? — perguntei. — Por que está tão frio?

— Você consegue me entender, Nando? — disse Roberto. — Nós caímos nas montanhas. O avião caiu. Estamos presos aqui.

Meneei a cabeça debilmente, confuso, ou me recusando a crer, porém não tinha como negar por muito tempo o que acontecia à minha volta. Ouvi gemidos fracos e gritos de dor repentinos e compreendi que eram os sons de outras pessoas sofrendo. Vi os feridos deitados em camas improvisadas e redes por toda a fuselagem, e outros vultos se agachando para ajudá-los, falando baixinho uns com os outros enquanto iam e vinham pela cabine com uma determinação serena. Notei, pela primeira vez, que a parte da frente da minha camisa estava coberta por uma crosta marrom e úmida. Ao tocá-la com a ponta do dedo, senti que era viscosa e coagulada e compreendi que aquela nojeira era o meu sangue secando.

— Está entendendo, Nando? — Roberto perguntou novamente. — Você se lembra? Nós estávamos em um avião... indo para o Chile...

Fechei os olhos e assenti com a cabeça. Agora eu estava fora das sombras, minha confusão já não podia mais me proteger da verdade. Compreendi tudo e, enquanto Roberto limpava delicadamente o sangue seco no meu rosto, comecei a lembrar.

Capítulo Um

Antes

Era sexta-feira, dia 13 de outubro. Brincamos com o fato de sobrevoarmos os Andes em uma data tão agourenta, mas os jovens sempre fazem esse tipo de brincadeira. Nosso voo saíra um dia antes de Montevidéu, minha cidade natal, com destino a Santiago do Chile. Era um voo fretado em um Fairchild bimotor com propulsão a jato transportando meu time de rúgbi, o Old Christians Rugby Club, para um amistoso contra um grande time chileno. Havia 45 pessoas a bordo, incluindo quatro tripulantes — piloto, copiloto, mecânico e comissário de bordo. A maioria dos passageiros era formada por meus colegas de time, mas também nos acompanhavam amigos, familiares e outras pessoas que apoiavam a equipe, incluindo minha mãe, Eugenia, e minha irmã mais nova, Susy, que estavam sentadas do outro lado do corredor, uma fileira à minha frente. Inicialmente, voaríamos para Santiago sem escalas, uma viagem de cerca de três horas e meia. Porém, após algumas poucas horas no ar, notícias de mau tempo nas montanhas forçaram o piloto Julio Ferradas a aterrissar na antiga cidade colonial de Mendoza, logo ao leste das colinas dos Andes.

Aterrissamos em Mendoza na hora do almoço, com a esperança de estarmos voando novamente dentro de poucas horas. Porém, as informações sobre o tempo não eram animadoras e logo ficou claro que teríamos de pernoitar na cidade. Ninguém gostou da ideia de perder um dia de viagem, mas Mendoza era charmosa e decidimos aproveitar ao máximo nossa estada. Alguns dos rapazes relaxaram em cafés de calçada ao longo dos bulevares largos, de três pistas, ou foram visitar os bairros históricos. Eu passei a tarde com alguns amigos, assistindo a uma corrida de automóveis em uma pista fora da cidade. À noite, fomos ver um filme, enquanto alguns outros foram dançar com umas garotas argentinas que haviam conhecido. Minha mãe e Susy passaram o tempo explorando as belas lojas de Mendoza, comprando presentes para amigos chilenos e lembranças para a família. Mamãe ficou especialmente feliz por encontrar um par de sapatinhos de bebê em uma pequena butique; ela achou que seria o presente perfeito para o filhinho da minha irmã Graciela.

A maioria de nós dormiu até mais tarde na manhã seguinte, e quando acordamos estávamos ansiosos para ir embora. Porém, ainda não havia notícias

sobre a nossa partida e então nos separamos para ver um pouco mais de Mendoza. Finalmente fomos avisados para estarmos todos no aeroporto às 13 horas em ponto, mas quando chegamos lá descobrimos que Ferradas e seu copiloto, Dante Lagurara, ainda não haviam decidido se iríamos voar ou não. Reagimos à notícia com frustração e raiva, mas nenhum de nós entendia a decisão complicada que os pilotos tinham que tomar. O boletim do tempo daquela manhã advertia sobre uma certa turbulência na nossa rota, mas depois de falar com o piloto de um avião de carga que acabara de chegar de Santiago, Ferradas estava confiante que o Fairchild podia sobrevoar o mau tempo com segurança. O problema mais grave era a hora; já estávamos no começo da tarde e até que os passageiros embarcassem e tudo estivesse acertado com os funcionários do aeroporto já passaria das 14 horas. À tarde, o ar quente sobe das colinas argentinas e se encontra com o ar gelado acima da linha de neve, gerando uma instabilidade traiçoeira na atmosfera sobre as montanhas. Nossos pilotos sabiam que esse era o horário mais perigoso para sobrevoar os Andes. Não havia como prever onde aquelas correntes serpeantes iriam bater, e, se elas nos pegassem, nosso avião seria jogado de um lado para o outro como um brinquedo.

Por outro lado, não podíamos ficar parados em Mendoza. Nossa aeronave era um Fairchild F-227 que havíamos tomado emprestado da Força Aérea Uruguaia. As leis da Argentina proibiam que um avião militar estrangeiro permanecesse em solo argentino por mais de 24 horas. Como nosso tempo estava se esgotando, Ferradas e Lagurara tinham que tomar uma decisão rápida: partir para Santiago e enfrentar o céu vespertino ou voar com o Fairchild de volta para o Uruguai e acabar com as nossas férias?

Enquanto os pilotos consideravam as opções, nossa impaciência cresceu. Já perdêramos um dia da nossa viagem ao Chile e estávamos incomodados com a possibilidade de perder outros. Éramos jovens corajosos, destemidos e cheios de si, e nos irritava o fato de nossas férias estarem indo por água abaixo pelo que considerávamos uma covardia. Não escondemos nossos sentimentos. Assobiamos e zombamos dos pilotos quando os vimos no aeroporto. Começamos a provocá-los e a questionar a sua competência. “Nós os contratamos para nos levar ao Chile”, alguém gritou, “e é isso que queremos que vocês façam!” É impossível saber se nosso comportamento influenciou ou não a decisão deles — sem dúvida, pareceu deixá-los apreensivos —, mas finalmente, depois de uma última conversa com Lagurara, Ferradas olhou para a multidão que esperava impaciente por uma resposta e anunciou que o voo para Santiago prosseguiria. Comemoramos a notícia ruidosamente.

Finalmente, o Fairchild decolou do aeroporto de Mendoza às 14h18, hora

local. Enquanto subia, o avião se inclinou para fazer uma curva à esquerda e logo estávamos voando para o sul, com os Andes argentinos se erguendo à nossa direita no horizonte ocidental. Pela janela do lado direito da fuselagem olhei para as montanhas, que se elevavam da planície escura abaixo de nós como uma miragem negra, tão sombrias e majestosas, tão assombrosamente vastas e enormes, que só de olhá-las meu coração disparou. Elas eram enraizadas em leitos de rocha maciços, com bases colossais que se estendiam por quilômetros, seus cumes pretos erguiam-se das planícies, um pico se juntando ao outro, parecendo formar um colossal muro de fortaleza. Eu não era um jovem inclinado à poesia, mas parecia haver um aviso na grande autoridade com a qual aquelas montanhas se mantinham ali, e era impossível não pensar nelas como seres vivos, dotadas de mente, de coração e de uma consciência antiga e meditativa. Não é de surpreender que os antigos considerassem aquelas montanhas lugares sagrados, a entrada para o paraíso e a morada dos deuses.

O Uruguai é um país de baixa altitude e, como a maior parte dos meus amigos no avião, meu conhecimento sobre os Andes, ou sobre qualquer tipo de montanha, limitava-se ao que eu lera nos livros. Aprendemos na escola que a cordilheira dos Andes é a mais longa cadeia de montanhas do mundo, cruzando a América do Sul desde a Venezuela, ao norte, até a ponta meridional do continente, na Terra do Fogo. Eu também sabia que os Andes são a segunda mais elevada cordilheira do planeta, em termos de altura média. Somente o Himalaia é mais alto.

Ouvira pessoas se referindo aos Andes como uma das maiores maravilhas geológicas da Terra, e a visão que tinha do interior do avião me fez entender visceralmente o que eles queriam dizer. Ao norte, ao sul e a oeste, as montanhas se estendiam até onde a vista alcançava e, embora estivessem a quilômetros de distância, seu peso e sua massa faziam com que parecessem intransponíveis. E de fato, pelo menos para mim, elas eram. Nosso destino, Santiago, fica quase exatamente a oeste de Mendoza, mas o trecho dos Andes que separa as duas cidades é uma das partes mais altas de toda a cadeia e abriga algumas das montanhas mais altas do mundo. O Aconcágua, por exemplo, estava em algum lugar lá fora, a montanha mais alta do hemisfério ocidental e uma das sete mais altas do planeta. Com 6.958 metros, é apenas 1.889 metros mais baixa que o Everest, e seus vizinhos são gigantes, incluindo o monte Mercedario, de 6.705 metros, e o monte Tupungato, com seus 6.569 metros. Circundando esses hipopótamos, estão outros grandes picos, com alturas entre 4.900 e 6.700 metros, que ninguém nesses lugares perdidos se interessou em batizar.

Com aqueles topos tão elevados ao longo do caminho, o Fairchild, com sua altitude máxima de voo de aproximadamente 6.800 metros, não tinha a menor

chance de fazer uma rota direta leste-oeste para Santiago. Em vez disso, os pilotos traçaram um percurso que nos levaria cerca de 150 quilômetros ao sul de Mendoza, até o passo El Planchón, um corredor estreito que corta as montanhas, com picos baixos o suficiente para o avião passar. Voaríamos para o sul, passando pelas colinas ao leste dos Andes, com as montanhas sempre à nossa direita, até chegarmos ao passo. Então faríamos uma curva para o oeste e cruzaríamos as montanhas. Depois de passar pelas montanhas do lado chileno, viraríamos à direita e seguiríamos para o norte, para Santiago. O voo levaria cerca de uma hora e meia. Chegaríamos a Santiago antes do anoitecer.

Na primeira parte da viagem, o céu estava tranquilo e chegamos às proximidades do passo El Planchón em menos de uma hora. Não sabia o nome do passo e nenhum dos detalhes do voo, é claro, mas não pude deixar de notar que, depois de viajarmos quilômetros com as montanhas sempre distantes no lado ocidental, nós nos inclinamos para o oeste e agora voávamos diretamente para o coração da cordilheira. Estava sentado em uma janela no lado esquerdo do avião e, à medida que observava, a paisagem plana e informe parecia saltar do chão, formando primeiramente colinas escarpadas e, em seguida, se elevando e se arqueando naquele maravilhoso enroscamento das verdadeiras montanhas. Cumes em forma de barbatanas erguiam-se como velas negras içadas. Picos ameaçadores apontavam para cima como pontas de lança gigantescas ou como lâminas de machadinhas quebradas. Vales glaciais estreitos cortavam os despenhadeiros, formando fileiras de corredores profundos, sinuosos e cobertos de neve que se amontoavam e se dobravam uns sobre os outros, criando um selvagem e interminável labirinto de gelo e pedra. No hemisfério Sul, o inverno já tinha dado lugar ao começo da primavera, mas nos Andes as temperaturas ainda caíam rotineiramente e o ar era seco como um deserto. Eu sabia que avalanches, tempestades de neve e ventos com a força de um tufão eram comuns naquelas montanhas, e que o inverno anterior fora um dos mais rigorosos já registrados, com quedas de neve de várias centenas de metros em algumas regiões. Não vi cor alguma nas montanhas, apenas recortes opacos de preto e cinza. Não havia maciez ou vida, apenas rochas, neve e gelo. Observando aquela região selvagem e acidentada, tive que rir da arrogância daqueles que um dia pensaram que os seres humanos dominaram a Terra.

Enquanto observava pela janela, notei que feixes de névoa se juntavam e senti a mão de alguém no meu ombro.

— Vamos trocar de lugar, Nando. Quero ver as montanhas.

Era meu amigo Panchito, que estava sentado na poltrona do corredor, do meu lado. Assenti com a cabeça e me levantei. Assim que fiquei de pé para trocar de lugar, alguém gritou: “Pense rápido, Nando!”, e me virei a tempo de pegar uma

bola de rúgbi arremessada do fundo da cabine. Joguei a bola para a frente e me sentei. Todos à nossa volta riam e conversavam, pessoas iam de lugar em lugar, indo e vindo no corredor para falar com os amigos. Outros, entre eles meu amigo mais antigo, Guido Magri, estavam na traseira do avião jogando cartas com alguns dos tripulantes, incluindo o comissário de bordo, mas quando a bola começou a quicar pela cabine o comissário apareceu e tentou pôr ordem na situação.

— Guardem a bola — ele gritou. — Sosseguem e, por favor, sentem-se em seus lugares!

Mas éramos jovens jogadores de rúgbi numa viagem com os amigos e não queríamos sossegar. Nosso time, o Old Christians de Montevidéu, era um dos melhores times de rúgbi do Uruguai e levávamos a sério nossas partidas normais. Mas no Chile jogaríamos apenas um amistoso, de modo que aquela era, na verdade, uma viagem de férias para nós, e o clima no avião era de que as férias já tinham começado.

Era gostoso viajar com os amigos, especialmente com aqueles. Passáramos por muita coisa juntos — todos os anos de aprendizado e treinamento, todas as derrotas consternadoras e as vitórias difíceis. Crescêramos como colegas de time, retirando força uns dos outros, aprendendo a confiar no próximo nos momentos de pressão. Mas o rúgbi não forjara apenas nossa amizade, forjara também nosso caráter e nos unira como irmãos.

A maior parte dos jogadores do Old Christians se conhecia havia mais de dez anos, desde o tempo em que jogávamos na escola, sob a tutela da Irmandade Cristã Irlandesa, no Colégio Stella Maris. A Irmandade Cristã viera da Irlanda para o Uruguai no começo da década de 1950 a convite de um grupo de pais católicos que queria fundar uma escola particular católica em Montevidéu. Cinco Irmãos irlandeses aceitaram o convite e, em 1955, criaram o Colégio Stella Maris, uma escola para meninos entre 9 e 16 anos de idade, no bairro de Carrasco, onde a maioria dos estudantes morava.

Para a Irmandade, o principal objetivo de uma educação católica era formar o caráter, e não o intelecto, e sua metodologia dava ênfase a disciplina, devoção, abnegação e respeito. No intuito de promover esses valores fora da sala de aula, os Irmãos desencorajaram nossa paixão natural pelo futebol — um jogo que, na opinião deles, fomentava o egoísmo — e nos apresentaram ao rúgbi, um jogo mais duro, mais material. Há séculos o rúgbi é uma paixão irlandesa, mas era praticamente desconhecido em nosso país. A princípio, o jogo nos pareceu estranho — era tão brutal e penoso de jogar, com tantos empurrões e encontrões e com tão pouco da franca elegância do futebol. Porém, os Irmãos acreditavam piamente que as qualidades necessárias para dominar o esporte eram as mesmas

necessárias para viver uma boa vida cristã — humildade, tenacidade, autodisciplina e devoção ao próximo — e estavam determinados a nos fazer jogá-lo, e jogá-lo bem. Não demoramos a perceber que, uma vez tendo colocado uma coisa na cabeça, era quase impossível dissuadi-los. Então deixamos de lado nossas bolas de futebol e nos familiarizamos com a bola grande e pontuda usada no rúgbi.

Os Irmãos começaram do zero nos longos e duros treinos nos campos atrás da escola, iniciando-nos em todas as complexidades do jogo — os *rucks* e *mauls*, *scrumdowns* e *lineouts*, como chutar, passar e dar um *tackle*. Descobrimos que os jogadores não usam ombreiras ou capacetes, mas que se espera que eles joguem agressivamente e com grande coragem. Mas o rúgbi é mais do que um jogo de força bruta; requer boa estratégia, pensamento rápido e agilidade. Acima de tudo, exige que os companheiros de time desenvolvam um sentimento inabalável de confiança. Explicaram-nos que, quando um jogador cai ou é derrubado, ele "vira grama". Queriam dizer que um jogador caído pode ser pisoteado e massacrado pelo adversário como se fizesse parte do gramado. Uma das primeiras coisas que nos ensinaram foi como nos comportar quando um companheiro vira grama. "Você tem que se tornar seu protetor. Precisa se sacrificar para defendê-lo. Ele precisa saber que pode contar com você."

Para a Irmandade Cristã, o rúgbi era mais do que um jogo, era um esporte elevado ao nível da disciplina moral. No coração dos Irmãos estava a crença férrea de que nenhum outro esporte ensinava com tanto fervor a importância da luta, do sofrimento e do sacrifício em prol de um objetivo comum. Eles defendiam com tanta paixão esse argumento que não tínhamos outra escolha senão acreditar, e assim que começamos a compreender o jogo mais profundamente, vimos que eles estavam certos.

Simplificando, o objetivo do rúgbi é assumir o controle da bola — geralmente por meio de uma combinação de astúcia, velocidade e força bruta — e, daí, levá-la até o gol ou *try line*, passando-a com habilidade de um companheiro para o outro, para marcar ponto. O rúgbi pode ser um jogo de uma velocidade e agilidade impressionantes, de passes milimétricos e manobras evasivas brilhantes. Mas, para mim, a essência do jogo está na peleja brutal e calculada conhecida como *scrum*, a formação mais característica do rúgbi. No *scrum*, cada time forma um amontoado compacto, de três fileiras, os jogadores agachados ombro a ombro com os braços dados, formando uma intrincada cunha humana. Os dois *scrums* se posicionam, e a primeira linha de um cola ombros com a do adversário, formando um círculo fechado. Ao som do apito, a bola é jogada dentro do círculo e cada um dos *scrums* tenta afastar o outro dela, para que um dos jogadores da primeira linha possa chutá-la para trás, por entre as pernas dos

seus companheiros, para a retaguarda do *scrum*, onde o *scrum-half* está esperando para agarrá-la e passá-la para um *back* que começará o ataque.

O jogo dentro do *scrum* pode ser violento — joelhos batem em têmporas, cotovelos se chocam contra maxilares, queixos são constantemente cortados por chuteiras pesadas. É um trabalho duro, cruel, mas tudo muda quando o *scrum-half* limpa a bola e o ataque começa. O primeiro passe pode ser de volta para o abertura, que driblará os defensores, ganhando tempo para que os jogadores atrás dele possam ficar livres no campo. Quando está prestes a ser derrubado, o abertura atira a bola para o primeiro centro, que desvia de um dos *tacklers*, mas leva uma rasteira do segundo, passando a bola para o ponta enquanto cai. Então os *backs* trocam a bola vigorosamente — terceira-linha para o ponta para o centro e de volta para o ponta, cada jogador abrindo caminho aos golpes, giros, mergulhos e encontrões, antes que os *tacklers* os levem ao chão. Quem estiver carregando a bola será espancado pelo caminho, *rucks* se formarão quando a bola ficar livre, cada centímetro será uma batalha. Então um dos nossos homens divisa um ângulo, uma janela de luz, e, numa explosão derradeira, corta os últimos defensores e ultrapassa o *try line* com um mergulho, marcando ponto. De repente, toda aquela peleja do *scrum* se torna uma maravilhosa dança. E nenhum homem pode dizer que o mérito é só seu. O *try* foi marcado centímetro a centímetro, graças à união dos esforços individuais, e não importa quem tenha levado a bola para além do *try line*, a glória pertence a todos.

Meu papel no *scrum* era me posicionar atrás da primeira linha, que ficava agachada, com a cabeça enfiada entre as cinturas dos outros jogadores, os ombros colados às suas coxas e os braços cingindo as suas costas. Quando começava a partida, eu me jogava para a frente com todas as minhas forças e tentava empurrar o *scrum* adiante. Lembro-me perfeitamente da sensação: No início, o peso do *scrum* adversário parecia enorme e impossível de mover. Mesmo assim, você finca o pé na grama, suporta o impasse, se recusa a desistir. Lembro-me, em momentos de esforço extremo, de me impelir para a frente até as pernas ficarem completamente estendidas, o corpo abaixado, reto e paralelo ao chão, empurrando desesperadamente o que parecia ser um muro de pedra. Às vezes, o impasse parecia durar para sempre, mas se mantivéssemos nossas posições e cada homem fizesse o seu trabalho a resistência arrefeceria, e, miraculosamente, o objeto impassível começaria a se mover lentamente. Isto é o mais impressionante: no momento da vitória, não há como separar o seu esforço individual do esforço de todo o *scrum*. Não dá para saber quando a sua força acaba e o empenho dos demais começa. De certa forma, você não existe mais como um ser humano individual. Por um breve instante você esquece de si mesmo. Torna-se parte de algo maior e mais poderoso do que você poderia ser.

Seu empenho e sua determinação desaparecem na determinação conjunta da equipe e, se ela for unida e centrada, a equipe se impulsiona para a frente e o *scrum* começa a se mover como num passe de mágica.

Para mim, essa é a essência do rúgbi. Nenhum outro esporte oferece uma sensação tão intensa de abnegação e objetivo comum. Acredito que seja por isso que jogadores de rúgbi em todo o mundo sejam tão apaixonados pelo jogo e compartilhem de tamanho sentimento de fraternidade. É claro que, quando jovem, eu não sabia expressar tudo isso, mas sabia, assim como meus companheiros, que havia algo de especial naquele jogo, e desenvolvemos, sob a tutela da Irmandade Cristã, um amor ardoroso pelo esporte que forjou nossa amizade e nossas vidas. Por oito anos, jogamos com afinco pela Irmandade Cristã — uma irmandade de jovens com nomes latinos, praticando um esporte com profundas raízes inglesas sob o céu ensolarado do Uruguai e carregando com orgulho o trevo verde em nossos uniformes. O jogo se tornara de tal forma parte de nossas vidas que, quando nos formamos no Stella Maris, aos 16 anos, muitos de nós não conseguiram suportar a ideia de nunca mais jogar. Nossa salvação veio com o Old Christians Club, um time particular formado em 1965 pelos ex-alunos do programa de rúgbi do Stella Maris, criado para dar oportunidade para que os jogadores da escola continuassem jogando depois de formados.

Quando a Irmandade Cristã chegou ao Uruguai, poucos haviam visto uma partida de rúgbi na vida, mas no final da década de 1960 o jogo já começava a ganhar popularidade e havia muitos times bons para jogar com o Old Christians. Em 1965, entramos para a Liga Nacional de Rúgbi, e logo nos estabelecemos como um dos melhores times do país, conquistando o campeonato nacional em 1968 e 1970. Animados pelo sucesso, começamos a agendar partidas na Argentina e não tardamos a descobrir que nos garantíamos contra as melhores equipes que aquele país tinha para oferecer. Em 1971, viajamos para o Chile e nos saímos bem em partidas contra adversários fortes, incluindo a seleção chilena. A viagem foi um sucesso tão grande que decidimos voltar naquele ano, em 1972. Aguardara essa viagem ansiosamente por meses a fio, e, olhando ao redor da cabine de passageiros, não havia dúvida que meus colegas de time sentiam o mesmo. Passamos por tanta coisa juntos. Sabia que as amizades feitas naquela equipe durariam por toda a vida e estava feliz em ver tantos amigos à minha volta. Lá estava Coco Nicholich, nosso segunda-linha e um dos maiores e mais fortes jogadores do time. Enrique Platero, sério e decidido, era nosso pilar — um dos caras corpulentos que ajudavam a ancorar a primeira fileira no *scrum*. Roy Harley era um terceira-linha, que usava sua velocidade para desviar dos *tacklers* e deixá-los catando borboletas. Roberto Canessa era um ponta e um dos

jogadores mais vigorosos e durões do time. Arturo Nogueira era nosso abertura, ótimo nos passes longos e um dos melhores chutadores da equipe. Só de olhar para Antonio Vizintin, com suas costas largas e pescoço grosso, dava para notar que ele era um dos *forwards* da primeira linha que suportavam a maior parte do peso no *scrum*. Gustavo Zerbino — cuja coragem e determinação sempre admirei — era um jogador versátil que se revezava em várias posições. E Marcelo Perez del Castillo, outro terceira-linha, muito rápido, muito valente, carregava a bola maravilhosamente bem e era um *tackler* feroz. Marcelo era também nosso capitão, um líder a quem poderíamos confiar nossas vidas. Foi Marcelo quem teve a ideia de voltarmos ao Chile, e quem batalhou para tornar tudo possível: alugou o avião, contratou os pilotos, marcou os jogos e fez todos se empolgarem com a viagem.

Havia outros — Alexis Hounie, Gastón Costemalle, Daniel Shaw —, todos excelentes jogadores e todos meus amigos. Mas meu amigo mais antigo era Guido Magri. Conhecemo-nos no meu primeiro dia no Colégio Stella Maris — eu tinha 8 anos e Guido era um ano mais velho — e nos tornamos inseparáveis desde então. Guido e eu crescemos juntos, jogando futebol e compartilhando de um amor por motocicletas, carros e corridas de automóveis. Aos 15 anos, ambos tínhamos mobiletes que modificávamos dos jeitos mais idiotas — retirando o silencioso, as setas e os para-choques — e íamos com elas até Las Delicias, uma famosa sorveteria do nosso bairro, onde babávamos pelas garotas do Colégio Sagrado Corazón, na esperança de impressioná-las com nossas patinetes envenenadas. Guido era um amigo confiável, com um bom senso de humor e de riso fácil. Era também um ótimo *scrum-half*, rápido e esperto como uma raposa, com boas mãos e muita coragem. Sob a tutela da Irmandade Cristã, nós dois aprendemos a amar o rúgbi apaixonadamente. À medida que as temporadas passavam, trabalhamos duro para melhorar nossas habilidades e, quando completei 15 anos, já havíamos conquistado nossas posições na escalação principal do time da escola. Depois da formatura, ambos entramos para o Old Christians e passamos várias temporadas aproveitando a animada vida social dos jovens jogadores de rúgbi. A farra terminou bruscamente para Guido em 1969, quando ele conheceu e se apaixonou pela bela filha de um diplomata chileno. Agora eles eram noivos e Guido estava feliz em se comportar por ela.

Após o noivado de Guido, passei a vê-lo com menos frequência e comecei a passar mais tempo com meu outro grande amigo, Panchito Abal. Panchito era um ano mais jovem do que eu e, embora fosse formado pelo Stella Maris e ex-membro da escalação principal do time da escola, nos conhecíamos havia apenas alguns anos, quando Panchito entrou para o Old Christians. Ficamos amigos imediatamente e, desde então, nos tornamos tão próximos quanto irmãos,

gozando de uma grande camaradagem e de uma profunda simpatia mútua, embora possamos ter parecido para muitos uma dupla estranha. Panchito era nosso ponta, posição que requer uma combinação de velocidade, força, inteligência, agilidade e reflexos extremamente rápidos. Se existe uma posição glamorosa em um time de rúgbi, é a de ponta, e Panchito a desempenhava perfeitamente. Com suas pernas longas e ombros largos, veloz como um raio e ágil como um leopardo, jogava com tamanha graça natural que até mesmo suas jogadas mais brilhantes não pareciam lhe custar esforço algum. Mas tudo era assim para Panchito, especialmente sua outra grande paixão — correr atrás de garotas bonitas. Também não atrapalhava o fato de ele ser bonito e loiro como um astro de cinema, ou de ser rico, uma estrela do esporte e dono do tipo de carisma natural que a maioria de nós apenas sonha em ter. Naquela época eu achava que não existia mulher no mundo que pudesse resistir a Panchito. Ele não tinha o menor problema para encontrar garotas; era como se elas viessem à procura dele, e ele as conquistava com tanta facilidade que às vezes parecia mágica. Uma vez, por exemplo, no intervalo de uma partida, ele me disse:

— Arranjei garotas para nós depois do jogo. Aquelas duas na primeira fileira.

Olhei para onde as garotas estavam sentadas. Nunca as tínhamos visto na vida.

— Mas como você fez isso? — perguntei. — Você nem saiu do campo!

Panchito deu de ombros, mas me lembrei que, no começo do jogo, ele perseguiu uma bola para além da linha do campo, perto de onde as garotas estavam. Ele só teve tempo de sorrir para elas e dizer algumas palavras, mas para Panchito isso era o suficiente.

No meu caso era diferente. Assim como Panchito, eu era apaixonado por rúgbi, mas o jogo nunca foi fácil para mim. Quando criança, quebrei as pernas ao cair de uma sacada e a fratura me deixou com as pernas um pouco arqueadas, privando-me da agilidade necessária às posições mais glamorosas do jogo. Mas eu era alto, forte e rápido, e eles me escalaram como *forward* na segunda linha. Nós, *forwards*, somos bons soldados de infantaria, sempre colando ombros nos *rucks* e *mauls*, aos encontrões nos *scrums* e pulando alto para agarrar a bola nos *lineouts*. Os *forwards* são, geralmente, os jogadores mais espadaúdos e fortes da equipe e, embora eu fosse um dos mais altos, era magro para minha altura. Quando os corpos largos começavam a voar, era preciso muito esforço e determinação para me manter firme.

Para mim, conhecer garotas também era muito difícil, mas nunca deixei de tentar. Era tão obcecado por garotas bonitas quanto Panchito, mas mesmo sonhando em ser um conquistador por natureza como ele, sabia que não estava à sua altura. Era um tanto tímido, grandalhão e desajeitado, usava óculos de aro grosso e tinha uma aparência comum. Tinha de encarar o fato de que a maioria

das garotas não me achava nada extraordinário. Não que eu fosse impopular — tive lá meus encontros —, mas estaria mentindo se dissesse que as garotas faziam fila por mim. Tinha que dar duro para despertar o interesse de uma garota, mas mesmo quando conseguia as coisas nem sempre saíam conforme o planejado. Uma vez, por exemplo, consegui, depois de meses tentando, um encontro com uma moça de quem gostava de verdade. Levei-a para Las Delicias e ela esperou no carro enquanto fui buscar os sorvetes. Na volta, com um sorvete em cada mão, esbarrei em algo na calçada e perdi o equilíbrio. Tropeçando e balançando os braços loucamente na direção do carro, lutei para me equilibrar e salvar os sorvetes, mas não tinha a menor chance. Sempre imaginei como a garota vira aquela cena: seu par vindo aos trambolhões em sua direção, descrevendo um enorme círculo na rua, arqueado, com os olhos esbugalhados e a boca escancarada. Ele vai capengando na direção do carro e então parece mergulhar para cima dela, seu rosto se estatelando contra a janela do motorista, a cabeça ricocheteando no vidro. Ele desaba no chão, sumindo de vista, e só restam duas bolas de sorvete escorrendo pela janela.

Uma coisa dessas não aconteceria com Panchito nem em cinco vidas. Ele tinha o dom, e todos o invejavam por conta da graça e facilidade com as quais ele flanava pela vida. Mas eu o conhecia bem, e compreendi que a vida não fora tão fácil para Panchito quanto parecia. Por trás de todo aquele charme e confiança havia um coração triste. Ele podia se tornar irritadiço e distante. Mergulhava com frequência em longas crises de mau humor e silêncios emburrados. E havia nele uma inquietude, um traço de mágoa que me incomodava. Ele sempre tentava me atormentar com perguntas atrevidas: *Até onde você iria, Nando? Você colaria numa prova? Assaltaria um banco? Roubaria um carro?*

Sempre ria quando ele falava desse jeito, mas não podia ignorar a ponta de raiva e temeridade que aquelas perguntas revelavam. Não o julgava, pois sabia que a causa de tudo isso era um coração partido. Os pais de Panchito se divorciaram quando ele tinha 14 anos. Foi um desastre que o feriu de uma maneira que ele não podia curar, e que lhe trouxe muita mágoa e uma ânsia pelo amor e pelo conforto de uma família. Ele não tinha irmãos ou irmãs. Vivia com o pai idoso, que já estava na casa dos 70 anos. E não demorei a perceber que, apesar de todos os seus talentos naturais, de todas as coisas que me faziam invejá-lo, ele me invejava mais pela única coisa que eu tinha com a qual ele só podia sonhar — minhas irmãs, minha avó, minha mãe e meu pai, todos juntos em um lar unido e feliz.

Mas, para mim, ele era mais um irmão do que um amigo, e minha família sentia o mesmo. Desde que o conheceram, meus pais acolheram Panchito como

um filho e não lhe deram outra escolha senão pensar na nossa casa como a dele também. Panchito aceitou o convite calorosamente e logo se tornou uma parte natural do nosso mundo. Passava semanas conosco, nos acompanhava nas nossas viagens, participava dos nossos feriados e comemorações familiares. Assim como meu pai e eu, era um apaixonado por carros e por dirigir, e adorava nos acompanhar nas corridas de automóveis. Susy considerava-o um segundo irmão mais velho e minha mãe, em especial, o adorava. Lembro-me que ele subia no balcão da cozinha enquanto ela cozinhava e os dois conversavam por horas a fio. Ela sempre implicava com a obsessão de Panchito por garotas.

— Você só pensa nisso — ela dizia. — Quando vai crescer?

— Quando eu crescer é que vou correr atrás delas! — respondia Panchito. — Tenho só 18 anos, sra. Parrado! Estou só começando.

Eu enxergava muita força e profundidade em Panchito, na sua lealdade como amigo, na maneira protetora como ele cuidava de Susy, no respeito que tinha pelos meus pais, e até no afeto com o qual tratava os empregados da casa do seu pai, que o amavam como a um filho. Porém, acima de tudo, via nele um homem que não queria nada mais na vida do que as alegrias de uma família feliz. Ele se tornaria um bom marido e um pai amoroso. Eu me casaria também. Nossas famílias seriam uma só; nossas crianças cresceriam juntas. Nunca falávamos sobre essas coisas, é claro — éramos adolescentes —, mas acredito que ele sabia que eu entendia essas coisas a seu respeito, e creio que esse fato fortaleceu os laços da nossa amizade.

Ainda assim, éramos jovens e nosso futuro não passava de um rumor distante. Ambição e responsabilidade podiam esperar. Como Panchito, eu vivia o agora. Haveria tempo, mais tarde, para a seriedade. Eu era jovem, o importante era me divertir, e diversão era sem dúvida meu objetivo na vida. Não que fosse preguiçoso ou egoísta. Considerava-me um bom filho, diligente, um amigo confiável e uma pessoa honesta e correta. Simplesmente não tinha pressa de crescer. A vida para mim era algo que estava acontecendo *hoje*. Não possuía princípios sólidos, metas ou ambições claras. Naquela época, se alguém me perguntasse o sentido da vida, eu provavelmente daria uma risada e responderia: “se divertir”. Não passava pela minha cabeça que só podia me dar ao luxo de ter essa atitude despreocupada graças aos sacrifícios do meu pai, que, desde muito jovem, levara a vida a sério, planejando cuidadosamente seus objetivos e que, por meio de anos de disciplina e confiança em si mesmo, deu-me a vida de privilégios, segurança e lazer que eu achava tão natural.

Meu pai, Seler Parrado, nasceu em Estación Gonzáles, um posto avançado no rico interior agrícola do Uruguai, onde amplas fazendas de gado, ou *estancias*, produzem o aclamado bife de primeira qualidade que deu fama ao nosso país. O

pai dele, por sua vez, era um pobre mascate que viajava em uma carroça de *estancia* em *estancia*, vendendo selas, freios, botas e outros artigos rurais para os próprios donos das fazendas ou para os *gauchos* rudes que tomavam conta dos rebanhos. Era uma vida dura, cheia de dificuldades e incertezas, e com poucos confortos. (Sempre que eu reclamava da vida, meu pai me lembrava de que, quando era garoto, o banheiro deles era um barraco de lata a 15 metros da casa e que ele não vira um rolo de papel higiênico até os 11 anos, quando sua família se mudou para Montevidéu.)

A vida no campo não deixava muito tempo para descanso ou lazer. Todos os dias meu pai ia e voltava a pé da escola pelas ruas de terra batida, e ainda tinha que fazer sua parte na batalha diária da família pela sobrevivência. Aos 6 anos já trabalhava por longas horas na propriedade deles — tomando conta das galinhas e dos patos, carregando água do poço, juntando lenha e ajudando a cuidar da horta da mãe. Aos 8 tornou-se o ajudante do pai, passando horas na carroça do mascate durante a ronda pelas fazendas. Sua infância não foi despreocupada, mas mostrou-lhe o valor do trabalho duro e ensinou-lhe que nada cairia do céu e que sua vida seria o que ele fizesse dela.

Quando meu pai completou 11 anos, sua família se mudou para Montevidéu, onde meu avô abriu uma loja para vender os mesmos artigos que vendera como mascate aos fazendeiros do interior. Seler tornou-se mecânico de automóveis — era apaixonado por carros e motores desde menino —, mas quando ele tinha 20 e poucos anos seu pai decidiu se aposentar e ele assumiu o negócio. Vovô localizara bem o estabelecimento, perto da principal estação ferroviária de Montevidéu. Naquela época, a ferrovia era a principal maneira de se viajar do campo para a cidade e, quando os fazendeiros e *gauchos* vinham comprar provisões, desciam dos trens e iam direto para as portas da loja. Porém, quando Seler passou a ser o dono, as coisas já haviam mudado. Os ônibus haviam substituído os trens como forma mais popular de transporte e a rodoviária ficava longe da loja. Para piorar, a era das máquinas alcançara o interior uruguaio. Caminhões e tratores reduziam rapidamente a dependência dos fazendeiros dos cavalos e mulas, e isso significava uma queda drástica na procura pelas selas e freios de papai. As vendas despencaram. O negócio parecia condenado à falência. Foi então que Seler resolveu fazer uma experiência — limpou metade da loja dos artigos rurais e os substituiu por peças mecânicas básicas: porcas e parafusos, pregos e tarraxas, arames e dobradiças. O negócio começou a prosperar imediatamente. Ainda vivia na linha da pobreza, dormindo no chão de um quarto em cima da loja, mas com o aumento progressivo das vendas ele sabia que havia encontrado o caminho para o futuro.

Em 1945, esse futuro ficou mais próspero quando Seler se casou com minha

mãe, Eugenia. Ela era tão ambiciosa e independente quanto papai e desde o começo os dois formaram mais do que um casal, eram um time forte que compartilhava da mesma visão otimista do futuro. Assim como meu pai, Eugenia passara por dificuldades na juventude. Em 1939, aos 16 anos, migrara da Ucrânia com seus pais e sua avó, fugida da devastação da Segunda Guerra Mundial. Seus pais, que eram apicultores na Ucrânia, se estabeleceram no interior do Uruguai e conseguiram se manter modestamente criando abelhas e vendendo mel. Era uma vida de trabalho duro e poucas oportunidades, de modo que, aos 20 anos, Eugenia se mudou para Montevidéu, assim como papai, em busca de um futuro melhor. Conseguiu um emprego no escritório de um grande laboratório médico na cidade quando se casou com meu pai e, no começo, ajudava na loja de ferragens somente no seu tempo livre. O início do casamento foi duro. O dinheiro era tão pouco que não podiam comprar mobília, e os dois começaram a vida juntos em um apartamento vazio. Mas, por fim, o trabalho duro deu resultado e a loja de ferragens começou a dar lucro. Em 1947, quando minha irmã mais velha, Graciela, nasceu, mamãe pôde largar o emprego no laboratório e trabalhar em tempo integral com meu pai. Nasci em 1949. Susy veio três anos depois. Naquela época, Eugenia já se tornara uma figura muito importante nos negócios da família, e sua obstinação e seu tino comercial nos ajudaram a alcançar um bom padrão de vida. Porém, a despeito da importância do seu trabalho, o centro da vida de mamãe sempre foi o lar e a família. Um dia, quando eu tinha 12 anos, ela disse que havia achado uma casa perfeita para nós em Carrasco, um dos melhores bairros de Montevidéu. Jamais esquecerei a felicidade em seus olhos quando ela a descreveu: era uma casa moderna, de dois andares, na praia, com janelas grandes e cômodos espaçosos e bem iluminados, com gramados amplos e uma varanda fresquinha. Dava vista para o mar, e foi isso, mais que tudo, que fez com que mamãe caísse de amores por ela. Lembro-me do prazer em sua voz quando ela nos disse: “Dá para ver o sol se pôr na água!” Seus olhos azuis estavam marejados. Ela começara com tão pouco, e agora encontrara a casa dos seus sonhos, um lugar que seria seu lar para o resto da vida.

Em Montevidéu, morar em Carrasco é um símbolo de prestígio e, nessa nova casa, nos vimos entre a nata da sociedade uruguaia. Nossos vizinhos eram os mais proeminentes industriais, profissionais, artistas e políticos do país. Era um lugar de *status* e poder, a anos-luz do mundo humilde em que minha mãe nascera, e ela deve ter se sentido muito satisfeita em conquistar um espaço para nós lá. Mas tinha os pés bem fincados no chão para se impressionar exageradamente com a vizinhança, ou consigo mesma por estar morando naquele bairro. Não importava quão bem-sucedidos nos tornássemos, ela não iria

abandonar os princípios sob os quais fora criada, ou esquecer quem era.

Uma das primeiras coisas que fez na casa foi ajudar sua própria mãe, Lina, que vivera conosco desde quando éramos crianças, a plantar um gramado verde e viçoso na lateral da casa para fazer uma enorme horta. (Lina também começou uma pequena criação de patos e galinhas no quintal, e os vizinhos devem ter ficado pasmos ao descobrirem que aquela senhora grisalha e de olhos azuis, que se vestia com a simplicidade de uma camponesa europeia e carregava suas ferramentas de jardinagem em um cinto de couro atado à cintura, estava administrando uma fazendinha em um dos bairros mais urbanos e pomposos da cidade.) Sob os cuidados de Lina, o jardim não custou a produzir uma enorme quantidade de feijão, ervilhas, verduras, pimentas, abóboras, milho, tomates — muito mais do que conseguíamos comer, mas mamãe não deixava nada ir para o lixo. Passava horas na cozinha com Lina, fazendo compotas com o excedente e guardando tudo na despensa, de modo que aproveitávamos os frutos do jardim o ano inteiro. Mamãe odiava desperdício e fingimento, valorizava a moderação e jamais perdeu a fé no valor do trabalho duro. O negócio do meu pai exigia muito dela, e ela trabalhou com afinco e por um longo tempo para fazê-lo prosperar. Desempenhava também um papel muito ativo nas nossas vidas, sempre presente para nos mandar para a escola e nos receber de volta, nunca deixando de ir às minhas partidas de futebol e rúgbi ou às peças e recitais das minhas irmãs. Possuía uma energia enorme e serena, estava sempre disposta a encorajar e dar sábios conselhos, e era dona de uma profunda reserva de desenvoltura e bom senso que conquistou o respeito de todos que a conheciam.

Certa vez, numa excursão do Rotary Club, mamãe acompanhou 15 crianças de Carrasco em uma visita a Buenos Aires. Horas depois de eles chegarem, um golpe militar eclodiu na cidade com o intuito de derrubar o governo argentino. O caos reinava nas ruas e o telefone da nossa casa não parava de tocar com ligações de pais preocupados, querendo saber se os filhos estavam bem. Ouvi meu pai tranquilizá-los repetidas vezes, com absoluta confiança na voz, dizendo: “Eles estão com Xenia, vão ficar bem.” E estavam bem de fato, graças aos esforços de mamãe. Era quase meia-noite quando ela decidiu que Buenos Aires já não era segura. Sabendo que a última barca para Montevidéu sairia dentro de poucos minutos, ligou para a empresa e convenceu os apreensivos pilotos a atrasar a última partida até ela chegar com as crianças. Então juntou toda a meninada e seus pertences e levou-os pelas agitadas ruas de Buenos Aires até o litoral, onde a barca estava aportada. Todos embarcaram em segurança e a barca saiu logo depois das 3 da manhã, três horas depois do previsto. Ela era uma verdadeira fortaleza, mas sua força se baseava sempre no carinho e no amor.

Quando cheguei ao ensino médio, meus pais eram donos de três grandes e

prósperas lojas de ferragens no Uruguai. Papai também importava mercadorias de todo o mundo e as revendia para lojas por toda a América do Sul. O garoto pobre e interiorano de Estación Gonzáles chegara longe na vida, e creio que isso o deixava muito satisfeito, mas sempre tive certeza que ele fizera isso tudo por nós. Deu-nos uma vida de conforto e privilégio com a qual seu pai não poderia sequer sonhar, foi nosso provedor e nos protegeu da melhor maneira que pôde e, embora não fosse um homem que expressasse seus sentimentos com facilidade, sempre demonstrou o amor que tinha por nós de modo sutil, discreto, de acordo com o tipo de homem que era. Quando eu era pequeno, ele me levava para a loja de ferragens, guiava-me pelas prateleiras e dividia pacientemente comigo os segredos de toda aquela mercadoria reluzente que servira de base para a prosperidade da nossa família: *Isto é uma cavilha de fixação, Nando. Serve para pregar as coisas em uma parede oca. Isto é um anel de empanque — ele reforça um buraco numa lona para que você possa passar uma corda por ele para amarrá-la. Este é um chumbador. Este é um parafuso móvel. Estas são porcas-borboletas. É aqui que guardamos as arruelas — arruelas de pressão, arruelas de trava, anilhas e arruelas chatas de todos os tamanhos. Temos parafusos de compressão, parafusos Phillips, parafusos chanfrados, parafusos de rosca, parafusos de máquina, parafusos para madeira, parafusos autorroscantes... temos pregos comuns, pregos para acabamento, pregos para telhados, pregos anelados, pregos de cabeça quadrada, pregos para alvenaria, pregos de cabeça dupla, mais tipos de pregos do que você imagina...*

Esses eram momentos valiosos para mim. Adorava a seriedade amável com que ele compartilhava seu conhecimento, e saber que meu pai me considerava crescido o bastante para herdá-lo fazia com que eu me sentisse próximo dele. Na verdade, ele não estava só brincando, estava me ensinando as coisas que eu precisava saber para ajudá-lo na loja. Mas mesmo sendo apenas uma criança, sentia que ele me ensinava uma lição mais profunda: que a vida tem ordem, ela faz sentido. *Está vendo, Nando, para cada serviço existe uma porca, um parafuso, uma dobradiça ou ferramenta adequada.* Querendo ou não, ele estava me passando a importante lição que os anos de luta lhe ensinaram: não fique com a cabeça nas nuvens. Preste atenção aos detalhes, à realidade prática das coisas. Não se constrói uma vida com base em sonhos e desejos. Uma vida boa não cai do céu. Você a ergue do chão, com trabalho duro e ideias claras. As coisas fazem sentido. Existem regras e realidades que não vão mudar para se adequarem às suas necessidades. Você tem a obrigação de entender essas regras. Se as compreender, batalhar e for esperto, vai se sair bem.

Essa era a sabedoria que moldara a vida do meu pai, e ela me foi transmitida de diversas formas. Os carros eram muito importantes para ele, e eu herdei essa

paixão. Ele fez questão que eu entendesse o que estava por baixo de um capô, como cada um dos sistemas funcionava e qual era a rotina de manutenção necessária. Ensinou-me a sangrar o fluido de freio, trocar o óleo e manter o motor regulado. Sendo um grande fã de esportes automobilísticos e um ardoroso piloto amador, passou horas ensinando-me a dirigir bem — com coragem, sim, mas também com suavidade e segurança e sempre com equilíbrio e controle. Seler ensinou-me a fazer dupla embreagem ao passar a marcha para poupar a caixa de mudança. Ensinou-me a ouvir e compreender o som do motor, para que eu pudesse acelerar e trocar de marcha nas horas certas — entrar em harmonia com o carro e conseguir dele o melhor desempenho possível. Mostrou-me como encontrar o traçado para completar uma curva, e como contorná-las em alta velocidade: é preciso frear forte antes de entrar nelas, reduzir a marcha e seguir acelerando suavemente. Os fãs de automobilismo chamam essa técnica de "punta taco", por conta da manobra que é preciso fazer com os pés — enquanto o pé esquerdo aciona a embreagem, o direito gira o calcanhar se alternando entre o pedal de freio e o acelerador. É um estilo que exige habilidade e concentração, mas papai insistiu que eu o aprendesse porque era o jeito *certo* de dirigir. Mantinha o carro equilibrado e respondendo aos comandos e, mais importante, dava ao piloto o controle necessário para resistir às forças físicas de peso e impulso que, se ignoradas, podiam jogar o carro para fora da pista ou fazê-lo derrapar e bater. Se você não dirigir dessa maneira, meu pai me disse, o carro vai simplesmente deslizar pela curva. Você estará dirigindo às cegas, deixando o controle nas mãos de forças que estão contra você, na confiança de que a pista não lhe reserva nenhuma surpresa.

O respeito que tinha por meu pai era infinito, assim como a gratidão pela vida que ele nos deu. Queria desesperadamente ser como ele, mas quando cheguei ao ensino médio tive de encarar o fato de que éramos pessoas muito diferentes. Eu não possuía sua clareza de visão ou sua tenacidade pragmática. Encarávamos o mundo de maneiras completamente diferentes. Para papai, a vida era algo que você criava através de trabalho duro, planejamento cauteloso e pura força de vontade. Para mim, o futuro era como uma história que se desenrolava lentamente, com tramas e subtramas repletas de reviravoltas, de modo que não se podia saber o que nos esperava muito adiante. A vida era algo a ser descoberto, algo que tinha seu tempo próprio. Eu não era preguiçoso ou autoindulgente, mas era um pouco sonhador. A maioria dos meus amigos sabia como seria o seu futuro — trabalhariam nos negócios da família ou nas mesmas profissões que seus pais. De um modo geral, esperava-se que eu fizesse o mesmo. Mas não conseguia me imaginar vendendo ferragens a vida inteira. Queria viajar. Desejava aventura, agitação e criatividade. Acima de tudo, sonhava em ser um

piloto de corrida, como meu ídolo Jackie Stewart, tricampeão mundial e provavelmente o melhor piloto de todos os tempos. Como Jackie, eu sabia que pilotar não se limitava a potência e velocidade bruta, era uma questão de equilíbrio e ritmo; a harmonia entre o piloto e seu carro era poética. Sabia que um grande piloto não era apenas um homem audacioso, era um virtuose com a coragem e o talento para levar o carro até o limite das suas capacidades, capaz de desafiar o perigo e superar as leis da física, correndo no limite entre o controle e o desastre. Essa era a magia da corrida. Esse era o tipo de piloto que eu sonhava em ser. Quando olhava para o pôster de Jackie Stewart no meu quarto, tinha certeza de que ele entenderia. Chegava a imaginar que ele me consideraria um irmão.

Mas esses sonhos pareciam inatingíveis, então, quando chegou a hora de escolher uma faculdade, decidi me matricular na escola de agronomia, pois era para lá que a maioria dos meus amigos estava indo. Quando papai ficou sabendo, deu de ombros e sorriu.

— Nando — ele disse —, as famílias dos seus amigos são donas de fazendas e ranchos. Nós temos lojas de ferragens.

Não era difícil para ele me fazer mudar de ideia. No fim das contas, fiz o mais sensato: matriculei-me na faculdade de administração sem pensar seriamente no que ela significava para mim ou para onde essa decisão me levaria. Poderia me formar ou não. Poderia assumir as lojas de ferragens ou não. Minha vida se apresentaria a mim quando fosse a hora. Nesse meio-tempo, passei o verão sendo eu mesmo: joguei rúgbi, paquerei garotas com Panchito, dirigi meu pequeno Renault pelas praias de Punta del Este, fui a festas e peguei sol; vivia para o presente, indo com a maré, esperando que meu futuro se revelasse, feliz em deixar que os outros mostrassem o caminho.

Não pude deixar de pensar no meu pai à medida que o Fairchild sobrevoava os Andes. Ele nos deixara no aeroporto em Montevidéu no começo da viagem.

— Divirtam-se — ele disse —, apanho vocês na segunda.

Beijou minha mãe e minha irmã, me abraçou com afeto e deu as costas para voltar para o escritório, para o mundo ordenado e previsível no qual era feliz. Enquanto nos divertíamos no Chile, ele faria o que sempre fez: resolver problemas, tomar conta das coisas, trabalhar duro, prover. Por amor à família, construíra na sua cabeça um futuro no qual estaríamos seguros, felizes e sempre juntos. Planejara bem e ficara atento aos detalhes. Os Parrado sempre seriam bem-afortunados. Acreditava tanto nisso, e nossa confiança nele era tão forte que não tínhamos motivo para dúvidas.

— Apertem os cintos, por favor — disse o comissário de bordo. — Teremos um pouco de turbulência.

Estávamos atravessando o passo El Planchón. Panchito ainda estava à janela, mas passávamos por uma neblina espessa, e não dava para ver muita coisa. Eu pensava nas garotas que Panchito e eu conhecemos na nossa última viagem ao Chile. Fomos com elas para o *resort* de praia de Viña del Mar e voltamos tão tarde que quase perdemos nossa partida de rúgbi na manhã seguinte. Elas concordaram em nos encontrar naquele ano e se ofereceram para nos pegar no aeroporto, mas o pernoite em Mendoza atrasara nossa programação e eu esperava ainda conseguir achá-las. Ia comentar isso com Panchito quando o avião se inclinou bruscamente para o lado. Em seguida, sentimos quatro solavancos violentos enquanto o meio da aeronave trepidava com força ao passarmos pelas áreas de turbulência. Alguns dos rapazes fizeram algazarra e gritaram como se estivéssemos em um brinquedo de parque de diversões.

Inclinei-me para a frente e sorri para tranquilizar minha mãe e Susy. Mamãe parecia apreensiva. Pôs de lado o livro que estava lendo e segurava a mão da minha irmã. Queria dizer a elas para não se preocuparem, mas antes que eu pudesse falar a parte de baixo pareceu se soltar da fuselagem e meu estômago despencou enquanto o avião parecia desabar centenas de metros.

Agora o avião chacoalhava e se inclinava com a turbulência. Enquanto os pilotos lutavam para estabilizar o Fairchild, senti o cotovelo de Panchito nas minhas costelas.

— Veja só isso, Nando — ele disse. — A gente devia estar tão perto das montanhas?

Abaixei-me para olhar pela janelinha. Estávamos sobrevoando um tapete de nuvens espessas, mas, por entre as fendas nas nuvens, dava para ver uma muralha de rocha e neve passando. O Fairchild estava um pouco inclinado e a ponta vibrante da asa estava a menos de 10 metros das encostas negras das montanhas. Olhei para aquilo por um momento sem conseguir acreditar, e então os motores do avião guincharam à medida que os pilotos tentavam desesperadamente ganhar altitude. A fuselagem começou a vibrar com tanta violência que tive medo que ela se despedaçasse. Minha mãe e minha irmã viraram para me olhar por cima dos assentos. Nossos olhos se encontraram por um instante, e então um tremor poderoso chacoalhou o avião. Ouviu-se um terrível barulho de metal rangendo. De repente, vi céu aberto sobre minha cabeça. Ar gelado batia no meu rosto e notei, com uma estranha calma, que nuvens serpeavam pelo corredor. Não havia tempo para entender o que estava acontecendo ou para rezar ou sentir medo. Tudo aconteceu num átimo. Então fui arrancado do meu assento com uma força incrível e atirado na escuridão e no

silêncio.

Capítulo Dois

Tudo de mais valioso

— Aqui, Nando, está com sede?

Era meu colega de time Gustavo Zerbino, agachado ao meu lado, pressionando uma bola de neve contra os meus lábios. A neve era gelada e queimou minha garganta quando engoli, mas meu corpo estava tão desidratado que a sorvi em grandes goles e quis mais. Várias horas haviam se passado desde que despertara do coma. Minha mente estava mais clara e eu tinha inúmeras perguntas a fazer. Quando terminei de beber a neve, puxei Gustavo para mais perto.

— Onde está minha mãe? — perguntei. — Onde está Susy? Elas estão bem?

O rosto de Gustavo não revelou nenhuma emoção.

— Descanse um pouco — ele disse. — Você ainda está muito fraco.

Ele se afastou e os demais se mantiveram a distância por um tempo. Implorei diversas vezes que me dessem notícias dos meus entes queridos, mas minha voz não passava de um sussurro e era fácil para eles fingir que não ouviam.

Deitei-me tremendo no chão frio da fuselagem enquanto os outros se moviam ao meu redor, procurando ouvir o som da voz da minha irmã e olhando em volta em busca do rosto de mamãe. Como eu queria ver seu sorriso amoroso, seus olhos azul-escuros, ser abraçado por ela e ouvir que estava tudo bem. Eugenia era o coração da nossa família. Sua sabedoria, força e coragem sempre foram a base de nossas vidas, e eu precisava tanto dela que sua falta doía mais do que o frio ou o latejar na minha cabeça.

Quando Gustavo voltou com outra bola de neve, agarrei a manga da sua camisa.

— Onde elas estão, Gustavo? — insisti. — Por favor.

Gustavo me olhou nos olhos e deve ter notado que eu estava preparado para uma resposta.

— Nando, você precisa ser forte — ele disse. — Sua mãe está morta.

Quando recordo esse momento, não sei dizer como a notícia não me destruiu. Nunca precisara tanto do toque de minha mãe, e agora me diziam que eu jamais o sentiria novamente. Por um breve instante, a dor e o pânico explodiram no meu coração com tanta violência que achei que iria enlouquecer. Mas então um

pensamento se formou na minha cabeça numa voz tão clara e tão destacada de tudo o mais que eu sentia que era como se alguém sussurrasse no meu ouvido. A voz dizia: *Não chore. Lágrimas são desperdício de sal. Você vai precisar de sal para sobreviver.*

Fiquei espantado com a serenidade desse pensamento, e chocado com a desumanidade da voz que o reproduziu. Não chorar pela minha mãe? Não chorar pela maior perda da minha vida? Estou preso nos Andes, congelando, com o crânio em pedaços! Não devia chorar?

A voz repetiu. *Não chore.*

— Tem mais — Gustavo me contou. — Panchito morreu. Guido também. E muitos outros.

Balancei a cabeça com incredulidade. Como aquilo podia estar acontecendo? Soluços se avolumaram na minha garganta, mas antes que pudesse me render à dor e ao choque, a voz voltou a falar, e mais alto. *Eles se foram. São parte do seu passado. Não gaste energia com coisas que não pode controlar. Olhe para a frente. Pense com clareza. Você vai sobreviver.*

Gustavo ainda estava ajoelhado ao meu lado e tive vontade de agarrá-lo, chacoalhá-lo, obrigá-lo a dizer que era tudo mentira. Então me lembrei da minha irmã e, sem nenhum esforço, fiz o que a voz queria; deixei a dor pela minha mãe e pelos meus amigos para trás à medida que uma onda incontrolável de temor pela segurança de Susy invadia minha mente. Por um instante, olhei paralisado para Gustavo, enquanto juntava coragem para formular a pergunta que tinha de fazer.

— Gustavo, onde está Susy?

— Ela está lá atrás — ele disse, apontando para a traseira do avião —, mas está muito ferida.

Subitamente, tudo mudou. Meu sofrimento desapareceu e fui acometido de um desejo urgente de chegar até minha irmã. Lutando para ficar de pé, tentei caminhar, mas a dor na minha cabeça fez com que eu desfalecesse e caísse de volta no chão da fuselagem. Descansei um pouco, então me coloquei de bruços e arrastei-me sobre os cotovelos em direção a Susy. O chão ao meu redor estava entulhado de escombros que chamavam a atenção para a violenta interrupção da vida comum — copos de plástico rasgados, revistas abertas, cartas de baralho e livros espalhados. Por um instante, imaginei a força terrível que seria necessária para arrancar os assentos de suas bases tão sólidas.

Avancei lentamente para onde Susy se encontrava, mas eu estava muito fraco e não fazia progresso quase algum. Logo minhas forças cederam. Deitei a cabeça no chão para descansar, mas então senti braços me erguendo e levando-me para a frente. Alguém me ajudou a alcançar a traseira do avião e lá estava minha irmã,

deitada de costas. À primeira vista, não parecia muito ferida. Havia um pouco de sangue em seu ombro, mas alguém obviamente lavara seu rosto. O cabelo fora jogado para trás. Haviam cuidado dela. Vestia o casaco novo que comprara para a viagem — um belo casaco, feito de couro de antílope — e a macia gola de pelo roçava suas bochechas na brisa gelada.

Meus amigos ajudaram-me a deitar ao seu lado. Passei meus braços ao redor dela e sussurrei em seu ouvido.

— Estou aqui, Susy. É o Nando.

Ela se virou e me olhou com seus olhos ternos, cor de caramelo, mas seu olhar não fazia foco e não pude saber se ela me reconhecia. Ela rolou nos meus braços como se quisesse ficar mais colada a mim, mas então gemeu baixinho e se afastou. Doía ficar deitada daquele jeito, então a deixei achar uma posição que doesse menos; depois voltei a abraçá-la, envolvendo-a com meus braços e pernas para protegê-la, da melhor maneira possível, do frio. Ficamos deitados assim por horas. Ela ficou quieta a maior parte do tempo. Às vezes, soluçava ou gemia suavemente. De tempos em tempos chamava por mamãe.

— Mamá, por favor — ela dizia. — Estou com tanto frio, mamá, vamos para casa.

Essas palavras feriam meu coração como flechas. Susy era a caçula de mamãe, e as duas sempre haviam sentido um carinho especial uma pela outra. Possuíam um temperamento tão parecido, eram tão pacientes e amorosas, sentiam-se tão à vontade juntas, que não me lembro de uma briga sequer entre elas. Passavam horas lado a lado, cozinhando, passeando ou simplesmente batendo papo. Lembro-me tantas vezes das duas sentadas sozinhas no sofá, com as cabeças coladas, sussurrando, concordando, rindo de algum segredo só delas. Susy confiava nos conselhos de mamãe e sempre pedia sua opinião nos assuntos que lhe eram importantes — amizades, estudo, roupas, pretensões, valores e, o tempo todo, como lidar com os homens.

Susy tinha os traços ucranianos expressivos, suaves, de mamãe e adorava ouvir sobre as origens da família no Leste Europeu. Lembro-me que todos os dias, quando tomávamos nosso café com leite depois da escola, ela convencia vovó Lina a nos contar histórias sobre a rústica aldeiazinha onde nascera: como era fria e como nevava no inverno e como todos os aldeões tinham que dividir as coisas e trabalhar juntos para sobreviver. Susy entendia os sacrifícios que Lina tivera que fazer para chegar até onde estava, e creio que essas histórias faziam-na se sentir mais próxima do passado da nossa família. Ela tinha o mesmo amor de mamãe pela união familiar, mas não era nada caseira. Tinha muitos amigos, adorava música, dançar e ir a festas, e por mais que amasse nossa vida em Montevidéu, sempre sonhou em conhecer outros lugares. Aos 16 anos, passou

um ano como estudante de intercâmbio com uma família na Flórida, uma experiência que a fez se apaixonar pelos Estados Unidos. “Lá, tudo é possível”, ela me contava. “Você pode ter todos os sonhos do mundo e torná-los realidade!” Ela sonhava em fazer faculdade nos Estados Unidos, e sempre dava a entender que poderia ficar por lá mais tempo ainda. “Quem sabe?”, ela dizia. “Posso conhecer meu marido lá e virar americana de vez!”

Quando éramos pequenos, eu e Susy adorávamos brincar juntos. À medida que crescíamos, tornei-me seu confidente. Ela me contava seus segredos, falava-me de seus sonhos e medos. Lembro-me de que ela estava sempre preocupada com o peso — achava-se gorda demais, embora não fosse. Tinha ombros e quadris largos, mas era alta, e seu corpo era esbelto e proporcional. Possuía o físico sólido, definido, de uma ginasta ou nadadora. Mas a verdadeira beleza estava nos seus olhos escuros, límpidos, cor de caramelo, na sua pele bonita e na candura e no vigor que irradiavam do seu rosto bondoso e forte. Ela era jovem e ainda não havia tido um namoro sério, e eu sabia que Susy tinha medo de que os garotos não a achassem atraente. Mas eu não via nada além de beleza quando olhava para ela. Como convencê-la de que era linda? Minha irmãzinha Susy era um tesouro para mim desde que nascera, e na primeira vez em que a segurei nos braços eu soube que teria sempre a obrigação de protegê-la. Deitado com ela no chão da fuselagem, lembrei-me de um dia na praia quando éramos crianças. Susy ainda engatinhava, eu tinha 5 ou 6 anos. Ela estava brincando na areia, sob o sol. Eu não nadava ou brincava. Estava sempre de olho nela, cuidando para que Susy não fosse para a água, onde a maré poderia pegá-la, ou se afastasse para as dunas, onde algum estranho poderia raptá-la. Nunca a deixava sair de vista. Encarava todas as pessoas que chegavam perto dela. Mesmo sendo uma criança, eu sabia que a praia era repleta de perigos e que tinha de estar atento para mantê-la em segurança.

Esse senso de proteção só cresceu à medida que envelhecíamos. Eu fazia questão de conhecer seus amigos e os lugares que ela frequentava e, quando já tinha idade para dirigir, tornei-me o chofer habitual de Susy e seu grupo. Levava-os para os bailes e festas e ia apanhá-los depois. Gostava de fazer isso. Ficava satisfeito em saber que eles estavam mais seguros comigo. Lembro-me de levá-los ao grande cinema do nosso bairro — onde todos os nossos amigos se encontravam nos fins de semana. Ela se sentava com os amigos dela e eu com os meus, mas eu ficava de olho nela no escuro, verificando o tempo todo se estava tudo bem, certificando-me de que ela sabia que eu estava por perto caso precisasse de mim. Outras garotas odiariam ter um irmão assim, mas acredito que Susy gostava do fato de eu me importar em protegê-la, e isso acabou nos aproximando.

Naquele momento, segurando-a nos meus braços, me senti terrivelmente desamparado. Vê-la sofrer causava-me uma angústia indizível, mas não havia nada que eu pudesse fazer. Por toda a minha vida fiz de tudo para proteger Susy e poupá-la da dor. Mesmo naquele instante, na carcaça destruída daquele avião, daria de bom grado minha vida para acabar com seu sofrimento e mandá-la para casa, para junto de meu pai.

Meu pai! Em meio a todo aquele caos e confusão, não tive tempo de pensar no que ele devia estar passando. Ele já teria ouvido a notícia há três dias, e por todo esse tempo estaria acreditando que nos perdera a todos. Conhecia-o bem, conhecia seu profundo pragmatismo, e sabia que ele não se permitiria o luxo de uma falsa esperança. Sobreviver a uma queda de avião nos Andes? Naquela época do ano? Impossível. Eu o via claramente, meu pai forte, afetuoso, revirando-se na cama, abalado por aquela perda inimaginável. Depois de toda sua preocupação conosco, de todo seu trabalho e planejamento, de toda sua confiança na ordem do mundo e da certeza da nossa felicidade, como suportar a verdade brutal de que ele não pôde nos proteger? Meu coração se partiu por ele, e isso foi mais doloroso do que a sede, o frio, o medo triturante e a dor de rachar na minha cabeça. Imaginei-o sofrendo por mim. Por mim! Não conseguia suportar a ideia de ele achar que eu estivesse morto. Senti um desejo urgente, quase violento de estar junto dele, de confortá-lo, de lhe dizer que estava cuidando da minha irmã, de mostrar que ele não nos tinha perdido.

— Estou vivo — sussurrei para ele. — Estou vivo.

Como eu precisava da força do meu pai, da sua sabedoria. Certamente, se ele estivesse ali, saberia como nos levar para casa. Mas quando a tarde passou e ficou mais frio e escuro, entrei em puro desespero. Senti-me tão longe do meu pai quanto uma alma no paraíso. Parecia que havíamos caído de uma fenda no céu em uma espécie de inferno congelado, do qual não havia chance de retorno para o mundo normal. Como todos os garotos, eu conhecia mitos e lendas em que heróis caíam em um submundo maligno, ou eram atraídos para florestas encantadas das quais não havia escapatória. Em sua luta para voltar para casa, eles passaram por várias provações — lutaram contra dragões e demônios, combateram feiticeiros, navegaram por mares traiçoeiros. Mas mesmo aqueles grandes heróis precisaram de uma ajuda mágica para vencer — a orientação de um mago, um tapete voador, um feitiço secreto, uma espada mágica. Éramos um bando de meninos inexperientes que jamais haviam sofrido de fato na vida. Poucos de nós tínhamos visto neve antes. Nenhum de nós jamais colocara os pés numa montanha. Onde estaria nosso herói? Que tipo de mágica nos levaria para casa?

Enterrei o rosto no cabelo de Susy para me impedir de chorar. Então, como se

tivesse vontade própria, uma memória antiga começou a surgir em minha mente, uma história que meu pai contara inúmeras vezes. Quando jovem, papai era um dos melhores remadores de competição do Uruguai e houve um verão em que ele foi para a Argentina competir em uma corrida na parte do rio Uruguai conhecida como Delta del Tigre. Seler era um remador vigoroso e logo abriu uma grande vantagem dos demais, mas um competidor argentino conseguiu acompanhá-lo. Eles remaram, em pé de igualdade, por todo o percurso, ambos lutando com todas as forças para conquistar um mínimo de vantagem, mas ao se aproximarem da linha de chegada, ainda não era possível definir o vencedor. Os pulmões de papai queimavam e suas pernas estavam tomadas de cãibras. Tudo que queria era se curvar para a frente, tragar o ar para os pulmões e acabar com aquele sofrimento. *Haveria outras corridas*, ele disse para si mesmo, soltando um pouco os remos. Mas então olhou para o remador no caiaque ao lado e viu a agonia pura em seu rosto. “Percebi que ele sofria tanto quanto eu”, contou-me meu pai. “Então decidi não desistir. Decidi que iria sofrer um pouco mais.”

Com determinação renovada, Seler enfiou os remos na água e remou com toda a força que pôde reunir. Seu coração retumbava no peito, sua barriga pulsava e era como se seus músculos estivessem sendo arrancados dos ossos. Mas ele se forçou a lutar, e quando os competidores alcançaram a linha de chegada a proa do caiaque de papai chegou antes, por centímetros.

Eu tinha 5 anos quando ouvi essa história pela primeira vez e fiquei pasmo com aquela imagem do meu pai — a um passo de se entregar, mas então, de alguma forma, encontrando a determinação para resistir. Quando criança, sempre pedia para ele repetir essa história. Nunca me cansava dela e jamais perdi aquela imagem heroica do meu pai. Vários anos depois, quando o via no escritório da loja de ferragens, esgotado, fazendo serão, inclinado sobre a mesa e apertando os olhos por trás dos óculos grossos para ler as pilhas de faturas e formulários de pedidos, ainda enxergava o jovem heroico em um rio na Argentina, sofrendo, batalhando, mas se negando a desistir, um homem que sabia onde estava a linha de chegada e que faria tudo para alcançá-la.

Enroscado no avião com Susy, pensei no meu pai lutando naquele rio argentino. Tentei encontrar a mesma força em mim, mas tudo que senti foi desamparo e medo. Ouvi a voz do meu pai, seu velho conselho: *Seja forte, Nando, seja esperto. Faça sua própria sorte. Cuide das pessoas que ama.* Mas essas palavras despertaram em mim apenas uma sensação sombria de perda.

Susy gemeu baixinho e se mexeu nos meus braços.

— Não se preocupe — sussurrei em seu ouvido —, eles vão nos encontrar. Vão nos levar para casa.

Não tinha certeza se acreditava ou não nessas palavras. Naquele instante, só

queria confortar minha irmã. O sol se punha e, à medida que a luz ficou mais fraca na fuselagem, o ar gelado se tornou ainda mais cortante. Os outros, que já haviam sobrevivido a duas longas noites nas montanhas, foram para seus lugares de dormir e juntaram coragem para a agonia que sabiam que os esperava. Logo a escuridão era total no avião e o frio se fechou sobre nós como as mandíbulas de um torno. A agressividade do frio tirou meu fôlego. Parecia haver crueldade nele, uma determinação predatória, e a única maneira de combatê-lo era me agarrar mais à minha irmã. O próprio tempo parecia ter se congelado. Deitava-me no chão gélido da fuselagem, fustigado pelas rajadas frias que vinham de todas as fendas e rachaduras do avião, tremendo descontroladamente pelo que pareceram horas, certo de que o amanhecer não podia estar longe. Então alguém com um relógio luminoso informava as horas e eu descobria que somente alguns minutos haviam passado. Sofri a noite toda, a cada respiração gelada, a cada batida do meu coração, e cada momento era um inferno em particular. Quando achava que não ia mais suportar, colava-me mais à minha irmã, e a ideia de que eu a estava confortando me impediu de enlouquecer. Na escuridão, não podia ver o rosto de Susy; ouvia apenas sua respiração pesada. Enquanto ficava deitado ao seu lado, a candura do meu amor por ela, pelos meus amigos perdidos e pela minha família, pela noção subitamente frágil da minha própria vida e do meu futuro encheu meu coração com uma dor tão profunda que minou todas as minhas forças e por um instante achei que fosse desmaiar. Porém, me empertiguei e me deitei mais perto de Susy, envolvendo-a em meus braços o mais delicadamente que pude, atento às suas feridas e lutando contra a vontade de apertá-la com toda a força. Pressionei minha face junto à dela para sentir sua respiração quente no meu rosto e segurei-a assim a noite inteira, com delicadeza, mas muito colada ao meu corpo, sem nunca soltá-la, abraçando-a como se abraçasse todo o amor, paz e alegria que já conhecera ou viria a conhecer; como se ao segurá-la com força pudesse evitar que tudo de mais valioso que possuía se perdesse de mim.

Capítulo Três

Uma promessa

Dormi muito pouco na primeira noite depois do coma e, deitado na escuridão fria, parecia que a manhã jamais iria chegar. Mas por fim uma luz fraca iluminou lentamente as janelas da fuselagem e as outras pessoas começaram a se mexer. Meu coração pesou quando as vi — seus cabelos, sobrancelhas e lábios cintilavam com gelo grosso e prateado e elas se moviam com dificuldade e lentidão, como velhos. Ao me levantar, notei que minhas roupas haviam congelado no corpo e gelo se amontoara nas minhas sobrancelhas e cílios. Forcei-me a ficar de pé. A dor ainda pulsava dentro da minha cabeça, mas o sangramento estancara, então saí cambaleante da fuselagem e vi pela primeira vez o estranho mundo branco no qual havíamos caído.

O sol da manhã iluminava as encostas nevadas com um fulgor branco e tive que apertar os olhos para examinar a paisagem ao redor do local da queda. A fuselagem destruída do Fairchild fora parar em uma geleira entulhada de neve que descia da encosta leste de uma montanha maciça, incrustada de gelo. O avião estava parado no declive com o bico amassado apontando ligeiramente para baixo. A própria geleira se precipitava montanha abaixo, desaguando em seguida em um vale largo que serpeava por quilômetros pela cordilheira até desaparecer em um labirinto de picos cobertos de neve que marchavam em direção ao horizonte oriental. Somente ao leste conseguíamos enxergar à distância. Ao norte, sul e oeste a visão estava bloqueada por uma fortaleza de montanhas elevadas. Sabíamos que estávamos alto nos Andes, mas as encostas nevadas que se erguiam à nossa volta eram ainda mais altas e eu tinha que inclinar a cabeça para trás até os ombros para ver os topos. No cume, as montanhas irrompiam da manta de neve com seus picos negros como pirâmides toscas, tendas colossais ou molares enormes, quebrados. As cristas formavam um semicírculo acidentado, que cercava o local do acidente como um monstruoso anfiteatro, com os destroços do Fairchild no palco central.

Examinando nosso novo mundo, fiquei tão pasmo com a estranheza do lugar que precisei lutar para me convencer de que aquilo era real. As montanhas eram tão grandes, tão puras e silenciosas, e tão profundamente distantes de qualquer coisa que eu já havia visto que simplesmente não conseguia me habituar. Vivera

toda a vida em Montevidéu, uma cidade de 1,5 milhão de habitantes, e jamais pensara no fato de que cidades são coisas construídas, projetadas por meio de escalas e padrões de referência destinados a corresponder às necessidades e à sensibilidade dos seres humanos. Mas os Andes haviam brotado da crosta terrestre milhões de anos antes de os seres humanos surgirem no planeta. Nada naquele lugar acolhia a vida humana, ou mesmo reconhecia sua existência. O frio nos atormentava. O ar rarefeito definhava nossos pulmões. O sol sem barreiras nos cegava e empolava nossos lábios, e a neve era tão funda que, assim que o sol matinal derretia a crosta de gelo que se formava sobre ela todas as noites, não podíamos nos afastar muito do avião sem afundarmos até a cintura. E em todos aqueles quilômetros de encostas e vales congelados que nos aprisionavam não havia nada que uma criatura viva pudesse usar como comida — nenhum pássaro, inseto ou mesmo uma única folha de grama. Teríamos mais chances de sobrevivência se estivéssemos à deriva no oceano ou perdidos no Saara. Ao menos alguma forma de vida sobrevive nesses lugares. Durante os meses frios nos altos Andes não há vida alguma. Estávamos completamente deslocados, como um cavalo-marinho num deserto ou uma flor na lua. Um pavor começou a se formar na minha mente, um pensamento indefinido que eu ainda não era capaz de verbalizar: *A vida aqui é uma anomalia, e as montanhas não vão tolerá-la por muito tempo.*

Desde os meus primeiros instantes nas montanhas, senti profundamente quão imediato era o perigo que nos cercava. Em nenhum momento deixei de sentir a concretude e a proximidade da morte, e não houve um instante em que não estivesse nas garras de um medo primitivo. Ainda assim, sentado do lado de fora do Fairchild, não pude deixar de ficar arrebatado pela grandiosidade que nos cercava. Aquele lugar era de uma beleza incrível — a enormidade e o poder das montanhas, os campos de neve fustigados pelo vento que brilhavam com uma brancura tão perfeita e a formosura aterradora do céu andino. Olhando para cima, via-se um céu sem nuvens, que crepitava com um matiz de azul frio, escuro. Sua beleza misteriosa me impressionou, mas, como tudo naquele lugar, a amplitude e o vazio daquele céu interminável fizeram com que eu me sentisse pequeno, perdido e inacreditavelmente longe de casa. Naquele mundo primitivo, com suas proporções esmagadoras, sua beleza sem vida e seu silêncio estranho, eu me sentia estranhamente deslocado da realidade no sentido mais fundamental, e aquilo me assustou mais do que tudo, pois sabia no meu íntimo que nossa sobrevivência dependeria da habilidade de reagirmos a desafios e catástrofes que não podíamos sequer imaginar. Estávamos jogando contra um oponente desconhecido e impiedoso. As chances eram terríveis — joguem bem ou morram —, e não sabíamos nem mesmo as regras do campo. Sabia que para salvar minha

vida teria que entender aquelas regras, mas o mundo branco e frio ao meu redor não me dava nenhuma pista.

Naqueles primeiros dias do nosso suplício, eu talvez me sentisse mais seguro na minha nova realidade se me lembrasse melhor da queda. Como eu desmaiara bem no começo do acidente, não me lembrava de nada até recuperar a consciência três dias depois. Porém, a maioria dos demais sobreviventes ficara consciente por todo o desastre e, à medida que relembravam os detalhes da queda e os dias de desespero que se seguiram, percebi que era um milagre estarmos vivos.

Lembrava-me de termos sobrevoado o passo El Planchón, quando voamos por entre nuvens tão espessas que a visibilidade era quase zero e os pilotos foram obrigados a pilotar por instrumentos. Uma forte turbulência nos jogava de um lado para o outro, e então atingimos uma bolsa de ar que forçou a aeronave a despencar várias centenas de metros. Essa queda rápida nos levou para baixo da linha das nuvens, e foi provavelmente nesse instante que os pilotos viram o pico negro surgindo logo à frente. Eles imediatamente aceleraram os motores num esforço desesperado para ganhar altitude. Conseguiram levantar o bico do avião alguns graus — evitando uma colisão de frente com o pico, o que, a uma velocidade de 370 quilômetros por hora, teria feito o Fairchild em pedaços —, mas era tarde demais para fazer o avião sobrevoar completamente a montanha. A barriga do Fairchild bateu no pico quase ao mesmo tempo que as asas se chocaram contra a carcaça, e o estrago foi catastrófico. Primeiro as asas se soltaram. A da direita caiu em espiral no passo. A da esquerda bateu na lateral do avião e sua hélice despedaçou o casco antes de mergulhar também nas montanhas. Uma fração de segundo depois, a fuselagem se partiu numa linha logo acima da minha cabeça e a cauda se soltou. Perdemos todos os que estavam sentados atrás de mim — o navegador, o comissário de bordo e os três rapazes que estavam jogando cartas. Um deles era Guido.

No mesmo instante, senti que estava sendo erguido do meu assento e jogado para a frente com um vigor incrível, como se um gigante me pegasse como a uma bola de beisebol e me atirasse com toda sua força. Lembro-me de ter batido em algo, provavelmente na divisória entre a cabine dos passageiros e a dos pilotos. Senti a parede vergar e então desmaiei; para mim, a queda acabara. Mas os demais ainda encararam uma jornada terrível à medida que a fuselagem, sem asas, motores e cauda, seguia adiante como um míssil descontrolado. Foi então que fomos agraciados com o primeiro de muitos milagres. O avião não oscilou nem entrou em espiral. Em vez disso, sejam quais forem os princípios da aerodinâmica que governem esse tipo de situação, eles mantiveram o que restava do Fairchild voando reto tempo o suficiente para escapar de outro pico. Mas o

avião estava perdendo impulso e finalmente o bico se inclinou e começamos a cair. Então o segundo milagre nos salvou, pois o ângulo de descida do Fairchild era quase exatamente igual ao do despenhadeiro em que estávamos caindo. Se o ângulo fosse somente alguns graus mais íngreme ou descendente, a aeronave teria capotado na montanha e se despedaçado. Mas, em vez disso, ela aterrissou de barriga e começou a deslizar pela encosta coberta de neve como um tobogã. Os passageiros gritavam e rezavam em voz alta enquanto a fuselagem acelerava pela encosta a mais de 300 quilômetros por hora por uma distância de mais de 350 metros, encontrando uma bem afortunada passagem entre calhaus e pedregulhos que entremeavam a montanha até bater em um enorme banco de neve e parar brusca e violentamente. A força da colisão foi imensa. O bico do Fairchild ficou amassado como um copo de papel. Na cabine dos passageiros, assentos foram arrancados do chão da fuselagem e atirados para a frente com as pessoas neles sentadas, precipitando-se contra a divisória da cabine dos pilotos. Vários passageiros foram esmagados instantaneamente quando as fileiras de assentos fecharam-se sobre eles como as dobras de um acordeão, para em seguida formarem um amontoado disforme que subia quase até o teto na parte da frente da fuselagem.

Coche Inciarte, um dos torcedores, contou-me que agarrou as costas do assento à sua frente à medida que o avião riscava a montanha, esperando morrer a qualquer momento. Segundo ele, após o impacto, a fuselagem rolou um pouco para a esquerda e então parou pesadamente na neve. Por alguns instantes houve apenas um silêncio aturdido, mas logo em seguida ele foi quebrado por gemidos leves e depois por gritos de dor mais penetrantes. Coche se viu deitado sobre o amontoado de assentos, sem ferimentos e surpreso por estar vivo. Havia sangue por toda parte, além de braços e pernas de corpos imóveis saltando de baixo do emaranhado de assentos comprimidos. Confuso, voltou a atenção para sua gravata, que havia sido estraçalhada pela força do vento gerado durante a louca descida do Fairchild pela montanha. Alvaro Mangino lembrava-se de ter sido jogado para baixo do assento à sua frente no impacto final. Preso no chão, ouviu gemidos e gritos por todo lado e recordava especialmente de ficar pasmo com a aparição de Roy Harley, que parecia ter ficado azul. Mais tarde, descobriria que Roy ficara encharcado de combustível de avião.

Gustavo Zerbino estava sentado ao lado de Alvaro. Ele explicou que no primeiro impacto, quando o avião bateu na crista da montanha, viu o assento em que Carlos Valeta estava ser arrancado do chão e desaparecer no céu. À medida que a fuselagem esquiava pela encosta, Gustavo se levantou e agarrou o bagageiro acima de sua cabeça. Fechou os olhos e rezou aos gritos: “Meu Deus, meu Deus, eu quero viver.” Tinha certeza de que ia morrer. Por milagre, ainda

estava de pé quando o avião colidiu com o banco de neve e parou bruscamente.

"Então é verdade", ele pensou, "a gente ainda pensa depois de morto." Aí abriu os olhos. Quando viu a destruição à sua frente, deu por instinto um passo para trás e afundou imediatamente na neve até a cintura. Ao olhar para cima, viu a linha irregular da ruptura onde a cauda se separara da fuselagem e compreendeu que tudo e todos atrás dele haviam desaparecido. O chão da fuselagem estava no nível do seu peito e, quando entrou de volta no avião, teve de passar por cima do corpo imóvel de uma mulher de meia-idade. O rosto dela estava ferido e coberto de sangue, mas ele conseguiu reconhecê-la; era minha mãe. Gustavo, que cursava o primeiro ano de medicina, agachou-se para tomar seu pulso, mas ela já estava morta.

Ele foi em direção à pilha de assentos. Ergueu um deles e encontrou Roberto Canessa. Roberto, também um estudante de medicina, não estava ferido e, instantes depois, os dois começaram a tirar mais assentos da pilha e a cuidar, da melhor maneira possível, dos passageiros feridos que libertavam.

Naquele mesmo momento, Marcelo Perez saía do meio dos destroços. Marcelo ferira um lado do corpo na queda e seu rosto estava machucado, mas os ferimentos eram leves e nosso capitão de longa data assumiu imediatamente o controle da situação. Sua primeira atitude foi organizar os rapazes ilesos e colocá-los para libertar os passageiros presos sob a pilha de assentos. Era um trabalho pesado. O impacto da queda amontoara os bancos num ângulo impossível, com cada assento enganchado nos outros, formando conglomerados pesados demais para serem movidos. Muitos dos sobreviventes eram atletas, em sua melhor forma física, mas ainda assim ficaram sem fôlego no ar rarefeito das montanhas ao lutarem para puxar e separar os assentos.

À medida que os passageiros eram retirados um a um dos destroços, Roberto Canessa e Gustavo Zerbino avaliavam o estado deles e faziam o melhor para cuidar das feridas, que eram, em alguns casos, terríveis. Ambas as pernas de Arturo Nogueira estavam quebradas em vários lugares. Alvaro e Pancho Delgado também haviam quebrado uma das pernas. Um tubo de aço de 15 centímetros de diâmetro empalara o estômago de Enrique Platero como a ponta de uma lança e, quando Zerbino o puxou da barriga do colega, vários centímetros de intestino vieram junto. O ferimento na perna direita de Rafael Echavarren era o mais pavoroso. O músculo da panturrilha fora arrancado do osso e puxado para a frente de tal forma que ficava pendurado como uma massa escorregadiça na extensão da canela. Quando Zerbino encontrou Echavarren, o osso estava completamente exposto. Vomitando de repulsa, Zerbino pegou o músculo solto, colocou-o de volta no lugar e então enfaixou a perna ensanguentada com os trapos de uma camisa. Enfaixou também a barriga de

Enrique Platero e, em seguida, o calado e estoico Enrique pôs-se imediatamente a libertar os colegas que ainda estavam presos.

À medida que mais e mais passageiros eram resgatados, os “médicos” ficavam impressionados com o fato de que a maior parte dos sobreviventes havia sofrido apenas ferimentos leves. Eles mandaram os demais, com ferimentos nos braços e pernas, para a geleira lá fora, onde poderiam aliviar a dor resfriando os membros na neve. Cada sobrevivente ileso liberado da pilha de assentos se tornava mais um ajudante, e logo todos os passageiros estavam livres, com exceção de uma mulher de meia-idade chamada *señora* Marinari. Ela não fazia parte do grupo. Estava indo para o casamento da filha no Chile e comprara a passagem para aquele voo diretamente da companhia aérea, como uma forma mais barata de fazer a viagem. Na queda, seu assento traseiro fora atirado para a frente, apertando seu peito contra os joelhos e prendendo suas pernas embaixo do banco. Outros assentos caíram sobre ela, enterrando-a sob uma pilha tão pesada e intrincada que não havia esforço que pudesse salvá-la. Suas duas pernas estavam quebradas e ela gritava de dor, mas não havia nada que alguém pudesse fazer.

E também não havia nada a fazer por Fernando Vasquez, um dos torcedores. Quando Roberto foi verificá-lo nos primeiros instantes após a queda, ele parecia atordoado, mas sem ferimentos, de modo que Roberto seguiu adiante. Quando voltou a checá-lo, encontrou Vasquez morto em seu assento. Sua perna fora decepada abaixo do joelho pela hélice do avião quando ela destroçou o casco e, durante o tempo em que Roberto ficou afastado, Vasquez sangrou até a morte. Francisco Nicola, o médico da equipe, e sua esposa, Esther, foram arremessados de seus assentos e estavam mortos, lado a lado, na frente da cabine dos pilotos. Susy estava deitada ao lado do corpo de mamãe. Estava desperta, mas desorientada, com sangue escorrendo pelo rosto. Roberto limpou o sangue de seus olhos e viu que ele saía de um corte superficial no couro cabeludo, mas suspeitou, corretamente, que ela sofrera lesões internas muito mais graves. A poucos metros de distância, encontraram Panchito, com a cabeça sangrando e semiconsciente. Roberto se ajoelhou ao seu lado e Panchito agarrou sua mão, implorando para ele não ir embora. Roberto limpou o sangue de seus olhos, o confortou e seguiu adiante. Na frente do avião, encontrou-me inconsciente, com o rosto coberto de sangue e de hematomas negros, a cabeça já inchada, do tamanho de uma bola de basquete. Tomou meu pulso e ficou surpreso em constatar que o coração ainda batia. Mas meus ferimentos pareciam tão graves que ele não achou que eu fosse sobreviver e seguiu em frente com Zerbino, ambos poupando seus esforços para aqueles que acreditavam poder ajudar.

Ouviam-se gemidos vindos da cabine dos pilotos, mas a porta ainda estava

bloqueada pela barricada de assentos, de modo que Canessa e Zerbino tiveram que sair da fuselagem e enfrentar a neve funda até chegarem à frente do avião, onde conseguiram subir até a cabine pelo bagageiro. Lá encontraram Ferradas e Lagurara ainda presos aos assentos. O impacto final do avião no banco de neve esmagara o bico do Fairchild e forçara o painel de controle contra o peito de ambos os pilotos, aferrando-os à parte de trás dos bancos. Ferradas estava morto. Lagurara estava consciente, mas gravemente ferido e sentindo muita dor. Canessa e Zerbino tentaram arrancar o painel de controle do peito do copiloto, mas ele não saía do lugar. “Nós passamos de Curicó”, murmurava Lagurara enquanto os médicos tentavam ajudá-lo, “nós passamos de Curicó”. Os dois conseguiram retirar a almofada do recosto do banco e isso aliviou a pressão no peito de Lagurara, mas não podiam fazer muito mais por ele. Deram-lhe um pouco de neve para aplacar sua sede e então perguntaram se podiam usar o rádio do Fairchild. Lagurara os ensinou a ajustar o dial para transmissão, mas quando tentaram enviar uma mensagem descobriram que o rádio estava quebrado. Lagurara pediu mais neve, os médicos deram-na e viraram as costas para sair. Ao perceber que sua situação não tinha saída, Lagurara pediu aos rapazes que lhe trouxessem o revólver em sua bagagem, mas Canessa e Zerbino o ignoraram e voltaram para a cabine de passageiros. Na descida da cabine dos pilotos, ouviram Lagurara murmurando: “Nós passamos de Curicó, nós passamos de Curicó.”

Na fuselagem, Marcelo fazia horríveis cálculos mentais. O acidente ocorrera às 15h30. Ele imaginava que somente às 16 horas os funcionários confirmariam que o avião estava desaparecido. Até organizarem um helicóptero de resgate seriam 17h30 ou 18 horas. Os helicópteros não nos localizariam até as 19h30, no mínimo, e, já que nenhum piloto com a cabeça no lugar voaria nos Andes à noite, Marcelo sabia que nenhuma equipe de resgate sairia até o dia seguinte. Teríamos que passar a noite ali. Já estava anoitecendo. A temperatura, que já estava bem abaixo de zero quando caímos, diminuía rapidamente. Marcelo sabia que não estávamos preparados para suportar uma noite abaixo de zero nos Andes. Não tínhamos casacos ou cobertores, não havia nada para nos proteger do frio selvagem. Ele sabia que se não encontrássemos uma maneira de transformar a fuselagem em um abrigo decente nenhum de nós duraria até a manhã seguinte. Mas o avião estava tão cheio de bancos amontoados e destroços que não havia espaço suficiente no chão para os feridos deitarem, quanto mais para dezenas de sobreviventes ilesos dormirem.

Percebendo que todo aquele entulho teria que ser retirado da fuselagem, Marcelo começou a trabalhar. Primeiramente, juntou um grupo de sobreviventes sadios e os encarregou de remover os mortos e feridos da fuselagem. Eles

começaram a arrastar os mortos para fora, usando longas correias de náilon que encontraram no bagageiro. Os feridos foram carregados com mais cuidado e, depois de estarem todos deitados na neve, Marcelo instruiu os sobreviventes a abrirem tanto espaço no chão da fuselagem quanto possível. Os rapazes trabalharam bravamente para cumprir as ordens, mas a tarefa era árdua e dolorosamente demorada. Eles sofriam com o vento gelado e ficavam sem fôlego no ar rarefeito. Ao cair da noite, haviam limpado apenas uma área pequena, próxima ao buraco nos fundos da fuselagem.

Às 18 horas, Marcelo ordenou que os demais trouxessem os feridos de volta para dentro e, em seguida, os sobreviventes ilesos entraram e se prepararam para a longa noite que teriam pela frente. Quando todos já estavam acomodados, Marcelo começou a improvisar uma parede para selar a enorme abertura nos fundos da fuselagem, onde a cauda havia se partido. Com a ajuda de Roy Harley, empilhou malas, pedaços da aeronave e bancos soltos na abertura e depois preencheu os vãos com neve. Estava longe de estar vedado, e a temperatura do ar dentro da fuselagem ainda era terrivelmente fria, mas Marcelo esperava que a parede nos protegesse da pior parte do frio abaixo de zero.

Quando terminaram de erguer a parede, os sobreviventes se acomodaram para dormir. Quarenta e cinco passageiros e membros da tripulação estavam a bordo do Fairchild antes do acidente. Contávamos cinco mortos no local da queda. Oito estavam desaparecidos, embora os sobreviventes tivessem certeza de que um deles, Carlos Valeta, estava morto. Zerbino vira o assento de Valeta ser atirado para fora do avião, mas, inacreditavelmente, ele havia sobrevivido à queda. Instantes após o acidente, um grupo de rapazes o vira cambaleando pela encosta da montanha a algumas centenas de metros do Fairchild. Eles o chamaram, e Carlos deu a impressão de virar na direção do local da queda, mas então tropeçou na neve funda e rolou encosta abaixo, saindo de vista. Com isso, éramos 32 pessoas vivas. Lagurara ainda estava preso na cabine do piloto. Alguns dos feridos, com a única sobrevivente feminina ilesa, Liliana Methol, estavam no bagageiro do Fairchild, a parte mais quente do avião. O resto estava espremido em um espaço no chão repleto de destroços da fuselagem que media menos de 7 metros quadrados.

A noite caiu tão rápido que não houve tempo de remover todos os corpos, e os sobreviventes foram obrigados a se ajeitarem entre os mortos, empurrando e cutucando os cadáveres de amigos para ganhar alguns centímetros a mais de espaço. Era uma cena digna de pesadelo, mas o medo e o sofrimento físico que os sobreviventes tinham de suportar ofuscaram o horror. O espaço mínimo era extremamente desconfortável e, apesar da parede de Marcelo, o frio era insuportável. Os sobreviventes se enroscavam para dividir o calor de seus

corpos. Alguns pediam aos rapazes ao lado para socarem seus braços e pernas, a fim de manter o sangue correndo nas veias.

Num dado momento, Roberto descobriu que as capas de pano dos assentos podiam ser retiradas com facilidade e usadas como cobertores. Elas eram feitas de náilon fino e protegiam pouco do frio, mas Roberto estava ciente dos riscos de hipotermia e sabia que os sobreviventes tinham que fazer de tudo para conservar o máximo de calor corporal possível. Mesmo sem evitar que as pessoas sofressem com o frio, as capas podiam ajudá-las a reter calor suficiente para que sobrevivessem até a manhã.

Deitaram-me ao lado de Susy e Panchito, na base da parede de Marcelo. Essa era a parte mais fria da cabine. O vento vazava pela parede improvisada e o chão, que havia sido rasgado na queda, deixava o ar frio subir, mas colocaram-nos lá porque já haviam perdido as esperanças de que viveríamos por muito tempo, e reservaram as partes mais quentes para aqueles que tinham chance de sobreviver. Susy e Panchito, que ainda estavam conscientes, devem ter sofrido terrivelmente naquela primeira noite, mas eu ainda estava em coma e fui poupado da agonia. Na verdade, talvez o ar frio tenha salvado minha vida ao reduzir o inchaço que teria destruído meu cérebro.

À medida que a noite avançou, o frio pesou sobre os sobreviventes, gelando-os até os ossos e esmagando seus ânimos. Cada momento durava uma eternidade e, quando o último vestígio de luz desapareceu, era como se a escuridão da montanha estivesse se infiltrando em suas almas. Todo o trabalho duro que se seguiu à queda evitara que eles remoessem seus medos, e a atividade física ajudara-os a se manterem aquecidos. Mas naquele instante, deitados no escuro, desamparados, não havia nada para protegê-los do frio ou, pior ainda, do desespero. Os sobreviventes que haviam agido estoicamente durante o dia choravam e gritavam de dor. Havia selvagens explosões de raiva quando um rapaz mudava de posição naquele aperto e batia na perna ferida de um colega, ou quando uma pessoa chutava a outra sem querer enquanto tentava dormir. O tempo se arrastava.

Num determinado momento, Diego Storm — outro estudante de medicina do grupo — viu algo em meu rosto que o fez pensar que eu talvez pudesse sobreviver, e então me arrastou da parede de Marcelo para um local mais quente na fuselagem, onde os demais me mantiveram aquecido com seus corpos. Alguns conseguiram dormir naquela noite, mas a maior parte simplesmente resistiu, segundo a segundo, enquanto sons de sofrimento e devaneios preenchiam a escuridão. Panchito implorava pateticamente por ajuda com uma voz fraca e murmurava o tempo todo que estava congelando. Susy rezava e chamava pela nossa mãe. A *señora* Mariani gritava e urrava de dor. Na cabine de

pilotos, o copiloto delirante pedia por sua arma e falava sem parar: “Nós passamos de Curicó, nós passamos de Curicó...”

— Era um pesadelo, Nando — disse-me Coche. — Era o inferno de Dante.

Os sobreviventes padeceram naquela primeira noite, cercados pelo caos. As horas eram intermináveis, mas finalmente a manhã chegou. Marcelo foi o primeiro a ficar de pé. Os demais, ainda enroscados no chão da fuselagem para se manterem aquecidos, relutavam em levantar, mas Marcelo os acordou. A noite os abalara profundamente, mas à medida que se moviam na luz do sol que entrava na cabine, os ânimos começaram a melhorar. Haviam feito o impossível — sobrevivido a uma noite glacial nos Andes. A equipe de resgate certamente os encontraria naquele dia. Por toda aquela noite terrível, Marcelo garantira a eles que ela viria. Estavam certos de que logo estariam em casa, de que a pior parte do suplício já havia passado.

Enquanto os outros se preparavam para o dia, Canessa e Zerbino andavam pela fuselagem, verificando os feridos. Panchito estava quieto e enrijecido. Ele morrera durante a noite. Na cabine dos pilotos, encontraram o corpo sem vida de Lagurara. A *señora* Mariani estava imóvel, mas quando Canessa tentou movê-la, ela voltou a gritar de dor e ele a deixou em paz. Quando voltou para verificá-la mais uma vez, ela havia morrido.

Os médicos fizeram o que podiam pelos feridos. Limparam os ferimentos, trocaram suas roupas e levaram os rapazes com fraturas para a geleira, onde eles podiam aplacar a dor repousando seus membros quebrados na neve. Encontraram o corpo de Susy embaixo do corpo de Panchito. Ela estava consciente, mas ainda delirava. Roberto esfregou seus pés, que estavam feridos pelo frio e, em seguida, limpou o sangue sobre seus olhos. Susy estava lúcida o suficiente para agradecer-lhe pela gentileza.

Enquanto os médicos faziam sua ronda, Marcelo e Roy Harley derrubaram um pedaço da parede que haviam levantado na noite anterior e os sobreviventes começaram seu segundo dia nas montanhas. Durante todo o dia eles observaram o céu em busca de sinais do resgate. No fim da tarde, ouviram um avião passar, mas o céu estava nublado e eles sabiam que não haviam sido vistos. Durante o crepúsculo veloz, os sobreviventes se juntaram na fuselagem para encarar mais uma longa noite. Com mais tempo para trabalhar, Marcelo construiu uma parede melhor e mais resistente ao vento. Os últimos cadáveres haviam sido retirados da fuselagem e isso, junto com a ausência dos outros que haviam morrido, abriu mais espaço no chão para dormir, mas ainda assim a noite foi longa e o sofrimento horrível.

Na tarde do terceiro dia, finalmente acordei do coma e, à medida que meus sentidos voltavam lentamente, fiquei chocado ao pensar nos horrores que meus

amigos haviam suportado. Pareciam anos mais velhos por conta da pressão que enfrentaram. Seus rostos estavam esgotados e pálidos de tensão e falta de sono. O ar rarefeito os esgotara fisicamente e minara suas forças, tornando seus movimentos lentos e incertos. Muitos se curvavam e arrastavam os pés pelo local da queda como se tivessem envelhecido décadas nas últimas 36 horas. Éramos então 29 sobreviventes, a maioria entre 19 e 21 anos, mas alguns tinham apenas 17. O mais velho era Javier Methol, de 38 anos, mas ele sofrera tanto com a náusea e a fadiga causada pela altitude que mal conseguia ficar de pé. Ambos os pilotos e quase toda a tripulação estavam mortos. O único tripulante que sobrevivera era Carlos Roque, o mecânico do avião, mas o choque da queda o desorientara de tal forma que tudo que conseguíamos arrancar dele eram delírios sem sentido. Ele nem ao menos conseguia nos dizer onde ficavam os itens de emergência, como sinalizadores e cobertores. Não havia ninguém para nos ajudar, ninguém que tivesse conhecimento de montanhas, aeronaves ou técnicas de sobrevivência. Estávamos constantemente à beira da histeria, mas não entramos em pânico. Líderes surgiram e reagimos da maneira como a Irmandade Cristã nos ensinara — como uma equipe.

Marcelo Perez, cuja liderança decisiva salvou muitas vidas, merece boa parte do crédito pela nossa sobrevivência naqueles primeiros dias críticos. Desde os primeiros momentos da nossa provação, Marcelo reagiu aos aterrorizantes desafios que surgiam com a mesma combinação de coragem, poder de decisão e perspicácia que havia nos levado a tantas vitórias no campo de rúgbi. Ele compreendeu imediatamente que a margem de erro era mínima e que a montanha nos faria pagar caro se cometêssemos erros bobos. Numa partida de rúgbi, hesitação, indecisão e destempero podem custar a vitória. Marcelo percebeu que nos Andes esses mesmos erros poderiam custar nossas vidas. Sua presença forte nas primeiras horas após a queda impediu o pânico total. A operação de resgate que ele organizou prontamente salvou as vidas de muitas pessoas que foram retiradas da pilha dos assentos intrincados, e, sem a parede protetora que construiu naquela primeira noite, estaríamos todos mortos pelo frio ao amanhecer.

A liderança de Marcelo foi heroica. Dormia na parte mais fria da fuselagem, e sempre pedia que os rapazes sem ferimentos fizessem o mesmo. Obrigou-nos a nos mantermos ocupados, quando a maioria queria apenas ficar encolhida na fuselagem e aguardar o resgate. E, acima de tudo, levantou nossos ânimos convencendo-nos de que nosso sofrimento acabaria em breve. Tinha certeza de que o resgate estava a caminho e se esforçava muito para convencer os demais de que isso era verdade. Ainda assim, ele sabia que sobreviver nos Andes, mesmo que apenas por alguns dias, testaria nossos limites, e assumiu a

responsabilidade de tomar as providências que nos dessem a melhor chance de sobrevivência durante aquele tempo. Uma das primeiras coisas que fez foi juntar tudo de comestível que havia nas bagagens ou que estivesse espalhado pela cabine. Não havia muito — algumas barras de chocolate e outros doces, um pouco de nozes e de biscoitos, algumas frutas secas, vários potes de geleia, três garrafas de vinho, um pouco de uísque e umas poucas garrafas de licor. Apesar da convicção de que o regaste demoraria apenas algumas horas para chegar, algum tipo de instinto de sobrevivência o aconselhou a ser precavido, de modo que, no segundo dia daquela provação, Marcelo começou a racionar cuidadosamente a comida — as refeições se resumiam a um quadradinho de chocolate ou um montinho de geleia, empurrados para dentro com um gole de vinho servido na tampa de uma lata de aerossol. Não bastava para matar a fome, mas, como um ritual, nos fortalecia. Todas as vezes que nos reuníamos para receber essa ração escassa estávamos declarando, para nós mesmos e uns aos outros, que faríamos todo o possível para sobreviver.

Naqueles primeiros dias, acreditávamos que o resgate era nossa única chance de sobrevivência e nos agarramos a essa esperança quase religiosamente. Tínhamos de acreditar nisso. As alternativas eram simplesmente horríveis demais. Marcelo certificou-se de que nossa fé no resgate continuasse forte. Mesmo quando dias se passaram sem que resgate algum chegasse, ele não nos deixava duvidar de que seríamos salvos. Não sei dizer se ele acreditava de fato nisso ou se era apenas uma corajosa encenação para evitar que caíssemos em desânimo. Marcelo professava sua crença com tanta firmeza que jamais duvidei dele, mas eu não percebera, naquele momento, o terrível fardo que ele carregava e como culpava a si mesmo por ter-nos levado para aquela viagem maldita.

Na tarde do quarto dia, um pequeno avião a hélice sobrevoou o local da queda e vários sobreviventes que o viram estavam certos de que ele fez um sinal com a asa. Isto foi considerado um sinal de que havíamos sido avistados, e logo uma sensação de alívio e regozijo se espalhou pelo grupo. Esperamos até que as longas sombras do fim da tarde começassem a se esticar pelas montanhas, mas, ao cair da noite, nenhum resgate havia chegado. Marcelo insistiu que os pilotos daquele avião enviariam ajuda em breve, mas os demais, abatidos pela tensão da espera, começavam a admitir suas dúvidas.

— Por que estão demorando tanto para nos encontrar? — perguntou alguém.

Marcelo respondeu a essa pergunta da mesma forma de sempre: talvez os helicópteros não possam voar no ar rarefeito das montanhas, ele dizia, e então a equipe de resgate teria de vir a pé, o que levaria mais tempo.

— Mas se eles sabem que estamos aqui, por que não sobrevoaram a área para jogar mantimentos?

Impossível, Marcelo respondia, qualquer coisa jogada de um avião iria simplesmente afundar na neve e se perder. Os pilotos sabiam disso. A maioria dos rapazes aceitava a lógica das explicações de Marcelo. Também confiavam plenamente na bondade de Deus.

— Deus nos salvou da morte na queda — eles diziam. — Por que Ele faria isso apenas para nos deixar morrer aqui?

Eu ouvia essas discussões enquanto passava as longas horas cuidando de Susy. Queria tanto acreditar em Deus como eles. Mas Deus já havia levado minha mãe e Panchito, e tantos outros. Por que Ele nos salvaria e não a eles? Da mesma forma, queria crer que o resgate estava a caminho, mas não conseguia afastar a dolorosa sensação de que estávamos sozinhos. Deitado com Susy, senti uma terrível desolação e um sentimento de urgência. Sabia que ela estava morrendo e que a única esperança era levá-la para um hospital logo. Cada instante era uma agonia para mim e, em todos os segundos que passava acordado, esperei ouvir o som da equipe de resgate se aproximando. Jamais parei de rezar por sua chegada ou pela intervenção divina, mas, ao mesmo tempo, a voz fria que me instigara a poupar as lágrimas estava sempre sussurrando no fundo da minha mente: *Ninguém vai nos encontrar. Vamos morrer aqui. Precisamos de um plano. Temos que nos salvar.* Desde os primeiros instantes de consciência, eu vinha sendo atiçado pela noção esclarecedora de que estávamos sozinhos naquele lugar, e me alarmava o fato de que os demais depositassem tanta confiança no nosso resgate. Mas logo descobri que outros pensavam como eu. Os “realistas”, que era como eu via essas pessoas, incluíam Canessa e Zerbino, Fito Strauch, um ex-membro do Old Christians, que embarcara na viagem a convite de seu sobrinho Eduardo, e Carlitos Paez, cujo pai, Carlos Paez-Villaro, era um famoso pintor e aventureiro uruguaio, amigo de Picasso. Esse grupo discutia há dias o plano de escalar a montanha acima de nós para ver o que estava além dela. Tínhamos motivos para crer que era possível escapar dali. Todos havíamos ouvido as palavras que nosso copiloto murmurara antes de morrer: *Nós passamos de Curicó, nós passamos de Curicó...* Nas primeiras horas após a queda, alguém havia encontrado cartas de voo na cabine dos pilotos. Arturo Nogueira, confinado na fuselagem por conta de suas pernas quebradas, passou horas estudando as complexas cartas, procurando pela cidade de Curicó. Finalmente a encontrou, situada na fronteira do Chile, muito depois das encostas ocidentais dos Andes. Nenhum de nós era especialista em ler aquelas cartas de voo, mas parecia óbvio que, se tivéssemos de fato voado para o oeste até Curicó, com certeza havíamos cruzado toda a extensão da cordilheira. Isso significava que devíamos estar em algum ponto do contraforte ocidental dos Andes. A leitura do altímetro do Fairchild, que media uma altitude de cerca de 2 mil metros,

reforçou esse nosso palpite. Se estivéssemos embrenhados nos Andes, nossa altitude seria muito maior. Estávamos certamente no contraforte e as serras altas a oeste eram os últimos picos elevados da cordilheira. Alimentamos a certeza de que para além daqueles topos estavam os campos verdes do Chile. Poderíamos encontrar uma aldeia ou ao menos a cabana de um pastor. Haveria alguém para nos ajudar. Estaríamos todos salvos. Até então, nos sentíamos como as vítimas de um naufrágio, perdidos em um oceano sem ter ideia de onde ficava o litoral mais próximo. A partir daquele instante, tínhamos uma pequena sensação de controle. Sabíamos de um fato pelo menos: *O Chile ficava a oeste*. Essa frase logo se tornou um grito de guerra, e a utilizamos para sustentar nossas esperanças durante aquele suplício.

Na manhã de 17 de outubro, nosso quinto dia na montanha, Carlitos, Roberto, Fito e Numa Turcatti, um sobrevivente de 24 anos, decidiram que era hora de escalar o pico. Numa não fazia parte do Old Christians — embarcara na viagem a convite dos amigos Pancho Delgado e Gastón Costemalle —, mas estava em tão boa forma e era tão forte quanto qualquer um de nós, e passara pela queda quase sem um arranhão. Eu ainda não o conhecia bem, mas nos poucos dias difíceis que havíamos passado juntos ele me impressionara, e aos outros também, com sua serenidade e força. Numa jamais entrou em pânico ou perdeu a calma. Jamais caiu na autocomiseração ou no desespero. Todos viam que havia nele algo de nobre e altruísta. Ele tomava conta dos mais fracos e confortava os que choravam ou tinham medo. Parecia se importar com o bem-estar dos demais da mesma forma que se importava consigo mesmo, e todos nós retirávamos força de seu exemplo. Desde os primeiros momentos, eu soube que, se conseguíssemos sair daquelas montanhas, Numa teria algo a ver com isso e não fiquei nem um pouco surpreso quando ele se ofereceu como voluntário para a escalada.

E não me surpreendia o fato de Carlitos e Roberto também terem se oferecido. Ambos haviam saído ilesos da queda e os dois tinham, cada um a seu modo, se tornado as personalidades mais fortes do grupo: Roberto com sua inteligência, seu conhecimento médico e sua natureza por vezes beligerante; e Carlitos com seu otimismo e sua índole destemida. Fito, um ex-jogador do Old Christians, era um rapaz calado, sério. Sofrera uma concussão leve na queda, mas estava totalmente recuperado, e isso era uma boa coisa, pois Fito se demonstraria um dos sobreviventes mais sábios e habilidosos do grupo. Logo após a queda, quando estávamos lutando para andar na neve funda e macia ao redor da fuselagem, Fito percebeu que, se amarrássemos as almofadas dos assentos do Fairchild nos nossos pés com cintos de segurança ou cabos de energia, eles

serviriam como sapatos de neve improvisados, nos permitindo andar na neve sem afundarmos. Os quatro escaladores usavam os sapatos de Fito ao saírem pelos montões fundos de neve em direção à montanha. Tinham a esperança de conseguir chegar ao topo e ver o que havia além. Ao longo do caminho, procurariam pela cauda perdida do Fairchild, que todos esperávamos estar cheia de comida e roupas quentes. Chegávamos a imaginar se haveria outros sobreviventes nela. Carlos Roque, o mecânico do Fairchild, que começara a recobrar lentamente os sentidos, lembrou-se de que as baterias para o rádio da aeronave ficavam guardadas em um compartimento na cauda. Se as encontrássemos, ele disse, talvez pudéssemos consertar o rádio e transmitir um pedido de socorro.

O tempo estava limpo quando eles partiram. Desejei boa sorte ao grupo e então me ocupei de minha irmã. Quando os escaladores retornaram, as sombras da tarde já haviam caído sobre o Fairchild. Ouvi uma comoção na fuselagem e levantei a cabeça para vê-los entrarem claudicantes na aeronave e caírem no chão. Estavam fisicamente esgotados e sem fôlego. Os demais os cercaram rapidamente, enchendo-os de perguntas, ansiosos por alguma notícia promissora. Aproximei-me de Numa e perguntei como havia sido.

Ele balançou a cabeça e franziu a testa.

— Foi muito difícil, Nando — dizia enquanto tentava recuperar o fôlego. — É íngreme. Muito mais íngreme do que parece daqui.

— Não tem ar suficiente — disse Canessa. — Não dá pra respirar. Você só consegue se mover muito lentamente.

Numa concordou com a cabeça.

— A neve é funda demais, cada passo é uma agonia. E existem fendas embaixo da neve. Fito quase caiu numa.

— Vocês viram alguma coisa para o oeste? — perguntei.

— Mal chegamos à metade da encosta — disse Numa. — Não conseguimos ver nada. As montanhas bloqueiam a visão. Elas são muito mais altas do que parecem.

Virei para Canessa.

— Roberto — eu disse —, o que você acha? Se tentar de novo a gente consegue subir?

— Não sei, cara — ele sussurrou. — Não sei...

— É impossível subir aquela montanha — murmurou Numa. — Temos que achar outra rota; se é que existe outra.

Naquela noite, a tristeza pesou na atmosfera da fuselagem. Os quatro que fizeram a escalada eram os mais fortes e os mais saudáveis do grupo, e a montanha os derrotara com facilidade. Mas não aceitei aquela derrota. Talvez, se

estivesse no meu estado mental normal, teria visto em seus rostos, nos olhares sombrios que eles trocaram, a pavorosa revelação que a escalada lhes trouxera: que jamais escaparíamos daquele lugar, que já estávamos todos mortos. Em vez disso, disse a mim mesmo que eles eram molengas, que estavam com medo, que haviam desistido com muita facilidade. A montanha não me parecia tão traiçoeira. Tinha certeza de que, se escolhêssemos a rota e a hora certas, e simplesmente nos recusássemos a nos render ao frio e ao cansaço, conseguiríamos chegar ao topo. Agarrei-me àquela crença com a mesma fé cega que fazia com que os demais continuassem rezando pelo resgate. Que escolha tinha? Para mim, a questão parecia terrivelmente simples: a vida não é possível aqui. Preciso ir para o oeste, para o Chile. Minha mente estava tão repleta de dúvidas e confusão que eu me agarrava desesperadamente à única coisa que sabia ser verdadeira: *O Chile fica a oeste. O Chile fica a oeste.* Deixei essas palavras ecoarem na minha cabeça como um mantra. Sabia que um dia teria de escalar a montanha.

Quase não saí do lado de minha irmã nos primeiros dias do nosso suplício. Passei todo o meu tempo com ela, esfregando seus pés congelados, dando-lhe goles d'água que eu havia derretido, alimentando-a com os quadradinhos de chocolate que Marcelo separava. Na maior parte do tempo, tentava deixá-la confortável e aquecida. Nunca soube ao certo se Susy estava cônscia da minha presença. Passou o tempo todo semiconsciente. Gemia muito. Sua sobrancelha estava sempre franzida de preocupação e confusão e havia uma perpétua tristeza desamparada em seus olhos. Às vezes, ela rezava ou cantava uma canção de ninar. Chamava muitas vezes pela nossa mãe. Eu a acalmava e sussurrava em seu ouvido. Cada instante com ela era precioso, mesmo naquele lugar terrível, e a suavidade do seu hálito contra o meu rosto era um grande conforto para mim.

Mais tarde naquele oitavo dia, estava deitado com meus braços ao redor de Susy quando senti que algo nela havia mudado. O semblante carregado sumiu de seu rosto. Seu corpo estava menos tenso. Sua respiração ficou fraca e lenta, e senti sua vida se esvair dos meus braços sem que pudesse fazer nada para impedir. Então sua respiração cessou e ela ficou imóvel.

— Susy? — gritei. — Ó meu Deus, Susy, por favor, não!

Ajoelhei-me num salto, virei minha irmã de costas e comecei a aplicar-lhe uma respiração boca a boca. Nem ao menos sabia como fazer aquilo direito, mas estava desesperado para salvá-la.

— Vamos, Susy, por favor! — gritei. — Não me deixe!

Trabalhei em cima dela até cair exausto no chão. Roberto me substituiu, sem sucesso. Em seguida, Carlitos tentou, mas não adiantou nada. Os outros se

juntaram ao meu redor em silêncio.

Roberto parou ao meu lado.

— Sinto muito, Nando, ela se foi — ele disse. — Fique com ela esta noite. Nós a enterraremos pela manhã.

Assenti com a cabeça e envolvi Susy nos meus braços. Agora podia finalmente abraçá-la com toda a força, sem medo de feri-la. Ela ainda estava quente. Seu cabelo era macio contra meu rosto. Mas, quando apertei a bochecha nos seus lábios, não senti mais seu hálito na minha pele. Minha Susy estava morta. Tentei memorizar o que sentia ao abraçá-la, a sensação do seu corpo, o cheiro de seus cabelos. Enquanto pensava em tudo que estava perdendo, a dor se avolumou dentro de mim e meu corpo foi chacoalhado por soluços enormes, revoltosos. Mas, no instante em que a tristeza estava prestes a me esmagar, ouvi, mais uma vez, aquela voz fria, incorpórea, sussurrar no meu ouvido:

Lágrimas são desperdício de sal.

Fiquei acordado a noite inteira, o peito saltando com os soluços, mas não me dei ao luxo de chorar.

Na manhã seguinte, amarramos as longas correias de náilon da bagagem em volta do torso de Susy e a arrastamos da fuselagem para a neve. Eu observei enquanto eles a arrastaram até a cova. Parecia uma brutalidade tratá-la daquela maneira, mas os demais haviam aprendido com a experiência que cadáveres eram pesados, frouxos e muito difíceis de manejar, e aquela era a maneira mais eficiente de movê-los, de modo que aceitei aquele tratamento como normal.

Levamos Susy até o local na neve, à esquerda da fuselagem, onde os outros mortos estavam enterrados. Os corpos congelados estavam claramente à mostra, seus rostos cobertos apenas por alguns centímetros de gelo e neve. Parei diante de uma das valas e reconheci com facilidade as formas vagas do vestido azul de mamãe. Cavei uma cova rasa para minha irmã ao lado dela. Deitei Susy e empurrei seus cabelos para trás. Então a cobri lentamente com punhados de neve cristalizada, deixando seu rosto descoberto até o fim. Ela parecia estar em paz, como se estivesse dormindo sob um grosso cobertor de lã. Olhei para ela uma última vez, minha linda Susy, então joguei delicadamente punhados de neve nas suas faces até seu rosto desaparecer sob os cristais cintilantes.

Depois de terminarmos, os outros caminharam de volta para o interior da fuselagem. Dei meia-volta e olhei para cima, para a encosta da geleira, para as cristas das montanhas que bloqueavam nosso caminho para o oeste. Ainda podia ver o largo corredor que o Fairchild formara na neve ao esquiar encosta abaixo depois de resvalar no pico. Subi aquele caminho até o local exato onde havíamos caído do céu para aquela loucura que era a única realidade que conhecíamos no

momento. Como aquilo pôde acontecer? Éramos garotos a caminho de um jogo! Fui subitamente invadido por uma repulsiva sensação de vazio. Desde os primeiros instantes na montanha, dedicara todo o meu tempo e energia aos cuidados com a minha irmã. Confortá-la havia me dado um propósito e estabilidade. Preenchera minhas horas e distraíra-me da minha própria dor e medo. Agora eu estava terrivelmente sozinho, sem nada para me distanciar daquelas horríveis circunstâncias. Minha mãe estava morta. Minha irmã estava morta. Meus melhores amigos haviam caído do avião durante o voo ou estavam enterrados sob a neve. Estávamos feridos, famintos e congelando. Mais de uma semana se passara e a equipe de resgate ainda não havia nos encontrado. Senti a força bruta das montanhas ao meu redor, vi a completa ausência de calor, compaixão ou ternura da paisagem. Ao compreender, com uma penetrante clareza de pensamento, como estávamos longe de casa, entrei em desespero e, pela primeira vez, tive a certeza de que iria morrer.

Na realidade, eu já estava morto. Minha vida me havia sido roubada. O futuro com o qual sonhara não se concretizaria. A mulher com quem casaria jamais viria a me conhecer. Meus filhos nunca nasceriam. Eu nunca mais desfrutaria o olhar amável da minha avó, ou sentiria o abraço caloroso da minha irmã Graciela. E jamais voltaria para o meu pai. Eu o vi mais uma vez em minha mente, em seu sofrimento, e senti um desejo tão violento de estar com ele que quase caí de joelhos. Silenciei à força a raiva impotente que subiu pela minha garganta e me senti tão arrasado e aprisionado que achei por um instante que iria enlouquecer. Então vi meu pai naquele rio na Argentina, esgotado, derrotado, a um passo de desistir, e lembrei-me das suas palavras desafiadoras: *Decidi não desistir. Decidi que iria sofrer um pouco mais.*

Aquela era minha história favorita, mas percebi naquele instante que ela era mais do que isso: era uma dádiva de sabedoria e força. Por um instante senti meu pai junto de mim. Fui invadido por uma estranha calma. Olhei para as montanhas a oeste e imaginei um caminho que levasse para além delas e de volta para casa. Senti o amor que nutria pelo meu pai me puxando como uma corda salva-vidas, levando-me na direção daquelas encostas áridas. Olhando para o oeste, fiz uma promessa silenciosa a ele. *Eu vou lutar. Eu voltarei para casa. Não deixarei o laço que nos une se partir. Prometo não morrer aqui! Eu não vou morrer aqui!*

Capítulo Quatro

Respire mais uma vez

Nas horas que se seguiram ao enterro de Susy, fiquei sozinho na escuridão da fuselagem, recostado contra a parede inclinada do Fairchild com o meu crânio esmigalhado entre as mãos. Emoções poderosas tomaram de assalto meu coração — descrença, indignação, tristeza e medo — e então, finalmente, um sentimento de aceitação exaurida me atravessou como um suspiro. Estava deprimido e confuso demais para perceber, mas parecia que minha mente estava passando pelos estágios do luto a toda a velocidade. Na minha antiga vida, na vida normal em Montevidéu, a perda da minha irmãzinha teria paralisado minha existência e me deixado emocionalmente abalado por meses. Mas nada mais era normal, e alguma coisa primitiva dentro de mim compreendeu que, naquele lugar impiedoso, eu não podia me dar ao luxo de ficar de luto. Ouvi mais uma vez aquela voz fria e decidida na minha cabeça falar mais alto do que o caos emocional. *Olhe para a frente,* ela dizia. *Poupe suas forças para as coisas que pode modificar. Se ficar preso ao passado, você vai morrer.* Não queria deixar minha tristeza para trás. Sentia falta de Susy comigo na fuselagem, onde eu podia lhe dar conforto e atenção, e a tristeza era a única coisa que ainda me ligava a ela; mas minha opinião não parecia contar. À medida que a longa noite passava e eu lutava contra o frio, a intensidade das emoções começou a diminuir e os sentimentos pela minha irmã simplesmente evaporaram, como os sonhos evaporam quando se acorda. Pela manhã, tudo o que eu sentia era um vazio amargo e insosso, enquanto minha adorada Susy, assim como mamãe e Panchito, rumava para o meu passado, um passado que já começava a me parecer distante e irreal. As montanhas estavam me obrigando a mudar. Minha mente ficava mais fria e simples à medida que se ajustava àquela nova realidade. Comecei a ver a vida como ela deve parecer a um animal lutando pela sobrevivência — um simples jogo de perder ou ganhar, vida ou morte, risco e oportunidade. Os instintos básicos estavam assumindo o controle, suprimindo as emoções complexas e estreitando o foco da minha mente até que toda a minha existência parecesse girar em torno de dois novos princípios organizacionais: a assustadora noção de que eu ia morrer e a necessidade extrema de estar com meu pai.

Nos dias depois da morte de Susy, o amor pelo meu pai foi a única coisa que

me manteve são, e diversas vezes, para me acalmar, eu reafirmava a promessa que fizera diante da cova da minha irmã: de que eu voltaria para ele, mostraria que estava vivo e aliviaria um pouco sua agonia. O desejo de vê-lo encheu meu coração e não houve um instante que eu não o imaginasse em sua dor. Quem o estava confortando? Como ele estava combatendo o desespero? Imaginei-o vagando à noite de um quarto para o outro, ou revirando na cama até a manhã seguinte. Como deveria ser torturante para ele sentir-se tão impotente. Como devia se sentir traído por ter passado a vida toda protegendo e provendo a família que amava para vê-la ser arrancada de si. Ele era o homem mais forte que eu conhecia, mas seria forte o bastante para suportar uma perda daquele tipo? Será que conseguiria manter a sanidade? Ou perderia toda a esperança e vontade de viver? Às vezes, minha imaginação passava dos limites e eu me preocupava que ele pudesse se machucar, escolhendo acabar com seu sofrimento e se juntar àqueles que amava na morte.

Pensar no meu pai dessa forma desencadeava em mim uma explosão tão radiante e urgente de amor que me deixava estupefato. Não conseguia suportar a ideia de que ele sofresse um segundo a mais. No meu desespero, direcionava uma raiva silenciosa aos enormes picos que assomavam sobre o local da queda, bloqueando o caminho para o meu pai e prendendo-me naquele lugar perverso onde eu não podia fazer nada para aliviar sua dor. Aquela frustração claustrofóbica me atormentou até que, como um homem enterrado vivo, comecei a entrar em pânico. Um medo visceral preenchia cada instante, como se a terra sob meus pés fosse uma bomba-relógio que pudesse explodir a qualquer momento; como se eu estivesse vendado diante de um pelotão de fuzilamento, esperando que as balas varassem meu peito. A aterradora sensação de vulnerabilidade — a certeza de que a morte estava a instantes de distância — jamais cessou. Ela permeou cada momento que passei na montanha. Tornou-se o pano de fundo de cada pensamento e conversa. E gerou em mim uma urgência obsessiva de fugir. Lutei contra esse medo da melhor maneira que pude, tentando me acalmar e pensar com clareza, mas houve momentos em que o instinto animal ameaçou vencer a razão, e tive que usar de todas as minhas forças para não sair em disparada, às cegas, pela cordilheira.

Num primeiro momento, a única maneira que encontrei de silenciar esses medos foi imaginar a equipe de resgate chegando para nos salvar. Nos primeiros dias do suplício, todos nos agarrávamos a essa esperança. Marcelo a alimentou com sua convicção, mas à medida que os dias passavam e a ausência da equipe de resgate se tornava mais difícil de explicar, Marcelo, um católico fervoroso, passou a confiar cada vez mais nas crenças que sempre haviam moldado sua vida. “Deus nos ama”, ele dizia. “Não nos pediria para suportar tamanho

sofrimento para em seguida nos dar as costas e permitir que morrêssemos uma morte sem sentido.” Nosso papel não era nos perguntarmos por que Deus estava nos testando tão severamente, Marcelo insistia. Nossa obrigação — com Deus, com a nossa família e uns com os outros — era sobreviver momento a momento, aceitar nossos medos e nossa agonia, e estar vivos quando a equipe de resgate finalmente nos encontrasse.

As palavras de Marcelo surtiam um efeito poderoso nos demais, que, em sua maioria, aceitavam seus argumentos sem questionar. Eu queria muito acreditar em Marcelo, mas, à medida que o tempo passava, não podia calar as dúvidas que cresciam na minha cabeça. Supúnhamos desde o início que as autoridades sabiam aproximadamente onde nosso avião caíra. Dizíamos a nós mesmos que eles deviam saber nossa rota pelas montanhas e, com certeza, os pilotos haviam feito transmissões de rádio pelo caminho. A equipe de resgate precisava apenas fazer uma busca pela rota de voo a partir do último local de transmissão. Qual era a dificuldade em localizar os destroços de uma aeronave grande caída a olhos vistos em uma geleira a céu aberto?

Certamente, pensei, uma busca intensiva teria nos achado àquela altura, e o fato de a equipe de regaste não ter chegado forçou-me a considerar duas horríveis conclusões: ou eles fizeram uma ideia errada de onde havíamos caído e estavam nos procurando em outra parte da cordilheira, ou não tinham a menor noção de onde estávamos nas montanhas e nenhuma maneira eficiente de estreitar a busca. Lembro-me de como as montanhas eram ermas quando passamos pelo passo El Planchón; todas aquelas ravinas íngremes precipitando-se por milhares de metros pelas encostas de inúmeros picos negros e sinuosos, nada além de mais e mais encostas e cristas até onde a visão alcançava. Esses pensamentos levaram-me a uma conclusão terrível: *Eles não nos encontraram porque não fazem ideia de onde estamos, e se não sabem nem ao menos aproximadamente nossa localização, jamais irão nos encontrar.*

No início, não compartilhei com ninguém esses pensamentos, dizia a mim mesmo que não queria frustrar as esperanças dos meus colegas. Mas talvez meus motivos não fossem tão altruístas. Talvez não quisesse revelar meus sentimentos por temer que isso os tornasse realidade. Quando toda a esperança está perdida, a mente nos protege através da negação, e minha negação me impedia de encarar o que eu sabia. Apesar de todas as minhas dúvidas em relação à possibilidade de resgate, desejava o mesmo que os outros — que alguém surgisse para me tirar daquele inferno, me levar para casa e devolver minha vida. Não importava quanto meus instintos me instigassem a abandonar a confiança, eu não me permitia fechar a porta da possibilidade de um milagre. Ignorando o desespero da nossa situação, meu coração continuava a nutrir esperança com a mesma

naturalidade com que continuava a bater. De modo que rezava todas as noites com os demais, rogando a Deus que apressasse a vinda da equipe de resgate. Tentava ouvir o zumbido oscilante dos helicópteros se aproximando. Concordei com a cabeça quando Marcelo pediu que todos mantivéssemos a fé. Ainda assim, minhas dúvidas não cessavam e em todos os momentos de silêncio minha mente derivava para o oeste, para os picos maciços que nos encurralavam. Sempre que isso acontecia, uma torrente de perguntas terríveis irrompia no meu cérebro. *E se tivermos que escalar sozinhos as montanhas para sairmos daqui? Eu pensava. Será que tenho força o suficiente para sobreviver a uma viagem por toda essa aridez? Quão íngremes são as encostas? Quanto frio faz à noite? Existe apoio estável para os pés? Que caminho devo tomar? O que vai acontecer se eu cair? E sempre: O que está a oeste, por trás daqueles picos negros?*

Sempre soube, no meu íntimo, que éramos nós que tínhamos que nos salvar. Por fim, comecei a falar dessa crença para os demais e, quanto mais falava dela, mais obcecado ficava pela ideia da escalada. Examinei a ideia de todos os ângulos possíveis. Comecei a ensaiar minha fuga com tanto ardor e frequência que meus devaneios logo se tornaram tão reais quanto um filme rodando na minha cabeça. Via-me escalando as encostas brancas na direção dos topos negros, visualizando cada frágil cavidade na neve, testando a estabilidade de cada rocha antes de agarrá-la, estudando cada um dos posicionamentos calculados dos meus pés. Eu seria fustigado por ventos glaciais, enquanto o ar rarefeito me deixaria ofegante na luta contra a neve que bateria na cintura. No meu devaneio, cada passo da subida é uma agonia, mas eu não paro, batalho para subir até chegar finalmente ao topo e olhar para o oeste. Um vale largo se descortina diante de mim, inclinando-se na direção do horizonte. Nas proximidades, vejo que os campos de neve dão lugar a um remendo marrom e verde — é o plantio que cobre o terreno do vale. A plantação é cortada por finas linhas cinza e noto que essas linhas são estradas. Desço a encosta ocidental e caminho por horas em um terreno pedregoso até alcançar uma daquelas vias e, em seguida, sigo para o oeste pela superfície plana de asfalto. Pouco tempo depois, ouço o ressoar de um caminhão vindo. Aceno para o espantado motorista. Ele fica de orelha em pé com aquele estranho desesperado, pedindo carona no meio do nada. Tenho que fazê-lo compreender a situação e sei exatamente o que dizer:

Vengo de un avión que cayó en las montañas...

Venho de um avião que caiu nas montanhas...

Ele entende e me deixa subir na cabine. Viajamos rumo ao oeste, passando pelas terras verdes das fazendas, onde encontro um telefone público. Teclo o

número de papai e, numa questão de segundos, ouço seus soluços espantados ao reconhecer minha voz. Um ou dois dias depois, nos encontramos e vejo a expressão nos seus olhos — um pouco de alegria brilhando através de toda aquela tristeza. Não diz nada, apenas fala meu nome. Sinto-o desmoronar quando o abraço...

Como um mantra ou um mito pessoal, esse sonho logo se tornou minha pedra de toque, minha âncora, e eu o alimentei e poli até que ele brilhasse em minha mente como uma joia. Muitos achavam que eu estava louco, que escalar a cordilheira era impossível, mas, à medida que a fantasia da fuga se tornou mais clara, a promessa que fiz ao meu pai assumiu a força de um chamado sagrado. Ela deu um foco à minha mente, transformou meus medos em motivação e trouxe-me um senso de direção e propósito nobre que me tirou do fosso negro do desamparo em que eu me prostrara desde a queda. Esforçava-me todas as noites para ouvir o som distante dos helicópteros se aproximando da cordilheira. Mas quando nenhuma dessas medidas conseguia me acalmar, quando meus medos ficavam tão violentos que eu achava que eles me levariam à loucura, fechava os olhos e pensava no meu pai. Renovava minha promessa a ele e, na minha mente, começava a escalada.

Depois da morte de Susy, sobraram 27 sobreviventes. Muitos haviam sofrido escoriações e lacerações, mas, considerando as forças desencadeadas pelo acidente e o fato de que havíamos passado por três impactos fortes em alta velocidade, era um milagre que tão poucos estivessem gravemente feridos. Alguns haviam escapado quase sem nenhum arranhão. Roberto e Gustavo sofreram apenas ferimentos leves. Outros, incluindo Liliana, Javier, Pedro Algorta, Moncho Sabella, Daniel Shaw, Bobby François e Juan Carlos Menendez — ex-aluno do Stella Maris e amigo de Pancho Delgado — também sofreram apenas alguns cortes e arranhões. Aqueles com ferimentos mais graves, como Delgado e Alvaro Mangino, que quebrara ambas as pernas, estavam se recuperando e já conseguiam manquejar pelo local da queda. Antonio Vizintin, que quase sangrou até a morte por conta de um braço dilacerado, recobrava rapidamente as forças. Fito Strauch e seu primo Eduardo haviam perdido os sentidos no impacto final, mas recuperaram-se sem demora. Somente três sobreviventes haviam sofrido ferimentos verdadeiramente graves. O ferimento na minha cabeça foi uma das piores lesões sofridas no acidente, mas as lascas do crânio já começavam a se ligar de volta, o que nos deixava com apenas duas pessoas gravemente feridas: Arturo Nogueira, com fraturas múltiplas em ambas as pernas, e Rafael Echavarren, cujo músculo da panturrilha fora arrancado do osso. Ambos enfrentavam dores terríveis e constantes, e observá-los agonizando

foi um dos maiores horrores que tivemos que encarar.

Fizemos o possível por eles. Roberto montou camas para os dois, redes de dormir simples, feitas de hastes de alumínio e correias de náilon resistentes que salváramos do bagageiro. Suspensos nas redes, Rafael e Arturo estavam livres da agonia de dormir com o resto de nós naquele inquieto amontoado humano no chão da fuselagem, onde o mínimo esbarrão causaria neles uma dor excruciante. Nas redes eles não podiam mais compartilhar do calor dos corpos misturados, e sofriam mais com o frio. Mas para eles o frio, por mais cruel que fosse, era um tormento menor do que a dor.

Rafael não fazia parte do Old Christians, mas tinha amigos na equipe que o convidaram para a viagem. Eu não o conhecia antes do voo, mas notara-o no avião. Ria alto com os amigos e me pareceu um sujeito amigável e sincero. Gostei dele imediatamente e gostava ainda mais ao ver como ele suportava a dor. Roberto ficou atento aos ferimentos de Rafael e tratou deles da melhor maneira possível, mas nossos suprimentos médicos eram risíveis e não havia muito a fazer. Roberto trocava os curativos empapados de sangue todos os dias e jogava nas feridas um pouco da água-de-colônia que havia encontrado, na esperança de que o álcool evitasse a infecção. Mas os ferimentos de Rafael vazavam pus constantemente e a pele de sua perna já estava ficando preta. Gustavo e Roberto suspeitavam que ela estava gangrenando, mas Rafael jamais se deixou cair na autocomiseração. Em vez disso, manteve a coragem e o bom humor, mesmo com o veneno correndo pelo seu sistema e com a carne da perna apodrecendo diante dos seus olhos. “Eu sou Rafael Echavarren!”, gritava todas as manhãs, “e não vou morrer aqui!” Rafael não se entregava, independentemente da dor que sentia, e todas as vezes que o ouvia dizer essas palavras sentia-me mais forte.

Arturo, por outro lado, era um rapaz mais calado e sério. Era um colega de time, um abertura da escalação principal do Old Christians. Não éramos muito íntimos antes da queda, mas a coragem com a qual Arturo suportou seu sofrimento me aproximou dele. Como Rafael, ele deveria estar em uma UTI, com especialistas atendendo-o 24 horas por dia. Mas estava nos Andes, balançando em uma rede improvisada, sem antibióticos ou analgésicos, tendo somente dois calouros de medicina e um bando de garotos inexperientes à sua disposição. Pedro Algorta, outro torcedor, era especialmente próximo de Arturo, e passou muitas horas com o amigo, trazendo-lhe comida e água e tentando distraí-lo da dor. Os demais nos revezávamos para ficar com ele, como fazíamos com Rafael. Eu sempre aguardava ansiosamente pelas minhas conversas com Arturo. No começo, conversávamos mais sobre *rúgbi*. O chute é muito importante no jogo — um chute bem dado pode mudar o rumo de uma partida —, e Arturo era o chutador mais forte e preciso do nosso time. Eu o recordava

dos grandes chutes que ele dera em momentos cruciais das nossas partidas e perguntava como conseguira mandar a bola tão longe e com tanta precisão. Acredito que Arturo gostava dessas conversas. Ele tinha orgulho da sua habilidade como chutador e tentou muitas vezes me ensinar suas técnicas deitado na rede. Às vezes se esquecia da sua situação e tentava demonstrar um chute com uma das pernas quebradas, o que o fazia se encolher de dor e nos lembrava de onde estávamos.

Mas quando passei a conhecer melhor Arturo, nossas conversas foram muito além dos esportes. Arturo era diferente de nós. Para começar, era um socialista fervoroso, e suas visões inflexíveis sobre o capitalismo e a busca por riqueza individual faziam dele uma espécie de peixe fora d'água no mundo de fartura e privilégio em que a maior parte de nós havia sido criada. Alguns dos rapazes achavam que era tudo pose — vestir-se com roupas esfarrapadas e ler filosofia marxista só para ser do contra. E Arturo não era uma pessoa fácil de lidar. Podia ser incisivo e veemente em suas opiniões, e isso irritava alguns dos rapazes, mas assim que comecei a compreendê-lo um pouco, passei a admirar sua maneira de pensar. Não era a política que me atraía — naquela idade, política nem passava pela minha cabeça. O que me fascinava em Arturo era a seriedade com a qual ele vivia a vida e a paixão arrebatadora com a qual aprendera a pensar por conta própria. Arturo se interessava por coisas importantes, pelas questões de igualdade, justiça, compaixão e honestidade. Não tinha medo de questionar nenhuma das regras da sociedade convencional, ou condenar nosso sistema de governo e economia, que ele acreditava servir aos poderosos à custa dos fracos.

As opiniões fortes de Arturo incomodavam muitas das pessoas ali, e quase sempre levavam a discussões acaloradas sobre história, política ou assuntos atuais, mas eu estava sempre disposto a ouvir o que ele tinha a dizer e ficava especialmente intrigado com suas ideias sobre religião. Como a maioria dos sobreviventes, eu havia sido criado como um católico tradicional e, embora não fosse exatamente um praticante devoto, jamais duvidara dos ensinamentos fundamentais da Igreja. No entanto, conversar com Arturo obrigou-me a confrontar minhas crenças religiosas e a analisar princípios e valores que jamais questionara.

— Como você pode ter tanta certeza de que, de todos os livros sagrados do mundo, aquele que você foi ensinado a acreditar é a única palavra autêntica de Deus? — ele perguntava. — Como você sabe que a sua ideia de Deus é a única correta? Nós somos católicos porque os espanhóis chegaram e conquistaram os índios daqui, e então substituíram o deus dos índios por Jesus Cristo. Se os mouros tivessem conquistado a América do Sul, estaríamos rezando para Maomé em vez de Jesus.

As ideias de Arturo me perturbavam, mas seu raciocínio era convincente. E me fascinava o fato de ele ser, apesar de seu ceticismo religioso, uma pessoa muito espiritual, que percebeu minha raiva contra Deus e insistiu que eu não desse as costas a Ele por conta do nosso sofrimento.

— De que nos serve Deus? — respondi. — Por que ele deixaria minha mãe e minha irmã morrerem tão insensivelmente? Se Ele nos ama tanto, por que nos deixa aqui para sofrer?

— Você está com raiva do Deus em que o ensinaram a acreditar quando era criança — respondeu Arturo. — O Deus que devia olhar por você e protegê-lo, que atende às suas preces e perdoa seus pecados. Este Deus é só uma história. As religiões tentam apreender Deus, mas Deus está além da religião. O verdadeiro Deus está além da nossa compreensão. Não podemos entender Seus desígnios; Ele não pode ser explicado em um livro. Ele não nos abandonou e não vai nos salvar. Ele não tem nada a ver com o fato de estarmos aqui. Deus não muda, Ele simplesmente é. Não rezo para Deus em busca de perdão ou de favores, rezo apenas para estar mais perto Dele e, nas minhas orações, encho meu coração de amor. Quando rezo dessa maneira, sei que Deus é amor. Quando sinto esse amor, lembro-me de que não precisamos de anjos ou do paraíso, pois já somos parte de Deus.

Balancei a cabeça.

— Eu tenho tantas dúvidas — disse. — Sinto que conquistei o direito à dúvida.

— Acredite nas suas dúvidas — disse Arturo. — Se você tem coragem de duvidar de Deus e questionar todas as coisas que lhe ensinaram sobre Ele, então talvez possa encontrar o Deus verdadeiro. Ele está perto de nós, Nando. Sinto Sua presença ao nosso redor. Abra os olhos e você O verá também.

Olhei para Arturo, aquele jovem socialista ardoroso deitado em sua rede com as pernas quebradas como gravetos e os olhos brilhando de fé e ânimo, e senti uma grande onda de afeto por ele. Suas palavras me tocaram profundamente. Como um rapaz tão jovem pôde vir a se conhecer tão bem assim? Conversar com Arturo obrigou-me a encarar o fato de que jamais levara a vida a sério. Subestimei tantas coisas, gastando minha energia com garotas, carros e festas, passando tão despreocupadamente pelos meus dias. Afinal de contas, qual era a pressa? Poderia resolver tudo amanhã. Sempre havia um amanhã...

Ri sozinho, com tristeza, pensando: *Se existe um Deus, e se Ele queria minha atenção, certamente a conseguiu.* Muitas vezes me debruçava sobre Arturo com o braço sobre seu peito para aquecê-lo. À medida que ouvia sua respiração ritmada e sentia seu corpo se retesar em intervalos regulares por conta da dor, dizia a mim mesmo: *Eis um homem de verdade.*

Havia outros cuja coragem e altruísmo também me inspiravam. Enrique Platero, que tivera o abdome empalado por um cano no impacto final, foi capaz de ignorar sua ferida como se fosse um arranhão e se tornar um dos nossos mais dedicados ajudantes, ainda que uma semana após o acidente um pedaço do seu intestino ainda saltasse do ferimento na barriga. Sempre gostara de Enrique. Admirava seu respeito pelos pais, o afeto que claramente nutria pela família, que ia a todos os seus jogos. Enrique, que jogava como pilar, não era um jogador exibido, mas exercia uma presença firme e confiável em campo, sempre a postos, não poupando esforços para nos ajudar a vencer. Ele era o mesmo na montanha. Sempre fez o que lhe pediam, jamais reclamou ou caiu em desespero e, embora fosse uma presença muito discreta na fuselagem, sabíamos que ele sempre faria todo o possível para nos ajudar a sobreviver.

A força de Gustavo Nicholich, que chamávamos de Coco, também me impressionava. Coco era um *forward* de terceira linha no Old Christians. Rápido, forte e um excelente *tackler*, era um jogador durão, mas era também afetuoso e tinha um ótimo senso de humor. Marcelo botara Coco a cargo da equipe de limpeza, que era composta em sua maioria pelos rapazes mais jovens do grupo — Alvaro Mangino, Coche Inciarte, Bobby François e outros. O trabalho deles era deixar a fuselagem o mais arrumada possível, arejar todas as manhãs as almofadas nas quais dormíamos e dispô-las no chão da aeronave à noite. Coco se certificava de que os membros da sua equipe levassem as responsabilidades a sério, mas sabia também que, ao mantê-los ocupados, afastava suas mentes do medo. Enquanto dava ordens aos rapazes, ele os animava contando piadas e histórias. Quando alguém ria, geralmente era por causa de Coco. O som de risadas naquelas montanhas era como um milagre, e eu o admirava pela coragem de alegrar tantos espíritos, mesmo estando tão esgotado e amedrontado quanto o resto de nós.

E fiquei especialmente impressionado com a força e a coragem de Liliana Methol. Liliana, de 35 anos, era esposa de Javier Methol, que, aos 38, era o mais velho sobrevivente. Liliana e Javier eram muito próximos e afetuosos um com o outro. Eram ambos torcedores fanáticos do time, mas para eles a viagem era também uma breve escapadela romântica, uma chance de aproveitar um raro fim de semana juntos, longe dos quatro filhos pequenos que haviam deixado com os avós em casa. Imediatamente após a queda, Javier foi acometido de um caso grave de indisposição por conta da altitude, que o deixou em um estado permanente de náusea e fadiga profunda. Seu raciocínio estava lento e confuso, e tudo que conseguia fazer era manquejar pelo local da queda num semiestupor. Liliana passava boa parte do tempo tomando conta de Javier, mas também encontrou tempo para ser a enfermeira incansável de Roberto e Gustavo e foi de

grande ajuda para os dois no cuidado com os feridos.

Depois da morte de Susy, Liliana era a única sobrevivente do sexo feminino e, no começo, a tratamos com condescendência, insistindo que ela dormisse com os mais gravemente feridos no bagageiro do Fairchild, que era a parte mais quente do avião. Ela acatou por algumas noites somente, e então nos disse que não iria mais aceitar aquele tipo de tratamento especial. Daquele momento em diante, passou a dormir na parte principal da fuselagem conosco, onde juntava os meninos mais novos ao seu redor, fazendo o melhor para confortá-los e mantê-los aquecidos. “Cubra a cabeça, Coche”, ela dizia, enquanto ficávamos deitados na penumbra à noite, “você está tossindo muito, o frio está irritando sua garganta. Bobby, você está bem aquecido? Quer que eu esfregue seus pés?”. Estava constantemente preocupada com as crianças que deixara em casa, mas ainda tinha a bravura e o amor necessários para servir de mãe para aqueles meninos assustados que estavam tão longe de suas famílias. Ela se tornou uma segunda mãe para todos nós, e era tudo que se podia desejar de uma: forte, terna, amorosa, paciente e muito corajosa.

Mas as montanhas me mostraram que havia várias formas de bravura e, para mim, mesmo os mais inativos entre nós demonstraram grande coragem simplesmente sobrevivendo um dia após o outro. Todos contribuíam, com sua simples presença e com a força de suas personalidades, para a sensação de comunidade e propósito em comum que nos protegia um pouco da brutalidade e da desumanidade que nos cercava. Coche Inciarte, por exemplo, nos oferecia sua inteligência rápida e irreverente e seu sorriso afetuoso. Carlitos era uma fonte de otimismo e bom humor constantes. Pedro Algorta, amigo íntimo de Arturo, era um pensador nada convencional, extremamente obstinado e muito inteligente, e eu gostava de conversar com ele à noite. Eu era especialmente protetor em relação a Alvaro Mangino, um afetuoso e calmo torcedor do time que era um dos garotos mais jovens do avião, e sempre procurava um lugar para dormir ao seu lado. Se não fosse por Diego Storm, que me puxara do frio durante o coma, eu certamente teria morrido congelado ao lado de Panchito. Daniel Fernandez, outro primo de Fito, era uma presença firme e sensata na fuselagem e nos ajudou a afastar o pânico. Pancho Delgado, um estudante de direito perspicaz e articulado e um dos maiores defensores de Marcelo, ajudou a manter nossas esperanças vivas com suas afirmações eloquentes de que o resgate estava a caminho. E havia também Bobby François, cuja recusa franca, quase jovial, em lutar pela vida conquistou a todos nós. Bobby parecia incapaz de cuidar de si mesmo das maneiras mais básicas — se as cobertas saíssem de cima dele à noite, por exemplo, ele não faria o menor esforço para voltar a se cobrir. Assim, todos tomamos conta de Bobby, fazendo o possível para evitar que ele congelasse,

verificando se seus pés estavam com feridas, certificando-nos de que ele saísse da cama pela manhã. Todos os rapazes faziam parte da nossa família nas montanhas, contribuindo, da forma que podiam, na nossa luta comum.

Mas apesar de todos os tipos diferentes de coragem que eu enxergava ao meu redor, fosse ela explícita ou sutil, sabia que cada um de nós vivia cada instante apavorado, e via cada sobrevivente lidar com esses medos da sua própria maneira. Alguns os desafogavam através da raiva, esbravejando contra o destino por nos ter prendido ali, ou contra as autoridades pela lentidão do resgate. Outros imploravam a Deus por respostas e pediam por um milagre. E muitos estavam tão incapacitados pelo medo, por todas as forças que se uniam tão cruelmente contra nós, que entraram em desespero. Era preciso forçá-los a trabalhar e, mesmo assim, só podíamos confiar-lhes as tarefas mais simples. A cada dia que passava, pareciam se retrair cada vez mais, ficando mais e mais deprimidos e indiferentes, até que alguns se tornaram tão apáticos que passavam o dia inteiro deitados no mesmo local em que haviam dormido, esperando pelo resgate ou pela morte, o que viesse primeiro. Sonhavam com seus lares e rezavam por milagres, mas à medida que desfaleciam nas sombras da fuselagem, torturados pelo medo da morte, com os olhos opacos e fundos, já estavam se tornando fantasmas.

Aqueles fortes o bastante para trabalhar nem sempre eram tolerantes com esses meninos. Com todas as pressões que enfrentávamos, às vezes era difícil não pensar neles como covardes ou parasitas. A maior parte não estava gravemente ferida e nos irritava o fato de eles não serem capazes de angariar forças para se unirem a nós na nossa luta pela sobrevivência. “Mexam-se!”, gritávamos. “Façam alguma coisa! Vocês ainda não estão mortos!” Essa discórdia emocional entre os batalhadores e os desiludidos causou uma cisão em potencial na nossa pequena comunidade que poderia ter levado a conflitos, crueldade e até mesmo violência. Mas, de alguma forma, isso nunca aconteceu. Jamais chegamos a ponto de recriminar ou culpar uns aos outros. Talvez tenha sido por conta dos anos juntos no campo de rúgbi. Talvez a Irmandade Cristã tenha nos ensinado bem. Seja como for, fomos capazes de refrear nossos ressentimentos e batalhar como uma equipe. Aqueles que tinham a coragem e a força física necessárias faziam o que tinha que ser feito. Os mais fracos e os feridos simplesmente resistiam. Tentávamos forçá-los a agir, às vezes mandávamos neles, mas jamais os desprezamos ou os abandonamos à sua própria sorte. Entendíamos intuitivamente que ninguém naquele lugar terrível podia ser julgado pelos padrões do mundo normal. Os horrores que enfrentamos eram esmagadores e não havia como saber como reagiríamos individualmente a eles. Naquele lugar, mesmo a simples sobrevivência exigia um esforço heroico, e

aqueles meninos estavam travando suas próprias batalhas nas sombras, de modo que nos certificamos de que todos tivessem comida e agasalhos para vestir. Nas horas mais frias da noite, massageávamos seus pés para evitar que congelassem. Nós nos assegurávamos de que eles se cobrissem bem à noite e derretíamos água para eles quando não conseguiam juntar o otimismo necessário para sair e respirar ar fresco. E, acima de tudo, mantivemos o companheirismo durante aquele sofrimento. Já havíamos perdido muitos amigos. Cada vida era preciosa para nós. Faríamos todo o possível para ajudar nossos amigos a sobreviver.

"Respire mais uma vez", falávamos aos mais fracos quando o frio, ou seus medos, ou o desespero os levavam às raias da capitulação. "Viva por mais uma respiração. Enquanto estiver respirando, você estará lutando para sobreviver." Na verdade, todos na montanha estávamos vivendo de fôlego em fôlego, e lutando para encontrar a determinação para resistir entre uma batida do coração e outra. Sofríamos a todo instante, e de diversas maneiras, mas nossa maior fonte de sofrimento era sempre o frio. Nossos corpos nunca conseguiram se acostumar às temperaturas glaciais — nenhum corpo humano conseguiria. Ainda era inverno nos Andes, e muitas vezes as tempestades de neve duravam dias e noites inteiros, nos prendendo dentro do avião. Mas nos dias de tempo aberto o sol forte da montanha saía e passávamos o maior tempo possível fora da fuselagem, absorvendo os raios quentes. Chegávamos a arrastar alguns dos assentos do Fairchild para fora e os arrumávamos na neve como cadeiras de praia para sentarmos enquanto nos aquecíamos. Mas o sol logo mergulhava atrás das encostas ocidentais e, no que parecia uma questão de segundos, o céu azul cintilante ficava violeta-escuro, estrelas apareciam e sombras se derramavam pela encosta, vindo na nossa direção como uma onda. Sem o sol para aquecer o ar rarefeito, a temperatura despencava e nos retirávamos para o abrigo da fuselagem para nos prepararmos para mais uma noite de sofrimento.

O frio de alta altitude é agressivo e malévolo. Ele queima e corta, invade cada célula do seu corpo, esmaga você com uma força que parece capaz de partir os ossos. A fuselagem exposta ao vento nos protegia das rajadas que teriam nos matado, mas, ainda assim, o ar dentro do avião era perversamente gelado. Tínhamos isqueiros e podíamos acender uma fogueira com facilidade, mas havia muito pouco material inflamável na montanha. Queimamos todo o dinheiro em papel que tínhamos — cerca de $7.500 viraram fumaça — e achamos pedaços de madeira no avião para alimentar duas ou três fogueiras pequenas, mas elas se consumiam com muita rapidez e o breve luxo do calor só fazia com que o frio parecesse pior quando as chamas se apagavam. No mais das vezes, nossa melhor defesa contra o frio era nos enroscarmos nas almofadas arrancadas dos assentos que havíamos espalhado pelo chão e nos enrolarmos nos nossos cobertores finos,

na esperança de acumular calor suficiente uns dos outros para sobreviver por mais uma noite. Eu ficava deitado no escuro por horas, com os dentes batendo violentamente e o corpo tremendo tanto que os músculos do pescoço e dos ombros saltavam num espasmo constante. Protegíamos com muito cuidado as extremidades do corpo, de modo que eu sempre dormia com as mãos embaixo das axilas e com os pés sob o corpo de outra pessoa. Ainda assim, o frio fazia com que meus dedos parecessem ter sido golpeados por uma clava. Às vezes, quando temia que o sangue estivesse se congelando nas veias, pedia aos outros para socarem meus braços e pernas para estimular a circulação. Sempre dormia com um cobertor sobre a cabeça para preservar o calor da minha respiração. Outras vezes, deitava com a cabeça próxima ao rosto do rapaz ao meu lado para roubar um pouco da respiração, um pouco do calor dele. Conversávamos algumas noites, mas era difícil com os dentes batendo e os queixos tremendo no ar gelado. Muitas vezes, tentava me distrair da minha agonia rezando ou pensando em meu pai em casa, mas não conseguia ignorar o frio por muito tempo. Às vezes não havia nada a fazer a não ser se entregar ao sofrimento e contar os segundos até a manhã. Frequentemente, nesses momentos de desespero, tinha certeza de que estava enlouquecendo.

O frio sempre foi nossa maior agonia, mas, nos primeiros dias do suplício, a maior ameaça que enfrentamos foi a sede. Em altas altitudes, o corpo desidrata cinco vezes mais rápido do que ao nível do mar, por conta, principalmente, dos baixos níveis de oxigênio na atmosfera. Para extrair oxigênio suficiente do ar seco da montanha, o corpo se força a respirar muito rápido. Essa reação é involuntária; muitas vezes você arqueja só de ficar parado. O aumento da inalação traz mais oxigênio para a corrente sanguínea, mas todas as vezes que você inspira, precisa expirar, e a cada expiração perde-se umidade preciosa. Ao nível do mar, um ser humano pode sobreviver por uma semana ou mais sem água. Nos Andes, a margem de segurança é muito menor, e a cada respiração a morte se aproxima.

Sem dúvida não faltava água nas montanhas — estávamos em uma geleira coberta de neve, cercados por milhões de toneladas de H_2O congelada. Nosso problema era tornar a neve potável. Alpinistas bem equipados carregam pequenos fogareiros para derreter a neve, transformando-a em água potável, e bebem água constantemente — litros por dia — para manterem-se hidratados. Nós não tínhamos fogareiros e nenhum meio eficiente de derreter neve. No começo, simplesmente enfiávamos punhados de neve na boca e tentávamos comê-los, mas depois de poucos dias nossos lábios estavam tão rachados, feridos e em carne viva por conta do frio seco que forçar montes de neve goela abaixo se tornou um sofrimento insuportável. Descobrimos que se fizéssemos uma bola

com a neve e a aquecêssemos em nossas mãos podíamos sugar as gotas d'água à medida que ela derretia. Também derretíamos neve agitando-a em garrafas de vinho vazias e a sorvíamos de qualquer poça que achávamos. Por exemplo, a neve em cima da fuselagem derretia com o sol, fazendo a água pingar do para-brisa do avião e se acumular no pequeno tubo de alumínio que mantinha sua base no lugar. Nos dias de sol, fazíamos fila e esperávamos nossa vez de chupar um pouco d'água do tubo, mas ela nunca era suficiente para aplacar nossa sede. Na realidade, nenhuma das nossas tentativas de produzir água potável gerava líquido suficiente para combater a desidratação. Estávamos enfraquecendo, ficando letárgicos e morrendo lentamente de sede. Precisávamos descobrir rapidamente uma maneira de derreter neve e, graças à inventividade de Fito, encontramos uma.

Numa manhã ensolarada, sentado do lado de fora da fuselagem, sedento como o resto de nós, Fito notou que o sol estava derretendo a fina camada de gelo que se formava todos os dias na neve. Teve então uma ideia. Revirou a pilha de destroços que havia sido arrastada para fora da fuselagem e logo encontrou, debaixo do estofado de um assento destruído, uma pequena placa retangular de alumínio fino. Dobrou as extremidades da placa, transformando-a numa bacia rasa, e envergou uma das pontas, formando um bico. Então encheu a bacia de neve e colocou-a sob o sol quente. A neve logo começou a derreter e a água a pingar continuamente do bico. Fito recolheu a água com uma garrafa e, quando os demais viram como sua invenção funcionava bem, juntaram mais placas de alumínio — havia uma em cada assento — e moldaram-nas da mesma forma. Marcelo ficou tão impressionado com as engenhocas de Fito que formou uma equipe de meninos cuja principal responsabilidade era cuidar delas, certificando-se de que tivéssemos um estoque constante de água. Não conseguíamos produzir tanto quanto precisávamos de fato, e nossa sede nunca foi aplacada, mas o engenho de Fito nos forneceu hidratação suficiente para nos mantermos vivos. Estávamos segurando as pontas. Através de esperteza e cooperação, havíamos encontrado maneiras de evitar que o frio e a sede nos matassem, mas logo encaramos um problema que a inteligência e o trabalho em equipe não podiam resolver. Nosso estoque de comida estava minguando. Começávamos a passar fome.

Nos primeiros dias do suplício, a fome não era um grande problema para nós. O frio e o choque mental que suportamos, juntamente com a depressão e o medo que todos sentíamos, reduziram nosso apetite. E como estávamos convencidos de que a equipe de resgate nos encontraria em breve, não nos importávamos em passar com as rações parcas que Marcelo distribuía. Mas o resgate não veio.

Certa manhã, perto do fim da nossa primeira semana nas montanhas, vi-me

parado do lado de fora da fuselagem, olhando para o solitário amendoim coberto de chocolate na palma da minha mão. Nosso estoque se esgotara, essa era a última porção de comida que eu receberia, e com um desespero triste, quase mesquinho, estava determinado a fazê-la durar. No primeiro dia, chupei lentamente o chocolate do amendoim e o enfiei em seguida no bolso da calça. No segundo dia, separei cuidadosamente o amendoim em dois, deixando uma metade no bolso e botando a outra na boca. Fiquei horas chupando-a paulatinamente, permitindo-me uma mordiscada de vez em quando. Fiz a mesma coisa no dia seguinte, e quando finalmente mordi o último pedaço não havia absolutamente mais nada para comer.

Em altas altitudes, as necessidades calóricas do corpo são astronômicas. Um alpinista que escalasse as montanhas ao redor do local da queda gastaria até 15 mil calorias por dia simplesmente para manter seu peso atual. Não era nosso caso, mas, mesmo assim, naquela altitude tão elevada nossas necessidades calóricas eram muito maiores do que seriam em casa. Desde a queda, mesmo antes do término do nosso estoque de comida, não consumíamos mais do que algumas centenas de calorias por dia. E já fazia dias que nosso consumo baixara a zero. Quando embarcamos no avião em Montevidéu, éramos jovens robustos e vigorosos, a maioria atletas em sua melhor condição física. Mas, naquela altura, eu via os rostos dos meus amigos ficarem magros e chupados. Seus movimentos eram lentos e claudicantes, e via-se um esgotamento em seus olhos. Estávamos literalmente definhando, e não havia esperanças de encontrar comida, mas nossa fome se tornou tão voraz que procuramos da mesma forma. Ficamos obcecados pela busca de alimento, mas o que nos impulsionava não era nada parecido com o apetite comum. Quando o cérebro reconhece o começo da inanição — ou seja, quando percebe que o corpo começou a consumir sua própria carne e tecidos —, ele libera uma onda de emergência de adrenalina tão vibrante e poderosa quanto o impulso que leva um animal a fugir de um predador. Os instintos selvagens haviam assumido o controle, e era mais o medo do que a fome que nos levava a procurar tão freneticamente por comida. Reviramos diversas vezes a fuselagem em busca de migalhas e farelos. Tentamos comer tiras de couro arrancadas de pedaços da bagagem, embora soubéssemos que os produtos químicos usados no tratamento do couro nos fariam mais mal do que bem. Abrimos as almofadas dos assentos na esperança de encontrar palha, mas só havia espuma de enchimento não comestível. Mesmo depois de convencido de que não havia ali nem uma migalha de algo para comer, minha mente não se aquietava. Passava horas vasculhando meu cérebro compulsivamente, tentando encontrar alguma fonte possível de alimento. *Talvez exista uma planta crescendo em algum lugar, ou algum inseto debaixo de uma pedra. Talvez os pilotos tivessem algum tira-gosto*

na cabine. Talvez tenhamos jogado fora alguma comida por acidente quando arrastamos os assentos para fora do avião. Temos que checar a pilha de lixo mais uma vez. Será que verificamos mesmo todos os bolsos dos mortos antes de enterrá-los?

Sempre chegava à mesma conclusão: a menos que quiséssemos comer a roupa do corpo, não havia nada ali além de alumínio, plástico, gelo e pedra. Às vezes eu saía de um longo silêncio para extravasar minha frustração: "Não tem nada pra *comer* nesta porra de lugar!" Mas é claro que havia comida na montanha — havia carne, muita carne, e ao alcance da mão. Tão perto quanto os cadáveres enterrados do lado de fora da fuselagem, sob uma fina camada de gelo. Fico intrigado com o fato de que, apesar do impulso compulsivo de encontrar *qualquer coisa* para comer, eu tivesse ignorado por tanto tempo a presença evidente, a 100 metros de mim, das únicas coisas comestíveis naquele lugar. Creio que a mente seja muito lenta para cruzar certas fronteiras, mas quando a minha mente deixou essa para trás, ela o fez com um impulso tão primitivo que me deixou chocado. Era fim de tarde e estávamos deitados na fuselagem, nos preparando para a noite. Meu olhar pousou sobre a ferida na perna de um garoto perto de mim. Ela cicatrizava lentamente, e estava úmida e em carne viva no centro, com uma crosta de sangue seco nas beiradas. Não conseguia parar de olhar para aquela crosta e, à medida que sentia o cheiro fraco de sangue no ar, notei que meu apetite aumentava. Então ergui a cabeça e me deparei com o olhar de outros rapazes que também estavam observando o ferimento. Envergonhados, lemos os pensamentos uns dos outros e desviamos rapidamente o olhar, mas, para mim, algo inegável havia acontecido: eu olhara para carne humana e a reconhecera instintivamente como comida. Uma vez que aquela porta havia sido aberta, era impossível fechá-la e, daquele momento em diante, minha mente nunca mais se livrou dos corpos congelados sob a neve. Sabia que aqueles corpos eram nossa única chance de sobrevivência, mas estava tão horrorizado pelos meus pensamentos que não revelei o que sentia a ninguém. Mas chegou um momento em que não pude mais ficar calado e, uma noite na escuridão da fuselagem, decidi me abrir para Carlitos Paez, que estava deitado ao meu lado no escuro.

— Carlitos — sussurrei —, você está acordado?

— Estou — ele murmurou. — Quem consegue dormir nessa geladeira?

— Está com fome?

— *Puta carajo* — ele estourou. — O que você acha? Não como há dias.

— Vamos morrer de fome aqui — eu disse. — Não acho que a equipe de resgate vá chegar a tempo.

— Você não tem como saber — respondeu Carlitos.

— Eu sei e você sabe — respondi —, mas eu não vou morrer aqui, vou voltar para casa.

— Você ainda está pensando em escalar a montanha? — ele perguntou. — Nando, você está muito fraco.

— Estou fraco porque não comi.

— Mas o que você pode fazer? — ele disse. — Não tem comida aqui.

— Tem comida, sim — respondi. — Você sabe do que estou falando.

Carlitos se revolveu na escuridão, mas ficou calado.

— Vou tirar carne do piloto — sussurrei. — Foi ele quem nos meteu aqui, talvez possa nos ajudar a escapar.

— Porra, Nando — Carlitos sussurrou.

— Tem muita comida aqui — eu disse —, mas você precisa pensar nela apenas como carne. Nossos amigos não precisam mais dos corpos deles.

Carlitos ficou quieto por um instante antes de falar.

— Deus nos perdoe — disse baixinho. — Eu andei pensando na mesma coisa.

Nos dias que se seguiram, Carlitos falou de nossa conversa com algumas pessoas. Uns poucos admitiram, como Carlitos, ter tido a mesma ideia. Roberto, Gustavo e Fito, em especial, acreditavam que era nossa única chance de sobrevivência. Discutimos o assunto entre nós por alguns dias, então decidimos fazer uma reunião e trazer a questão a público. Reunimos todos na fuselagem. Era fim de tarde e a luz estava mortiça. Roberto começou a falar.

— Estamos morrendo de fome — ele disse sem rodeios. — Nossos corpos estão comendo a si próprios. Se não ingerirmos um pouco de proteína logo, vamos morrer, e a única proteína por aqui está no corpo dos nossos amigos.

Instaurou-se um silêncio pesado quando Roberto parou de falar. Finalmente, alguém se pronunciou.

— O que você está sugerindo? — a pessoa disse. — Que comamos os mortos?

— Nós não sabemos quanto tempo vamos ficar presos aqui — Roberto prosseguiu. — Se não comermos, vamos morrer. É simples assim. Se vocês quiserem ver suas famílias novamente, é isso que precisam fazer.

Os rostos dos demais demonstravam espanto à medida que as palavras de Roberto faziam efeito. Então Liliana falou baixinho.

— Eu não posso fazer isso — ela disse. — Jamais conseguiria fazer isso.

— Você não faria por você — Gustavo disse —, mas precisa fazer pelos seus filhos. Precisa sobreviver e voltar para eles.

— Mas o que será das nossas almas? — alguém questionou. — Deus perdoaria uma coisa dessas?

— Se você não comer, estará escolhendo a morte — respondeu Roberto. — Deus perdoaria isso? Eu acredito que Deus quer que nós façamos tudo ao nosso

alcance para sobreviver.

Decidi me pronunciar.

— Temos que pensar que agora eles são apenas carne — disse a eles. — As almas deles já se foram. Se o resgate estiver a caminho, precisamos ganhar tempo ou estaremos mortos quando ele chegar.

— E se precisarmos sair daqui por conta própria — disse Fito —, vamos ter que estar fortes ou morreremos nas encostas.

— Fito está certo — eu disse —, e se os corpos dos nossos amigos nos ajudarem a sobreviver, eles não terão morrido em vão.

O debate durou a tarde inteira. Muitos dos sobreviventes — Liliana, Javier, Numa Turcatti e Coche Inciarte, entre outros — recusaram-se a considerar a hipótese de comer carne humana, mas nenhum deles tentou nos dissuadir da ideia. O silêncio nos dizia que havíamos chegado a um consenso. Em seguida, tínhamos que nos debruçar sobre a terrível logística.

— Como vamos fazer isso? — perguntou Pancho Delgado. — Quem tem coragem de fatiar a carne de um amigo?

A fuselagem já estava escura. Eu enxergava apenas silhuetas assombreadas, mas depois de um longo silêncio alguém se pronunciou. Reconheci a voz de Roberto.

— Eu faço — ele disse.

Gustavo se levantou e disse em voz baixa:

— Eu posso ajudar.

— Mas quem vamos cortar primeiro? — perguntou Fito. — Como vamos escolher?

Todos olhamos para Roberto.

— Gustavo e eu resolvemos isso — ele respondeu.

Fito se levantou.

— Eu vou com vocês — disse.

— Eu também posso ajudar — disse Daniel Maspons, um terceira-linha do Old Christians e grande amigo de Coco.

Por um instante ninguém se moveu, então todos esticamos os braços para a frente, juntamos as mãos e juramos que, se qualquer um de nós morresse ali, o restante tinha permissão para usar o corpo como comida. Após o juramento, Roberto se levantou e revirou a fuselagem até encontrar alguns cacos de vidro e, em seguida, levou seus três assistentes até as covas. Escutei-os conversando em voz baixa enquanto trabalhavam, mas não tive vontade de observá-los. Quando voltaram, traziam pequenos pedaços de carne nas mãos. Gustavo me ofereceu um naco e eu o peguei. Era de um branco acinzentado, duro como madeira e muito gelado. Disse a mim mesmo que aquilo não era mais parte de um ser

humano; a alma daquela pessoa já havia partido do seu corpo. Ainda assim, demorei a levar a carne à boca. Evitei olhar para os demais, mas, de esguelha, vi as outras pessoas ao meu redor. Alguns estavam sentados como eu, com a carne nas mãos, juntando forças para comê-la. Outros mastigavam com horror. Finalmente, tive coragem de colocá-la na boca. Não tinha gosto. Mastiguei uma ou duas vezes e então me forcei a engolir. Não senti culpa ou vergonha. Estava fazendo o que tinha de fazer para sobreviver. Compreendia a magnitude do tabu que havíamos quebrado, mas, se senti algum tipo de emoção forte, foi um sentimento de amargura pelo fato de o destino ter-nos forçado a escolher entre aquele horror e o horror da morte certa.

A carne não matou minha fome, mas acalmou minha mente. Sabia que meu corpo usaria a proteína para se fortalecer e retardar o processo de inanição. Naquela noite, pela primeira vez desde a queda, senti uma pequena fagulha de esperança. Aprendemos a lidar com a nossa terrível nova realidade e descobrimos que tínhamos força para encarar um horror inimaginável. Nossa coragem nos deu uma pequena parcela de controle sobre as circunstâncias e um tempo precioso. Já não havia ilusões. Sabíamos que a luta pela sobrevivência seria mais vil e perturbadora do que tínhamos imaginado, mas senti que, como uma equipe, havíamos dito à montanha que não iríamos desistir e, no meu caso, eu sabia que, de um jeito triste e insignificante, dera o primeiro passo no caminho de volta para o meu pai.

Capítulo Cinco

Abandonados

No começo da manhã seguinte, nosso 11º dia nas montanhas, eu estava do lado de fora da fuselagem, recostado no casco de alumínio do Fairchild. Eram cerca de 7h30, a manhã estava clara, e eu me aquecia nos primeiros raios de sol, que acabara de se erguer por cima das montanhas ao leste. Marcelo e Coco Nicholich estavam comigo, e também Roy Harley, um alto e ligeiro terceira-linha do Old Christians. Aos 18 anos, Roy era um dos passageiros mais jovens do avião. Também era a coisa mais próxima que tínhamos de um técnico em eletrônica, uma vez que já havia ajudado um primo a instalar um complicado aparelho de som em sua casa. Logo após a queda, Roy encontrara um radiotransistor danificado nos entulhos do acidente e, com um pequeno conserto, conseguiu trazê-lo de volta à vida. Na cordilheira rochosa, a recepção era muito ruim, mas Roy improvisou uma antena com cabos de eletricidade que arrancara do avião e, com um pouco de esforço, conseguíamos sintonizar estações chilenas. Toda manhã, Marcelo acordava Roy cedo, o levava até a geleira e manipulava a antena enquanto Roy mexia no dial. Queriam ouvir notícias sobre as tentativas de resgate, mas só haviam conseguido sintonizar resultados de jogos de futebol, boletins do tempo e propaganda política das estações controladas pelo governo chileno.

Naquela manhã, como em todas as outras, o sinal oscilava e, mesmo quando a recepção era a melhor possível, o pequeno alto-falante estalava com a estática. Roy não queria desperdiçar as baterias, de modo que, depois de girar o dial por vários minutos, estava prestes a desligar o rádio quando ouvimos, em meio ao chiado e aos estalos, a voz do locutor lendo o boletim. Não me recordo das palavras exatas que ele usou, mas jamais esquecerei o som metálico da sua voz e a inflexão serena com a qual deu a notícia: após dez dias de busca infrutífera, ele disse, as autoridades chilenas suspenderam todos os esforços para encontrar o avião uruguaio que desapareceu nos Andes no dia 13 de outubro. As tentativas de resgate nos Andes são perigosas demais, ele disse, e depois de tanto tempo nas montanhas geladas, não há mais chances de haver sobreviventes.

Depois de um instante de silêncio estupefato, Roy gritou de incredulidade e, em seguida, começou a soluçar.

— O quê? — gritou Marcelo. — O que ele disse?

— *Suspendieron la búsqueda!* — gritou Roy. — Eles cancelaram a busca! Estão nos abandonando!

Por alguns segundos, Marcelo olhou para Roy com um semblante irritado, como se ele tivesse falado uma sandice, mas, quando as palavras de Roy fizeram efeito, Marcelo caiu de joelhos e soltou um grito de angústia que ecoou pela cordilheira. Desorientado pelo choque, eu observava as reações dos meus amigos em silêncio e com uma sensação de desapego que quem olhasse poderia tomar por compostura. Mas, na verdade, eu estava desmoronando; todos os medos claustrofóbicos que vinha lutando para conter estavam se libertando, como uma enchente derrubando uma represa, e senti que estava sendo levado para as raias da histeria. Pedi a Deus. Gritei pelo meu pai. Impulsionado mais poderosamente do que nunca pelo ímpeto animal de correr às cegas na direção da cordilheira, esquadrinhei o horizonte como se, depois de dez dias na montanha, pudesse encontrar de repente uma rota de fuga que houvesse passado despercebida. Então, lentamente, virei para o oeste e encarei as encostas elevadas que bloqueavam o caminho para minha casa. Com uma clareza de pensamento renovada, compreendi o terrível poder das montanhas. Que ingenuidade pensar que um garoto inexperiente como eu poderia vencer aquelas escarpas tão implacáveis! A realidade arreganhava os dentes para mim, e vi que todos os meus sonhos de escalar aquelas montanhas não passavam de uma fantasia para manter minhas esperanças vivas. Por puro terror e bravata, sabia o que tinha de fazer: correria até uma fenda e me jogaria nas profundezas verdes. Deixaria as rochas esmagarem toda a vida, o medo e o sofrimento do meu corpo. Mesmo quando me imaginava mergulhando no silêncio e na paz, contudo, meu olhar estava fixo nas encostas a oeste, calculando as distâncias e tentando imaginar quão íngremes eram as escarpas, enquanto a voz fria da razão sussurrava em meu ouvido: *Aquele alinhamento cinza na rocha deve dar um bom apoio... Deve haver algum abrigo debaixo daquele afloramento logo embaixo daquela colina...*

Na verdade, era uma espécie de loucura, agarrar-se a esperanças de fuga embora eu soubesse que ela era impossível, mas aquela voz interior não me deixou escolha. Desafiar as montanhas era o único futuro que aquele lugar me permitia e, assim, com um sentimento de determinação cruel que se encontrava mais agressivamente entranhado em mim do que nunca, aceitei a simples verdade de que jamais iria desistir de lutar para sair dali, certo de que o esforço me mataria, mas louco para começar a escalada.

Então, uma voz assustada me chamou a atenção. Era Coco Nicholich, parado ao meu lado.

— Nando, por favor, diga que é mentira! — ele gaguejou.

— É verdade — sibilei. — *Carajo*. Estamos mortos.

— Eles estão nos matando! — gritou Nicholich. — Estão nos deixando aqui para morrer.

— Eu tenho que sair deste lugar, Coco — exclamei. — Não posso ficar aqui nem mais um minuto.

Nicholich meneou a cabeça na direção da fuselagem.

— Os outros nos ouviram — ele disse.

Dei meia-volta e vi vários de nossos amigos saindo do avião.

— Quais são as notícias? — alguém gritou. — Eles nos localizaram?

— Precisamos contar para eles — sussurrou Nicholich.

Olhamos os dois para Marcelo, que estava sentado com as costas arqueadas na neve.

— Eu não posso contar — resmungou. — Não suportaria.

Os demais se aproximavam.

— O que está acontecendo? — perguntou outra pessoa. — O que vocês ouviram?

Tentei falar, mas as palavras ficaram presas na minha garganta. Então, Nicholich deu um passo adiante e falou com firmeza, apesar do próprio medo.

— Vamos entrar — ele disse —, e eu explico.

Todos seguimos Coco de volta para a fuselagem e nos reunimos ao redor dele.

— Ouçam, caras — ele disse —, conseguimos ouvir algumas notícias. Eles pararam de procurar pela gente.

Todos ficaram chocados com as palavras de Coco. Alguns xingaram, outros começaram a chorar, mas a maioria ficou apenas olhando para ele com incredulidade.

— Mas não se preocupem — ele continuou —, isso é uma boa notícia.

— Você está maluco? — alguém gritou. — Isso significa que estamos presos aqui para sempre!

Senti o pânico crescer no grupo, mas Coco manteve a calma e prosseguiu.

— Temos que ficar calmos — ele disse. — Agora já sabemos o que temos que fazer. Temos que nos virar sozinhos. Não há mais motivo para esperar. Podemos começar a fazer planos para escapar por conta própria.

— Eu já fiz os meus planos — explodi. — Estou indo embora deste lugar agora! Eu não vou morrer aqui!

— Acalme-se, Nando — disse Gustavo.

— Porra nenhuma! Eu não vou me acalmar! Me deem um pouco de carne para eu levar. Alguém me empreste outra jaqueta. Quem vem comigo? Eu vou sozinho se for preciso. Não fico aqui nem mais um segundo!

Gustavo segurou meu braço.

— Você está falando besteira — ele disse.

— Não, não, eu posso conseguir — aleguei. — Sei que posso. Posso sair daqui escalando, conseguir ajuda... mas tenho que ir agora!

— Se você for, vai morrer — retrucou Gustavo.

— Estou morto se ficar aqui! — eu disse. — Este lugar é o nosso cemitério! A morte toca tudo por aqui. Você não está vendo? Posso sentir a mão dela no meu ombro! Posso sentir o bafo dela no meu pescoço!

— Nando, cale a boca e ouça! — Gustavo gritou. — Você não tem roupas de frio, não tem experiência em alpinismo, está fraco e nós nem sabemos onde estamos. Seria suicídio partir agora. Em um dia, essas montanhas o matariam.

— Gustavo tem razão — disse Numa. — Você ainda não está forte o bastante. Sua cabeça ainda está quebrada feito um ovo. Você estaria jogando sua vida fora.

— Nós temos que ir! — gritei. — Eles nos deram uma sentença de morte! Vocês vão ficar aqui esperando morrer?

Revirava a fuselagem às cegas, procurando por qualquer coisa que achasse que seria útil na minha jornada — luvas, cobertores, meias —, quando Marcelo falou calmamente comigo.

— O que quer que você faça, Nando — ele disse —, você precisa pensar na segurança dos outros. Use a cabeça. Não se mate. Ainda somos uma equipe e precisamos de você.

Sua voz era firme, mas havia tristeza nela, um traço de resignação ferida. Algo dentro dele se partira quando ouviu que a busca havia sido cancelada, e parecia que, em uma questão de instantes, Marcelo perdera a força e a confiança que o tornavam um líder tão digno. Recostado na parede da cabine, parecia menor e mais abatido, e eu sabia que ele estava caindo rapidamente em desespero. Mas meu respeito por ele ainda era muito profundo e eu não podia negar a sabedoria das suas palavras, de modo que concordei com a cabeça com relutância e me sentei ao lado dos demais no chão da fuselagem.

— Temos que manter a calma — disse Gustavo —, mas Nando tem razão. Vamos morrer se ficarmos aqui e, mais cedo ou mais tarde, teremos que escalar a montanha. Mas precisamos fazer isso da maneira mais inteligente possível. É preciso saber contra o que estamos lutando. Sugiro que dois ou três de nós façam uma escalada hoje. Talvez a gente consiga ver o que está por trás dessas montanhas.

— Boa ideia — disse Fito. — No caminho, podemos procurar pela cauda. Talvez tenha comida e roupas de frio nela. E, se Roque estiver certo, as baterias para o rádio também estão lá.

— Ótimo — disse Gustavo. — Eu vou. Se partirmos logo, podemos estar de

volta antes do pôr do sol. Quem vem comigo?

— Eu — disse Numa, que já havia sobrevivido a uma primeira tentativa de escalada das encostas ocidentais.

— Eu também — disse Daniel Maspons, um dos rapazes corajosos que ajudara a cortar a carne dos corpos.

Gustavo assentiu com a cabeça.

— Vamos juntar as roupas mais quentes que conseguirmos e começar — ele disse. — Agora já sabemos quanto está o placar, não temos tempo a perder.

Gustavo levou menos de uma hora para organizar a escalada. Cada um dos alpinistas levaria um par dos sapatos de neve feitos de almofadas que Fito inventara e óculos de sol que o primo de Fito, Eduardo, fizera usando o plástico *dégradé* das viseiras que estavam na cabine dos pilotos como lentes e amarrando-as com fios de cobre. Os sapatos evitariam que os alpinistas afundassem na neve macia e os óculos protegeriam seus olhos do brilho intenso do sol nas encostas nevadas. Fora isso, eles estavam muito mal protegidos. Vestiam apenas suéteres por cima de camisas de algodão leves e calças de verão finas. Todos os três calçavam mocassins. Os demais escalariam com tênis de lona nos pés. Nenhum deles usava luvas e não carregavam cobertores, mas era dia claro, os ventos estavam fracos e um sol forte nos aquecia o suficiente para tornar o ar da montanha tolerável. Se os escaladores seguissem o plano à risca e voltassem ao Fairchild antes do pôr do sol, o frio não ofereceria perigo.

— Rezem por nós — disse Gustavo quando os alpinistas partiram.

Então observamos os três cruzarem a cordilheira na direção dos picos elevados ao oeste, seguindo a trilha que o Fairchild cavara na neve. À medida que subiam lentamente a encosta e se distanciavam, seus corpos diminuíam cada vez mais de tamanho até se tornarem três pontinhos avançando palmo a palmo na face branca da montanha. Pareciam tão pequenos e frágeis quanto um trio de mosquitos, e meu respeito pela coragem deles não tinha limites.

Observamos a subida a manhã inteira, até sumirem de vista, e então fizemos vigília até o fim da tarde, percorrendo as encostas com os olhos à cata de qualquer sinal de movimento. A luz ficava mais fraca sem que víssemos sinal deles. Então a escuridão caiu e o frio cruel nos obrigou a voltar ao abrigo da fuselagem. Naquela noite, ventos duros açoitaram o casco do Fairchild e jatos de neve entraram em cada fenda e abertura. Enquanto nos amontoávamos e tremíamos em nosso alojamento apertado, nossos pensamentos estavam com nossos amigos nas encostas descobertas. Rezávamos fervorosamente para que retornassem a salvo, mas era difícil alimentar esperanças. Tentei imaginar o sofrimento deles, acuados a céu aberto com suas poucas roupas, sem nada que os protegesse do vento mortal. Sabíamos muito bem como era a face da morte

àquela altura, e era fácil para mim imaginar meus amigos enrijecidos na neve. Imaginava-os como os corpos que vira no cemitério do lado de fora da fuselagem — a mesma palidez brilhosa e azulada da pele, os rostos impassíveis e rígidos, a crosta de gelo pendurada nas sobrancelhas e nos lábios, engrossando a mandíbula e embranquecendo os cabelos.

Eu os via daquele jeito, imóveis no escuro, mais três amigos que já não passavam de *coisas* congeladas. Mas onde exatamente haviam caído? Essa questão começou a me obcecar. Cada um deles havia encontrado o exato momento e lugar da sua morte. Quando seria o meu momento? Onde seria o meu local? Haveria um lugar naquelas montanhas onde eu finalmente cairia e ficaria como os demais, congelado para sempre? Haveria um local como esse para cada um de nós? Seria esse o nosso destino, ficarmos espalhados por aquele lugar sem nome? Mamãe e Susy no local da queda; Zerbino e os outros nas encostas; o restante onde quer que estivesse quando a morte decidisse nos ceifar? E se descobríssemos que a fuga era impossível? Simplesmente ficaríamos ali esperando morrer? E se fizéssemos isso, como seria a vida para os últimos poucos sobreviventes, ou, pior ainda, para o último de todos? E se eu fosse o último? Como manteria a sanidade, sozinho na fuselagem à noite, tendo apenas fantasmas por companhia e somente o rugido constante do vento para ouvir. Tentei silenciar esses pensamentos juntando-me aos demais em outra oração pelos alpinistas, mas, no meu íntimo, não sabia se rezava pelo retorno deles em segurança ou simplesmente pela graça de todas as nossas almas, pois sabia que, mesmo dentro da relativa segurança da fuselagem, a morte se aproximava. Era uma questão de tempo, eu me dizia, e talvez a sorte esteja com os que estão nas montanhas nesta noite, pois para eles a espera acabou.

— Talvez eles tenham encontrado algum abrigo — alguém disse.

— Não há abrigo nas montanhas — respondeu Roberto.

— Mas você escalou e sobreviveu — outra pessoa observou.

— Nós fizemos a escalada de dia e ainda assim sofremos — Roberto respondeu. — Deve fazer uns quarenta graus a menos lá em cima à noite.

— Eles são fortes — outro alguém disse.

Os demais concordaram com a cabeça e, por respeito, ficaram calados. Então Marcelo, que não falara nada por horas, quebrou o silêncio.

— A culpa é minha — disse baixinho. — Eu matei todos vocês.

Entendíamos seu desalento e ele não nos surpreendia.

— Não pense assim, Marcelo — disse Fito. — Todos nós estamos compartilhando o mesmo fardo aqui. Ninguém culpa você.

— Eu fretei o voo! — explodiu Marcelo. — Contratei os pilotos! Marquei as partidas e convenci todos vocês a virem.

— Você não convenceu minha mãe e minha irmã — eu disse. — Eu fiz isso, e agora elas estão mortas. Mas não posso ser culpado por isso. Não é culpa nossa quando um avião cai do céu.

— Cada um de nós fez suas próprias escolhas — alguém disse.

— Você é um bom capitão, Marcelo, não desanime.

Mas Marcelo estava caindo em desânimo com muita rapidez, e me angustiava vê-lo tão triste. Ele sempre fora um herói para mim. Quando eu estava no fundamental, Marcelo já se destacava no time de *rúgbi* do Stella Maris e eu adorava vê-lo jogar. Ele tinha uma presença imponente e entusiasmada no campo, e sempre admirei a alegria e a confiança com as quais jogava. Anos mais tarde, quando me vi jogando ao lado dele no Old Christians, meu respeito por seus dotes atléticos só fez crescer. Mas não foram apenas suas façanhas no *rúgbi* que conquistaram meu respeito. Marcelo era diferente do resto de nós; tinha mais princípios, era mais maduro. Era um católico devoto que seguia todos os preceitos da Igreja e tentava ao máximo levar uma vida de virtudes. Não era um moralista; na verdade, era um dos caras mais humildes da equipe. Mas tinha fé em sua crença e, muitas vezes, valendo-se da autoridade e do carisma com os quais nos levou a ser colegas de time melhores, nos persuadia a sermos homens melhores. Estava sempre repreendendo a mim e a Panchito, por exemplo, por conta da nossa obsessão insaciável pelo sexo oposto. “Há mais coisas na vida além de caçar garotas”, ele nos dizia com um sorriso enviesado. “Vocês têm que crescer um pouco e levar a vida mais a sério.”

Marcelo, por sua vez, havia prometido continuar virgem até o casamento, e muitos implicavam com ele por conta disso. Panchito, em especial, achava hilariante — sem mulheres até o casamento? Para ele, isso era como pedir a um peixe para não nadar. Mas Marcelo tirava aquelas piadas de letra e sua seriedade e seu amor-próprio sempre me impressionaram. Em muitos aspectos, ele era muito diferente de Arturo, o socialista ardoroso com ideias hereges sobre Deus, mas, como Arturo, parecia conhecer bem sua própria cabeça. Pensara seriamente sobre todas as questões importantes em sua vida e conhecia com clareza seus posicionamentos. Para Marcelo, o mundo era um lugar ordenado, sob os olhos de um Deus sábio e amoroso que prometera nos proteger. Era nossa obrigação seguir os Seus Mandamentos, cumprir os sacramentos, amar a Deus e ao próximo como Jesus havia nos ensinado. Essa era a sabedoria que servia de base para a sua vida e que moldava seu caráter. Era também a fonte de sua grande confiança em campo, do seu pé firme como capitão e do carisma que fazia dele um líder tão forte. É fácil seguir um homem que não tem dúvidas. Sempre confiáramos completamente em Marcelo. Como ele podia se permitir vacilar agora, quando mais precisávamos dele?

Talvez, pensei, ele nunca tenha sido tão forte quanto parecia. Mas então compreendi: Marcelo fora destruído não porque sua mente fosse fraca, mas porque era forte demais. Sua fé no resgate era absoluta e inabalável: *Deus não nos abandonaria. As autoridades jamais nos deixariam morrer aqui.*

Quando ouvimos a notícia de que a busca havia sido suspensa, Marcelo deve ter sentido como se a terra se abrisse sob seus pés. Deus lhe dera as costas, o mundo havia virado de cabeça para baixo, e todas as coisas que o tornavam um grande líder — sua confiança, sua determinação, sua fé inabalável nas próprias crenças e escolhas — agora o impediam de se refazer do choque e recuperar o equilíbrio. Sua segurança, que lhe fora tão útil no mundo normal, o privava do equilíbrio e da flexibilidade necessários para se adaptar às novas regras que regiam nossa luta pela sobrevivência. Quando as regras do jogo mudaram, Marcelo se despedaçou como vidro. Ao vê-lo aos soluços nas sombras, entendi de súbito que, naquele lugar horrível, o excesso de certezas poderia nos matar; o pensamento civilizado comum poderia nos custar nossas vidas. Jurei a mim mesmo que jamais fingiria compreender aquelas montanhas. Jamais me tornaria prisioneiro das minhas próprias expectativas. Jamais fingiria saber o que ia acontecer em seguida. As regras eram muito selvagens e estranhas, e eu sabia que não havia como imaginar quais dificuldades, reveses e horrores enfrentaríamos mais adiante. Ensinaria a mim mesmo a viver em constante incerteza, instante a instante, passo a passo. Viveria como se já estivesse morto. Se não tivesse nada a perder, nada seria capaz de me surpreender, nada me impediria de lutar; meus medos não me impediriam de seguir meus instintos e nenhum risco seria alto de mais.

Ventou aquela noite inteira e poucos conseguimos dormir, mas, por fim, a manhã chegou. Um a um, retiramos o gelo dos rostos, calçamos os sapatos congelados e nos forçamos a ficar de pé. Em seguida, nos reunimos do lado de fora do avião e começamos a perscrutar as montanhas em busca de sinais dos nossos amigos perdidos. O céu estava aberto, o sol já aquecera o ar e o vento se tornara uma brisa leve. A visibilidade era bastante boa, mas depois de horas de observação não localizamos movimento algum nas encostas. Então, no fim da manhã, alguém gritou.

— Tem alguma coisa se mexendo! — ele disse. — Lá, em cima daquela colina!

— Também estou vendo! — disse outra pessoa.

Olhei para a montanha e finalmente enxerguei o que os outros viam: três pontos pretos na neve.

— Aquilo são pedras — alguém resmungou.

— Elas não estavam lá antes.

— Sua mente está pregando peças em você — outra pessoa se queixou.

— Fique olhando. Eles estão se mexendo.

Um pouco mais abaixo na encosta, havia um pedregulho negro. Usei aquela rocha como ponto de referência e olhei fixamente para os pontos. No início, tive certeza de que eles estavam parados, mas, depois de alguns minutos, ficou claro que tinham se aproximado mais da pedra. Era verdade!

— São eles! Eles estão vindo!

— *Puta carajo!* Eles estão vivos!

Nossos ânimos levantaram voo e trocamos tapas e nos empurramos na nossa alegria.

— Vamos, Gustavo!

— Vamos, Numa! Vamos, Daniel!

— Vamos, seus miseráveis! Vocês conseguem!

Os três levaram duas horas para descer a encosta e atravessar a geleira, e o tempo todo nós os encorajávamos aos gritos e comemorávamos como se nossos amigos houvessem retornado da morte. Mas, quando eles chegaram perto o bastante e pudemos ver a condição em que se encontravam, a comemoração terminou abruptamente. Estavam arqueados e devastados, fracos demais para levantar os pés da neve à medida que se arrastavam na nossa direção e apoiando-se uns nos outros para não caírem. Gustavo apertava os olhos e tateava o ar como se estivesse cego, e os três pareciam tão esgotados e claudicantes que pensei que a brisa mais suave poderia levá-los ao chão. Mas o pior era a expressão em seus rostos. Pareciam ter envelhecido vinte anos da noite para o dia, como se as montanhas tivessem arrancado a juventude e o vigor de seus corpos, e vi em seus olhos algo que jamais estivera lá antes — a perturbadora combinação de pavor e resignação que às vezes vemos nos rostos de homens muito velhos. Corremos na direção deles, os amparamos até a fuselagem e demos-lhes almofadas para deitarem. Roberto os examinou imediatamente. Viu que seus pés estavam quase congelados. Então notou as lágrimas brotando dos olhos turvos de Gustavo.

— Foi o reflexo na neve — disse Gustavo. — O sol estava muito forte...

— Você não usou os óculos? — Roberto perguntou.

— Eles quebraram — Gustavo disse. — Parece que tem areia nos meus olhos. Acho que estou cego.

Roberto pingou algumas gotas nos olhos de Gustavo — algo que encontrara em uma mala e que achava que talvez aliviasse a irritação — e amarrou uma camisa em volta da sua cabeça, para proteger os olhos feridos da luz. Então pediu que nos revezássemos esfregando os pés dos alpinistas. Alguém trouxe

grandes porções de carne e eles comeram com voracidade. Após descansarem, os três começaram a contar sobre a escalada.

— A montanha é muito íngreme — disse Gustavo. — Tem horas que parece que você está escalando um muro. É preciso agarrar a neve na sua frente para subir.

— E o ar é rarefeito — disse Maspons. — Você fica ofegante, o coração dispara. Depois de cinco passos parece que você correu mais de um quilômetro.

— Por que vocês não voltaram antes do anoitecer? — perguntei.

— Escalamos o dia inteiro e só chegamos até a metade da encosta — disse Gustavo. — Não queríamos voltar e falar que não tínhamos conseguido. Queríamos ver além das montanhas, voltar com boas notícias. Então decidimos encontrar abrigo para a noite e voltar a escalar pela manhã.

Os alpinistas nos contaram como acharam uma superfície plana perto de um afloramento rochoso. Eles fizeram um muro baixo com pedras grandes espalhadas pelo local e se enroscaram atrás dele, na esperança de que o muro os protegesse do vento noturno. Depois de tantas noites congelando na fuselagem, não achavam ser possível sofrer mais de frio. Logo perceberam que estavam errados.

— O frio no alto daquelas encostas é indescritível — disse Gustavo. — Ele arranca a vida de você. Dói como fogo. Nunca imaginei que fosse sobreviver até a manhã.

Eles contaram como haviam sofrido terrivelmente com suas roupas leves, socando os braços uns dos outros para manter o sangue correndo nas veias e deitados juntinhos para dividir o calor dos seus corpos. À medida que as horas se arrastavam, estavam certos de que a decisão de ficar nas montanhas os mataria, mas, de alguma forma, duraram até a manhã e finalmente sentiram os primeiros raios de sol aquecendo as encostas. Surpresos por estarem vivos, deixaram a luz solar degelar seus corpos e então viraram em direção à encosta e retomaram a escalada.

— Vocês acharam a cauda? — perguntou Fito.

— Achamos apenas destroços e algumas bagagens — Gustavo respondeu. — E alguns corpos.

Ele explicou em seguida como encontraram os restos das pessoas que haviam caído do avião, muitos ainda presos aos seus assentos.

— Pegamos essas coisas dos corpos — ele disse, tirando dos bolsos alguns relógios, carteiras, medalhas religiosas e outros artigos pessoais que haviam retirado dos cadáveres.

— Os corpos estavam numa parte bem alta da encosta — disse Gustavo —, mas ainda estávamos distantes do topo. Não tínhamos mais forças para continuar

escalando, e não queríamos ficar presos ali por mais uma noite.

Mais tarde naquele mesmo dia, quando as coisas se acalmaram na fuselagem, fui falar com Gustavo.

— O que você viu lá em cima? — perguntei. — Conseguiu enxergar além dos picos? Viu algum verde?

Ele balançou a cabeça com esgotamento.

— Os picos são altos demais. Não dá para ver longe.

— Mas você deve ter visto alguma coisa.

Ele deu de ombros.

— Não sei, Nando, uma coisa um pouco amarelada ou amarronzada, não sei direito, o ângulo era muito estreito. Mas sei de uma coisa: quando estávamos bem alto na montanha, olhei para o local da queda. O Fairchild é um pontinho na neve. Não dá para saber se é uma rocha ou uma sombra. Um piloto não tem como enxergá-lo de um avião. Nunca tivemos a menor chance de sermos resgatados.

A notícia de que a busca havia sido cancelada convenceu até os mais esperançosos do grupo de que estávamos sozinhos e que só teríamos chance de sobreviver se salvássemos a nós mesmos. Mas o fracasso da missão de Gustavo nos abateu e, à medida que os dias passavam, nossos ânimos foram ainda mais combalidos pela descoberta de que Marcelo, em seu desespero e falta de confiança em si mesmo, abdicara do papel de líder. E não parecia haver ninguém para substituí-lo. Gustavo, que com sua coragem e engenhosidade assumira a liderança desde os primeiros instantes do nosso suplício, fora devastado pela montanha e não conseguia recuperar as forças. Roberto ainda era uma presença forte, e aprendemos a confiar em sua inteligência e em sua imaginação aguçada, mas ele era um jovem muito teimoso, irritável e beligerante demais para inspirar o tipo de confiança que nutríamos por Marcelo. Na falta de um único líder forte, não custou a surgir um estilo de liderança menos rígido e formal. Formaram-se alianças, baseadas nas amizades anteriores à queda, em temperamentos afins e nos interesses em comum. A aliança mais forte era a de Fito e seus primos Eduardo Strauch e Daniel Fernandez. Dos três, Fito era o mais jovem e o mais proeminente. Era um rapaz quieto, que a princípio parecia quase aflitivamente tímido, mas logo provou ser brilhante e sensato e, ao mesmo tempo que tinha uma noção firme de como as chances estavam contra nós, eu sabia que Fito tinha a intenção de lutar com todas as forças para nos ajudar a sobreviver. Os três primos eram muito próximos e, com Daniel e Eduardo seguindo continuamente a liderança de Fito, eles demonstravam uma força unificadora que rendia uma grande influência em todas as decisões que tomávamos. E isso era uma boa coisa

para todos nós. “Os primos”, como nós os chamávamos, nos ofereceram um centro forte e estável que evitou que o grupo se desintegrasse em facções, e nos salvou de todo o conflito e caos que isso poderia ter causado. Eles também conseguiram convencer a maioria dos sobreviventes de que, a partir daquele momento, nossas vidas estavam em nossas próprias mãos, e que cada um tinha de fazer todo o possível para sobreviver. Rendendo-se a esse conselho e aos pedidos de Javier, Liliana começou a comer. Um a um, os demais relutantes — Numa, Coche e outros — fizeram o mesmo, dizendo a si mesmos que extrair vida dos corpos de seus amigos era como extrair força espiritual do corpo de Cristo durante a comunhão. Aliviado por vê-los se alimentando, não questionei o raciocínio deles, mas, para mim, comer a carne dos mortos não passava de uma decisão dura e pragmática que tive de tomar para sobreviver. Ficava comovido com a noção de que, mesmo na morte, meus amigos estavam me dando o que eu precisava para viver, mas não tinha nenhuma sensação enlevadora de conexão espiritual com os mortos. Meus amigos haviam morrido. Aqueles corpos passaram a ser objetos. Seríamos tolos se não os usássemos.

À medida que os dias passavam, nos tornávamos mais eficientes no processamento da carne. Fito e seus primos assumiram a responsabilidade de cortá-la e distribuir as porções, e logo criaram um sistema eficaz. Depois de picá-la, eles a dispunham em pedaços de alumínio e secavam-na ao sol, o que tornava a digestão muito mais fácil. Nas raras ocasiões em que tínhamos fogo, eles até a cozinhavam, o que melhorava drasticamente o gosto. Para mim, comer a carne foi ficando cada vez mais fácil com o tempo. Alguns não superavam a repulsa, mas, àquela altura, todos comíamos o bastante para evitar a inanição. Por respeito a mim, os demais prometeram não tocar nos corpos da minha mãe e de Susy, mas, ainda assim, havia corpos suficientes para semanas de alimento, se racionássemos com atenção. Para fazer a comida durar mais ainda, começamos a comer os rins, os fígados e até mesmo os corações. Esses órgãos internos eram extremamente nutritivos e, por mais medonho que possa parecer, àquela altura do nosso suplício a maioria dos sobreviventes já se acostumara ao horror de ver nossos amigos serem fatiados como gado.

Porém, comer carne humana nunca satisfez minha fome e jamais repôs minhas forças. Ainda estava definhando como os demais, e a pequena quantidade de comida diária que nos permitíamos só servia para retardar o processo de inanição. O tempo estava se esgotando e eu sabia que logo estaríamos debilitados demais para a escalada. Esse se tornou o meu maior medo, ficarmos fracos a ponto de a fuga se tornar impossível. Se isso acontecesse, acabaríamos com o estoque de corpos e então não teríamos outra escolha senão desfalecer no local da queda enquanto definhávamos, olhando uns para os outros, esperando

para ver qual dos nossos amigos viraria comida. Aquela possibilidade terrível me preocupava e, às vezes, precisava juntar toda minha disciplina para não ignorar os desejos dos demais e partir sozinho. Porém, o fato de a expedição de Gustavo ter sido quase um desastre me trouxe uma nova compreensão de como seria difícil a escalada. Como todos os outros, estava chocado com o que a montanha fizera com Gustavo, que era famoso por sua tenacidade e resistência em campo. Por que eu achava que podia vencer a montanha quando ele não conseguiu? Nos momentos de fraqueza, rendia-me ao desespero. *Veja só essas montanhas, eu me dizia. É impossível, estamos presos aqui. Estamos perdidos. Todo o nosso sofrimento foi em vão.*

Mas, todas as vezes que caía dessa forma no derrotismo e na autopiedade, o rosto do meu pai voltava-me à mente, lembrando-me do seu sofrimento e da promessa de retorno que fizera a ele. Às vezes, quando achava que não conseguiria resistir ao frio, à sede e ao terror mortificante nem por mais um segundo, sentia uma vontade poderosa de desistir. "Você pode acabar com isso a hora que quiser", eu me dizia. "Deite-se na neve. Deixe o frio levar você. Descanse. Sossegue. Pare de lutar."

Esses eram pensamentos confortantes e sedutores, mas se eu os saboreasse por muito tempo a voz na minha mente me interromperia. *Quando for escalar, certifique-se de que cada agarra esteja firme. Não confie que uma rocha vá suportar seu peso, teste cada passo. Procure fendas escondidas na neve. Encontre um bom abrigo para as noites...*

Pensava na escalada e aquilo me recordava da promessa que fizera ao meu pai. Pensava em papai e deixava que meu coração se enchesse de amor por ele, e esse amor se tornava mais forte do que meu sofrimento, do que meu medo. Depois de duas semanas na montanha, esse amor ganhou o irresistível poder de um impulso biológico. Sabia que um dia teria que fazer a escalada, mesmo que fosse escalar em direção à morte. Mas e daí? Eu já era um homem morto. Por que não morrer nas montanhas, lutando passo a passo, para que, quando chegasse a minha hora, estivesse um passo mais perto de casa? Estava preparado para enfrentar uma morte assim, mas, por mais inevitável que ela parecesse, eu ainda sentia uma fagulha de esperança de que conseguiria de alguma forma atravessar aos trancos toda aquela aridez e voltar para casa. A ideia de deixar a fuselagem me apavorava, embora mal pudesse esperar para deixá-la. Sabia que, de alguma maneira, encontraria a coragem para enfrentar as montanhas, mas sabia também que jamais seria corajoso o bastante para enfrentá-la sozinho. Precisava de companhia para a jornada, alguém que me tornasse mais forte e mais capaz, de modo que comecei a observar os meus colegas, colocar na balança suas forças, seus temperamentos e seus desempenhos sob pressão,

tentando imaginar qual daqueles garotos esfarrapados, famintos e assustados desejava levar comigo.

Vinte e quatro horas antes, a questão teria sido fácil de responder. Minha escolha seria Marcelo, nosso capitão, e Gustavo, cuja personalidade forte eu admirava desde sempre. Mas Marcelo estava desesperado, Gustavo havia sido arrasado e cegado pela montanha, e eu temia que nenhum dos dois conseguisse se recuperar a tempo de me acompanhar. Então voltei minha atenção para os outros sobreviventes em boas condições e, ao observá-los, poucos chamaram minha atenção. Fito Strauch provara sua coragem na primeira tentativa de escalar a montanha e ganhara todo o nosso respeito pela serenidade e clareza de pensamento durante o suplício. Os primos de Fito, Eduardo e Daniel Fernandez, eram-lhe uma grande fonte de energia e, às vezes, eu imaginava como ele se sairia sozinho nas montanhas, mas Fito estava sem dúvida entre os primeiros da lista. Assim como Numa Turcatti. Numa me impressionara desde o início e, com o passar dos dias, meu respeito por ele crescera. Embora fosse um estranho para a maioria de nós antes da queda, logo conquistou a amizade e a admiração de todos os sobreviventes. Ele se fez notar através de um heroísmo discreto: ninguém lutou com tanto afinco pela nossa sobrevivência, ninguém inspirou mais esperança e ninguém demonstrou tanta compaixão pelos que sofriam mais. Embora fosse um novo amigo para quase todos, creio que Numa era o homem mais adorado naquela montanha.

Daniel Maspons, que fizera a escalada bravamente com Gustavo, era mais um candidato. Coco Nicholich, cujo altruísmo e compostura me impressionavam, era outro. Antonio Vizintin, Roy Harley e Carlitos Paez eram todos saudáveis e fortes. E ainda havia Roberto, a figura mais inteligente, mais difícil e mais complicada da montanha.

Roberto sempre fora difícil de lidar. Filho de um renomado cardiologista em Montevidéu, era brilhante, autoconfiante, egoísta e desinteressado em seguir quaisquer regras que não fossem as suas. Por conta da sua natureza antagonista, se metia constantemente em problemas na escola e sua mãe era sempre chamada ao gabinete do diretor para suportar inúmeras palestras sobre as suas transgressões. Ele simplesmente se recusava a seguir ordens. Por exemplo, todas as manhãs, Roberto ia com seu cavalo para a escola, embora a Irmandade Cristã o proibisse repetidas vezes de entrar com o animal no perímetro do colégio. Ele simplesmente os ignorava. Amarrava o cavalo no bicicletário, o animal se soltava do cabresto e, uma ou duas horas depois, os Irmãos o viam passeando pelo jardim, mascando os arbustos premiados e as flores. Roberto também esporeava o animal pelas ruas congestionadas de Carrasco, galopando pelas calçadas e passando tão rápido pelos cruzamentos movimentados que as

ferraduras faiscavam no asfalto. Motoristas desviavam e pedestres saltavam do caminho. Os vizinhos reclamavam constantemente e, uma ou duas vezes, a polícia falou com o pai de Roberto, mas ele continuou a montar.

Na esperança de encontrar uma válvula de escape para o desregramento de Roberto, a Irmandade Cristã o incentivou a jogar *rúgbi*, e sua natureza vigorosa fez dele uma presença formidável em campo. Jogava na ponta esquerda, na mesma posição que Panchito, mas do lado oposto. Porém, enquanto Panchito se esquivava e ziguezagueava graciosamente pelos *tacklers* na direção do *try-line*, Roberto preferia passar pelos adversários por um caminho mais direto, uma cabeçada depois da outra. Ele não era um dos nossos maiores jogadores, mas suas pernas grossas eram tão impressionantemente definidas que, com sua famosa corpulência, renderam-lhe o apelido de Músculo. Impulsionado por membros tão firmes e por tamanha beligerância natural, Roberto fazia frente a adversários muito maiores e o que mais adorava era baixar os ombros e mandar algum *tackler* grandalhão e pretensioso pelos ares.

Roberto amava o *rúgbi*, mas o esporte não o curou da teimosia como desejava a Irmandade Cristã. Roberto era Roberto, fora ou dentro do campo e, mesmo no meio de uma partida dura, se recusava a receber ordens. Nossos técnicos nos preparavam bem para cada partida, com jogadas e estratégias ensaiadas, e o restante de nós tentava seguir o plano de jogo da melhor maneira possível. Mas Roberto sempre se reservava o direito de improvisar à vontade. Geralmente, isso significava segurar a bola quando deveria tê-la passado, ou atirar-se de cabeça contra o adversário quando os técnicos queriam que ele dançasse no campo aberto. Enquanto suportava de má vontade as reprimendas dos técnicos, o brilho em seus olhos penetrantes revelava audácia e impaciência. Receber ordens o irritava. Ele simplesmente achava que o seu jeito de fazer as coisas era melhor. E vivia dessa maneira em todas as facetas da vida. A força de espírito de Roberto tornava a amizade com ele complicada e, mesmo nas circunstâncias confortáveis em que vivíamos em Carrasco, ele podia ser arrogante e insolente. Na atmosfera pesada da fuselagem, sua conduta era muitas vezes insuportável. Ignorava rotineiramente as decisões do grupo e se voltava contra qualquer um que o desafiasse, despejando ofensas e insultos no falsete beligerante que usava quando estava de sangue quente. Ele podia ser absurdamente insensível: se tivesse que sair do avião à noite para urinar, por exemplo, simplesmente pisava nos braços e pernas de quem quer que estivesse dormindo no seu caminho. Dormia onde bem entendia, mesmo que isso significasse empurrar os outros dos lugares que haviam escolhido. Lidar com o pavio curto e com a agressividade de Roberto gerava um estresse desnecessário, nos custava uma energia que não podíamos gastar e, mais de uma vez, sua rispidez e teimosia quase levaram a

brigas.

Porém, apesar de seu caráter difícil, eu respeitava Roberto. Ele era o mais inteligente e engenhoso entre nós. Sem seus cuidados médicos perspicazes logo depois da queda, muitos dos garotos que àquela altura se recuperavam de seus ferimentos poderiam estar mortos, e sua criatividade resolvera muitos problemas de maneiras que nos deixaram mais seguros ou mais confortáveis na montanha. Foi Roberto que percebeu que as capas dos assentos do Fairchild podiam ser arrancadas e usadas como cobertores, uma inovação que pode ter nos salvado da morte por congelamento. A maioria das ferramentas que usávamos, e nossa grosseira variedade de itens médicos, fora improvisada por ele a partir de artigos recolhidos dos destroços. E, apesar de sua arrogância egoísta, eu sabia que ele se sentia extremamente responsável por nós. Depois de ver como Arturo e Rafael sofriam à noite, deitados no chão da fuselagem (e de berrar com eles para que parassem de gemer), Roberto passou horas na manhã seguinte fazendo as redes que deram àqueles dois meninos feridos algum alívio. Não era exatamente compaixão que o levava a fazer essas coisas, era mais uma sensação de dever. Roberto conhecia seus dons e suas habilidades, e simplesmente fazia sentido para ele fazer o que sabia que ninguém mais era capaz.

Eu sabia que a desenvoltura de Roberto seria uma grande vantagem em qualquer tentativa de fuga. Também confiava na sua visão realista da situação — ele entendia como nosso estado era desesperador e que a única esperança era nos salvarmos por conta própria. Porém, mais do que qualquer coisa, eu o queria simplesmente porque ele era Roberto, a pessoa mais determinada e resoluta que já conhecera. Se havia alguém no nosso grupo que pudesse enfrentar os Andes por pura teimosia, essa pessoa era Roberto. Ele não seria o companheiro de viagem mais fácil de todos, e eu temia que seu caráter complicado pudesse gerar conflitos entre nós durante a escalada, minando qualquer mínima chance de chegarmos à civilização. Mas compreendia intuitivamente que a obstinação e a personalidade forte dele seriam o complemento perfeito dos impulsos desenfreados que me levavam a correr às cegas em direção às montanhas. Com minha necessidade louca de fugir, eu seria o motor que nos impeliria encosta acima; o espírito rabugento de Roberto seria a embreagem que me impediria de fugir do controle. Não tinha como saber que tipo de dificuldades nos aguardaria nas montanhas, mas sabia que Roberto faria de mim uma pessoa mais forte e mais capaz durante a jornada. Era dele que eu precisava do meu lado e, quando ficamos sozinhos e achei que era a hora certa, pedi que me acompanhasse.

— Nós temos que fazer isso, Roberto, eu e você — eu disse. — Temos mais chances do que qualquer outra pessoa aqui.

— Você está maluco, Nando — ele respondeu com rispidez, sua voz subindo

de tom. — Veja essas porras dessas montanhas. Você tem ideia de como elas são altas?

Olhei para o pico mais alto.

— Deve ter umas duas ou três vezes o tamanho do Pão de Açúcar — eu disse, referindo-me à “montanha” mais alta do Uruguai.

Roberto bufou.

— Não seja idiota! — guinchou. — Não tem neve no Pão de Açúcar! E ele só tem 450 metros! Essa montanha é pelo menos dez vezes mais alta!

— E temos escolha? — respondi. — Precisamos tentar. Minha decisão já está tomada. Eu vou escalar, Roberto, mas estou com medo. Não vou conseguir sozinho. Preciso que você venha comigo.

Roberto balançou a cabeça com pesar.

— Você viu o que aconteceu com o Gustavo — ele disse. — E eles só chegaram até a metade da encosta.

— Nós não podemos ficar aqui — eu disse. — Você sabe disso tão bem quanto eu. Precisamos partir o mais cedo possível.

— Sem chance! — gritou Roberto. — Temos que ter um plano. Precisamos fazer isso da maneira mais inteligente possível. Temos que pensar em cada detalhe. Como escalaríamos? Qual encosta? Em que direção?

— Eu penso nessas coisas o tempo todo — eu disse. — Vamos precisar de comida, água, agasalhos…

— E como vamos evitar que congelemos à noite? — ele perguntou.

— Nós nos abrigamos debaixo das rochas — eu disse — ou então cavamos cavernas na neve.

— O *timing* é muito importante — ele disse. — Temos que esperar o tempo melhorar.

— Mas não podemos esperar muito ou vamos ficar muito fracos para fazer a escalada — eu disse a ele.

Roberto ficou quieto por um instante.

— Você sabe que isso vai nos matar — ele disse.

— Provavelmente — respondi —, mas se ficarmos aqui já estamos mortos. Não vou conseguir sozinho, Roberto. Por favor, venha comigo.

Por um momento, Roberto pareceu me estudar com um olhar penetrante, como se nunca tivesse me visto na vida. Então meneou a cabeça na direção da fuselagem.

— Vamos entrar — ele disse. — O vento está aumentando e estou morrendo de frio.

Nos dias que se seguiram, todos se dedicaram a discutir o plano de sair dali

escalando a cordilheira, e eu logo notei que todos começavam a confiar naquele plano tão desesperadamente como haviam confiado antes na garantia do resgate. Como fui o primeiro a falar abertamente sobre a nossa necessidade de fuga, e como eles sabiam que eu sem dúvida seria um dos que tentariam escalar, muitos dos sobreviventes começaram a me ver como um líder. Eu jamais assumira na vida um papel daquele tipo — sempre fora aquele que ia com a maré, que deixava os outros mostrarem o caminho. Certamente não me sentia como um líder naquela situação. Será que eles não viam como eu estava confuso e assustado? Eles queriam mesmo um líder que sentia no fundo do coração que já estávamos todos perdidos? Da minha parte, não queria liderar ninguém; precisava de toda a minha força simplesmente para não entrar em colapso. Fiquei preocupado com o fato de estar dando-lhes falsas esperanças, mas, no fim das contas, decidi que uma esperança falsa era melhor do que não ter esperança alguma, de modo que escondi meus pensamentos. Em sua maioria, eram pensamentos sombrios, mas, uma noite, uma coisa extraordinária aconteceu. Passava da meia-noite, a fuselagem estava escura e fria como sempre, e eu estava inquieto naquele estupor grogue que era o mais próximo que eu conseguia chegar do sono genuíno, quando fui subitamente sacudido por uma onda de alegria tão forte e sublime que quase ergueu meu corpo do chão. Por um instante o frio desapareceu, como se eu tivesse sido banhado por uma luz quente e dourada e, pela primeira vez desde a queda do avião, tive certeza de que iria sobreviver. Excitado, acordei os demais.

— Ei, caras — gritei. — A gente vai ficar bem. Vou levar vocês para casa a tempo do Natal!

Minha explosão pareceu ter intrigado os outros sobreviventes, que murmuraram baixinho e voltaram a dormir. A euforia passou numa questão de segundos. Tentei a noite inteira recuperar aquele sentimento, mas ele havia me escapado. Pela manhã, meu coração já voltara a estar repleto de dúvidas e pavor.

Capítulo Seis

Sepultura

Na última semana de outubro, já havíamos escolhido o grupo que deixaria o local da queda para tentar encontrar ajuda. Ninguém tinha a menor dúvida de que eu iria — teriam que me amarrar a uma rocha para me impedirem de partir. Roberto finalmente concordara em me acompanhar. Fito e Numa completariam a equipe. Os demais sobreviventes aprovaram as escolhas e passaram a se referir a nós como “os expedicionários”. Ficou decidido que receberíamos porções maiores de comida para nos fortalecermos. Também ficaríamos com os agasalhos mais quentes e com os melhores lugares para dormir, e seríamos dispensados das tarefas diárias para conservar nossa energia para a viagem.

O fato de termos uma equipe designada fez com que nossos planos de fuga parecessem finalmente reais e, em resposta a isso, os ânimos do grupo começaram a melhorar. E, depois de duas semanas na montanha, tínhamos outros motivos para ficarmos esperançosos: apesar de todo o sofrimento e de tantos horrores, ninguém mais morrera desde o oitavo dia na montanha, quando perdi Susy. Com todos aqueles corpos enterrados na neve, tínhamos comida suficiente para nos mantermos vivos e, embora ainda sofrêssemos nas noites geladas, sabíamos que, enquanto estivéssemos amontoados dentro do Fairchild, o frio não nos mataria. A situação ainda era grave, mas começávamos a sentir que havíamos ultrapassado o ponto crítico. As coisas pareciam mais estáveis. Havíamos solucionado as ameaças imediatas e agora precisávamos jogar o jogo da espera, descansando e nos fortalecendo enquanto aguardávamos o tempo melhorar, para em seguida escalarmos. Talvez os horrores tivessem acabado. Talvez todos os 27 restantes estivessem destinados a sobreviver. Que outro motivo Deus teria para nos salvar? Muitos se confortavam com esses pensamentos enquanto entrávamos na fuselagem na noite de 29 de outubro e nos preparávamos para dormir.

Ventava muito naquela noite. Acomodei-me no chão e Liliana se deitou ao meu lado. Conversou baixinho por alguns instantes com Javier, que estava de frente para ela. Como de costume, falaram sobre os filhos. Liliana se preocupava com eles o tempo todo e Javier a confortava, argumentando que os avós estavam certamente cuidando bem deles. A ternura que existia entre os dois me comovia.

Compartilhavam uma intimidade e um senso de companheirismo tão grandes. Era como se fossem uma só pessoa. Antes da queda, o casal vivia a vida que eu sonhava para mim — um casamento sólido, as alegrias de uma casa e de uma família amorosa. Imaginava se eles conseguiriam voltar àquela vida. Mas e eu? Será que a minha chance de alcançar uma felicidade daquelas morreria comigo naquele inferno de gelo? Deixava minha imaginação correr solta: Onde, naquele momento, estaria a mulher com a qual eu me casaria? Será que ela também estava pensando sobre o futuro — com quem se casaria e onde estaria o seu homem?

Cá estou eu, pensei, *congelando no topo do mundo e pensando em você...*

Alguns instantes depois, Javier resolveu tentar dormir e Liliana se virou para mim.

— Como está a cabeça, Nando? — ela perguntou. — Ainda está doendo?

— Só um pouquinho — respondi.

— Você devia descansar mais.

— Fico feliz que você tenha decidido comer — falei.

— Eu quero ver meus filhos — ela disse. — E, se não comer, morro. Estou fazendo isso por eles.

— Como está Javier?

— Muito mal ainda — ela suspirou. — Rezo o tempo todo por ele. Javier tem certeza de que Deus vai nos dar uma chance.

— E você? — perguntei. — Você acha que Deus vai nos ajudar? Estou tão confuso. Tão cheio de dúvidas.

— Deus nos salvou até agora — ela respondeu. — Precisamos confiar Nele.

— Mas por que Deus nos salvaria enquanto deixou os outros morrerem? Minha mãe, minha irmã, Panchito, Guido? Eles também não queriam que Deus os salvasse?

— Nós não temos como entender Deus ou a lógica Dele — ela disse.

— Então por que deveríamos confiar Nele? — perguntei. — E os judeus que morreram nos campos de concentração? E todos os inocentes mortos nas pragas, nos expurgos, nos acidentes naturais? Por que Ele voltaria as costas para essas pessoas e, ao mesmo tempo, encontraria tempo para nós?

Liliana suspirou, e senti o calor de seu hálito no meu rosto.

— Você está complicando demais as coisas — ela disse, com ternura na voz. — Tudo o que podemos fazer é amar a Deus, ao próximo e confiar nos Seus desígnios.

As palavras de Liliana não me convenceram, mas seu afeto e sua bondade me confortaram. Tentei imaginar quanto ela sentia falta dos filhos e fiz uma prece para que eles ficassem juntos novamente, então fechei os olhos e caí no meu

habitual semissono agitado. Cochilei um pouco, uma meia hora talvez, e então despertei, assustado e desorientado, com uma força enorme pressionando o meu peito. Alguma coisa estava muito errada. Senti uma umidade gelada contra o rosto e um peso enorme me esmagava de tal forma que expulsava o ar dos meus pulmões. Após um instante de desorientação, entendi o que acontecera — uma avalanche havia descido a montanha e enchido a fuselagem de neve. Houve um momento de silêncio total, então ouvi um rangido lento, líquido, à medida que a neve solta se assentava sobre o próprio peso e se depositava ao meu redor como uma rocha. Tentei me mexer, mas meu corpo parecia estar envolto em concreto e não conseguia mover um dedo. Consegui algumas respirações curtas, mas logo a neve se amontoou na minha boca e nas minhas narinas e comecei a sufocar. No começo, a pressão no peito era insuportável, mas, à medida que minha consciência esmaecia, deixei de notar o desconforto. Meus pensamentos se tornaram calmos e lúcidos. “Esta é a minha morte”, disse a mim mesmo. “Agora vou ver o que existe do outro lado.” Não senti nenhuma emoção forte. Não tentei gritar ou lutar. Simplesmente esperei e, ao aceitar minha derrota, fui preenchido por uma sensação de paz. Aguardei pacientemente a vida terminar. Não surgiram anjos, não houve revelações nem tampouco um longo túnel que levasse a uma luz dourada e acolhedora. Em vez disso, experimentei apenas o mesmo silêncio negro no qual caíra quando o Fairchild se chocou contra a montanha. Voltei àquele silêncio. Abandonei as resistências. Estava acabado. Não havia mais medo. Não havia mais luta. Apenas um silêncio sem fim, e descanso.

Então a mão de alguém retirou a neve de cima do meu rosto e fui puxado de volta ao mundo dos vivos. Alguém cavara um túnel estreito nos vários metros de neve para me resgatar. Cuspi neve e traguei o ar gelado para os pulmões, embora o peso sobre meu peito tornasse difícil completar uma respiração.

Ouvi a voz de Carlitos acima da minha cabeça.

— Quem está aí? — ele gritou.

— Eu — respondi. — É o Nando.

Então ele foi embora. Ouvi um caos de gritos e choro sobre mim.

— Procurem os rostos! — alguém gritou. — Eles precisam de ar!

— Coco! Onde está Coco?

— Ajudem-me aqui!

— Alguém viu Marcelo?

— Quantos nós achamos? Quem está faltando?

— Alguém faça as contas!

Então ouvi a voz de Javier gritando histericamente.

— Liliana? Liliana? Ajudem-na! Aguente firme, Liliana! Oh, por favor, rápido, encontrem a minha mulher!

O caos durou apenas alguns minutos, e então a fuselagem ficou silenciosa. Alguns instantes depois, fui desencavado e consegui sair da neve. A fuselagem escura estava sinistramente iluminada pela chama do isqueiro nas mãos de Pancho Delgado. Vi alguns dos meus amigos imóveis no chão. Outros meninos erguiam-se da neve como zumbis de seus túmulos. Javier estava ajoelhado ao meu lado com Liliana nos braços. Eu soube pela maneira como seus braços e sua cabeça pendiam frouxos que ela estava morta. Balancei a cabeça com incredulidade quando Javier começou a chorar.

— Não — eu disse, impassível. — Não.

Como se pudesse contestar o que tinha acontecido. Como se pudesse me recusar a permitir que fosse verdade. Olhei para os outros à minha volta. Alguns choravam, alguns confortavam Javier, outros simplesmente olhavam para as sombras com uma expressão aturdida no rosto. Por um instante, ninguém falou nada, mas quando o choque diminuiu, os outros me contaram o que tinham visto.

Começou com um estrondo distante na montanha. Roy Harley ouviu o barulho e pôs-se de pé. Segundos depois, a avalanche irrompeu pela parede improvisada na traseira da fuselagem, enterrando-o até a cintura. Horrorizado, Roy notou que todos que estávamos dormindo no chão havíamos sido soterrados pela neve. Apavorado com a possibilidade de estarmos todos mortos e de ele estar sozinho na montanha, Roy começou a cavar. Desenterrou rapidamente Carlitos, Fito e Roberto. À medida que cada garoto era tirado debaixo da neve, começava também a cavar. Andaram de um lado para o outro, procurando freneticamente por nossos amigos enterrados, mas, apesar de seus esforços, não foram rápidos o bastante para salvar a todos. Tivemos perdas graves. Marcelo estava morto. Enrique Platero, Coco Nicholich e Daniel Maspons também. Carlos Roque, o mecânico do Fairchild, e Juan Carlos Menendez haviam morrido soterrados pela parede da traseira. Diego Storm, que no terceiro dia do suplício salvara minha vida ao me arrastar para o calor da fuselagem durante o coma, sufocara sob a neve. E Liliana, que momentos antes me dissera palavras de conforto tão amáveis, também estava morta. Gustavo ajudara Javier a desencavá-la, mas a demora foi grande e, quando a encontraram, ela já havia morrido.

É difícil descrever a profundidade do desespero que desabou sobre nós na esteira da avalanche. A morte dos nossos amigos nos abalou. Havíamos nos permitido crer que já não estávamos mais em perigo, mas vimos naquele instante que jamais estaríamos seguros naquele lugar. A montanha podia nos matar de inúmeras formas. O que mais me torturava era como a morte era caprichosa. Como entender aquilo? Daniel Maspons estava dormindo centímetros à minha direita. Liliana estava à mesma distância à minha esquerda. Os dois estavam mortos. Por que eles e não eu? Porque eu era mais forte? Mais esperto? Mais

bem preparado? A resposta era clara: Daniel e Liliana queriam viver tanto quanto eu, eram tão fortes quanto eu e lutaram com o mesmo afinco para sobreviver, mas o destino deles foi decidido por um simples golpe de azar — haviam escolhido os lugares em que iam dormir naquela noite, e essa escolha os matara. Pensei em mamãe e Susy escolhendo os assentos no avião. Pensei em Panchito trocando de lugar comigo momentos antes da queda. A arbitrariedade de todas aquelas mortes me ultrajava, mas me apavorava também, porque se a morte fazia tão pouco sentido e era tão aleatória, nada, nenhuma quantidade de coragem, planejamento ou determinação, poderia me proteger dela.

Um pouco mais tarde naquele mesmo dia, como se quisesse zombar dos meus medos, a montanha enviou uma segunda avalanche encosta abaixo. Nós a ouvimos chegando e nos preparamos para o pior, mas a neve simplesmente passou rolando pelo avião daquela vez. O Fairchild já havia sido soterrado.

A carcaça do Fairchild sempre fora um abrigo exposto ao vento e apinhado de gente, mas, depois da avalanche, ela se tornou um lugar verdadeiramente infernal. A neve que invadiu a fuselagem era tão funda que não conseguíamos ficar de pé; a altura mal dava para engatinharmos pelo interior do avião. Assim que juntamos coragem, empilhamos os mortos na traseira, onde a neve era mais funda, o que deixou apenas uma pequena clareira perto da cabine dos pilotos para os sobreviventes dormirem. Nos amontoamos naquele espaço — 19 pessoas, apertadas numa área que acomodaria com conforto quatro — sem outra escolha senão nos espremermos, com os joelhos, pés e cotovelos emaranhados numa espécie de *scrum* saído de um pesadelo. O ar na fuselagem era pesado por conta da umidade da neve, o que tornou o frio ainda mais cruel. Estávamos todos cobertos de neve, que logo derreteu com o calor dos corpos, deixando nossas roupas ensopadas num instante. Para piorar, tudo o que possuíamos estava enterrado a vários metros de profundidade, no chão da fuselagem. Não tínhamos cobertores improvisados para nos aquecer, nem sapatos para proteger os pés do frio, nem almofadas para nos isolar da superfície congelada da neve, que era o único chão que nos restava para descansar. Havia tão pouco espaço livre acima das nossas cabeças que éramos obrigados a arquear os ombros para a frente e colar o queixo no peito, mas, ainda assim, nossas nucas batiam no teto. À medida que lutava para achar uma posição confortável em meio àquela pilha de corpos, senti o pânico subir pela garganta e tive que conter a vontade de gritar. Estávamos debaixo de quanta neve?, eu pensava. Meio metro? Três metros? Seis metros? Será que fomos enterrados vivos? O Fairchild teria se tornado nosso caixão? Sentia a opressão da neve à nossa volta. Ela nos isolava do barulho externo do vento e alterava os sons dentro do avião, criando um silêncio espesso

e abafado, e dando às nossas vozes um ligeiro eco, como se falássemos do fundo de um poço. Pensei: *Agora já sei como é estar preso em um submarino no fundo do oceano.* Apesar do frio, um suor viscoso se formou debaixo da minha gola. Senti as paredes da fuselagem se fecharem sobre mim. Todos os meus medos claustrofóbicos — de ficarmos presos nas montanhas ao nosso redor, de que a fuga se tornasse impossível e de ser isolado do meu pai — se tornavam realidade de uma maneira absurdamente literal. Estava preso dentro de um tubo de alumínio sob toneladas de neve endurecida. À beira de entrar em pânico, lembrei-me da aceitação pacífica que senti sob a avalanche e, por um instante, desejei que tivessem encontrado Liliana e não a mim.

As horas que se seguiram foram umas das mais tétricas de todo o suplício. Javier chorava de tristeza por Liliana e quase todos os demais sobreviventes lamentavam a perda de pelo menos um amigo especialmente íntimo. Roberto perdera seu melhor amigo, Daniel Maspons. Carlitos perdera Coco Nicholich e Diego Storm. Todos lamentávamos por Marcelo e Enrique Platero. A morte dos nossos companheiros fez com que nos sentíssemos mais desamparados e vulneráveis do que nunca. A montanha nos dera mais uma demonstração de força e não havia maneira de revidarmos, a não ser tremendo num emaranhado agonizante de corpos na nossa fria cama de neve. Os minutos pareciam horas. Logo, alguns dos sobreviventes se puseram a tossir e resfolegar, e percebi que o ar na fuselagem começava a ficar estagnado. A neve nos lacrara tão hermeticamente que não havia entrada de ar fresco. Se não encontrássemos logo algum suprimento de ar, sufocaríamos. Divisei a ponta de uma viga de alumínio projetando-se na neve. Sem pensar, arranquei-a, segurei-a como uma lança e, apoiando-me nos joelhos, comecei a bater com a ponta afiada no teto. Usando toda a minha força, golpeei repetidas vezes até conseguir perfurar o telhado do Fairchild. Empurrei a viga para cima, sentindo a resistência da neve que cobria o avião. Em seguida, a resistência cessou e ela se desprendeu. Não estávamos irremediavelmente enterrados. O Fairchild estava coberto apenas por alguns centímetros de neve.

Quando retirei a viga, ar fresco entrou pelo buraco que fiz e todos respiramos melhor quando nos juntamos novamente para tentar dormir. Aquela noite foi interminável. Quando a manhã finalmente chegou, as janelas da fuselagem brilhavam timidamente à medida que a luz fraca era filtrada pela neve. Não perdemos tempo tentando cavar nossa saída daquela sepultura de alumínio. Sabíamos que, pela maneira como o avião estava inclinado na geleira, as janelas do lado direito da cabine do piloto apontavam para o céu. Com toneladas de neve bloqueando nossa saída habitual nos fundos do avião, decidimos que aquelas janelas seriam nossa melhor rota de fuga. Mas o caminho para a cabine

também estava obstruído pela neve. Começamos a cavar na direção dela, usando lascas de metal e pedaços de plástico como pás. Só havia espaço para um homem por vez trabalhar, então nos revezamos em turnos de 15 minutos, um homem cavoucando a neve dura como pedra e o restante empurrando a neve solta para a traseira do avião. Na luz fraca, não pude deixar de pensar que meus amigos barbados, enfraquecidos e desgrenhados pareciam prisioneiros desesperados cavando um túnel para fugir de uma cela do *gulag* siberiano.

Levou horas para cavarmos uma passagem até a cabine, mas finalmente Gustavo chegou até o assento do piloto e, sentando-se no colo do cadáver, conseguiu alcançar a janela. Ele a empurrou, na esperança de soltá-la de sua moldura, mas a neve que pressionava o vidro era muito pesada, e ele não conseguia juntar força suficiente. Roberto tentou em seguida, mas também sem sucesso. Finalmente, Roy Harley subiu no assento do piloto e, com um empurrão violento, liberou a janela. Escalando pela abertura que fizera, Roy cavou alguns metros de neve até alcançar a superfície e conseguir olhar em volta. Uma tempestade fustigava a montanha com ventos fortes e rajadas de neve que feriam seu rosto. Apertando os olhos na ventania, Roy percebeu que a avalanche enterrara completamente a fuselagem. Antes de voltar para baixo, olhou para o céu. Não viu nenhuma abertura nas nuvens.

— Está caindo uma tempestade de neve — ele disse quando desceu de volta para a fuselagem. — E a neve em volta do avião é funda demais para andarmos nela. Acho que acabaríamos afundando e morrendo. Estamos presos aqui até a tempestade passar, e parece que ela ainda vai durar bastante.

Aprisionados pelo clima, não tínhamos outra escolha senão nos acomodarmos na nossa prisão abjeta e suportar a agonia um longo instante de cada vez. Para levantar os ânimos, discutíamos a única coisa capaz de nos confortar: nossos planos de fuga, e, à medida que a discussão evoluía, uma nova ideia surgiu. Duas tentativas fracassadas de escalarmos as montanhas haviam convencido muitos dos sobreviventes de que não era possível fugir pelo oeste. Àquela altura, suas atenções estavam direcionadas para o amplo vale que se estendia a perder de vista, descendo das encostas orientais. A teoria deles era de que, se estivéssemos tão perto do Chile quanto acreditávamos, então toda a água naquela região devia seguir pelas colinas chilenas até o oceano Pacífico. Isso incluiria toda a neve que derretia daquela área da cordilheira. A água devia encontrar um caminho para escoar na direção oeste, eles raciocinavam, e, se achássemos o trecho da corrente que descia a cordilheira, encontraríamos nossa rota de fuga.

Eu não levava muita fé naquele plano. Para começar, não acreditava que as montanhas nos deixariam escapar com tanta facilidade. Também achava loucura ignorarmos o único fato que sabíamos ser verdade — *o Chile fica a oeste* —

para seguirmos uma rota que, quase certamente, nos levaria mais para dentro dos Andes. Mas os outros decidiram depositar confiança naquele novo plano e eu não me opus. Não sei por quê. Talvez meus pensamentos estivessem confusos pela altitude, pela desidratação ou pela falta de sono. Talvez estivesse aliviado por me ver livre do horror de enfrentar a montanha. Por algum motivo, aceitei a decisão do grupo sem discutir, embora achasse ser uma perda de tempo. Tudo o que sabia era que tínhamos de sair daquele lugar e que precisávamos começar logo.

— Assim que a tempestade passar, nós temos que partir — eu disse.

Fito discordou.

— Precisamos esperar o tempo melhorar — disse.

— Estou cansado de esperar — respondi. — Como vamos saber se o tempo vai melhorar neste lugar maldito?

Então Pedro Algorta se lembrou de uma conversa que tivera com um taxista em Santiago.

— Ele disse que o verão nos Andes começa pontualmente no dia 15 de novembro — Pedro disse.

— Isso é daqui a pouco mais do que duas semanas, Nando — disse Fito. — Você consegue esperar até lá.

— Vou esperar — respondi. — Mas só até 15 de novembro. Se ninguém estiver preparado até lá, eu vou sozinho.

Os dias que passamos sob a avalanche foram os mais terríveis do nosso suplício. Não conseguíamos dormir, nos aquecer ou secar as roupas encharcadas. Presos do jeito que estávamos, os mecanismos fazedores de água de Fito eram inúteis, e mastigar pedaços da neve suja na qual nos arrastávamos e dormíamos era a única maneira de aplacar a sede. A fome era um problema ainda mais grave. Sem acesso aos corpos do lado de fora, não tínhamos comida e logo começamos a enfraquecer. Sabíamos muito bem que os corpos das vítimas da avalanche estavam ao alcance da mão, mas não conseguíamos encarar de imediato a perspectiva de fatiá-los. Até aquele momento, o corte da carne vinha sendo feito fora da fuselagem, e nenhuma pessoa além das que a cortavam tinha de assistir. Não ficávamos sabendo de qual corpo vinha a carne. Além disso, depois de tantos dias enterrados na neve, os corpos haviam ficado tão congelados que era mais fácil pensar neles como objetos inanimados. Não havia como coisificar os corpos que estavam dentro da fuselagem. Um dia antes eles estavam quentes e vivos. Como conseguiríamos comer a carne que teríamos de cortar daqueles corpos recém-mortos diante dos nossos olhos? Tacitamente, concordamos em

passar fome na nossa espera pelo fim da tempestade. Porém, no dia 31 de outubro, nosso terceiro dia sob a avalanche, percebemos que não conseguiríamos aguentar mais. Não me lembro quem foi, talvez Roberto ou Gustavo, mas alguém achou um pedaço de vidro, limpou a neve de cima de um dos corpos e começou a cortar. Foi horrível vê-lo fatiar um amigo, ouvir o som fraco do vidro rasgando a pele e serrando o músculo. Quando me deram um pedaço da carne, senti repulsa. Das outras vezes ela fora secada ao sol antes de comermos, o que diminuía o gosto e dava-lhe uma textura mais palatável, mas o pedaço que Fito me deu estava macio, ensebado e com filetes de sangue e pedaços de cartilagem. Vomitei violentamente quando o coloquei na boca e tive que usar de toda a minha força de vontade para me obrigar a engolir. Fito teve que pressionar muitos dos sobreviventes a comer — chegou a empurrar carne goela abaixo do seu primo Eduardo. Mas não foi possível convencer aqueles que, mesmo nas melhores circunstâncias, mal conseguiam suportar carne humana, como Numa e Coche. Fiquei especialmente preocupado com a obstinação de Numa. Ele era um dos expedicionários, uma grande fonte de força para mim, e não me agradava a ideia de enfrentar as montanhas sem a sua presença.

— Numa — eu disse a ele —, você tem que comer. Precisamos de você aqui quando formos escalar. Você tem que ficar forte.

Numa fez uma careta e balançou a cabeça.

— Eu mal conseguia engolir a carne antes — disse. — Não vou aguentá-la desse jeito.

— Pense na sua família — eu disse. — Se quiser vê-la novamente, vai ter que comer.

— Sinto muito, Nando — ele disse, virando o rosto. — Não posso.

Eu sabia que a recusa de Numa não se limitava a um simples nojo. De certa forma, ele havia chegado ao seu limite e recusar a comida era uma revolta contra o pesadelo inescapável que nossa vida havia se tornado. Sentia-me da mesma forma. Quem sobreviveria à ladainha de horrores que havíamos sido forçados a enfrentar? O que tínhamos feito para merecer uma desgraça tão grande? Qual era o significado daquele sofrimento? Nossas vidas tinham algum valor? Que tipo de Deus seria tão cruel? Essas questões assombravam-me a todo momento, mas, de alguma forma, eu sabia que esse tipo de pensamento era perigoso. Não levava a nada além de raiva impotente que logo se tornava apatia. E, naquele lugar, apatia significava morte, de modo que afastei aquelas perguntas trazendo à tona pensamentos sobre minha família em Montevidéu. Imaginava Graciela com seu bebezinho. Queria tanto ser um tio para ele. Ainda trazia comigo os sapatinhos vermelhos que mamãe comprara em Mendoza e imaginei-me colocando-os em seus pezinhos, beijando sua cabeça e sussurrando em seu ouvido: *“Soy tu tío,*

Nando.” Pensava em minha avó Lina, que tinha os olhos azuis e o sorriso afetuoso de mamãe. O que eu não daria para sentir seu abraço naquele lugar terrível? Pensava até no meu cachorro, Jimmy, um bóxer brincalhão que me seguia para todo canto. Pensar nele deitado com tristeza na minha cama vazia ou esperando-me na porta de casa partia meu coração. Pensava nos meus amigos de Montevidéu. Sonhava em visitar os lugares que costumava frequentar. Lembrava-me de todos os pequenos luxos — nadar na praia, os jogos de futebol e as corridas de carro, o prazer de dormir na minha própria cama e a cozinha cheia de comida. Houve mesmo um tempo em que estive cercado de todos aqueles tesouros, em que tanta felicidade estava ao meu alcance? Tudo parecia tão distante, tão irreal.

Enquanto tremia na neve viscosa, completamente desesperado e forçado a mastigar os punhados crus e umedecidos de carne cortada na minha frente do corpo dos meus amigos, era difícil acreditar na existência de qualquer coisa antes da queda. Naqueles momentos, forçava-me a pensar em papai e prometia mais uma vez jamais desistir da luta para voltar para casa. Às vezes, isso me dava uma sensação de esperança e paz, mas, geralmente, quando observava nosso estado deplorável e os horrores que nos cercavam, era duro me conectar à vida feliz que eu tinha antes e, pela primeira vez, a promessa que fiz ao meu pai começou a soar vazia. A morte se aproximava; seu cheiro ficava mais forte à minha volta. Havia, então, algo de sórdido e fétido em nosso sofrimento, uma sensação de obscuridade e corrupção que pesava no meu peito.

Sonhava muito pouco nas montanhas — raramente dormia o suficiente para sonhar —, mas, uma noite, dormindo sob a avalanche, me vi deitado de costas com os braços esticados para o lado. Meus olhos estavam fechados. “Estou morto?”, perguntei a mim mesmo. “Não, estou conseguindo pensar, estou consciente.” Então, um vulto se ergueu sobre mim.

— Roberto? Gustavo? Quem é você? Quem está aí?

Nenhuma resposta. Vi algo brilhar em suas mãos e percebi que a pessoa estava segurando um caco de vidro. Tentei levantar, mas não conseguia me mover.

— Sai de perto de mim! Quem é você, porra? O que você está fazendo?

O vulto se ajoelhou ao meu lado e começou a me cortar com o vidro. Tirava lascas de carne do meu antebraço e os passava para outras figuras atrás dele.

— Pare! — gritei. — Pare de cortar, eu estou vivo!

Os demais levavam minha carne à boca. Eles começaram a mastigar.

— Não! Ainda não! — gritei. — Não me cortem!

O estranho continuou seu trabalho, fatiando meu braço. Percebi que ele não me ouvia. Então notei que não sentia dor.

— Oh, meu Deus! Estou morto? Eu morri? Oh, não, por favor, meu Deus, por

favor...

No instante seguinte, acordei com um salto.

— Você está bem, Nando?

Era Gustavo, que estava deitado ao meu lado.

Meu coração pulsava.

— Tive um pesadelo — disse.

— Está tudo bem — ele disse. — Você está acordado agora.

Sim, disse a mim mesmo, *estou acordado agora, está tudo bem.*

Trinta e um de outubro, nosso terceiro dia sob a avalanche, era o dia do aniversário de 19 anos de Carlitos. Naquela noite, deitado ao lado dele na fuselagem, prometi que comemoraríamos seu aniversário quando chegássemos em casa.

— Meu aniversário é dia 9 de dezembro — disse a ele. — Vamos todos para a casa dos meus pais em Punta del Este para comemorar todos os aniversários que perdemos.

— Por falar em aniversários — ele disse —, amanhã é o do meu pai, e da minha irmã também. Ando pensando muito neles e agora tenho certeza de que vou vê-los novamente. Deus me salvou da queda e da avalanche. Ele deve querer que eu sobreviva e volte para minha família.

— Não sei mais o que pensar sobre Deus — eu disse.

— Mas você não sente como Ele está próximo de nós? — ele disse. — Eu sinto a presença Dele com tanta força aqui. Veja como as montanhas são calmas, como são bonitas. Deus está neste lugar e, quando sinto a presença Dele, sei que vamos ficar bem.

Assim como Carlitos, eu havia visto a beleza das montanhas, mas, para mim, ela era letal, e nós éramos a nódoa naquela beleza que a montanha queria apagar. Perguntava-me se Carlitos entendia plenamente o problema em que estávamos metidos, mas, ainda assim, o admirava pela sua coragem e pelo seu otimismo.

— Você é forte, Nando — ele disse. — Você vai conseguir. Vai encontrar ajuda.

Não disse nada. Carlitos começou a rezar.

— Feliz aniversário, Carlitos — sussurrei, e então tentei dormir.

Capítulo Sete

Leste

A tempestade finalmente passou no dia 1º de novembro. O céu estava limpo e o sol, forte, de modo que alguns dos rapazes foram até o teto da fuselagem para derreter neve em água potável. O restante começou o lento processo de remoção das toneladas de neve no interior do Fairchild. Levamos oito dias para limpar a fuselagem, cavoucando a neve dura como pedra com nossas débeis pás de plástico e levando cada pazada até a cabine, homem a homem, até podermos jogá-la para fora. Sendo um expedicionário, eu estava oficialmente dispensado daquele trabalho estafante, mas insisti em ajudar assim mesmo. Com a data da fuga já decidida, eu não podia descansar. Tinha que me manter ocupado, pois temia que os momentos de ócio enfraquecessem minha determinação ou me enlouquecessem.

Enquanto trabalhávamos para deixar a fuselagem habitável novamente, meus colegas expedicionários Numa, Fito e Roberto preparavam-se para a viagem. Eles fizeram um trenó atando uma correia de náilon à metade de uma mala de plástico reforçado e a carregaram com todo o tipo de equipamento que acharam que iríamos precisar: as capas de náilon dos assentos, que usaríamos como cobertores, os sapatos de neve feitos de almofadas de Fito, uma garrafa na qual derreteríamos a neve para beber e outros suprimentos. Roberto fez mochilas amarrando pernas de calças e passando tiras de náilon na extensão delas para que pudéssemos levá-las nas costas. Enchemos as mochilas com mais equipamento, mas deixamos espaço para a carne que Fito e seus primos estavam cortando e gelando na neve para nós. Todos estudávamos com atenção o clima, aguardando sinais de que a primavera estivesse chegando e, na segunda semana de novembro, o inverno parecia estar perdendo a força. Quando o sol saía, a temperatura era amena, chegando a cerca de 7ºC. Mas os dias nublados eram frios, e mesmo o vento mais fraco deixava o ar cortante. As noites ainda eram geladas e as tempestades continuavam caindo nas montanhas, geralmente sem aviso quase algum, e a ideia de ficar preso em uma delas no meio das encostas era uma das minhas maiores preocupações.

Durante a primeira semana de novembro, decidimos incluir Antonio Vizintin entre os expedicionários. Antonio, ou “Tintin”, como o chamávamos, era um dos

sobreviventes mais fortes. Espadaúdo e com pernas que pareciam troncos de árvores, ele era um pilar no Old Christians, posição que exercia com a força de um touro. E também tinha o temperamento de um touro. Tintin podia ser tão esquentado e arrogante quanto Roberto, e me preocupava o fato de que enfrentar as montanhas com aqueles dois cabeças-duras pudesse ser a receita para um desastre. Mas Tintin não era tão complicado quanto Roberto; ele não tinha o ego furioso e a necessidade de mandar nos outros deste último. Em termos de força física, Tintin suportara aquelas semanas nas montanhas tão bem quanto qualquer um de nós e, apesar das minhas preocupações, estava feliz por ele se juntar ao grupo. Achava que com cinco expedicionários em vez de quatro aumentaríamos as chances de pelo menos um de nós sair vivo. Mas assim que conseguimos esse novo membro, perdemos outro, pois Fito foi acometido de um caso de hemorroidas tão grave que sangue escorria pelas suas pernas, fazendo com que andar distâncias curtas já se tornasse uma agonia para ele. Não havia condições de Fito cruzar as montanhas com uma dor tão forte, de modo que concordamos em viajar os quatro, deixando-o para trás.

Com a proximidade da nossa partida, senti os ânimos do grupo melhorarem à medida que a confiança nos prospectos da viagem aumentava. Eu não compartilhava da confiança dos meus companheiros. Ainda sentia que a única maneira de escapar daquelas montanhas era seguir o caminho que levava às encostas dos aterradores picos a oeste, mas não questionei a decisão de tentarmos a rota oriental. Dizia a mim mesmo que, na pior das hipóteses, o trajeto leste, que era mais fácil, seria um bom treino para a jornada mais dura por vir. Na verdade, achava que era mais simples do que isso. Havia reprimido minha ansiedade e minha necessidade enlouquecedora de fugir por muito tempo. Não podia ficar mais um instante no local da queda. A ideia de deixar aquele lugar, independentemente da direção que tomássemos, era atraente demais para resistir. Se os demais insistiam em tomar a direção leste, eu os acompanharia. Faria qualquer coisa para estar em *qualquer lugar* que não fosse ali. Mas, no fundo, sabia que aquela viagem não passava de um prelúdio, e me preocupava o fato de ela nos custar um tempo precioso. Estávamos todos ficando cada vez mais fracos, e alguns pareciam estar entrando em um estado alarmante. Coche Inciarte era um dos mais enfraquecidos. Coche, torcedor antigo do Old Christians, estava entre os que ficavam em segundo plano. Era famoso por filar cigarros e passar a lábia nos outros para conseguir os lugares mais quentes para dormir, mas sempre com tanto charme que era impossível não gostar dele. Coche tinha um caráter sincero e amigável, uma inteligência aguçada e seu humor leve era um ótimo amortecedor para as personalidades mais agressivas do grupo. Ao aliviar as tensões e nos fazer sorrir, Coche nos ajudava, à sua maneira, a

sobreviver.

Assim como Numa, Coche era um dos que se recusaram a comer quando cortamos pela primeira vez a carne dos cadáveres. Mudara de opinião alguns dias depois, mas a ideia de comer carne humana ainda lhe era tão repulsiva que ele nunca foi capaz de se forçar a comer o bastante para se manter forte. Ficara assustadoramente magro e seu sistema imunológico fora tão comprometido que o corpo não conseguia mais combater as infecções. Assim, as feridas leves em suas pernas inflamaram e se transformaram em abscessos grandes e agressivos.

— O que você acha? — ele me perguntou, levantando a calça até o joelho e jogando a panturrilha de um lado para o outro de gozação. — Magra de doer, hein? Você daria em cima de uma garota com uma perninha fina dessas?

Aquelas feridas horríveis nas pernas só podiam estar lhe causando muita dor, e eu sabia que ele estava tão assustado e fraco quanto qualquer um de nós, mas ainda era o Coche, e ainda encontrava um jeito de me fazer rir.

Coche estava mal, mas Roy Harley parecia ainda pior. Também era difícil para ele comer carne humana, de modo que seu corpo alto e espadaúdo se viu logo despido de gordura e músculo. Ele andava arqueado e com uma passada claudicante, como se seus ossos fossem uma frágil coleção de varetas sustentadas por uma pele pálida e flácida. O estado mental de Roy também estava se deteriorando. Sempre fora um jogador potente e corajoso no Old Christians, mas a montanha exaurira suas reservas emocionais e agora ele parecia viver constantemente à beira da histeria, saltando ao ouvir um barulho, chorando à menor provocação e sempre com o rosto retesado numa careta de apreensão e desespero absoluto.

Muitos dos rapazes mais jovens estavam enfraquecendo, especialmente Moncho Sabella, mas Arturo e Rafael eram de longe os piores. Embora tivesse sofrido terrivelmente desde o primeiro instante da queda, Rafael não perdera uma gota do seu espírito lutador. Continuava corajoso e provocador e ainda começava todos os dias com uma afirmação em alto e bom som do seu desejo de sobreviver, um gesto de bravura que nos fortalecia a todos. Arturo, por outro lado, ficara ainda mais calado e introspectivo do que o normal e, quando me sentava ao seu lado, sentia que ele estava chegando ao fim da sua luta.

— Como está se sentindo, Arturo?

— Estou com tanto frio, Nando — ele disse. — Não sinto muita dor. Já não consigo sentir as pernas. Está difícil de respirar.

Sua voz estava ficando baixa e fraca, mas seus olhos brilhavam quando ele me puxou para mais perto e falou com uma urgência tranquila.

— Eu sei que estou chegando mais próximo de Deus — ele disse. — Às vezes, sinto a presença Dele perto de mim. Posso sentir o amor Dele, Nando. É

tanto amor que tenho vontade de chorar.

— Tente aguentar firme, Arturo.

— Não acho que eu vá durar muito — ele disse. — Sinto Deus me puxando para junto Dele. Em breve vou conhecer Deus e terei a resposta para todas as suas perguntas.

— Quer que eu pegue um pouco d'água para você, Arturo?

— Nando, quero que você se lembre que mesmo neste lugar nossas vidas têm sentido. Nosso sofrimento não é em vão. Mesmo se ficarmos presos aqui para sempre, podemos amar nossas famílias, a Deus e uns aos outros enquanto estivermos vivos. Até mesmo neste lugar nossas vidas valem a pena.

O rosto de Arturo se iluminou com uma intensidade serena quando disse essas palavras. Fiquei em silêncio, com medo de minha voz falhar se eu tentasse dizer algo.

— Você vai dizer aos meus familiares que eu os amo, não vai? Isso é tudo que me importa agora.

— Você mesmo vai dizer a eles — eu disse.

A mentira fez Arturo sorrir.

— Eu estou pronto, Nando — ele prosseguiu. — Fiz minha confissão a Deus. Minha alma está limpa. Morrerei sem pecados.

— O que significa isso? — Ri. — Pensei que você não acreditasse no tipo de Deus que perdoa os pecados.

Arturo olhou para mim e esboçou um sorriso débil, autodepreciativo.

— Numa hora dessas — ele disse —, me parece sensato cobrir todas as possibilidades.

Durante toda a primeira semana de novembro, Arturo foi ficando mais fraco e distante. Seu melhor amigo, Pedro Algorta, ficou ao seu lado o tempo todo, trazendo-lhe água, mantendo-o aquecido e rezando com ele. Certa noite, Arturo começou a chorar baixinho. Quando Pedro perguntou por que ele estava chorando, Arturo respondeu, com uma expressão distante nos olhos: "Porque estou tão perto de Deus." No dia seguinte, Arturo desenvolveu uma febre alta. Delirou por 48 horas, oscilando entre períodos de consciência e inconsciência. Na sua última noite, nós o ajudamos a descer da rede para que ele pudesse dormir ao lado de Pedro e, em algum momento da manhã, Arturo Nogueira, um dos homens mais corajosos que já conheci, morreu placidamente nos braços do seu melhor amigo.

Na manhã de 15 de novembro, Numa, Roberto, Tintin e eu estávamos do lado de fora da fuselagem, olhando para o vale que se inclinava para o leste. Numa estava ao meu lado e, embora tentasse esconder, eu percebia que ele sentia dor.

Desde a avalanche, ele se forçara a comer, a despeito da repulsa, sabendo que precisava de toda a sua força para a expedição. Porém, como Coche, não suportava mais do que alguns pedaços por vez — às vezes não conseguia engolir nada — e, embora sua determinação ainda fosse forte, estava claro que seu corpo enfraquecera. Poucas noites antes, Numa estava deitado no chão quando alguém pisou em sua panturrilha ao tentar atravessar a fuselagem no escuro. Logo uma lesão feia apareceu e, quando Roberto viu como a perna havia inchado, o aconselhou a abandonar a expedição. Ele assegurou a Roberto que o ferimento não era nada de mais e se recusou a nos deixar partir sem ele.

— Como você está? — perguntei, depois de termos juntado nossas coisas e nos despedido dos outros. — Tem certeza de que vai conseguir com essa perna?

Numa deu de ombros.

— Não é nada — disse. — Vou ficar bem.

Quando descemos a encosta, o tempo estava nublado e o ar, frio, mas o vento estava fraco e, apesar de todos os meus temores em relação à viagem ao leste, foi bom sair finalmente do local da queda. No começo, rendemos bem na descida, mas, depois de cerca de uma hora de caminhada, o céu escureceu, a temperatura caiu e a neve começou a redemoinhar em espirais violentas à nossa volta. Num piscar de olhos, uma tormenta se abateu sobre nós. Cientes de que cada segundo era importante, lutamos para subir de volta a encosta e entramos aos tropeços na fuselagem, apavorados e quase congelados, no momento em que a tormenta se transformou numa verdadeira tempestade de neve. À medida que ventos fortes sacudiam o avião, Roberto e eu trocamos um olhar sério. Compreendemos, sem trocar palavra, que, se a tempestade tivesse nos atingido uma ou duas horas mais tarde, encurralando-nos mais longe do abrigo nas encostas, estaríamos mortos ou agonizando.

A tempestade, uma das piores que enfrentamos no decorrer de todas aquelas semanas nos Andes, nos prendeu na fuselagem por dois longos dias. Enquanto esperávamos que passasse, Roberto ficou mais preocupado com a perna de Numa. Havia, então, duas feridas grandes, quase do tamanho de uma bola de bilhar. À medida que cortava e drenava os ferimentos, Roberto percebeu que Numa não estava em condições de caminhar pelas montanhas.

— Suas pernas estão piorando — disse Roberto. — Você vai ter que ficar para trás.

Pela primeira vez na montanha, Numa explodiu.

— Minha perna está boa! — gritou. — Eu consigo suportar a dor.

— Sua perna está infeccionada — disse Roberto. — Se você comesse mais, seu corpo estaria forte o bastante para combater a infecção.

— Eu não vou ficar para trás!

Roberto encarou Numa e, com sua aspereza habitual, disse:

— Você está fraco demais. Só vai nos atrasar. Não podemos levar você.

Numa virou-se na minha direção.

— Nando, por favor, eu consigo. Não me faça ficar.

Balancei a cabeça.

— Sinto muito, Numa — eu disse. — Concordo com Roberto. Sua perna está ruim. É melhor você ficar.

À medida que os outros davam o mesmo conselho, Numa se enfureceu e ficou calado. Eu sabia como ele queria estar conosco e como lhe seria duro nos ver partir. Sabia que eu não conseguiria suportar uma decepção daquelas e esperava que aquele revés não esmorecesse seus ânimos.

A tempestade finalmente passou e, quando acordamos na manhã de 17 de novembro, encontramos um dia claro e sereno. Sem muito alarde, Roberto, Tintin e eu juntamos nossas coisas e começamos a descer mais uma vez as encostas, dessa vez sob um sol forte e uma brisa leve. Não conversamos muito. Acostumei-me rapidamente ao ritmo da minha passada e, à medida que os quilômetros passavam, o único som no mundo era o barulho dos meus sapatos de rúgbi na neve. Roberto, que puxava o trenó, estava adiantado na nossa frente e, depois de cerca de uma hora e meia de caminhada, o ouvi gritar. Ele estava de pé em um monte de neve alto e quando o alcançamos e olhamos para além do monte vimos o que ele apontava — os destroços da cauda do Fairchild estavam a poucas centenas de metros de distância. Minutos depois, os alcançamos. Malas estavam espalhadas por todo canto e nós as abrimos para pegar os tesouros que elas continham: meias, suéteres, calças quentes. Tiramos com empolgação os farrapos sujos que usávamos e vestimos roupas limpas.

Dentro da cauda, encontramos mais bagagens, repletas de mais roupas. Também encontramos um pouco de rum, uma caixa de chocolates, alguns cigarros e uma pequena câmera com filme dentro. A pequena cozinha do avião ficava na cauda e lá achamos três pasteizinhos de carne, que devoramos imediatamente, e um sanduíche mofado envolvido em plástico, que guardamos para mais tarde.

Estávamos tão empolgados com esse saque imprevisto que quase esquecemos as baterias do rádio, que Carlos Roque nos revelara estarem na cauda. Depois de uma breve busca, encontramos as baterias num canto atrás de uma portinhola na fuselagem. Eram maiores do que eu esperava. Também encontramos alguns engradados vazios de Coca-Cola no bagageiro atrás da cozinha, que levamos para fora e usamos para alimentar uma fogueira. Roberto assou um pouco da carne que havíamos levado e comemos com grande apetite. Limpamos o mofo

do sanduíche que encontramos e o comemos também. Ao cair da noite, espalhamos as roupas das malas no chão do bagageiro e deitamos para descansar. Usando fios que arrancara das paredes da cauda, Roberto ligou as baterias da aeronave a uma instalação no teto e, pela primeira vez, tivemos luz depois do pôr do sol. Lemos algumas revistas e histórias em quadrinhos que pegamos das bagagens, e tirei algumas fotos de Roberto e Tintin com a câmera que havíamos encontrado. Pensei que, se não saíssemos de lá vivos, alguém poderia encontrar a câmera, revelar o filme e descobrir que tínhamos sobrevivido, pelo menos por algum tempo. Por algum motivo, aquilo era importante para mim.

O bagageiro era suntuosamente espaçoso e aquecido — que prazer esticar as pernas e virar para a posição que quisesse —, e logo ficamos sonolentos. Roberto apagou a luz, nós fechamos os olhos e aproveitamos a melhor noite de sono que tivemos desde que o avião caíra nas montanhas. Pela manhã, nos sentimos tentados a ficar mais um pouco naquele abrigo aconchegante, mas nos lembramos dos demais e da esperança que eles tinham na nossa expedição, de modo que, logo após acordarmos, voltamos a seguir para o leste.

Nevou cedo, mas no fim da manhã o céu se abriu, o sol queimava nossos ombros e suávamos muito com nossos agasalhos enquanto caminhávamos. Depois de tantas semanas no frio, o calor súbito nos cansou rapidamente e, ao meio-dia, fomos obrigados a descansar à sombra de um pedregulho. Comemos um pouco da carne e derretemos alguma neve para beber, mas, mesmo depois do descanso, ninguém tinha forças para prosseguir, então decidimos acampar na rocha para a noite.

O sol ficou mais forte com o passar da tarde, e assim que ele se pôs a temperatura começou a cair. Cavamos um abrigo na neve e nos envolvemos com nossos cobertores, mas, quando a friagem violenta da noite se abateu sobre nós, eles não pareceram oferecer proteção alguma. Era minha primeira noite fora da fuselagem e logo entendi como Gustavo, Numa e Maspons devem ter sofrido quando passaram aquela longa noite nas encostas. A nossa foi igualmente dura. O frio nos castigava com tanta agressividade que tinha medo que meu sangue houvesse congelado nas veias. Enroscando-nos para nos aquecermos, tremíamos nos braços uns dos outros. Descobrimos que fazendo um sanduíche com nossos corpos — um de nós deitado no meio dos outros dois — conseguíamos manter o do meio aquecido. Ficamos deitados assim por horas, revezando a posição do meio e, embora não tenhamos dormido nada, sobrevivemos até o amanhecer. Quando a manhã finalmente chegou, saímos do nosso abrigo miserável e nos aquecemos nos primeiros raios de sol, aturdidos diante do que passamos e assombrados por estarmos vivos.

— Não vamos durar mais uma noite dessas — disse Roberto.

Ele olhava para o leste, para as montanhas que pareciam ter ficado maiores e mais distantes à medida que caminhávamos.

— No que você está pensando? — perguntei.

— Não acho que esse vale vá virar para o oeste — ele disse. — Só estamos nos embrenhando mais fundo na cordilheira.

— Talvez você tenha razão — eu disse. — Mas os outros estão contando com a gente. Talvez devêssemos ir um pouco mais adiante.

Roberto franziu a testa.

— É inútil! — ele explodiu, e ouvi o falsete enfezado tomar conta de sua voz. — De que vamos servir a eles se estivermos mortos?

— O que vamos fazer, então?

— Vamos pegar as baterias da cauda e levá-las até o Fairchild — ele disse. — Podemos arrastá-las com o trenó. Se conseguirmos colocar o rádio para funcionar, podemos nos salvar sem arriscar nossas vidas.

Tinha tão pouca esperança no rádio quanto na jornada para o leste, mas disse a mim mesmo que tínhamos que sondar todas as esperanças, por menores que fossem. De modo que juntamos nossas coisas e voltamos à cauda. Levamos pouco tempo para tirar as baterias do avião e colocá-las ao lado do nosso trenó. Mas, quando Roberto tentou arrastá-lo, ele afundou na neve e não saía do lugar.

— Cacete, elas são muito pesadas — ele disse. — Não vai dar para arrastá-las até o avião.

— Não temos como carregá-las — eu disse.

Roberto balançou a cabeça.

— Não — ele disse. — Mas podemos trazer o rádio do Fairchild para cá. A gente traz o Roy. Talvez ele consiga descobrir como conectá-lo às baterias.

Não gostei da ideia. Estava certo de que o rádio não tinha conserto e temia que as tentativas de Roberto o distraíssem do que eu sabia mais claramente do que nunca ser nossa única chance de sobrevivência: escalar as montanhas a oeste.

— Você acha mesmo que podemos consertá-lo? — perguntei.

— Como é que eu vou saber? — respondeu Roberto com rispidez. — Mas vale a pena tentar.

— Tenho medo de perdermos muito tempo.

— Você tem que discutir sobre tudo? — ele gritou. — Esse rádio pode salvar nossas vidas.

— Tudo bem — eu disse. — Vou ajudá-lo. Mas se não funcionar nós escalamos. De acordo?

Roberto concordou com a cabeça e, depois de nos permitirmos mais duas noites de conforto no bagageiro da cauda, partimos na tarde do dia 21 de

novembro para subirmos de volta para a fuselagem. A descida do local da queda pelo vale havia sido fácil — na verdade, tão fácil que eu não notara como as encostas eram íngremes. Porém, depois de apenas dois minutos de subida, nos vimos nos limites da nossa resistência. Em alguns lugares, encaramos inclinações de até 45 graus e a neve muitas vezes chegava até a minha cintura. A luta para subir a montanha esgotou minhas forças num instante. Estava ofegante, meus músculos queimavam de cansaço e me via forçado a descansar por trinta segundos ou mais depois de alguns poucos passos. Nosso progresso era dolorosamente lento. Havíamos levado menos de duas horas para descer do Fairchild até a cauda, mas levaríamos duas vezes mais tempo para fazer a viagem contrária.

Chegamos ao local da queda no meio da tarde, e os sobreviventes na fuselagem nos receberam com melancolia. Fazia seis dias que havíamos partido e eles esperavam que estivéssemos perto da civilização àquela altura. Nosso retorno frustrou aquelas esperanças, mas essa não era a única razão para o desânimo. Na nossa ausência, Rafael Echavarren morrera.

— No fim ele estava delirando — Carlitos me contou. — Ficava pedindo ao pai que viesse buscá-lo. Na última noite, fiz com que rezasse comigo e isso o acalmou um pouco. Algumas horas depois, ele começou a arfar e então sucumbiu. Gustavo e eu tentamos ressuscitá-lo, mas era tarde demais.

A morte de Rafael foi um golpe pesado. Ele se tornara um símbolo tão forte de coragem e audácia que vê-lo tombar após toda sua brava resistência era mais uma razão para crer que a montanha, mais cedo ou mais tarde, nos ceifaria a todos. Será que nosso sofrimento não tinha propósito? Enquanto um luta com bravura e é levado embora, outro não faz menção de lutar e ainda assim sobrevive? Desde a avalanche, alguns dos sobreviventes agarraram-se à crença de que Deus poupara os 19 de nós no decorrer daquele desastre porque éramos os escolhidos por Ele para sobreviver. A morte de Rafael tornava mais difícil acreditar que Deus estava de qualquer modo prestando alguma atenção.

Quando nos acomodamos na fuselagem naquela noite, Roberto explicou o motivo da nossa volta.

— A rota leste não serve — ele disse. — Só leva mais para dentro das montanhas. Mas encontramos a cauda e a maior parte da bagagem. Trouxemos roupas quentes para todos. E um monte de cigarros. Mas a boa notícia é que encontramos as baterias.

Os outros ouviram em silêncio enquanto Roberto explicava seu plano de consertar o rádio do Fairchild. Todos concordaram que valia a pena tentar, mas não reagiram com muito entusiasmo. Havia uma nova expressão em seus olhos, uma aceitação exaurida. Alguns traziam o olhar opaco e vazio que eu vira nas

fotos de sobreviventes de campos de concentração. Poucas semanas antes, aqueles eram todos jovens vigorosos. Mas, àquela altura, andavam curvados e claudicantes, como velhos frágeis, e suas roupas pendiam dos ângulos pontiagudos de seus quadris e ombros ossudos. Pareciam cada vez mais cadáveres animados, e eu sabia que minha aparência não estava nada melhor. Sentia suas esperanças se apagarem e não podia culpá-los. Havíamos sofrido demais, e os sinais eram muito ruins: apesar de sua corajosa resistência, Rafael estava morto. Nossa fuga para o leste falhara. Duas tentativas de escalarmos as montanhas a oeste quase acabaram em desastre. Parecia que toda porta que tentávamos cruzar era batida na nossa cara. Sim, eles concordaram, devíamos tentar o rádio. Mas ninguém parecia ter motivos para esperar que desse certo.

Na manhã seguinte, eu e Roberto começamos a remover o rádio do Fairchild. O painel de controle era repleto de diais, cavilhas e aparelhagens complexas e, graças à nossa ignorância, precisávamos adivinhar o que fazia parte do rádio e o que não fazia. Descobrimos finalmente que o rádio era feito de dois componentes, um preso ao painel de controle da cabine e o outro escondido atrás de um painel de plástico na parede do bagageiro. O componente do painel de controle, ao qual os fones de ouvido e o microfone estavam ligados, se soltou com facilidade depois que tiramos alguns parafusos. O segundo componente, enfiado em uma cavidade escura, apertada e rente na parede, estava mais preso e foi muito mais difícil de retirar. Usando desajeitadamente os dedos e os pedaços de metal e plástico, lutamos para soltar os parafusos e grampos que firmavam o transmissor, mas levamos dois frustrantes dias para conseguir arrancá-lo da parede. Quando ele finalmente se soltou e nós o colocamos ao lado do componente da cabine, notei a futilidade dos nossos esforços.

— *Carajo!* — gritei. — Olha só que bagunça!

Eriçando-se da parte de trás de cada um dos componentes havia um emaranhado de pequenos fios elétricos.

— É impossível, Roberto! Como é que vamos combinar esses fios?

Roberto me ignorou e contou com atenção os fios de cada componente.

— São 67 fios saindo de trás dessa parte — ele disse —, e 67 saindo do transmissor.

— Mas qual se conecta com qual? — perguntei. — É impossível! São combinações demais.

— Está vendo essas marcas? — ele disse. — Cada fio tem uma diferente. As marcas vão nos mostrar quais fios combinam.

— Não sei não, Roberto — eu disse. — Todo esse tempo que estamos gastando, e nem sabemos se o rádio ainda está funcionando.

Os olhos de Roberto se inflamaram de raiva.

— Esse rádio pode salvar nossas vidas! — ele explodiu. — É nossa obrigação tentar isso antes de sair correndo feito loucos pelas montanhas e jogar nossas vidas fora.

— Tudo bem! Tudo bem! — eu disse para acalmá-lo. — *Está bien*. Mas vamos deixar Roy dar uma olhada.

Chamei Roy e mostrei-lhe o rádio. Ele franziu o cenho e balançou a cabeça.

— Não acho que tenha conserto — disse.

— Você *vai* consertar! — replicou Roberto. — *Você* vai consertar!

— Eu não sei como consertar isso! — gritou Roy, sua voz ficando fina e estridente em protesto. — É complicado demais. Não sei absolutamente nada sobre esse tipo de rádio!

— Controle-se, Roy — disse Roberto. — Nós vamos levar esse rádio até a cauda. Você vem com a gente. Vamos colocar esse rádio para funcionar e vamos usá-lo para chamar ajuda.

Os olhos de Roy se esbugalharam de terror assim que ele ouviu a notícia.

— Eu não posso ir para lá! — guinchou. — Estou fraco demais! Olhe para mim! Mal consigo andar. Por favor, não vou conseguir ir até a cauda e voltar.

— Você vai conseguir porque precisa — respondeu Roberto.

— Mas o rádio está arruinado — ele gemeu. — É impossível.

— Talvez — disse Roberto —, mas precisamos tentar e você é o único que tem chance de conseguir.

O rosto de Roy enrugou e ele começou a soluçar. A ideia de deixar a fuselagem o aterrorizava e, nos dias que se seguiram, ele implorou a quem quer que lhe desse ouvidos para ser dispensado da missão. Fito e seus primos foram inflexíveis, insistindo que ele fosse. Instigaram-no a pensar no bem dos demais. Chegaram a obrigá-lo a treinar para a missão, fazendo-o andar de um lado para o outro do lado de fora da fuselagem. Roy obedecia com relutância, mas muitas vezes chorava enquanto andava na neve.

Roy não era um covarde. Eu sabia disso desde muito antes da queda, pela maneira como ele jogava rúgbi e como vivia sua vida. Nos primeiros dias do nosso suplício, quando ainda estava forte, fora um membro produtivo do grupo. Roy estava ao lado de Marcelo durante a organização do avião logo após o acidente e o ajudara na tarefa árdua de levantar a parede que evitou nossa morte por congelamento. E eu não podia esquecer que, se não fosse pela reação rápida de Roy nos instantes que se seguiram à avalanche, todos teríamos sufocado sob a neve. Mas ele era muito jovem. Sabia que o sofrimento deixara seus nervos em frangalhos e estava claro como o suplício devastara seu corpo. Ele era um esqueleto coberto de pele, um dos mais magros e fracos dentre nós, e eu devia ter sentido tanta compaixão por Roy quanto senti pelos outros. Eu raramente

ficava bravo com os meus colegas. Entendia seus medos e a pressão a que estavam submetidos, especialmente no caso dos mais jovens, de modo que me era fácil ser paciente com eles quando o sofrimento os tornava egoístas, preguiçosos ou medrosos. Roy sofrera tanto quanto os outros e merecia a mesma consideração, mas, à medida que ele enfraquecia e seu estado emocional continuava a se deteriorar, me vi enfurecido pelas suas constantes demonstrações de agonia e, por algum motivo, era-me cada vez mais difícil ser condescendente em relação a ele. Assim, quando Roy me implorava, desesperadamente, para não obrigá-lo a nos acompanhar até a cauda, eu nem mesmo o olhava nos olhos.

— Nós já vamos partir — eu respondia de súbito. — É melhor você estar pronto.

Roberto passou vários dias estudando o rádio e, enquanto o esperava terminar, fui ficando cada vez mais preocupado com Numa. Desde o momento em que o expulsamos da equipe expedicionária, seu ânimo desmoronou. Isolado em um silêncio absorto, ele ficara furioso consigo mesmo e com a maneira como seu corpo o traíra. Tornou-se irritável e taciturno e, o que era pior, recusava-se a comer. Como resultado, perdeu peso com mais rapidez e as feridas em sua perna pioraram; transformaram-se em dois grandes abscessos, cada um maior do que uma bola de golfe, e ambos claramente infeccionados. Mas o que mais me preocupava era a expressão resignada em seus olhos. Numa era um dos sobreviventes mais fortes e abnegados, e havia batalhado com tanta bravura quanto qualquer um do grupo pela nossa sobrevivência. Mas, no momento em que não pôde mais lutar por nós e só tinha como cuidar de si mesmo, parecia estar esmorecendo. Sentei-me uma noite ao seu lado para tentar animá-lo.

— Você vai comer um pouco por mim, Numa? — perguntei. — Nós vamos para a cauda em breve. Seria bom ver você comendo antes de eu partir.

Ele meneou a cabeça debilmente.

— Não consigo. É doloroso demais para mim.

— É doloroso para todos nós — eu disse —, mas você precisa comer. Você tem que lembrar que é só carne agora.

— Eu só comi antes para me fortalecer para a viagem — ele disse. — Qual o motivo para me forçar a comer agora?

— Não desista — eu disse. — Aguente firme. Nós vamos tirar você daqui.

Numa balançou a cabeça.

— Estou tão fraco, Nando — ele disse. — Não consigo nem ficar de pé. Eu não acho que vou durar muito.

— Não diga isso, Numa. Você não vai morrer.

Ele suspirou.

— Tudo bem, Nando — disse. — Eu passei minha vida a limpo e sei que, se

morrer amanhã, ainda vou ter vivido anos maravilhosos.

Eu ri.

— Era exatamente isso que Panchito costumava falar — disse. — E ele vivia a vida de acordo com essas palavras. Ele era atrevido, ousado; sempre achava que as coisas iam acontecer do seu jeito. E geralmente aconteciam.

— Ele era famoso por isso — disse Numa. — Quantos anos ele tinha?

— Só 18 anos. Mas viveu tantas vidas, teve tantas aventuras, e, *macho*, transou com tantas garotas bonitas.

— Talvez seja por isso que Deus o levou — disse Numa. — Para que sobrassem algumas garotas para o resto de nós.

— Vai ter garotas de sobra para você, Numa — eu disse. — Mas primeiro você tem que comer e sobreviver. Eu quero que você sobreviva.

Numa sorriu e concordou com a cabeça.

— Eu vou tentar — ele disse.

Porém, mais tarde, quando lhe trouxeram carne, eu o vi recusá-la.

Partimos às oito horas da manhã seguinte e avançamos rapidamente encosta abaixo. Ao nos aproximarmos da cauda, vi uma bolsa de couro vermelha na neve e a reconheci imediatamente como o *nécessaire* de maquiagem de mamãe. Dentro dela, encontrei um batom que podia usar para proteger os lábios do sol, alguns doces e um pequeno *kit* de costura. Enfiei esses itens nas nossas mochilas e continuei a caminhada. Menos de duas horas depois de deixar o Fairchild, já estávamos de volta à cauda.

Descansamos naquele primeiro dia. Na manhã seguinte, Roy e Roberto começaram a trabalhar no rádio. Eles deram duro, tentando conectá-lo adequadamente à bateria, mas estavam procedendo por tentativa e erro e, quando pareciam estar chegando a algum lugar, os fios faiscavam e chamuscavam, e ouvíamos um estalo alto de eletricidade. Roberto xingava e pedia que Roy tivesse mais cuidado, e, em seguida, os dois recomeçavam.

As temperaturas diurnas estavam mais brandas e a neve em volta da cauda derretia com rapidez. Já conseguíamos ver malas que havia poucos dias, quando encontramos a fuselagem, estavam enterradas. Enquanto Roy e Roberto mexiam no rádio, Tintin e eu revirávamos as malas espalhadas pela cauda. Em uma delas encontramos duas garrafas de rum. Abrimos uma e tomamos alguns goles.

— Vamos guardar a outra — eu disse. — Podemos bebê-la quando formos escalar.

Tintin concordou com a cabeça. Ambos sabíamos que o rádio jamais funcionaria, mas Roy e Roberto ainda trabalhavam furiosamente. Eles mexeram no aparelho durante a tarde inteira e na manhã seguinte. Eu estava ansioso para que aquele experimento acabasse e voltássemos para a fuselagem, onde

poderíamos nos preparar para a escalada.

— Quanto tempo você acha que ainda vai demorar, Roberto?

Ele me olhou com uma expressão irritada.

— Vai demorar o tempo que for necessário — grunhiu.

— Estamos ficando sem comida — eu disse. — Acho que eu e Tintin devíamos voltar para pegar mais.

— Boa ideia — ele disse. — A gente vai continuar trabalhando.

Tintin e eu juntamos nossas coisas e, minutos depois, escalávamos o vale na direção do Fairchild. Fiquei mais uma vez impressionado como era muito mais difícil subir aquelas encostas do que descê-las. Caminhamos por horas, parando frequentemente para recuperar o fôlego e, finalmente, alcançamos o avião no fim da tarde. Fomos recebidos mais uma vez com frieza e não pude deixar de notar que os outros pareciam ter ficado mais fracos e indiferentes do que quando partimos.

— Voltamos para pegar mais carne — eu disse. — O rádio está levando mais tempo do que esperávamos para consertar.

Fito franziu o cenho.

— A comida está acabando. Procuramos por toda parte pelos corpos soterrados na avalanche, mas a neve está muito funda e estamos cansados demais. Chegamos a escalar as encostas várias vezes atrás dos corpos que Gustavo achou quando fez a escalada.

— Não se preocupem — eu disse —, Tintin e eu vamos cavar.

— Como está indo com o rádio?

— Nada bem — eu disse. — Eu não acho que vai funcionar.

— Nosso tempo está acabando — disse Fito. — Estamos todos fracos. A comida não vai durar muito.

— Temos que ir para o oeste — eu disse. — Pode parecer impossível, mas é nossa única chance. Temos que partir o mais rápido possível.

— Roberto também pensa assim?

— Eu não sei no que ele está pensando — eu disse. — Você conhece o Roberto. Ele vai fazer o que bem entender.

— Se ele se recusar — disse Fito —, eu vou com você.

Sorri afetuosamente para Fito.

— É muito corajoso da sua parte — eu disse —, mas com essas feridas na bunda você mal consegue andar 5 metros. Não, nós temos que convencer Roberto a ir para oeste, e logo.

Tintin e eu ficamos na fuselagem por dois dias, cavando a neve em busca de corpos frescos. Quando achamos o que queríamos, Fito e seus primos cortaram a carne para nós e, depois de descansarmos um pouco, voltamos a descer a geleira.

Chegamos à cauda na metade da manhã e encontramos Roy e Roberto trabalhando pesado no rádio. Eles acreditavam ter acertado as conexões, mas, quando o ligaram, só ouviram estática. Roy achou que a antena do rádio, que havia sido danificada na queda, estava com defeito, então fez uma nova com fios de cobre que arrancara dos circuitos elétricos da cauda. Roy e Roberto colocaram a nova antena no rádio do Fairchild e esticaram os longos fios de cobre na neve. Não adiantou nada. Roy desconectou a antena e a acoplou ao pequeno radiotransistor, que trouxera consigo. A longa antena fez com que o radinho recebesse um sinal forte. Roy sintonizou uma estação com o tipo de música de que gostava e voltou a trabalhar. Poucos instantes depois, a música foi interrompida por um boletim e ouvimos a surpreendente notícia de que a Força Aérea Uruguaia estava enviando um Douglas C-47 especialmente equipado para nos procurar.

Roy gritou de alegria ao ouvir a notícia. Roberto virou-se para mim com um grande sorriso.

— Ouviu isso, Nando?! Eles estão procurando a gente!

— Não fiquem muito esperançosos — eu disse. — Lembrem-se do que o Gustavo disse: lá das encostas, o Fairchild é só mais um pontinho na geleira.

— Mas esse avião tem equipamento especial — disse Roberto.

— E os Andes são enormes — eu disse. — Eles não sabem onde estamos. Mesmo que consigam nos encontrar, pode levar meses.

— Temos que fazer um sinal para eles — disse Roberto, ignorando meu ceticismo. Numa questão de minutos, ele nos fez juntar malas e dispô-las na neve na forma de uma grande cruz.

Quando terminamos, perguntei a Roberto sobre o rádio.

— Não acho que vai dar para consertá-lo — ele disse. — É melhor voltarmos para o avião.

— E nos prepararmos para ir para o oeste — eu disse —, conforme o combinado.

Roberto concordou distraidamente com a cabeça e foi juntar suas coisas. Enquanto reunia o meu próprio equipamento, Tintin se aproximou com um pedaço retangular de isolamento de pano que arrancara da cauda.

— Os canos lá de dentro estão todos cobertos com esse negócio — ele disse. — A gente deve poder usá-lo de alguma maneira.

Tateei o material. Era leve e forte, felpudo por dentro, feito de um tecido macio e resistente.

— Talvez pudéssemos usá-lo para forrar nossas roupas — eu disse. — Parece ser capaz de nos aquecer.

Tintin concordou e entramos na cauda. Em instantes já havíamos arrancado

todo o isolamento dos canos e enfiado nas nossas mochilas. Enquanto trabalhávamos, ouvimos um alvoroço do lado de fora e, quando fomos olhar, vimos Roy fazendo o rádio em pedacinhos enfurecidamente.

— Ele devia poupar energia — eu disse a Tintin. — A escalada vai ser dura.

Partimos para as encostas na metade da manhã. Estava nublado quando saímos e o céu estava muito baixo, mas a temperatura era amena e o tempo, calmo. Roberto e Tintin iam na frente, Roy seguia atrás de mim. Como antes, lutar para subir a encosta através da neve que batia no joelho era exaustivo, e paramos muitas vezes para descansar. Sabia que Roy estava sofrendo com o esforço e fiquei de olho nele, diminuindo meu ritmo para não deixá-lo muito para trás. Depois de uma hora de escalada, olhei para o céu enquanto descansava e fiquei chocado com o que vi. As nuvens haviam inchado e assumido um sinistro tom cinza-escuro. Estavam tão próximas que era como se eu pudesse tocá-las. Então elas se lançaram na nossa direção diante dos meus olhos, como a crista de uma onda assassina. Antes que eu pudesse reagir, o céu pareceu desabar e fomos pegos por uma tempestade arrasadora que aqueles que conhecem os Andes chamam de “vento branco”. Em questão de segundos, tudo virou um caos. A temperatura despencou. O vento me empurrava e me arrastava com tanta violência que eu tinha que cambalear de um lado para o outro para não cair. A neve redemoinhava em espirais espessas ao meu redor, ferindo meu rosto e fazendo com que eu me perdesse. Apertei os olhos na tempestade, mas a visibilidade era quase zero e não vi sinal dos outros. Entrei em pânico por um instante. “Por onde subir?”, perguntei a mim mesmo. “Qual é o caminho?”

Então ouvi a voz de Roberto, fraca e distante em meio ao rugido estrondoso da tempestade.

— Nando, está me ouvindo?

— Roberto, estou aqui!

Olhei para trás. Roy sumira.

— Roy, onde está você?

Não houve resposta. Cerca de 10 metros atrás de mim, vi um montinho cinza e embaçado na neve e entendi que Roy caíra.

— Roy — berrei. — Vamos!

Ele não se moveu, então eu desci aos tropeços a encosta até o local onde Roy estava. Ele estava enroscado na neve, com os joelhos contra o peito e os braços em volta do corpo.

— Mexa-se! — gritei. — Essa tempestade vai nos matar se ficarmos parados!

— Eu não posso — Roy choramingou. — Não consigo dar nem mais um passo.

— Levante-se, seu miserável! — gritei. — Nós vamos morrer aqui!

Roy olhou para mim, seu rosto transfigurado em uma careta de medo.

— Não, por favor — ele soluçou. — Eu não consigo. Deixe-me para trás.

A tempestade ficava mais forte a cada segundo e, enquanto eu estava junto de Roy, os ventos sopravam com tanta ferocidade que pensei que me arrancariam do chão. Estávamos completamente às cegas. Eu perdera todo o meu senso de direção e minha única esperança de conseguir voltar para a fuselagem era seguir a trilha deixada por Roberto e Tintin. Mas a neve pesada estava cobrindo rapidamente suas pegadas. Tinha certeza de que eles não esperariam por nós — também estavam lutando por suas vidas — e sabia que cada segundo parado com Roy nos aproximava mais da desgraça. Olhei para Roy. O choro fazia seus ombros tremerem e metade do seu corpo já estava coberta pela neve.

Tenho que largá-lo aqui ou vou morrer, pensei. *Consigo fazer isso? Tenho coragem de deixar que ele morra aqui?* Não respondi a essas perguntas com palavras, e sim com atos. Sem pensar duas vezes, dei as costas a Roy e segui as trilhas dos outros encosta acima. Enquanto cambaleava contra a força dos ventos, imaginei-o deitado na neve. Pensei nele observando meu vulto desaparecer na tempestade. Seria a sua última visão. *Quanto tempo até ele perder a consciência?*, pensei. *Por quanto tempo ele vai sofrer?* Já devia estar a mais de 10 metros de distância e não conseguia tirá-lo da cabeça: caído na neve, tão desamparado, tão patético, tão *derrotado*. Senti uma onda de desprezo por sua fraqueza e falta de coragem; ao menos era essa a minha impressão naquele momento. Em retrospecto, as coisas não eram bem assim. Roy não era nenhum fracote. Sofrera mais do que a maior parte de nós e encontrara força para resistir, mas era jovem demais e seu corpo fora tão devastado que todas as suas reservas, físicas e mentais, haviam simplesmente se esgotado. Todos estávamos sendo levados aos nossos limites, mas, no caso de Roy, isso acontecera muito rápido e com muita intensidade. Incomoda-me não ter sido mais paciente e encorajador para com ele nas montanhas e percebi, depois de anos de reflexão, que eu tratava Roy daquela forma por ver muito de mim nele. Agora sei que não conseguia suportar o tom lamuriento em sua voz por ele ser uma expressão vívida do terror que eu sentia em meu coração, e que o esgar em seu rosto me enlouquecia por ser um reflexo do meu próprio desespero. Eu sabia que, quando Roy capitulou e se deixou cair na neve, ele havia chegado ao fim da luta. Finalmente encontrara o lugar onde a morte viria buscá-lo. Ao pensar nele parado na encosta, desaparecendo lentamente na neve, fui obrigado a imaginar quão próximo estava o momento em que eu desistiria. Qual era o lugar onde minha própria determinação e força sucumbiriam? Quando e onde abandonaria a luta e me deitaria, assustado e derrotado como Roy, no conforto da neve?

Essa era a verdadeira fonte da minha raiva. Roy estava me mostrando o meu

futuro e, naquele instante, eu o odiei por isso.

Obviamente, não havia tempo para esse tipo de introspecção em meio àquela tempestade. Eu estava agindo apenas por instinto e, ao imaginar Roy soluçando na neve, todo o desprezo e o desdém que sentira em relação a ele nas últimas semanas explodiram numa fúria incontrolável. Impulsivamente, comecei a xingar como um louco na ventania. "*Mierda! Carajo! La reconcha de la reputisima madre! La reputa madre que lo recontra mil y una parío!* " Estava fora de mim de raiva e, quando menos percebi, estava correndo encosta abaixo até onde Roy se encontrava. Quando o alcancei, chutei-o com violência nas costelas. Joguei-me sobre ele, chocando os joelhos contra os lados do seu corpo. Ajoelhado sobre Roy, cerrei os punhos e o espanquei com socos fortes. Enquanto ele rolava e gritava na neve, o xinguei com a mesma crueldade com a qual o atacava com os punhos.

— Seu filho da puta! — gritei. — Seu desgraçado! Levante-se, seu merda inútil. Levante-se ou vou matar você! Juro que vou, seu desgraçado.

Lutara, desde o primeiro momento na montanha, para manter a compostura, evitando dar vazão à minha raiva e aos meus medos para não desperdiçar energia. Mas, naquele instante, sobre Roy, senti minha alma se esvaziar de todo o medo e rancor que o tempo passado na montanha me legara. Pisoteei-lhe os quadris e os ombros com minhas botas de rúgbi. Afundei-o na neve. Xinguei-o de todos os nomes que conhecia e insultei sua mãe de maneiras que prefiro não lembrar. Roy chorava e gritava à medida que eu o maltratava, mas por fim se levantou. Empurrei-o para a frente com tanta força que ele quase voltou a cair. E continuei empurrando-o com violência, forçando-o a subir aos trambolhões a encosta poucos metros de cada vez.

Lutamos para atravessar a borrasca. Roy estava terrivelmente estafado e as minhas forças também se esvaíam. A agressividade da tempestade era assustadora. À medida que me esforçava para respirar o ar rarefeito, os ventos serpeantes tiravam-me o ar e, em seguida, o enfiavam pela minha garganta novamente, forçando-me a cuspir e engasgar como se estivesse me afogando. O frio me açoitava, e caminhar pela neve funda e dura me levou para além da exaustão. Logo os meus músculos estavam completamente esgotados e cada passo exigia uma determinação monumental. Mantive Roy na minha frente para poder continuar empurrando-o e subimos passo a passo. Mas, algumas centenas de metros depois, ele caiu para a frente e eu soube que sua força havia se esgotado. Não tentei mais reanimá-lo. Em vez disso, passei os braços ao seu redor e o ergui da neve. Mesmo com todas aquelas camadas de roupa, pude sentir como ele ficara magro e fraco e me condoí.

— Pense na sua mãe, Roy — eu lhe disse, com os lábios grudados às suas

orelhas para que ele pudesse me ouvir na tempestade. — Se quiser vê-la novamente, precisa sofrer por ela agora.

Sua mandíbula estava relaxada e os olhos rolavam sob as pálpebras. Ele estava prestes a perder os sentidos, mas conseguiu assentir com a cabeça debilmente. Para mim, aquele momento de bravura foi tão extraordinário quanto qualquer outra demonstração de coragem e força que vimos nas montanhas e, agora, quando penso em Roy, sempre o vejo naquele instante, como um herói.

Roy se apoiou em mim, e escalamos juntos. Ele deu tudo de si, mas logo chegamos a um ponto em que a encosta subia numa inclinação muito íngreme. Roy olhou para mim com calma, resignadamente, ciente de que a subida estava além das suas forças. Apertei os olhos contra a neve cortante, tentando calcular quão íngreme era a subida, então segurei mais firme a cintura de Roy e, com a pouca força que me restava, o ergui do chão, jogando seu peso no meu ombro. Em seguida, com um passo lento e trabalhoso de cada vez, carreguei-o encosta acima. Escurecia, e era difícil enxergar a trilha dos outros. Subi por instinto e, à medida que tateava meu caminho até o local da queda, a ideia de que podia ter desviado da rota e estivesse caminhado para o nada me apavorava. Mas, finalmente, nas últimas luzes da tarde, vi a silhueta apagada do Fairchild através da neve espessa. Mais arrastava do que carregava Roy, mas a visão da aeronave me deu uma energia extra e, por fim, alcançamos o avião. Os demais tiraram Roy dos meus ombros quando entramos aos tropeços na fuselagem. Roberto e Tintin estavam caídos no chão e eu desabei ao lado deles. Não conseguia parar de tremer e meus músculos queimavam e tiritavam com a fadiga mais profunda que já sentira na vida. *Eu me exauri*, pensei. *Jamais vou me recuperar. Nunca mais vou ter forças para fazer a escalada.* Mas estava cansado demais para dar importância a isso. Enrosquei-me na pilha de corpos ao meu redor, retirando calor dos meus colegas e, pela primeira vez, adormeci sem demora e dormi profundamente por horas.

Descansei pela manhã. Os dias passados fora do Fairchild deram-me perspectiva e pude ver com novos olhos o terror que se tornara parte do nosso cotidiano. Havia pilhas de ossos amontoadas do lado de fora da fuselagem. Partes grandes de corpos — o antebraço de alguém, uma perna humana da cintura até o pé — estavam perto da entrada do avião para fácil acesso. Fatias de gordura estavam espalhadas no teto da fuselagem para secarem ao sol. E, pela primeira vez, vi crânios na pilha de ossos. Quando começamos a comer carne humana, consumíamos geralmente pedacinhos cortados dos grandes músculos. Porém, com o passar do tempo e com a diminuição do estoque de comida, não tivemos escolha senão ampliar nossa dieta. Por um tempo, comemos fígados, rins e corações, mas a carne passou a ser tão pouca que tínhamos que quebrar

crânios e comer o cérebro. Na nossa ausência, alguns dos sobreviventes foram levados pela fome a comer coisas que não conseguiam suportar antes: pulmões, partes das mãos e dos pés e até mesmo coágulos de sangue das artérias do coração. Para a mente comum, esses atos podem parecer incompreensivelmente repulsivos, mas o instinto de sobrevivência é muito profundo e, quando a morte está tão próxima, o ser humano a tudo se acostuma. Ainda assim, apesar da terrível intensidade da fome, eles não quebraram a promessa que fizeram a Javier e a mim: os corpos da minha mãe, da minha irmã e de Liliana, todos ao alcance da mão, não foram tocados; ainda estavam intactos sob a neve. Emocionava-me o fato de que, mesmo à beira da inanição, uma promessa ainda significava algo para os meus amigos. As montanhas haviam nos causado muitas perdas e angústias. Haviam nos roubado nossos melhores amigos e nossos entes queridos, nos forçado a encarar horrores intoleráveis e nos mudado de maneiras que levaríamos anos para compreender. Mas apesar de todo o sofrimento enfrentado pelos meus amigos, os princípios de amizade, lealdade, compaixão e honra ainda lhes eram importantes. Os Andes nos esmagaram de diversas formas, e cada um de nós se agarrava à vida por um fio. Mas ainda não havíamos nos rendido aos instintos primitivos de autopreservação. Ainda lutávamos juntos, como uma equipe. Nossos corpos se enfraqueciam, mas nossa humanidade perseverava. Não havíamos deixado a montanha roubar nossas almas.

Na primeira semana de dezembro, começamos a nos preparar com afinco para a escalada. Fito e seus primos cortaram carne para nós e a armazenaram na neve, enquanto Antonio, Roberto e eu juntamos as roupas e o equipamento de que precisaríamos para a viagem. Uma estranha mistura de excitação e melancolia pesava sobre nós enquanto nos preparávamos para a expedição final. As tentativas anteriores e nossa expedição fracassada para o leste nos mostraram o assustador poder dos Andes, mas também nos ensinaram as regras básicas de sobrevivência nas montanhas. Ainda estávamos incrivelmente mal equipados para enfrentar a aridez que nos cercava, mas pelo menos compreendíamos com um pouco mais de clareza como as montanhas podiam ser perigosas. Sabíamos, por exemplo, que encararíamos dois grandes desafios na nossa viagem. Em primeiro lugar, as duras exigências que a escalada em altas altitudes faria ao corpo. Havíamos aprendido na carne que o ar rarefeito transformava o menor esforço em um cruel teste de resistência e determinação. Não podíamos fazer nada contra isso, a não ser partir antes de ficarmos fracos demais e medir nossos passos.

O segundo desafio seria nos protegermos da exposição ao frio, especialmente depois do pôr do sol. Àquela época do ano, podíamos esperar que as

temperaturas diurnas estivessem bem acima de zero, mas as noites ainda eram capazes de nos matar, e já sabíamos que não iríamos encontrar abrigo nas encostas. Precisávamos achar uma maneira de sobreviver às longas noites sem congelarmos, e o tecido acolchoado do isolamento que havíamos retirado da cauda foi a solução. O isolamento era composto de pedaços retangulares pequenos, cada um do tamanho de uma revista. Desde que havíamos voltado da cauda, passamos a colocar o isolamento entre as camadas das nossas roupas e percebemos que, apesar de ser leve e fino, ele nos protegia do frio da noite com muita eficiência. Planejando a viagem, descobrimos que podíamos costurar os pedaços juntos e formar uma colcha grande e quente. Então constatamos que, dobrando a colcha em duas metades e juntando as costuras podíamos fazer um saco de dormir grande o suficiente para caber todos os três expedicionários. Com o calor de três corpos conservado pelo tecido do isolamento, talvez pudéssemos suportar as noites mais frias.

Carlitos assumiu o desafio. Sua mãe o ensinara a costurar quando ele era criança e, com as agulhas e a linha do *kit* de costura que eu achara no *nécessaire* de mamãe, ele pôs mãos à obra. Era um trabalho meticuloso e ele tinha que garantir que os pontos fossem fortes o bastante para aguentar o tranco. Para agilizar o processo, Carlitos ensinou os outros a costurar e então começamos a nos revezar, mas a maioria era desajeitada demais para o trabalho; Carlitos, Coche, Gustavo e Fito se revelaram nossos melhores e mais rápidos costureiros.

Enquanto o trabalho prosseguia, Tintin e eu nos preparávamos para a viagem, mas Roberto estava se demorando em juntar suas coisas. Preocupado que ele estivesse reconsiderando a escalada, aproximei-me uma tarde enquanto ele descansava do lado de fora da fuselagem.

— O saco de dormir vai ficar pronto logo — eu disse. — Todo o resto já está arranjado. Devíamos partir o mais cedo possível.

Roberto balançou a cabeça.

— É idiotice partir logo agora que eles voltaram a procurar pela gente — ele disse.

— Nós temos um acordo — eu disse. — O rádio não funcionou, agora é hora de ir para o oeste.

— Sim, nós vamos — ele respondeu. — Vamos dar só mais um tempo para eles.

— Quanto tempo?

— Dez dias — disse Roberto. — Dar essa chance a eles é a coisa mais sensata a fazer.

— Olhe, Roberto — eu disse —, ninguém sabe melhor do que você que não temos esse tempo todo. Em dez dias, metade de nós pode estar morta.

Roberto me fuzilou com um olhar beligerante.

— Então qual é a sua ideia brilhante, Nando? — ele explodiu. — Sair pelas montanhas logo agora que uma equipe de resgate está tentando nos encontrar?

— Eles não são uma equipe de resgate — respondi. — Estão procurando por corpos. Eles não têm a menor pressa de nos encontrar.

Roberto franziu a testa e deu meia-volta.

— Ainda não é hora — ele resmungou. — Está cedo demais.

Na metade da primeira semana de dezembro, o saco de dormir estava pronto. Nosso equipamento estava todo reunido, a carne para a viagem, cortada e embrulhada em meias, e todos sabíamos que chegara a hora de partir — todos menos Roberto, que encontrava um motivo irritante depois do outro para adiar a viagem. Primeiro reclamou que o saco de dormir não era forte o bastante e insistiu que ele devia ser reforçado. Então disse que não podia partir enquanto Coche e Roy e os outros precisassem tanto dos seus cuidados médicos. Por fim declarou que não havia descansado o suficiente para a escalada e precisaria de muitos dias mais para juntar forças. Fito e seus primos tentaram pressioná-lo a agir, mas Roberto rejeitou furiosamente a autoridade deles. Atacava todos que sugerissem que ele estava enrolando e deixou bem claro que não partiria um segundo antes de estar preparado.

À medida que o restante de nós ficava mais e mais incomodado com sua teimosia, Roberto se tornava cada vez mais tenso e combativo. Implicava com os mais fracos. Arranjava brigas sem a menor provocação. Certa vez, depois de uma discussão banal, agarrou seu amigo mais próximo, Alvaro Mangino, pelos cabelos e bateu com a cabeça dele contra a parede. Instantes depois, cheio de remorso, pediu desculpas a Mangino e os dois se abraçaram, mas aquilo já era demais para mim. Segui Roberto e esperei até ficarmos a sós.

— Isso não pode continuar assim. Você sabe que está na hora de partirmos.

— Sim — disse Roberto —, nós vamos partir logo, mas precisamos esperar o tempo melhorar.

— Estou cansado de esperar — eu disse calmamente.

— Eu já falei — ele estourou —, nós vamos partir quando o tempo estiver melhor!

Estava tentando manter a calma, mas o tom agressivo de Roberto me tirou do sério.

— Olhe ao seu redor! — gritei. — A comida está acabando! Nossos amigos estão morrendo. Coche já começou a delirar à noite. Ele não vai durar muito. Roy está ainda pior, pele e osso. Javier está moribundo, e os mais jovens, Sabella, Mangino, Bobby, estão muito fracos. E olhe para a gente! Você está

definhando a olhos vistos. Temos que escalar antes que fiquemos fracos demais para nos aguentarmos em pé!

— Ouça bem, Nando — Roberto contra-atacou —, nós encaramos uma tempestade feia dois dias atrás, lembra? Se estivéssemos nas encostas, ela teria nos matado.

— Uma avalanche pode nos matar — eu disse —, ou podemos cair numa fenda. Podemos perder o apoio e cair mil metros até batermos nas rochas! Não temos como eliminar esses riscos, Roberto, e não podemos esperar mais!

Roberto desviou o rosto, ignorando meus comentários. Levantei-me.

— Já escolhi uma data, Roberto. Vou partir na manhã de 20 de dezembro. Se você não estiver pronto, eu vou sozinho.

— Você não pode ir sem mim, seu idiota.

— Você me ouviu — eu disse, me afastando. — Vou partir no dia 20. Com ou sem você.

No dia 9 de dezembro era o meu 23º aniversário. Naquela noite na fuselagem, os rapazes me deram um dos charutos que haviam achado nas bagagens da cauda.

— Não chega a ser Punta del Este, como tínhamos planejado — brincou Carlitos —, mas é um charuto cubano.

— Nem sinto a diferença no gosto — eu disse, engasgando ao tragar. — Só sei que a fumaça é quente.

— Perdemos nossos aniversários — disse Carlitos —, mas tenho certeza de que estaremos com nossas famílias no Natal. Você vai conseguir, Nando. Estou certo disso.

Não respondi a Carlitos, e fiquei feliz pelas sombras da fuselagem esconderem a dúvida nos meus olhos.

— Tente dormir um pouco — eu disse, e então soprei uma nuvem da cara fumaça cubana em seu rosto.

No dia 10 de dezembro, Gustavo e eu conversamos sobre Numa com preocupação.

— Ele pediu que eu desse uma olhada numa ferida nas costas dele — Gustavo disse —, e olhei debaixo das roupas. Ele não tem mais carne nenhuma nos ossos. Numa não vai durar mais do que uns dois dias.

Deixei Gustavo e me ajoelhei ao lado de Numa.

— Como você está se sentindo, Numa?

Ele sorriu debilmente.

— Acho que não vou durar muito.

Vi um olhar de aceitação nos seus olhos. Ele estava enfrentando a morte com coragem e não quis desonrar aquilo contando mentiras.

— Tente aguentar firme — eu disse. — Nós estamos prestes a escalar. Vamos para o oeste, finalmente.

— "O Chile fica a oeste" — ele disse, com um sorriso apagado.

— Vou chegar até lá ou morrer tentando.

— Você vai conseguir, você é forte.

— Você precisa ser forte, Numa, pela sua família. Você vai vê-los de novo.

Numa se limitou a sorrir.

— É engraçado — ele disse. — Acho que a maioria dos homens morre arrependida dos erros que cometeu na vida, mas eu não tenho arrependimentos. Procurei viver uma boa vida. Procurei tratar as pessoas bem. Espero que Deus leve isso em conta.

— Não fale assim, Numa.

— Mas eu estou em paz — ele disse. — Estou preparado para o que vier.

Na manhã de 11 de dezembro, Numa entrou em coma. Morreu naquela tarde. Numa era um dos melhores dentre nós, um jovem que não parecia ter um lado ruim, uma pessoa cuja compaixão e generosidade jamais esmoreciam, independentemente do quanto sofresse. Enfurecia-me o fato de um homem daqueles morrer por conta de um simples esbarrão na perna, um machucado insignificante, o tipo de ferimento que, no mundo normal, não causaria a menor preocupação.

Ao observar meus amigos, fiquei pensando se suas famílias, que os haviam deixado como jovens saudáveis, os reconheceriam àquela hora, com seus rostos chupados, os ossos sulcando-lhes as sobrancelhas e as bochechas fundas, como se fossem os rostos murchos de gárgulas ou duendes; a maioria sem condições de ficar de pé sem cambalear. Eu via em seus olhos que qualquer esperança que houvessem conseguido manter viva estava se apagando. Seus corpos eram cascas secas e vazias. A vida se esvaecia deles como a cor se esvaece de uma folha caída. Pensei em todos aqueles que já haviam morrido e imaginei seus fantasmas ao nosso redor, 28 vultos cinza amontoados na neve, e Numa se juntando a eles. Tantas mortes, tantas vidas abreviadas. Uma sensação pesada de esgotamento tomou conta de mim.

"Chega disso", murmurei. "Chega." Já era hora de acabar com aquela história. Encontrei Roberto do lado de fora, recostado na fuselagem do Fairchild.

— Está tudo pronto — afirmei. — Tintin e eu estamos preparados. Vamos partir amanhã de manhã. Você vem com a gente?

Roberto olhou para as montanhas ao oeste. Vi em seus olhos que ele estava

tão abalado pela morte de Numa quanto o restante de nós.

— Sim — ele disse. — Estarei pronto. Chegou a hora de partir.

Na noite de 11 de dezembro, nossa sexagésima noite nos Andes, sentei-me do lado de fora da fuselagem em um dos assentos que arrastáramos de dentro do avião e olhei para o oeste, para as montanhas que obstruíam o caminho para minha casa. Ao cair da noite, a maior das montanhas, a que eu teria de escalar, se tornou mais sombria e mais proibitiva. Não vi nela hostilidade, apenas grandeza, poder e uma indiferença cruel. Era difícil me convencer de que o momento pelo qual ansiara e que eu temia havia chegado finalmente. Minha mente era uma tempestade de perguntas. *Como deve ser congelar até a morte?,* eu imaginava. *É uma morte dolorosa ou tranquila? Rápida ou lenta? Parece ser um jeito tão solitário de morrer. Como se morre de exaustão? Você simplesmente cai pelo caminho? Seria horrível morrer de fome, mas eu preferiria isso a cair da montanha. Por favor, Deus, não me deixe cair. Esse era o meu maior medo — deslizar pelas encostas íngremes por centenas de metros, tentando me agarrar à neve, sabendo estar a caminho de um despenhadeiro e de uma queda inevitável até as rochas a milhares de metros abaixo. Como deveria ser cair de uma altura daquelas? Será que minha mente se desligaria para me poupar do horror ou eu permaneceria lúcido até bater no chão? Por favor, Deus, proteja-me desse tipo de morte.*

Uma imagem surgiu de repente na minha cabeça. Vi-me de cima, como um vulto imóvel, enroscado na neve. A vida ia embora do meu corpo. Chegara ao limite, ao lugar e ao instante da minha morte. Como seria aquele momento? Qual seria a minha última visão? A neve? O céu? A sombra de uma rocha? Um rosto amigo? Eu estaria sozinho? Meus olhos estariam abertos ou fechados quando meu espírito deixasse o corpo? Aceitaria minha morte em paz, como quando estava sob a avalanche, ou choraria e me debateria por mais um instante de vida?

A morte parecia tão real, tão próxima e, ao sentir sua presença, comecei a tremer, certo de que não teria coragem para enfrentar o que me esperava.

Não posso fazer isso. Não quero morrer. Decidi contar aos outros que mudara de ideia. Eu ia ficar. Talvez Roberto tivesse razão e a equipe de resgate acabasse nos encontrando...

Mas eu sabia que não era assim. Estávamos quase sem comida. Quanto tempo levaria até que ela acabasse completamente e a terrível espera pela morte de alguém tivesse início? Quem morreria primeiro? Quanto tempo esperaríamos para cortá-lo? E como seria para o último sobrevivente? Olhei mais uma vez para a montanha e compreendi que nada que ela me fizesse seria pior do que aquilo que o futuro me reservava naquele lugar. Falei à montanha, na esperança

de que suas encostas fossem misericordiosas.

— Conte-me seus segredos — sussurrei. — Mostre-me como escalar.

A montanha, obviamente, fez silêncio. Olhei para as escarpas que se elevavam, tentando, com meu olho de leigo, traçar a melhor rota até o topo. Mas a noite não tardou a cair. As encostas desapareceram na escuridão. Entrei no Fairchild, me deitei com meus amigos uma última vez e tentei dormir.

Capítulo Oito

O oposto da morte

Se eu cheguei a dormir naquela noite não foi por mais do que alguns inquietos segundos por vez e, quando a primeira luz da manhã iluminou timidamente as janelas do Fairchild, eu já estava acordado havia horas. Alguns outros estavam de pé, mas ninguém falou comigo quando me levantei e me preparei para partir. Vestira-me para a montanha na noite anterior. Coladas à minha pele, havia uma camisa polo e duas calças de lã. Eram calças femininas que eu achara nas malas de alguém — provavelmente de Liliana —, mas, depois de dois meses nas montanhas, eu não tinha o menor problema em vesti-las sobre minhas ancas ossudas. Colocara três jeans sobre as calças e três suéteres sobre a camisa. Calçara quatro pares de meia e as envolvi em sacolas plásticas de supermercado para mantê-las secas na neve. Enfiei os pés nos meus sapatos de rúgbi surrados e amarrei os cadarços com cuidado, então coloquei um gorro de lã na cabeça e joguei por cima o capuz e os ombros que havia cortado do casaco de antílope de Susy. Tudo o que fiz naquela manhã parecia cerimonioso, significativo. Meus pensamentos estavam afiadíssimos, mas a realidade parecia nebulosa e onírica e eu me sentia como se observasse a mim mesmo de longe. Os outros ficaram quietos, sem saber o que dizer. Eu já os deixara antes, quando saímos rumo ao leste, mas sabia desde o início que aquela viagem não passaria de um exercício. Naquela manhã, senti com muita intensidade que a minha partida era fatídica, e os demais o sentiram também. Depois de tantas semanas de camaradagem e de luta em comum, criou-se uma súbita distância entre nós. Eu já começara a deixá-los para trás.

Peguei a vara de alumínio que usaria como bengala e desci a mochila do bagageiro acima da minha cabeça. Estava repleta de porções de carne e de todo tipo de quinquilharias que achei que pudessem ser úteis — algumas tiras de pano que eu podia enrolar nas mãos para mantê-las aquecidas, um batom para proteger meus lábios estourados do vento e do sol. Arrumara a mochila antes de me deitar. Queria partir do jeito mais rápido e simples possível; atrasos só me dariam tempo para me irritar.

Roberto acabara de se vestir. Trocamos um aceno de cabeça silencioso, coloquei o relógio de Panchito no pulso e o segui até o lado de fora. O ar estava

cortante, mas a temperatura estava bem acima de zero. Era um dia perfeito para escalar; o vento estava fraco e o céu, azul brilhante.

— Vamos logo — eu disse. — Não queremos desperdiçar esse clima.

Fito e seus primos nos trouxeram um pouco de carne para o café da manhã. Comemos rápido. Não havia muito para conversar. Quando chegou a hora de partir, levantamos para nos despedirmos. Carlitos deu um passo à frente e nos abraçamos. Ele sorria alegremente e sua voz estava cheia de um encorajamento genuíno.

— Você vai conseguir — ele disse. — Deus vai protegê-lo!

Vi a esperança louca em seus olhos. Ele estava tão magro, tão fraco, seus olhos negros estavam no fundo das órbitas e a pele, espichada nos ossos da face. Partia meu coração pensar que eu era a esperança dele, que aquela viagem desesperada que estava para começar fosse sua única chance de sobreviver. Tive vontade de chacoalhar-lhe os ombros, de desatar a chorar, de gritar com ele: *O que diabos estou fazendo, Carlitos? Estou com tanto medo! Não quero morrer!* Mas eu sabia que se permitisse que esses sentimentos aflorassem, o que restava da minha coragem cairia por terra. Assim, em vez disso, dei-lhe um dos sapatinhos vermelhos que mamãe comprara em Mendoza para o meu sobrinho. Mamãe os escolhera com tanto amor para o seu neto e os manuseara com tanta ternura no avião que aqueles sapatos eram mágicos para mim.

— Guarde isso — eu disse. — Vou guardar o outro. Quando eu voltar para pegar vocês, faremos um par de novo.

Os demais se despediram com abraços e olhares silenciosos de encorajamento. Seus rostos revelavam tanta esperança e tanto medo que me era difícil olhá-los nos olhos. Afinal, fora eu que tinha planejado a expedição. Fora eu que insistira com mais afinco que era possível chegar ao Chile a pé. Sabia que os outros viam minha conduta como confiante e otimista e talvez isso lhes desse esperança. Mas, na realidade, o que parecia a eles otimismo não era nada do gênero. Era pânico. Era terror. A urgência que me impulsionou a viajar para o oeste era a mesma que leva um homem a saltar de um prédio em chamas. Sempre imaginara o que passa pela cabeça de uma pessoa num momento desses, empoleirada na beirada, retraindo-se do fogo, aguardando a fração de segundo na qual uma morte faz mais sentido do que a outra. Como a mente faz uma escolha desse tipo? Qual é a lógica que lhe diz que chegou a hora de saltar no vazio? Naquela manhã, descobri minha resposta. Sorri para Carlitos e então dei as costas antes que ele visse a angústia em meus olhos. Meu olhar pousou sobre o monte de neve macia que marcava o local onde minha mãe e minha irmã estavam enterradas. Desde suas mortes, eu não me permitira um único pensamento sentimental a respeito delas. Mas, naquele instante, revivi o momento em que

deitei Susy em sua cova rasa e a cobri com a neve reluzente. Dois meses haviam se passado desde então, mas eu ainda via seu rosto com muita clareza, com os cristais brancos caindo gentilmente em suas bochechas e sobrancelhas. Se eu morrer, pensei, meu pai nunca vai saber como eu a confortei e a aqueci e como ela parecia estar em paz em sua sepultura branca.

— Nando, você está pronto?

Roberto estava esperando. A montanha estava atrás dele, suas encostas brancas luzindo sob o sol da manhã. Tornei a dizer a mim mesmo que aqueles picos brutais eram tudo que obstruía o caminho até meu pai e que chegara a hora de começar a longa caminhada de volta para casa, mas esses pensamentos não inspiravam coragem. Eu estava muito próximo de entrar em pânico. Todos os medos que vinham me atormentando desde o instante em que acordei do coma convergiam, e eu tremia como um condenado prestes a subir no cadafalso. Se estivesse sozinho, talvez tivesse chorado como um bebê, e o único pensamento na minha cabeça era uma súplica infantil: *Eu não quero ir!* Por meses, havia sido a ideia da fuga que me sustentara, mas, naquele instante, prestes a fugir, eu queria desesperadamente ficar com meus amigos. Queria me enroscar com eles na fuselagem naquela noite, conversar com eles sobre os nossos lares e sobre as nossas famílias, ser confortado por suas orações e pelo calor de seus corpos. O local da queda era um lugar horrível, ensopado de urina, que recendia a morte, entulhado de frangalhos de osso e cartilagem humana, mas, de repente, ele me pareceu seguro, aquecido e familiar. Queria ficar ali. Como queria ficar ali.

— Nando — disse Roberto —, está na hora de ir.

Olhei mais uma vez para as covas, então me virei para Carlitos.

— Se a comida acabar — eu disse —, quero que vocês usem mamãe e Susy.

Carlitos ficou mudo por um instante, então assentiu com a cabeça.

— Somente como última alternativa — ele disse baixinho.

Roberto voltou a chamar.

— Nando?

— Estou pronto — eu disse.

Demos adeus uma última vez e começamos a escalada.

Nenhum de nós tinha muito a dizer enquanto subíamos a leve inclinação da geleira até as encostas mais baixas da montanha. Pensávamos saber o que nos esperava e quanto a montanha podia ser perigosa. Aprendêramos que mesmo a mais branda nevasca poderia nos matar se nos pegasse a céu aberto. Estávamos cientes de que as neves em forma de cornijas das cristas mais altas eram instáveis e que a menor avalanche nos varreria encosta abaixo como uma vassoura varrendo farelos. Sabíamos que fendas profundas escondiam-se sob a

fina camada de neve congelada e que pedras do tamanho de aparelhos de televisão caíam rolando dos afloramentos espedaçados no alto da montanha. Mas não tínhamos a menor noção das técnicas e estratégias de alpinismo, e o que não sabíamos já bastava para nos matar.

Não sabíamos, por exemplo, que o altímetro do Fairchild estava errado; o local da queda não estava a 2 mil metros de altitude e sim a aproximadamente 3.500 metros. Também não sabíamos que a montanha que estávamos prestes a enfrentar era uma das mais altas dos Andes, chegando a cerca de 5 mil metros de altitude, com encostas tão íngremes e árduas que seriam um desafio mesmo para uma equipe de montanhistas experientes. Na verdade, alpinistas experientes não chegariam nem perto daquela montanha sem um arsenal de equipamentos especializados, incluindo *pitons* de aço, parafusos, cordas de segurança e outros instrumentos indispensáveis, feitos para ancorá-los com segurança nas encostas. Eles carregariam picaretas, tendas impermeáveis e botas térmicas adaptadas com *crampons* — pontas de metal que fornecem a tração necessária nas inclinações mais íngremes e incrustadas de gelo. Estariam também em sua melhor condição física, é claro, e escalariam na hora em que escolhessem, elaborando cuidadosamente a rota mais segura até o topo. Nós três estávamos escalando com roupas comuns, portando apenas as ferramentas toscas que pudemos inventar com os materiais resgatados do avião. Nossos corpos já estavam devastados por meses de cansaço, fome e exposição ao frio e nossa vida até então não nos preparara nem um pouco para a empreitada. O Uruguai é um país quente e de baixa altitude. Nenhum de nós vira uma montanha de verdade antes. Antes da queda, Roberto e Tintin nem ao menos haviam visto neve. Se soubéssemos alguma coisa de alpinismo, teríamos percebido que estávamos perdidos. Por sorte, não sabíamos nada, e a ignorância nos deu nossa única chance.

Nossa primeira missão era escolher uma rota para subir as encostas. Alpinistas experientes teriam logo visto uma crista que descia do topo até a geleira, cerca de um quilômetro e meio ao sul do local da queda. Se tivéssemos caminhado até aquela crista e subido sua espinha longa e estreita, teríamos encontrado uma base mais sólida, encostas menos íngremes e uma rota mais segura e rápida até o topo. Mas nem mesmo a notamos. Por dias, eu marquei o local onde o sol se punha atrás das cristas e, achando que a melhor rota era a mais curta, usamos aquele ponto para traçar um caminho em linha reta para o oeste. Foi um erro amadorístico que nos obrigaria a subir pelas encostas mais íngremes e perigosas da montanha.

O começo, no entanto, foi promissor. A neve no flanco mais baixo da montanha era firme e razoavelmente plana, e as travas dos meus sapatos de rúgbi

agarravam-se bem à camada de gelo. Movido por uma onda intensa de adrenalina, subi com rapidez a encosta e, num piscar de olhos, estava quase 50 metros à frente dos demais. Mas logo fui obrigado a diminuir o ritmo. A encosta se tornara muito mais íngreme, e parecia ficar pior a cada passo, como uma esteira que vai se inclinando continuamente. O esforço me fez arquejar no ar rarefeito, e precisava descansar, com as mãos nos joelhos, a praticamente cada metro do caminho.

Logo o sol estava forte o bastante para nos aquecer durante a escalada, mas ele aquecia também a neve, e a superfície firme sob os meus pés começou a vacilar. A cada passo, meu pé rompia a cada vez mais frágil camada de gelo e eu afundava até os joelhos nos montes de neve macios e profundos. Cada passo exigia um esforço tremendo. Era preciso levantar o joelho quase até a altura do peito para tirar a bota da neve. Então eu dava um passo adiante com aquele pé, jogava o peso do corpo sobre ele, e o gelo se partia mais uma vez. Naquele ar rarefeito, eu tinha que descansar, exausto, a cada passo. Quando me virei, vi os outros lutando também. Olhei para o sol sobre nossas cabeças e compreendi que esperamos demais para começar a escalada naquela manhã. A lógica nos dizia que era mais sensato escalar à luz do dia, de modo que esperamos o nascer do sol. Um especialista, por outro lado, saberia que a melhor hora para escalar é antes do amanhecer, antes de o sol transformar as encostas num mingau. As montanhas estavam nos fazendo pagar por mais um erro amadorístico. Imaginava quais outros obstáculos nos esperavam e a quantos deles seríamos capazes de sobreviver.

Por fim, toda a crosta derreteu e fomos obrigados a vencer montes de neve pesados, que às vezes chegavam até a cintura, para subir a colina.

— Vamos testar os sapatos de neve! — gritei.

Os outros concordaram com a cabeça, então tiramos os sapatos das costas e os calçamos sem demora. Eles funcionaram bem no começo, permitindo que escalássemos sem afundar na neve. Mas o tamanho e a grossura das almofadas nos forçavam a arquear as pernas ao caminhar e a girar os pés em círculos absurdamente grandes para evitar que elas se chocassem. Para piorar, o enchimento ficou logo encharcado de neve derretida. No meu cansaço, parecia que eu estava escalando a montanha com a tampa de um bueiro presa nos sapatos. Desanimava-me rapidamente. Já estávamos à beira da exaustão, e a verdadeira escalada nem havia começado.

A montanha foi ficando continuamente mais inclinada e logo alcançamos encostas muito íngremes e expostas demais ao vento para acumularem montes fundos de neve. Retiramos com alívio os sapatos de neve, os amarramos às

nossas costas e continuamos a escalada. Por volta da metade da manhã, já havíamos chegado a uma altitude vertiginosa. O mundo à nossa volta já era feito mais de ar azul e luz do sol do que de rochas e neve. Havíamos literalmente escalado até o céu. A altitude íngreme e a amplidão escancarada daquelas encostas imensas trouxeram-me uma sensação onírica de incredulidade. A montanha descia tão verticalmente atrás de mim que quando olhei para baixo para Tintin e Roberto vi somente suas cabeças e ombros recortados contra 600 metros de céu vazio. O ângulo da encosta era tão íngreme quanto uma escada de mão, mas imagine uma escada que fosse até a lua! A altitude fazia minha cabeça girar e eu sentia espasmos nos tendões e na espinha. Virar para olhar para baixo era como fazer piruetas na beirada de um arranha-céu.

Em encostas íngremes e abertas como aquelas, em que a inclinação parece disposta a expulsar você da montanha e bons suportes para as mãos são difíceis de encontrar, um especialista usaria cordas de segurança atadas a ancoragens de ferro enfiadas na rocha ou no gelo, além de contar com os *crampons* para fixar os pés com segurança na encosta. Não tínhamos nada daquilo, somente a força cada vez mais débil dos nossos braços, pernas, pontas dos dedos e dedos dos pés congelados, para evitar que caíssemos no vácuo azul. Estava horrorizado, sem dúvida, mas ainda assim não podia negar a beleza selvagem ao meu redor — o céu imaculado, as montanhas congeladas, a paisagem reluzente da neve virgem e funda. Era tudo tão vasto, tão perfeito, tão silencioso e tranquilo. Mas, escondido por trás daquela beleza, havia algo que me perturbava, algo antigo, hostil e profundo. Olhei para baixo, para os destroços no local da queda. Daquela altitude, eles eram apenas uma mancha na neve ancestral. Vi como pareciam grosseiros e fora de lugar, como estavam absolutamente equivocados. Tudo estava errado no nosso caso — a violência e o estrondo da queda, o sofrimento gritante, o barulho e o caos da nossa triste batalha pela sobrevivência. Tudo aquilo destoava daquele lugar. A vida destoava daquele lugar. Era tudo uma violação da serenidade perfeita que reinara por milhões de anos. Senti isso no primeiro instante em que olhei para as montanhas: havíamos perturbado um equilíbrio antigo, e o equilíbrio precisava ser restabelecido. Sentia isso ao meu redor, no silêncio, no frio. Algo queria reaver aquele silêncio perfeito, algo nas montanhas queria nos calar.

No fim da manhã já estávamos a cerca de 600 metros do local da queda e provavelmente a mais de 4 mil metros do nível do mar. Eu me arrastava centímetro a centímetro com uma dor de cabeça que pressionava meu crânio como uma argola de ferro. Sentia os dedos grossos e sem jeito e minhas pernas pesavam de cansaço. O menor esforço — erguer a cabeça, me virar para falar

com Roberto — me fazia arfar como se tivesse corrido mais de um quilômetro e, independentemente da força que eu fizesse para inspirar, não conseguia encher os pulmões. Era como se um pedaço de feltro bloqueasse minha respiração.

Não podia adivinhar naquela hora, mas eu estava sofrendo os efeitos da altitude. O estresse psicológico da escalada no ar carente de oxigênio é um dos maiores perigos que os alpinistas podem enfrentar. O mal de altitude, que geralmente ataca na zona dos 2.500 metros, pode causar uma série de sintomas debilitantes, incluindo dor de cabeça, fadiga extrema e tontura. Acima dos 3.500 metros, ele pode levar a edemas cerebrais e pulmonares, podendo ambos causar danos irreversíveis ao cérebro e morte súbita. Em altas altitudes, é difícil evitar os efeitos do mal de altitude moderado, mas o quadro piora ao se escalar rapidamente. Os especialistas recomendam que o alpinista suba apenas 300 metros por dia, o que dá ao corpo a chance de se habituar ao ar rarefeito. Nós havíamos escalado o dobro disso em uma única manhã e piorávamos ainda mais a situação porque continuamos subindo quando nossos corpos precisavam desesperadamente de descanso.

Em reposta, meu corpo faminto por oxigênio lutava para lidar com o ar rarefeito. Meus batimentos cardíacos dispararam e o sangue engrossou nas minhas veias — a maneira que o corpo encontra de conservar o oxigênio na corrente sanguínea e mandá-lo mais rapidamente para os órgãos vitais e tecidos. O ritmo da minha respiração chegou à beira da hiperventilação e, com toda a umidade que perdia ao expirar, eu estava ficando mais gravemente desidratado a cada respiração. Para se suprirem com a enorme quantidade de água necessária a fim de se manterem hidratados em altas altitudes, alpinistas experientes usam fogareiros portáteis para derreter porções de neve e bebem litros de água por dia. Nossa única fonte de líquido era a neve que engolíamos aos punhados ou derretíamos na garrafa de vidro que carregávamos em uma das mochilas. Não adiantava muito. A desidratação minava rapidamente nossas forças e escalávamos com uma sede constante e abrasadora.

Depois de cinco ou seis horas de escalada árdua, havíamos subido provavelmente pouco mais de 750 metros, mas, apesar de toda a nossa luta, o cume não parecia nem um pouco mais próximo. Meus ânimos despencaram quando calculei a enorme distância até o topo, e percebi que meus dolorosos passos mal me aproximavam dele mais do que 30 centímetros. Compreendi com uma clareza brutal que havíamos assumido uma missão inumana. Arrasado pelo medo e pela sensação de futilidade, tive vontade de cair de joelhos e ficar parado lá. Então ouvi aquela voz calma na minha cabeça, a voz que me dava forças nos vários momentos de crise. *Você está deixando a distância sufocá-lo*, ela disse.

Desmitifique a montanha. Sabia o que tinha de fazer. À minha frente havia uma grande rocha. Decidi esquecer do topo e fazer dela meu único objetivo. Andei com dificuldade na direção dela, mas, assim como o topo, ela parecia se afastar de mim à medida que eu escalava. Sabia que estava sendo enganado pela enorme escala referencial da montanha. Sem nada naquelas encostas imensas e vazias para me dar perspectiva — nenhuma casa, pessoa ou árvore — uma rocha que parecia ter 3 metros de largura e estar a 100 metros de distância podia ser dez vezes maior e estar a mais de 1 quilômetro. Ainda assim, escalei em direção a ela sem parar e, quando finalmente a alcancei, escolhi outro marco e comecei novamente.

Escalei daquela maneira por horas, dedicando toda a minha atenção a algum alvo — uma rocha, uma sombra, uma formação de neve diferente — até que a distância que me separava dele se tornasse a única coisa que importava no mundo. Os únicos sons que ouvia eram minha própria respiração pesada e o ruído dos meus pés esmagando a neve. Minha passada logo se tornou automática e entrei num transe. Em algum lugar da minha mente, ainda sentia falta de papai, ainda estava fatigado, ainda achava que nossa missão estava fadada ao fracasso, mas esses pensamentos pareciam ter se amortecido e caído em segundo plano, como o som de um rádio tocando em outro quarto. Dê um passo, empurre a perna, dê um passo, empurre a perna. Nada mais importava. Às vezes prometia a mim mesmo que iria descansar quando alcançasse o próximo alvo, mas não mantive a promessa nenhuma vez. O tempo se esvaiu, as distâncias diminuíram, a neve parecia deslizar sob meus pés. Eu era uma locomotiva se arrastando encosta acima. Eu era a demência em câmera lenta. Mantive aquela passada até me distanciar bastante de Roberto e Tintin, que tiveram de gritar para me fazer parar. Esperei por eles em um afloramento que oferecia uma superfície plana para descansarmos. Comemos um pouco de carne e derretemos um pouco de neve para beber. Ninguém tinha muito a dizer. Sabíamos bem a enrascada em que estávamos metidos.

— Você acha que a gente ainda consegue chegar antes do anoitecer? — perguntou Roberto. Ele olhava para o topo.

Dei de ombros.

— A gente devia procurar um lugar para acampar.

Olhei para o local da queda. Ainda conseguia ver os pequenos vultos dos nossos amigos observando-nos dos assentos que arrastaram para fora da fuselagem. Imaginava qual seria a perspectiva deles. Conseguiriam notar quão desesperadamente estávamos lutando? Será que suas esperanças já estavam morrendo? Se em algum momento parássemos de nos mover, até quando esperariam que voltássemos a andar? E o que fariam se não voltássemos? Esses

pensamentos me vinham à cabeça apenas como observações passageiras. Já não estava mais no mesmo mundo que aqueles meninos lá embaixo. Meu universo se estreitara e os sentimentos de compaixão e responsabilidade para com os demais sobreviventes foram sufocados pelo meu próprio terror e pela minha própria luta encarniçada pela sobrevivência. Sabia que Tintin e Roberto sentiam-se da mesma forma e, embora tivesse certeza de que lutaríamos lado a lado enquanto pudéssemos, compreendia que já estávamos todos sozinhos no nosso desespero e no nosso medo. A montanha me ensinava uma dura lição: a camaradagem é um sentimento nobre, mas, no fim das contas, a morte é um oponente que só podemos enfrentar sozinhos.

Descansando taciturno na beirada da rocha, olhei para Roberto e Tintin.

— O que fizemos para merecer isso? — murmurou Roberto.

Olhei para o alto da montanha, procurando por uma escarpa ou um seixo que pudesse servir de abrigo para a noite. Não vi nada além de uma íngreme e interminável manta de neve.

Enquanto batalhávamos para subir a montanha, a manta de neve deu lugar a um terreno ainda mais difícil. Rochas projetavam-se da neve, algumas delas imensas e impossíveis de escalar. Arestas e afloramentos maciços nos encimavam e bloqueavam a visão da próxima encosta e fui forçado a escolher o caminho a seguir por instinto. Muitas vezes escolhi mal e me vi preso sob uma saliência intransponível, ou na base de um muro de pedra vertical. Geralmente retornava ou avançava diagonalmente palmo a palmo pela encosta até achar um novo caminho. Às vezes não tinha outra chance senão insistir.

Num determinado momento no começo da tarde, meu caminho foi obstruído por uma inclinação extremamente íngreme e coberta de neve. Vi um leito de pedra plano na extremidade superior. A não ser que escalássemos a inclinação diagonalmente e rastejássemos até aquele leito estreito, teríamos que voltar. Perderíamos horas voltando e, com o pôr do sol se aproximando rapidamente, eu sabia que não tínhamos aquela opção. Olhei para trás para Tintin e Roberto. Eles me observavam para ver o que eu ia fazer. Analisei a inclinação. A encosta era íngreme e lisa, não havia nada para agarrar com as mãos. Mas a neve parecia estável o bastante para me aguentar. Teria que fincar o pé na neve e manter o peso do corpo jogado para a frente enquanto escalasse. Seria tudo uma questão de equilíbrio.

Comecei a escalar o muro congelado, trinchando a neve com a ponta dos meus sapatos e pressionando o peito contra a encosta para não cair para trás. A base era estável e avancei lentamente, com muito cuidado, até a borda, rastejando em seguida até a superfície plana. Acenei para Tintin e Roberto.

— Sigam meus passos — gritei. — Tenham cuidado, é muito íngreme.

Dei as costas a eles e comecei a escalar as encostas sobre a minha cabeça. Poucos instantes depois, olhei para trás e vi que Roberto conseguira atravessar a inclinação. Era a vez de Tintin. Voltei a escalar e já subira cerca de 30 metros quando um grito aterrorizado ecoou na montanha.

— Estou preso! Não vou conseguir!

Virei-me e vi Tintin parado no meio da inclinação.

— Vamos, Tintin! — gritei. — Você consegue!

Ele balançou a cabeça.

— Não posso me mexer.

— É a mochila! — disse Roberto. — Está muito pesada.

Roberto tinha razão. O peso da mochila de Tintin, que ele carregava no alto das costas, estava puxando-o da superfície da montanha. Ele lutava para jogar o equilíbrio para a frente, mas não havia nada que servisse de agarra e a expressão em seu rosto me dizia que ele não ia aguentar por muito tempo. Da minha posição, eu via a queda vertiginosa que se estendia atrás dele e sabia o que ia acontecer se Tintin caísse. Primeiro o veríamos despencar por um longo tempo no vazio, então ele bateria na encosta ou em algum afloramento e rolaria montanha abaixo como um boneco de pano até algum monte de neve ou penhasco interromper a queda.

— Tintin, aguente firme! — gritei.

Roberto estava na beirada do leito de pedra, esticando o braço para Tintin. Não o alcançava por uma questão de centímetros.

— Tire a mochila! — ele gritou. — Me dê ela!

Tintin tirou a mochila com cuidado, lutando para manter o equilíbrio enquanto soltava lentamente as alças dos braços, e a entregou para Roberto. Livre do peso da mochila, Tintin conseguiu recuperar o equilíbrio e subir em segurança a inclinação. Quando alcançou a saliência, desmoronou na neve.

— Não posso mais continuar — ele disse. — Estou cansado demais. Não consigo levantar as pernas.

A voz de Tintin denunciava seu cansaço e medo, mas eu sabia que tínhamos que continuar até encontrarmos um abrigo para descansar à noite, de modo que segui adiante, deixando os dois sem escolha senão me acompanharem. À medida que escalava, esquadrinhei as encostas em todas as direções, mas a montanha era tão empedrada e íngreme que não havia lugar seguro para esticarmos nosso saco de dormir. Já era fim de tarde. O sol se pusera atrás dos picos ocidentais e as sombras já se espalhavam pelas encostas. A temperatura começou a cair. Vi que nossos amigos no local da queda haviam se retirado para a fuselagem para escapar do frio. O pânico subia pela minha garganta enquanto buscava um local

seguro e plano para passarmos a noite.

No crepúsculo, subi uma rocha alta para ter uma visão melhor. Durante a escalada, enfiei o pé direito em uma pequena fenda, em seguida, com a mão esquerda, alcancei a ponta de um seixo que se projetava da neve. Ele parecia firme, mas quando me puxei para cima, uma pedra do tamanho de uma bala de canhão se soltou e passou caindo por mim.

— Cuidado! Cuidado aí embaixo! — gritei.

Olhei para baixo para Roberto. Não havia tempo de reagir. Ele arregalou os olhos, esperando o momento do impacto da rocha, que passou a centímetros da sua cabeça. Depois de um instante de silêncio estupefato, Roberto me lançou um olhar fuzilante.

— Seu filho da puta! Seu filho da puta! Você está tentando me matar? Tenha cuidado. Preste atenção no que está fazendo!

Então ele ficou quieto, se inclinou para a frente e seus ombros começaram a subir e descer. Percebi que ele estava chorando. Diante dos seus soluços, senti um choque de desalento tão grande que conseguia senti-lo na boca. Então fui tomado por uma fúria súbita, inarticulada.

— Chega dessa porra! Chega dessa porra! — murmurei. — Não aguento mais! Não aguento mais!

Só queria que aquilo acabasse. Queria descansar. Afundar na neve. Ficar parado e quieto. Não me lembro de nenhum outro pensamento, de modo que não sei o que me fez seguir adiante, mas, assim que Roberto se recompôs, voltamos a escalar na luz mortiça. Finalmente encontrei uma depressão rasa na neve, abaixo da grande rocha. O sol aquecera as rochas o dia todo, de modo que o calor que irradiava da pedra havia derretido a neve formando uma pequena greta. Ela era estreita e o chão inclinava-se bastante encosta abaixo, mas nos protegeria do frio e do vento noturnos. Dispusemos as almofadas no chão da fenda para isolar o frio e então esticamos o saco de dormir sobre elas. Nossas vidas dependiam daquele saco e do calor corporal que ele conservaria, mas ele era frágil, fora costurado grosseiramente com pedaços de fio de cobre, de modo que o manuseamos com muito cuidado. Por medo de rasgar as costuras, tiramos os sapatos antes de entramos nele.

— Você mijou? — perguntou Roberto enquanto eu me acomodava. — Não vamos poder ficar saindo e entrando do saco a noite toda.

O fato de Roberto estar retomando seu mau humor me tranquilizava.

— Eu mijei — respondi. — E você? Não quero você mijando dentro deste saco.

Roberto bufou.

— Se alguém for mijar aqui dentro vai ser você. E tenha cuidado com esses

pés grandes.

Quando já estávamos os três dentro do saco de dormir, tentamos ficar confortáveis, mas o solo era muito duro e o chão da fenda era tão íngreme que estávamos quase de pé, com as costas grudadas na montanha e os pés apoiados na beirada inclinada da greta. A borda de neve era a única coisa que nos impedia de escorregar pela encosta. Estávamos todos exaustos, mas eu estava assustado e com frio demais para relaxar.

— Roberto — eu disse —, você é estudante de medicina. Como se morre de exaustão? É doloroso? Ou você simplesmente apaga?

A pergunta pareceu aborrecê-lo.

— Qual é a importância de saber como se vai morrer? — ele disse. — Você vai estar morto e isso é tudo que importa.

Ficamos calados por um bom tempo. O céu estava negro como piche e salpicado de bilhões de estrelas reluzentes, cada uma delas absurdamente límpida e cintilando como uma chama. Naquela altitude, era como se eu pudesse tocá-las. Em outra situação e outro lugar, eu teria ficado pasmo com a beleza delas. Mas lá, àquela hora, elas pareciam uma brutal demonstração de força. O mundo me mostrava como eu era pequeno, como era fraco e insignificante. E passageiro. Ouvi minha própria respiração, dizendo a mim mesmo que, enquanto pudesse respirar, ainda estaria vivo. Fiz uma promessa de não pensar no futuro. Viveria de instante em instante e de respiração em respiração, até esgotar toda a vida que tinha.

A temperatura caiu tanto naquela noite que a garrafa d’água que havíamos trazido quebrou com o frio. Enroscados no saco de dormir, conseguimos evitar o congelamento dos nossos corpos, mas ainda assim sofremos terrivelmente. Pela manhã, deixamos nossos sapatos congelados ao sol e descansamos no saco até eles degelarem. Em seguida, depois de comermos e de juntarmos nossas coisas, começamos a escalar. O sol estava forte. Era outro dia perfeito.

Já estávamos a mais de 4.500 metros de altitude e a cada 100 metros aproximadamente a inclinação da montanha ficava mais perto da verticalidade total. As encostas estavam ficando impossíveis de escalar, de modo que começamos a subir pelas margens rochosas dos barrancos — as ravinas íngremes e profundas que talhavam a lateral da montanha. Alpinistas experientes sabem que os barrancos podem ser mortais — o formato deles os transforma em rampas perfeitas para as rochas que descem rolando a montanha —, mas a neve compacta nos dava um bom apoio e os paredões de pedra nas suas extremidades nos ofereciam algo firme para agarrarmos.

Às vezes, a extremidade de um barranco nos levava até um ponto

intransponível. Quando isto acontecia, eu cruzava o centro coberto de neve até a outra ponta. À medida que escalávamos os barrancos, notei que o vazio letal às minhas costas me preocupava cada vez mais. Talvez fosse a altitude vertiginosa, talvez fosse o cansaço ou uma peça pregada pelo meu cérebro faminto por oxigênio, mas sentia que aquele vazio não era um perigo passivo. Ele tinha presença e intenções — intenções muito más —, e eu sabia que se não resistisse com todas as minhas forças, ele me arrancaria da montanha e me atiraria encosta abaixo. A morte batia no meu ombro, e a ideia dela me tornou lento e metódico. Eu refletia sobre todo e qualquer movimento e perdi a confiança no meu equilíbrio. Percebi com extrema clareza de pensamento que não havia segundas chances ali, não havia margem de erro. Um passo em falso, um instante de desatenção, um cálculo minimamente errado, me faria cair de cabeça encosta abaixo. O vazio me puxava constantemente. Ele me queria, e a única coisa que me impedia de cair nele era a qualidade do meu desempenho. Minha vida se resumira a um simples jogo — escale bem e viva, ou falhe e morra — e minha consciência se estreitara até não haver mais espaço para nada que não fosse uma atenta e cuidadosa análise da rocha que eu pretendia alcançar, ou a saliência na qual eu fincaria o pé. Jamais tivera uma sensação tão forte de presença consciente. Minha mente nunca experimentara uma sensação tão pura e simples de propósito.

Coloque o pé esquerdo aqui. Sim, aquela borda vai aguentar. Agora, com a mão esquerda, alcance a fenda daquele seixo. Ela é firme? Ótimo. Erga-se. Agora, coloque o pé direito naquela saliência. Ela é segura? Confie no seu equilíbrio. Cuidado com o gelo!

Esqueci de mim mesmo na intensidade da minha concentração, esqueci dos meus medos e do meu cansaço e, por um instante, senti como se tudo que eu já fora tivesse desaparecido e eu houvesse me tornado apenas a pura vontade de escalar. Foi um instante de absoluta alegria animal.

Jamais me sentira tão focado, tão determinado, tão furiosamente vivo. Durante aqueles surpreendentes instantes, meu sofrimento desaparecera, minha vida se tornara um fluxo inalterado. Mas aqueles instantes não duraram. O medo e a exaustão logo retornaram e a escalada voltou a ser um suplício. Já estávamos muito alto na montanha, e a altitude tornava meus movimentos pesados e meu pensamento lento. As encostas se tornaram quase verticais e mais difíceis do que nunca de escalar, mas eu disse a mim mesmo que encostas tão íngremes só podiam significar que estávamos nos aproximando do topo. Para me fortalecer, imaginava a cena que veria do cume da mesma forma que já a imaginara tantas vezes — as colinas se estendendo, divididas em partes verdes e marrons de terra de cultivo, as estradas levando a locais seguros e, em algum lugar, uma cabana

ou uma casa de fazenda.

Não saberia dizer como conseguimos continuar a escalada. Eu tremia descontroladamente de frio e cansaço. Meu corpo estava à beira de um colapso total. Minha mente conseguia formar somente os pensamentos mais simples. Então, acima da minha cabeça, vi a silhueta de uma crista ascendente realçando-se contra o pano de fundo do límpido céu azul; e não havia mais montanha depois dela. O topo!

— Conseguimos! — gritei, e com energia renovada subi até a crista. Porém, quando escalei a beirada, a crista deu lugar a vários metros de superfície plana, e então a montanha voltava a se erguer. O ângulo íngreme da encosta me enganara. Era só mais uma peça pregada pela montanha, um falso topo. E não era o único. Passamos a tarde lutando para chegar a um falso topo depois do outro até que, antes do pôr do sol, encontramos um local protegido e decidimos montar nosso acampamento.

Naquela noite, enquanto nos deitávamos no saco de dormir, Roberto estava taciturno.

— Vamos morrer se continuarmos a escalar — ele disse. — A montanha é muito alta.

— E o que podemos fazer além de escalar? — perguntei.

— Voltar — ele disse.

Fiquei mudo por um instante.

— Voltar e esperar a morte? — perguntei.

Ele balançou a cabeça.

— Você está vendo mais adiante, aquela linha escura na montanha? Acho que é uma estrada. — Roberto apontou para além de um vale largo, para uma escarpa a quilômetros de distância.

— Não sei, não — eu disse. — Parece uma espécie de falha na rocha.

— Nando, você mal consegue ver — ele estourou. — Estou dizendo que é uma estrada.

— E em que você está pensando? — perguntei.

— Acho que a gente deve voltar e seguir aquela estrada. Ela deve dar em algum lugar.

Aquela era a última coisa que eu queria ouvir. Desde que havíamos deixado a fuselagem, eu vinha sendo constantemente atormentado por dúvidas e receios. *Estamos fazendo a coisa certa? E se a equipe de resgate chegar enquanto estivermos nas montanhas? E se as terras chilenas não estiverem logo depois da encosta?* O plano de Roberto parecia loucura, mas ele me forçou a considerar outras opções, e eu não tinha forças para aquilo naquela hora.

— A montanha deve estar a uns 40 quilômetros de distância — eu disse. — Se

formos até lá, escalarmos até aquela linha escura e descobrirmos que é só uma camada de xisto, não vamos ter forças para voltar.

— Eu tenho certeza de que é uma estrada, Nando!

— Talvez seja e talvez não — respondi. — A única coisa que sabemos ao certo é que o Chile fica a oeste.

Roberto franziu a testa.

— Você está dizendo isso há meses, mas nós vamos morrer antes de chegarmos lá.

Roberto e eu discutimos por horas sobre a estrada, mas, quando nos acomodávamos para dormir, eu sabia que a questão ainda não havia sido resolvida. Acordei na manhã seguinte e o céu estava limpo mais uma vez.

— Estamos dando sorte com o tempo — disse Roberto. Ele ainda estava no saco de dormir.

— O que você decidiu? — perguntei. — Você vai voltar?

— Não tenho certeza — ele disse. — Preciso pensar.

— Eu vou escalar — eu disse —, é capaz de a gente alcançar o topo logo.

Roberto assentiu com a cabeça.

— Deixe suas coisas — ele disse. — Vou esperar você voltar.

Eu assenti. A ideia de continuar sem Roberto me apavorava, mas eu não tinha intenção de voltar atrás. Esperei Tintin arrumar sua mochila, então viramos para a encosta e começamos a escalar. Depois de horas de progresso lento, nos vimos presos na base de um penhasco que se erguia por centenas de metros. Sua superfície era quase completamente vertical e coberta de neve compacta.

— Como vamos escalar isso? — perguntou Tintin.

Analisei o muro. Minha mente estava lenta, mas não demorei a me lembrar da bengala de alumínio amarrada às minhas costas.

— Precisamos de uma escada — eu disse.

Tirei a bengala das costas e comecei a talhar degraus toscos na pedra com sua ponta afiada. Usando-os como os degraus de uma escada de mão, continuamos a escalada. Era excruciante, mas nos empenhamos com a persistência de um animal de fazenda e subimos um lento degrau por vez. Tintin vinha logo atrás de mim. Ele jamais reclamou, apesar de eu saber que ele estava apavorado. De qualquer forma, eu estava apenas vagamente cônscio da sua presença. Minha atenção estava direcionada ao meu trabalho: *Talhe, escale, talhe, escale.* Parecia-me, às vezes, que estávamos escalando os lados verticais de um arranha-céu congelado, e era muito difícil talhar a pedra e manter o equilíbrio ao mesmo tempo, mas eu já não me preocupava com o vazio às minhas costas. Eu o respeitava, mas aprendera a tolerar sua existência. Como disse anteriormente, um ser humano se acostuma a tudo.

Era um processo torturante, subir a montanha naquela lentidão, e as horas se arrastavam. Em algum momento no fim da manhã, divisei o céu azul sobre uma crista e lutei para alcançá-la. Depois de tantos falsos topos, aprendera a conter minhas esperanças, mas, daquela vez, depois de escalar a beirada da crista, a encosta ficou plana e me vi de pé em uma sombria corcova de pedra e neve branqueada pelo vento. Fui compreendendo aos poucos que já não havia mais montanha para subir. Eu alcançara o topo.

Não me recordo se senti alguma alegria ou sensação de conquista naquele momento. Caso tenha sentido, ela desapareceu assim que olhei à minha volta. O topo me oferecia uma visão desobstruída de 360 graus da criação. De lá de cima, eu podia ver o horizonte circundando o mundo como as bordas de uma taça colossal e, em todas as direções daquela extensão azul, a taça estava apinhada de legiões de montanhas cobertas de neve, cada uma tão íngreme e proibitiva quanto a que eu acabara de escalar. Compreendi imediatamente que o copiloto do Fairchild enganara-se redondamente. Não havíamos passado de Curicó. Não estávamos nem mesmo próximos dos limites ocidentais dos Andes. Nosso avião caíra em algum lugar no meio da imensa cordilheira.

Não sei quanto tempo fiquei ali olhando. Um minuto. Talvez dois. Fiquei imóvel até sentir uma pressão queimar meus pulmões e percebi que havia me esquecido de respirar. Traguei o ar. Minhas pernas ficaram bambas e caí no chão. Xinguei Deus e me enfureci com as montanhas. A verdade estava diante dos meus olhos: apesar de toda a minha luta, de todas as minhas esperanças, das promessas a mim mesmo e ao meu pai, eu terminaria daquela maneira. Morreríamos todos naquelas montanhas. Afundaríamos na neve, o silêncio ancestral cairia sobre nós, e aqueles que amávamos jamais saberiam como havíamos batalhado para reencontrá-los.

Naquele instante, todos os meus sonhos, suposições e expectativas de vida evaporaram no ar rarefeito dos Andes. Sempre considerara que a vida era verdadeira, natural, e que a morte era simplesmente o fim dela. Mas lá, naquele lugar estéril, compreendi com uma terrível clareza de pensamento que a morte era a constante, a morte era a base, e a vida não passava de um sonho breve e frágil. Eu já estava morto. Já nascera morto, e o que eu achava ser minha vida era apenas um jogo que a morte me deixara jogar enquanto esperava a hora de me ceifar. No meu desespero, senti uma necessidade aguda e súbita da ternura da minha mãe e de Susy, do abraço forte do meu pai. O amor pelo meu pai crescera no meu coração e percebi que, apesar da irremediabilidade da minha situação, a lembrança dele me enchia de alegria. Era impressionante: apesar de todo o seu poder, as montanhas não eram mais fortes do que o meu apego a papai. Elas não conseguiam destruir minha habilidade de amar. Tive um momento de calma e

clareza, e dentro dessa clareza de pensamento, descobri um segredo simples e aterrador: a morte tem um oposto, mas ele não é apenas a vida. Não é a coragem, a fé ou a vontade humana. O oposto da morte é o amor. Como eu não percebera isso antes? Como alguém deixa de perceber isso? O amor é nossa única arma. Somente o amor pode transformar uma mera vida num milagre e retirar significados preciosos do sofrimento e do medo. Por um instante breve e mágico, todos os meus medos desapareceram e eu soube que não deixaria a morte me controlar. Caminharia por aquele país desgraçado que me separava de casa com amor e esperança no coração. Caminharia até esvair toda a vida que existisse em mim e, quando sucumbisse, morreria muito mais perto do meu pai. Esses pensamentos me fortaleceram e, com esperança renovada, comecei a procurar por caminhos pelas montanhas. Logo ouvi a voz de Tintin me chamando da encosta abaixo.

— Está vendo algum verde, Nando? — ele gritou. — Está vendo algum verde?

— Vai ficar tudo bem — gritei de volta. — Diga para o Roberto subir e ver com os próprios olhos.

Enquanto esperava Roberto subir, tirei uma sacola de plástico e o batom da mochila. Usando o batom como grafite, escrevi as palavras Monte Seler na sacola e a enfiei debaixo de uma pedra. *A montanha era minha inimiga*, pensei, *e agora eu a dou ao meu pai. Aconteça o que acontecer, pelo menos tenho isso como vingança.*

Roberto levou três horas para escalar os degraus. Olhou ao redor por alguns instantes, balançando a cabeça.

— Bem, estamos acabados — ele disse com impassibilidade.

— Deve haver um caminho pelas montanhas — eu disse. — Está vendo, lá longe, dois picos menores sem neve sobre eles? Talvez as montanhas terminem ali. Acho que devíamos seguir aquele caminho.

Roberto balançou a cabeça.

— Deve dar uns 80 quilômetros — ele disse. — E quem sabe quanto mais vamos ter que andar depois de alcançá-las? No nosso estado, como vamos fazer uma viagem dessas?

— Olhe para baixo — eu disse. — Tem um vale na base dessa montanha. Está vendo?

Roberto concordou com a cabeça. O vale serpeava por entre as montanhas por quilômetros, na direção daqueles dois picos menores. Ao se aproximar delas, se bifurcava. As bifurcações fugiam de vista ao dobrarem para trás das montanhas mais altas, mas eu estava confiante em que o vale nos levaria para onde precisávamos ir.

— Uma dessas bifurcações deve seguir para as montanhas menores — eu disse. — O Chile está lá, só está mais longe do que pensávamos.

Roberto franziu o cenho.

— É longe demais — ele disse. — Nunca vamos conseguir. Não temos comida suficiente.

— Podíamos mandar Tintin de volta — eu disse. — Com a comida dele e o que sobrou da nossa, podemos durar tranquilamente vinte dias.

Roberto se virou e olhou para o leste. Sabia que ele estava pensando na estrada. Olhei mais uma vez para o oeste e meu coração pesou diante da ideia de atravessar aquela aridez sozinho.

No fim daquela tarde já estávamos de volta ao acampamento. Enquanto comíamos juntos, Roberto falou com Tintin.

— Amanhã de manhã nós vamos mandar você de volta — ele disse. — A viagem vai ser mais longa do que pensamos e vamos precisar da sua comida. De qualquer forma, dois se movem mais rápido do que três.

Tintin concordou com a cabeça.

Pela manhã, Roberto me contou que decidira ficar comigo. Abraçamos Tintin e o despachamos montanha abaixo.

— Lembre-se — eu disse enquanto ele ia embora —, vamos seguir sempre para o oeste. Se a equipe de resgate chegar, mande-a nos procurar.

Descansamos aquele dia inteiro, nos preparando para a viagem que nos esperava. No fim da tarde, comemos um pouco de carne e entramos no saco de dormir. Naquela noite, à medida que o sol caía atrás da crista que nos encimava, os Andes resplandeceram com o mais espetacular pôr do sol que eu já vira. O sol deixou as montanhas douradas e o céu se incendiou com redemoinhos escarlates e violeta. Ocorreu-me que Roberto e eu éramos provavelmente os primeiros seres humanos a terem uma visão tão grandiosa daquele espetáculo majestoso. Tive uma sensação involuntária de privilégio e gratidão, como é comum acontecer com humanos quando presenteados por alguma das maravilhas da natureza, mas durou apenas um instante. Depois da minha educação na montanha, eu entendia que toda aquela beleza não era para mim. Os Andes serviram de palco para aquele espetáculo por milhares de anos, muito antes de os humanos caminharem pela terra, e continuarão a fazê-lo depois que todos nós tivermos partido. Minha vida ou minha morte não fariam a menor diferença. O sol continuaria a se pôr, a neve continuaria a cair...

— Roberto — eu disse —, você consegue imaginar como isto seria bonito se não fôssemos homens mortos?

Senti a mão dele envolver a minha. Ele era a única pessoa que entendia a magnitude do que havíamos feito e do que ainda tínhamos de fazer. Sabia que

ele estava tão assustado quanto eu, mas tirei força da nossa intimidade. Estávamos próximos como irmãos. Havíamos feito de cada um de nós homens melhores.

Pela manhã, subimos os degraus até o topo. Roberto parou do meu lado. Vi o medo em seus olhos, mas vi também coragem e o perdoei instantaneamente por todas as semanas de arrogância e teimosia.

— Podemos estar indo em direção à nossa morte — eu disse —, mas eu prefiro andar na direção dela a esperar que ela venha me buscar.

Roberto concordou com a cabeça.

— Nós somos amigos, Nando — ele disse. — Passamos por tanta coisa. Agora vamos morrer juntos.

Andamos até a beirada ocidental do topo, nos posicionamos cuidadosamente na borda e começamos a descer.

Capítulo Nove

“Estou vendo um homem...”

As partes mais altas do lado ocidental eram cobertas de neve e extremamente íngremes, e a vista montanha abaixo, uma vista da qual nenhum outro homem gozara antes, era arrepiante. A inclinação das encostas e a altitude vertiginosa — desceríamos através das nuvens — roubaram-me a coragem e tive que me obrigar a andar. Assim que saímos do topo, percebemos imediatamente que descer a montanha seria ainda mais aterrorizante do que subi-la. Subir uma montanha é uma luta, um ataque, e cada passo é uma pequena vitória contra a força da gravidade. Mas descer é mais parecido com uma entrega. Você já não está lutando contra a gravidade, e sim tentando fazer um acordo com ela, à medida que desce cautelosamente de um apoio traiçoeiro para o outro, sabendo que, se tiver a menor chance, ele vai arremessá-lo da montanha para o vazio azul do céu.

— *Carajo!* Sou um homem morto — murmurei para mim mesmo. — O que estamos fazendo neste lugar?

Foi preciso muito esforço para juntar minha coragem, mas consegui, e comecei a descer cuidadosamente as inclinações verticais do topo da montanha. As encostas eram íngremes demais para segurar a neve e o vento limpara a montanha até sobrar apenas rocha, de modo que fomos descendo centímetro a centímetro, agarrando as pontas das saliências que se projetavam da superfície e enfiando nossos sapatos nos vãos entre as rochas pequenas. Às vezes descíamos com as costas coladas à montanha, outras vezes com as costas viradas para o céu. Cada passo era traiçoeiro — pedras que pareciam firmes na montanha se soltavam sob nossos pés e tínhamos que procurar às pressas alguma coisa sólida para nos agarrarmos. Sem a experiência necessária para guiar nossa descida, não tínhamos a habilidade de enxergar adiante e de planejar o melhor trajeto possível. Pensávamos apenas em sobreviver ao próximo passo e, às vezes, nossa rota fortuita nos levava até uma parede intransponível, ou até a beirada de um afloramento que se projetava da encosta como uma sacada, com uma horripilante vista da base da montanha, milhares de metros abaixo. Nenhum de nós sabia as mais básicas técnicas de alpinismo, mas conseguimos vencer ou contornar esses obstáculos, ou então descer pelas estreitas frestas entre eles. Algumas vezes não

tínhamos outra escolha senão saltar de uma pedra para outra, com nada além de alguns milhares de metros de ar rarefeito sob nossos pés.

Descemos dessa maneira por mais de três horas, não chegando a cobrir nem 50 metros, mas finalmente as rochas deram lugar a encostas abertas, cobertas por uma manta pesada de neve. Caminhar na neve, que batia na cintura, não era tão assustador quanto a escalada mais técnica anterior, mas era exaustivo e éramos constantemente enganados pelas encostas onduladas e macias. Repetidas vezes, o que começava com uma descida tranquila dava em uma parede de gelo, em um penhasco escondido ou numa inclinação impossível de descer. Cada beco sem saída nos obrigava a refazer nossos passos e buscar outro caminho. Quando já havíamos descido algumas centenas de metros, a base mudou drasticamente. Uma vez que aquela parte da encosta ocidental era exposta diariamente ao sol da tarde, a maior parte da neve estava derretida e mais da superfície rochosa da montanha se encontrava à mostra. Era mais fácil caminhar no chão seco do que na neve funda, mas em alguns trechos o solo era coberto por uma camada de pedras soltas e argila xistosa de vários metros de profundidade. Esse cascalho tornava a base mais perigosamente instável, e mais de uma vez perdi o equilíbrio e tive que me agarrar desesperadamente em rochas e montes de gelo para não escorregar pela montanha. Quando possível, deslizávamos de costas, ou nos agachávamos em barrancos enormes e cobertos de calhaus e os seguíamos montanha abaixo. Ao meio-dia, depois de cerca de cinco horas na montanha, chegamos a um ponto onde as encostas eram sombreadas por uma montanha a oeste. A neve voltou a ser funda e, ao olhar para a superfície macia e branca, tive uma ideia. Sem pensar duas vezes, joguei uma das almofadas na neve e me sentei nela. Agarrando minha bengala de alumínio com as duas mãos, recolhi minhas pernas, me inclinei para a frente e comecei a guiar a almofada pela encosta. Numa questão de segundos, percebi que tinha feito uma coisa muito imbecil. A superfície da neve era dura e escorregadia e, depois de alguns metros, alcancei uma velocidade alarmante. Pilotar minha moto nas estradas desimpedidas do Uruguai me dera uma boa ideia de velocidade, e tinha certeza que estava descendo a encosta a mais de 90 quilômetros por hora. Numa tentativa de desacelerar minha queda, enfiei a bengala de alumínio na neve e finquei os pés, mas sem efeito algum, a não ser o de jogar o peso do meu corpo para a frente. Sabia que se fosse arremessado da almofada e capotasse pela montanha, quebraria todos os ossos do meu corpo, então parei de tentar desacelerar e simplesmente me segurei firme, passando pelas rochas e varando os relevos, sem possibilidade de parar ou desviar. Finalmente, uma parede de neve surgiu diante de mim e percebi que estava indo na direção dela para uma batida certa. *Se tiver rocha por trás daquela neve,* pensei, *sou um homem morto*.

Segundos depois, me choquei contra o monte de neve à velocidade máxima e, embora o impacto tenha me atordoado, a neve funda amorteceu a batida e eu sobrevivi. Enquanto saía do monte e limpava a neve do corpo, ouvi o falsete estridente de Roberto vindo das alturas. Não conseguia entender as palavras, mas sabia que ele estava fora de si por conta da minha imprudência.

Acenei para mostrar que estava bem e descansei enquanto ele descia cuidadosamente na minha direção. Continuamos a descer a encosta juntos e, no fim da tarde, já havíamos vencido dois terços da montanha. No local da queda, a sombra projetada pelas montanhas a oeste abreviava o dia, mas no lado ocidental a luz do dia durava até o anoitecer, e quis usar cada segundo do nosso tempo.

— Vamos continuar até o sol se pôr — eu disse.

Roberto balançou a cabeça.

— Preciso descansar.

Vi que ele estava exausto. Eu também estava, mas a ansiedade e o desespero que me impeliam eram mais fortes que o cansaço. Por longos meses, minha necessidade compulsiva de fugir ficara presa dentro de mim. Mas ela se libertara e estava fora de controle. Havíamos vencido a montanha que nos aprisionava no local da queda, e um vale aberto nos aguardava, apontando na direção de casa. Como podíamos parar para descansar?

— Mais uma hora — eu disse.

— Precisamos parar — Roberto estourou. — Temos que usar a cabeça ou vamos nos esgotar.

Os olhos de Roberto estavam vermelhos de cansaço, mas havia também determinação neles, e compreendi que não adiantaria discutir. Espalhamos o saco de dormir em uma pedra plana e seca, entramos nele e descansamos pela noite.

Por conta da baixa altitude, e talvez por conta da energia solar armazenada na pedra, a noite não foi tão fria. A manhã seguinte era o dia 15 de dezembro, nosso quarto dia de viagem. Acordei Roberto ao raiar do sol e voltamos a descer a encosta. Quando chegamos à base da montanha, por volta do meio-dia, nos vimos diante da entrada do vale que esperávamos ser nosso caminho para a civilização. Gelo glacial corria pela superfície levemente inclinada do vale, serpeando como um rio pelas grandes montanhas que se erguiam dos dois lados. A distância, a geleira coberta de neve parecia tão lisa quanto vidro, mas era uma ilusão. De perto, vimos que a neve na sua superfície era fraturada em milhares de pequenos seixos de gelo e placas irregulares. Era uma superfície traiçoeira e tropeçávamos a cada passo, como se andássemos sobre pedregulhos de concreto. Os pedaços grandes de neve revolviam e se deslocavam sob nossos pés. Nossos calcanhares oscilavam e nossos pés escorregavam e ficavam presos nos vãos estreitos entre as placas. O progresso era difícil e doloroso e tínhamos que tomar

cuidado a cada passo — sabíamos bem que naquele ermo um calcanhar quebrado seria uma sentença de morte. Ficava pensando o que faria se um de nós se ferisse. Conseguiria abandonar Roberto? Ele me abandonaria?

Passamos o dia inteiro atravessando a geleira aos trambolhões, até que as horas se esvaíram. Estávamos os dois lutando contra aquele terreno duro, mas eu mantive meu ritmo louco e me afastava cada vez mais de Roberto.

— Vá mais devagar, Nando! — ele gritava. — Você vai nos matar.

Eu, por minha vez, o instigava a andar mais rápido e me ressentia do tempo que perdíamos todas as vezes que tinha de esperar que ele me alcançasse. Porém, sabia que ele estava certo. Roberto estava chegando aos limites de suas forças. A minha força estava acabando também. Cãibras dolorosas haviam tomado minhas pernas, transformando cada passo numa agonia, e minha respiração estava rápida e curta demais. Sabia que estávamos morrendo de tanto andar, mas não conseguia me forçar a parar. Nosso tempo estava se esgotando e quanto mais me enfraquecia, mais louco eu ficava para seguir adiante. A dor e o meu corpo de nada importavam; não passavam de um veículo. Eu viraria cinza se isso fosse necessário para chegar em casa.

As temperaturas já estavam amenas o suficiente para podermos caminhar depois do pôr do sol, e às vezes eu conseguia persuadir Roberto a andar até tarde da noite. Por mais arrasados que estivéssemos, ficamos pasmos com a beleza selvagem dos Andes após o anoitecer. O céu era do mais escuro azul-anil e apinhado de estrelas brilhantes. A luz da lua aplainava os picos escarpados à nossa volta e emprestava um brilho misterioso aos campos de neve. Uma vez, enquanto descíamos uma encosta do vale, vi dezenas de vultos à nossa frente, como monges encapuzados reunidos para orar sob o luar. Quando alcançamos esses vultos, descobrimos que eles eram imensos pilares de neve — os geólogos os chamam de *"penitentes"* — esculpidos nas bases das encostas nevadas pelo vento serpeante. Havia dezenas desses pilares, lado a lado, silenciosamente, e tivemos que achar nosso caminho entre eles como se cruzássemos uma floresta de árvores congeladas. Às vezes eu observava minha sombra deslizando ao meu lado na neve e a usava como prova de que eu era real, de que estava lá. Mas muitas vezes me sentia como um fantasma naqueles campos de neve iluminados pela lua, um espírito preso entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, guiado apenas pela força de vontade e pela memória, e por um inabalável desejo de voltar para casa.

Na manhã de 18 de dezembro, nosso sétimo dia de viagem, a cruel manta de neve começou a dar lugar a pedaços dispersos de gelo cinza e superfícies de cascalho solto. Eu enfraquecia rapidamente. Cada passo exigia um esforço

supremo e toda a minha força de vontade. Minha mente se estreitara até haver espaço somente para o próximo passo, o cuidadoso posicionamento de um pé, a questão fundamental de seguir adiante. Nada mais importava — o esgotamento, a dor, a condição dos meus amigos na montanha, nem mesmo a inutilidade dos nossos esforços. Tudo fora esquecido. Esquecia-me de Roberto também, até ouvi-lo chamando e me virar para ver que mais uma vez ele ficara para trás. Era provavelmente uma espécie de auto-hipnose, trazida à tona pelos efeitos mesmerizantes da minha respiração ritmada, do barulho repetitivo dos sapatos na rocha e na neve e da ladainha das ave-marias que eu cantava o tempo todo. Nesse transe, as distâncias desapareciam e as horas escoavam. Poucos pensamentos conscientes quebravam o encanto e, quando o faziam, eram pensamentos simples.

Cuidado com aquela pedra solta...

Será que trouxemos comida suficiente?...

O que estamos fazendo aqui? Veja só essas montanhas! Estamos fodidos!

Certa hora durante essa fase da viagem, percebi que a sola do meu sapato de rúgbi direito estava se soltando. Sabia que se meu calçado rasgasse naquele terreno áspero eu estaria perdido, mas, estranhamente, minha reação a esse problema foi indiferença. Uma imagem de mim mesmo manquejando descalço na pedra e no gelo até meus pés estarem feridos demais para continuar projetou-se na minha mente. Então me vi rastejando até as mãos e os joelhos ficarem retalhados. Por fim, cairia de bruços e me arrastaria sobre os cotovelos até minhas forças se esgotarem. Supus que, nesse momento, morreria. No meu estado mental alterado, essas imagens não me perturbaram. Na verdade, achei-as tranquilizadoras. Se o sapato se despedaçasse, eu tinha um plano. Havia algo que poderia fazer. Ainda haveria um espaço entre mim e a minha morte.

Caminhei por quilômetros nesse estado alucinado. Distante. Alheio. No entanto, havia instantes em que o poder e a beleza das montanhas me arrancavam da minha abstração. Acontecia de repente: apreendia a velhice e a experiência das montanhas e percebia que elas se mantiveram lá, silenciosas e esquecidas, enquanto civilizações se ergueram e sucumbiram. Contra o pano de fundo dos Andes, era impossível ignorar o fato de que a vida humana era apenas um ínfimo piscar de luz no tempo, e sabia que, se as montanhas tivessem mentes, nossas vidas passariam tão rápido que elas nem as perceberiam. Impressionava-me, porém, que nem mesmo as montanhas fossem eternas. Se a Terra durar o suficiente, todos aqueles picos um dia vão ser reduzidos a pó. Então qual é o significado de uma simples vida humana? Por que lutamos? Por que suportamos tanto sofrimento e dor? O que nos faz batalhar tão desesperadamente pela sobrevivência, quando poderíamos simplesmente nos

render, nos afundar no silêncio e nas sombras e encontrar a paz?

Não tinha a resposta para essas perguntas, mas quando elas me atormentavam demais, ou nos momentos em que achava ter chegado finalmente ao limite das minhas forças, lembrava-me da promessa que fizera ao meu pai. Decidia, como ele fizera naquele rio na Argentina, sofrer um pouco mais. Dava mais um passo, e então outro, e dizia a mim mesmo que cada um deles me levava para mais perto de papai, que cada passo dado era um passo arrancado das garras da morte.

Em algum ponto da tarde do dia 18 de dezembro, ouvi um som distante — um jorro abafado de ruído que ficava mais alto à medida que eu me aproximava e que logo reconheci como o rugido de água corrente. Ainda estávamos andando sobre a superfície escarpada da neve coberta de cascalhos, mas apertei o passo, apavorado com a ideia de que o som pudesse vir de alguma torrente intransponível que nos isolaria e selaria nosso destino. Desci uma encosta branda e então deslizei por um pequeno despenhadeiro congelado. Uma montanha gigante assomou-se diante de mim. O vale que havíamos seguido levava diretamente até a base da montanha e terminava, mas dois vales menores se bifurcavam a partir dele e desapareciam à medida que contornavam os dois lados da montanha.

Este é o Y que vimos do topo, pensei. *Estamos a caminho de casa, se tivermos força para chegar lá.*

Virei à esquerda e contornei o pequeno e abaulado penhasco na direção do misterioso rugido. Quando dei a volta no penhasco, me vi na base de uma parede de gelo de aproximadamente cinco metros. Um jato grosso de água, alimentado por toneladas de neve derretida, jorrava da parede através de uma fenda grande a cerca de 1,5 metro do chão. A água espirrava nos meus pés e então seguia rapidamente pelo gelo e pelo cascalho, descendo o vale. Para o olho humano, a inclinação do solo parecia pouca, mas era íngreme o bastante para dar à água um grande impulso, e eu conseguia enxergar um ponto, a poucos metros de distância, onde a cascata de neve derretida se dilatava até virar uma corrente vigorosa.

— Isso é a nascente de um rio — disse Roberto, quando me alcançou. — Ela vai tirar a gente daqui.

Fomos em frente, seguindo o rio, na certeza de que ele nos levaria pela zona montanhosa até algum lugar civilizado. Neve, pedras e pedaços sujos de neve passavam pelos meus pés conforme eu me arrastava, então a neve sumiu tão abruptamente quanto a beirada de um carpete e estávamos finalmente andando em solo seco. Porém, a caminhada não era mais fácil do que nos campos de neve, pois as margens de ambos os lados do rio eram repletas de pedras enormes,

muitas delas mais altas do que nós, e tínhamos que passar por entre aquelas rochas grandes, ou escalá-las e saltar do topo de uma pedra escorregadia para outra. Levamos horas para atravessar o terreno pedregoso, mas por fim o chão se nivelou e passamos a andar novamente numa paisagem mais administrável de pedras soltas e cascalho. O rio ao nosso lado ficava mais extenso e forte a cada metro, até que seu rugido eliminou todos os outros sons. Eu andava, como sempre, em transe, vivendo de um passo custoso até o outro e, à medida que os quilômetros passavam, o único fato da minha existência, do meu universo, era a pequena porção de chão difícil que serviria de base para o próximo passo.

Andamos até o pôr do sol naquele dia e, quando paramos para descansar, Roberto me mostrou uma pedra que ele catara pelo caminho.

— Vou guardar isto como lembrança para Laura — ele disse. Laura Surraco era a noiva de Roberto.

— Ela deve estar preocupada com você — eu disse.

— Ela é maravilhosa. Sinto tanta falta dela.

— Eu o invejo, Roberto — eu disse. — Nunca namorei firme. Nunca me apaixonei.

— Sério? — Ele riu. — E todas aquelas garotas que você caçou com Panchito? Nenhuma delas roubou o seu coração?

— Acho que nunca dei a chance para nenhuma delas — eu disse. — Andei pensando, a garota com quem vou me casar está em algum lugar lá fora. Andando por aí, vivendo a vida dela. Talvez fique pensando às vezes no homem com quem ela vai se casar, onde ele está, o que está fazendo agora. Será que ela imagina que ele está nas montanhas, tentando atravessar os Andes para alcançá-la? Se não conseguirmos, nunca vou encontrar essa garota. Ela nunca vai me conhecer. Vai se casar com outra pessoa, sem nunca saber que eu existi.

— Não se preocupe — disse Roberto —, nós vamos conseguir voltar para casa e você vai encontrar alguém. Você vai fazer alguém feliz.

Sorri com a gentileza de Roberto, mas suas palavras não me confortaram. Sabia que em algum lugar no mundo normal, a mulher com quem eu poderia me casar estava vivendo sua vida, indo na direção do ponto no tempo em que iríamos nos encontrar e meu futuro começaria. Sabia que quando ela chegasse àquele ponto eu não estaria lá. Ela nunca me conheceria. Nossos filhos jamais nasceriam. Nunca construiríamos um lar ou envelheceríamos juntos. As montanhas haviam roubado essas coisas de mim; aquela era a realidade, e eu começara a aceitá-la. Mas, ainda assim, continuava a desejar as mesmas coisas que sabia que nunca teria — o amor de uma esposa, uma família só minha, um reencontro com minha avó e minha irmã mais velha e, sempre, o abraço do meu pai. O suplício simplificara minha mente e me talhara rente à essência do que eu

era, e compreendi que aquele anseio, aquele amor e aquela ternura pela ideia da minha vida eram mais profundos do que o desamparo, o medo, a dor ou a fome. Aquilo parecia sobreviver além de toda compreensão. Ficava imaginando o quanto duraria. Até quando continuaria vivo? E, quando finalmente se apagasse, seria esse o momento em que meu corpo sucumbiria? Ou persistiria até o último instante de consciência? Será que eu morreria ansiando pela vida que não pude ter?

Dezenove de dezembro foi outro dia bonito, o oitavo dia seguido perfeito. Caminháramos por muitas horas pela manhã e, enquanto esperava Roberto me alcançar, examinei a sola do sapato. Tantas costuras tinham se soltado que ela ficava abanando quando eu andava. Olhei para as pedras ásperas que se espalhavam pelo chão do vale. *Fico imaginando*, pensei, *quem vai se acabar primeiro, eu ou o sapato?* Havíamos ultrapassado tantos perigos; já não corríamos risco de congelar até a morte ou de morrer numa queda. Era só uma questão de resistência, e de sorte e tempo. Estávamos nos matando de tanto andar, na esperança de encontrar alguma ajuda antes de esgotarmos toda a vida que nos sobrava.

Mais tarde naquela manhã, enxergamos árvores bem ao longe no vale e Roberto achou ter visto algo mais.

— Lá — ele disse, olhando para o horizonte com os olhos semicerrados. — Acho que estou vendo vacas.

Minha miopia me impedia de ver as coisas de tão longe, mas fiquei preocupado que Roberto estivesse alucinando por conta da exaustão.

— Pode ser um veado — eu disse. — Vamos em frente.

Algumas horas depois, Roberto se agachou e catou algo do chão. Quando me mostrou, vi que era uma lata de sopa enferrujada.

— Alguém esteve aqui — ele disse.

Recusei-me a ficar esperançoso.

— Isso pode estar aí há anos — eu disse. — Ou ter caído de um avião.

Roberto franziu a testa e atirou a lata longe.

— Seu idiota — ele disse —, janelas de avião não abrem.

Mais tarde ele encontrou uma ferradura e alguns montes de bosta que insistiu serem de vaca.

— Quer me explicar como merda de vaca pode ter caído de um avião? — ele perguntou.

— Continue andando — eu disse. — Quando encontrarmos um fazendeiro, aí eu vou ficar empolgado.

À medida que avançamos, encontramos outros sinais de presença humana:

mais excremento de vaca, bosta de cavalo e troncos de árvore com marcas de machado. E, finalmente, ao dobrarmos uma curva no vale, vimos, a alguns metros de distância, o pequeno rebanho de vacas que Roberto enxergara pela manhã.

— Eu falei que tinha visto vacas — disse Roberto. — Devemos estar perto de uma fazenda ou alguma coisa do gênero.

— Mas essas vacas não podem ter sido largadas aqui para pastar? — eu disse. — É muito alto e deserto aqui. É difícil de acreditar que alguém viva num lugar desses.

— A prova está bem na sua frente — disse Roberto. — Estamos salvos. Amanhã vamos encontrar o fazendeiro dono dessas vacas.

Quando acampamos naquela noite, Roberto estava animado, mas eu sabia que ele não aguentaria muitas horas mais nas montanhas.

— Minhas pernas doem tanto — ele disse —, e estou tão fraco. Às vezes preciso de todas as minhas forças para levantar o pé e dar um passo.

— Descanse um pouco — eu disse. — Talvez amanhã a gente encontre ajuda.

A manhã seguinte era dia 20 de dezembro, nosso nono dia de viagem. Começamos cedo e achamos uma boa rota rio abaixo. Ela havia sido amaciada por vacas e outros animais de pasto e era o primeiro chão bom de andar da nossa jornada. Roberto esperava ver a barraca de um camponês a qualquer momento, mas quando as horas passaram e não encontramos mais sinal de vida, ele se cansou rapidamente e tive que esperar mais do que o normal ele acabar de descansar. Ainda assim, nos adiantamos bem até que, no fim da manhã, chegamos a um ponto onde uma rocha tão grande quanto uma casa de dois andares caíra no rio. A pedra maciça bloqueava totalmente a passagem.

— Vamos ter que escalar isso — eu disse.

Roberto analisou a rocha e viu que um ressalto estreito a contornava, passando sobre as águas violentas do rio.

— Vou por ali — ele disse.

— É perigoso demais — eu disse. — Um escorregão e você cai no rio. Vamos ter que subir até o topo.

— Estou muito fraco para escalar — ele disse. — Vou arriscar o ressalto.

Roberto seguiu lentamente pelo ressalto, contornando a rocha até sair do meu campo de visão, então comecei a escalar. Quando desci do outro lado da rocha, não havia sinal de Roberto, embora o caminho que ele escolhera fosse muito mais curto do que o meu. Aguardei, primeiro com impaciência e depois com preocupação. Quando ele finalmente apareceu estava mancando, curvado e com as mãos na barriga. A cor havia sumido do seu rosto e seus olhos estavam

apertados de dor.

— Qual o problema? — perguntei.

— Meus intestinos estão explodindo — ele murmurou. — É diarreia. Muito forte. Veio quando eu estava no ressalto.

— Você consegue andar? — perguntei. — O caminho parece estar livre agora.

Roberto balançou a cabeça.

— Não consigo — murmurou. — Dói muito.

Ele caiu angustiado no chão. Eu tinha medo que o mal-estar drenasse o que restava de suas forças e não queria deixá-lo ali.

— Vamos — eu disse —, só um pouco mais...

— Não, por favor — ele implorou. — Deixe-me descansar.

Olhei para o horizonte. Um extenso platô se erguia ao longe. Se eu conseguisse subir até o topo, alcançaríamos um bom ponto para procurar por cabanas ou fazendas.

— Eu carrego sua mochila — eu disse —, mas temos que continuar andando. Vamos até o topo daquele platô e então descansamos.

Antes de Roberto responder, peguei sua mochila e comecei a andar, deixando-o sem escolha senão me seguir. Ele ficou para trás rapidamente, mas fiquei de olho nele. Estava vergado, mancando, muito desconfortável e sofrendo a cada passo.

— Não desista, Músculos — sussurrei para mim mesmo, sabendo que ele não desistiria. Forçava-se a andar para a frente por teimosia e pura força de vontade. Observando-o, tive certeza de que fizera bem em escolhê-lo como companheiro de viagem.

Chegamos à base do platô no fim da tarde e ajudamos um ao outro a subir o caminho íngreme até o topo, onde nos vimos de frente para um campo de grama espessa. Havia árvores e flores e, à esquerda, os muros baixos de pedra do curral de algum fazendeiro das montanhas. Estávamos bem acima da garganta do rio, e a terra descia íngreme das ribanceiras. Outra encosta inclinada se erguia no lado oposto do rio, que àquela altura já tinha cerca de 30 metros de largura e corria com força torrencial. Roberto mal podia andar, de modo que o ajudei a atravessar o campo até o pequeno grupo de árvores em que decidimos acampar.

— Descanse — eu disse. — Vou dar uma olhada por aí. Talvez tenha uma casa de fazenda por perto.

Roberto concordou com a cabeça. Ele estava muito fraco e à medida que se acomodava com dificuldade na relva, percebi que não me acompanharia mais para nenhum lugar. Não queria pensar no que aconteceria se eu tivesse que abandoná-lo.

Era fim de tarde quando segui o caminho tortuoso da garganta do rio para ver

o que havia mais adiante. Vi algumas vacas pastando nas encostas cobertas de grama e isso me animou, mas, depois de andar uns 300 metros, vi exatamente o que temia: outro rio largo e veloz vinha da esquerda para se juntar ao que havíamos seguido. A confluência desses dois grandes rios bloqueava nossa passagem. Não parecia possível atravessar nenhum dos dois. Às vésperas de um milagre, chegamos ao fim da linha.

Quando voltei para onde Roberto estava, contei a ele sobre o rio e sobre os animais que vira. Estávamos os dois com muita fome. A pouca carne que tínhamos estava estragando no clima quente e, por um instante, cogitamos tentar matar e retalhar uma das vacas, mas Roberto argumentou que isso provavelmente não deixaria o dono da vaca muito disposto a nos ajudar. De qualquer forma, duvidava que tivéssemos força para apanhar e subjugar um animal tão grande, e logo abandonamos a ideia. A noite começava a cair e o frio aumentava.

— Vou procurar um pouco de lenha — eu disse, mas depois de andar alguns poucos metros pelo campo, ouvi Roberto gritar.

— Nando, estou vendo um homem!

— O quê? O que você disse?

— *Lá! Olhe! Um homem montado num cavalo!*

Roberto apontava para a encosta do outro lado da garganta do rio. Apertei os olhos para enxergar nas sombras da noite.

— Não estou vendo nada!

— Vá! Corra! — gritou Roberto. — Vá até o rio!

Desci correndo às cegas as encostas na direção do rio, com Roberto me guiando.

— Vá para a direita, não, eu disse direita! Não, você foi demais! Vá para a esquerda!

Ziguezagueei encosta abaixo, seguindo as direções de Roberto, mas não vi nenhum homem a cavalo. Vi Roberto mancando pela encosta atrás de mim.

— Juro que vi alguma coisa — ele disse.

— Está escuro do lado de lá — respondi. — Talvez fosse a sombra de uma rocha.

Agarrei o braço de Roberto e o ajudei a subir de volta a colina até o acampamento; foi quando ouvimos, acima do rugido do rio, o inconfundível som de uma voz humana. Demos meia-volta e daquela vez eu o vi também, o homem a cavalo. Ele estava gritando para a gente, mas o barulho do rio engolia quase tudo o que dizia. Então deu a volta com o cavalo e desapareceu nas sombras.

— Você conseguiu escutá-lo? — gritou Roberto. — O que ele disse?

— Só ouvi uma palavra — respondi. — Ouvi-o dizer *mañana*.

— Estamos salvos — Roberto disse.

Ajudei-o a subir a encosta até o acampamento e, em seguida, fiz uma fogueira e nos deitamos para dormir. Pela primeira vez desde a queda me senti verdadeiramente esperançoso. Eu sobreviveria. Tinha certeza de que iria reencontrar meu pai. Então minhas preocupações se voltaram para os que deixamos para trás. Obcecado pela minha própria sobrevivência, mal pensara neles desde que havíamos deixado o local da queda, havia nove dias.

— Estou preocupado com os rapazes — disse para Roberto. — Roy e Coche estavam muito fracos. Espero que ainda dê tempo.

— Não se preocupe — disse Roberto. — Quando o homem voltar amanhã, explicaremos para ele que não podemos perder um segundo.

— Se ele voltar — respondi. Eu não estava tão confiante quanto Roberto em que nossa provação estava para acabar.

No dia seguinte, 21 de dezembro, nosso décimo dia de viagem, Roberto e eu acordamos antes do amanhecer e olhamos para o outro lado do rio. Três homens estavam sentados à luz de uma fogueira. Corri encosta abaixo até a beiradinha da garganta, então desci até a margem do rio. Do outro lado, um dos homens, vestido com roupas de trabalho de camponês, fez o mesmo. Tentei gritar, mas o rugido do rio engolia as minhas palavras. Apontei para o céu e depois fiz gestos com a mão para indicar um avião caindo. O camponês só ficou olhando. Comecei a correr de um lado para o outro nas margens do rio, com os braços estendidos como asas. O homem se virou e gritou alguma coisa para os amigos. Por um momento, entrei em pânico, imaginando que eles fossem achar que eu era maluco e partissem sem ajudar. Em vez disso, ele tirou um papel do bolso, escreveu nele e então o amarrou em volta de uma pedra com um barbante. Enfiou um lápis debaixo do laço e atirou a pedra para mim. Quando desembrulhei o papel, li a seguinte mensagem:

Pedi a um homem para vir aqui mais tarde. Diga-me o que você quer.

Peguei o lápis e comecei a escrever no verso do bilhete do camponês. Sabia que tinha que escolher bem as palavras para fazê-lo entender que a nossa situação era desesperadora e que precisávamos de ajuda sem demora. Minhas mãos tremiam, mas, quando o lápis tocou o papel, eu já sabia o que dizer:

Vengo de un avión que cayó en las montañas...

... Venho de um avião que caiu nas montanhas. Sou uruguaio. Estamos andando há dez dias. Estou com um amigo ferido. Tem mais 14 pessoas feridas

no avião. Temos que sair daqui depressa e não sabemos como. Estamos sem comida. Estamos fracos. Quando você vai vir nos buscar? Por favor. Não conseguimos nem andar. Onde estamos?

Na ânsia de economizar cada precioso segundo, não assinei meu nome. Embrulhei o bilhete na pedra como o camponês e joguei o braço para trás para atirá-la para o outro lado do rio. Mas, ao calcular a distância e a quantidade de força necessária, percebi de súbito a extensão da minha fraqueza física. Não tinha certeza se tinha força no braço para atirar a pedra tão longe. E se ela caísse na metade do caminho, na água? Será que o camponês perderia a paciência comigo e iria embora? Juntei todas as minhas energias e arremessei a pedra com força total. Ela quicou na beira d'água e rolou até a margem. Quando o camponês leu a mensagem, assentiu com a cabeça e ergueu as mãos espalmadas em um gesto que dizia: *Espere aqui. Eu entendi.* Antes de partir, ele me atirou um pouco de pão. Levei-o para Roberto e nós o devoramos, e então esperamos a ajuda chegar.

Por volta das nove da manhã, outro homem apareceu, montando uma mula, dessa vez, no nosso lado do rio. Ele se apresentou como Armando Serda. Tirou um pouco de queijo do bolso e deu para nós, então pediu que esperássemos enquanto ele conduzia suas ovelhas até os pastos mais altos. Algumas horas depois, ele voltou. Quando viu que Roberto não conseguia andar, ajudou-o a montar na mula, então nos levou até um trecho calmo do rio onde era possível atravessar a correnteza. Depois de viajarmos cerca de trinta minutos por trilhas cercadas de árvores, chegamos a uma clareira. Vimos duas rústicas cabanas de madeira próximas às margens do rio.

— Onde estamos? — perguntei ao homem enquanto andávamos.

— Los Maitenes — disse Armando, referindo-se à região montanhosa da província chilena de Colchagua, perto do rio Azufre.

— Usamos essas cabanas quando conduzimos os rebanhos até as pastagens mais altas.

— Temos amigos que ainda estão nas montanhas — eu disse. — Eles estão morrendo e precisamos conseguir ajuda o mais rápido possível.

— Sergio foi buscar ajuda — respondeu Armando.

Sergio Catalan, ele explicou, foi o homem a cavalo que nos achou primeiro na noite anterior.

— A ajuda vem de muito longe? — perguntei.

— O posto de polícia mais próximo fica em Puente Negro — ele respondeu. — Fica a umas dez horas a cavalo.

Um segundo camponês saiu da cabana maior e Armando o apresentou como Enrique Gonzáles. Ele nos levou até uma fogueira perto da cabana maior, onde nos sentamos em alguns troncos. Enrique trouxe queijo e leite. Armando começou a cozinhar em uma panela na fogueira e, em instantes, nos serviu comida quente — pratos de feijão, macarrão, pão. Comemos tudo que nos foi oferecido, e ele gargalhava à medida que reenchia nossos pratos repetidas vezes. Depois de acabarmos de comer, fomos levados a uma segunda cabana, onde duas camas nos esperavam. Não havia colchões, apenas peles de carneiro macias espalhadas sobre as molas, mas Roberto e eu agradecemos profusamente e em instantes estávamos os dois dormindo profundamente.

Quando acordamos, já estávamos no começo da noite. Armando e Enrique haviam nos preparado outra refeição — mais queijo e leite, um cozido de carne e feijão, além de doce de leite espalhado no pão e café quente.

— Estamos esvaziando a sua despensa — brinquei, mas os dois camponeses apenas riram e insistiram que comêssemos mais. Depois de comer, relaxamos todos juntos ao redor do fogo. Armando e Enrique ouviram fascinados enquanto Roberto e eu contávamos a história do nosso suplício, mas paramos de falar assim que vimos dois policiais chilenos correndo pela trilha na direção da cabana, seguidos rapidamente por uma patrulha de mais dez policiais a cavalo. Sergio Catalan vinha a cavalo com a polícia. Quando ele desmontou, Roberto e eu corremos para abraçá-lo.

— Não precisam me agradecer — disse Sergio baixinho e, enquanto o abraçávamos, ele apenas sussurrou: — Agradeçam a Deus, agradeçam a Deus.

Quando o capitão da polícia montada se apresentou, expliquei que havia mais 14 sobreviventes esperando no local da queda. Ele pediu os nomes, mas me recusei a dá-los.

— Acredito que alguns deles possam ter morrido. Se você divulgar os nomes, vai dar falsas esperanças aos pais, e eles vão ter que perder os filhos uma segunda vez.

O capitão entendeu.

— Onde está o avião? — ele perguntou.

Olhei para Roberto. Estava claro que o capitão não entendera como aquele resgate seria difícil, mas, quando descrevemos nossa odisseia de dez dias e a localização aproximada do local da queda, ele entendeu sem demora que sua patrulha não conseguiria chegar ao local da queda a cavalo.

— Vamos mandar alguns homens de volta para Puente Negro — ele disse —, e eles pedirão um helicóptero de Santiago pelo rádio.

— Quanto tempo isso vai demorar? — perguntei.

— Eles devem chegar amanhã — ele disse —, se o tempo estiver bom.

Minha preocupação com os sobreviventes no local da queda aumentava a cada minuto, mas não tínhamos outra escolha senão esperar. Conversamos um pouco com Enrique e Armando e com alguns dos policiais. Então fomos dormir. Passei uma noite agitada na cabana, ansioso pela chegada da manhã, mas, quando acordei e saí, fiquei aflito ao ver que um nevoeiro pesado caíra sobre Los Maitenes.

— Você acha que eles vão conseguir pousar nessa neblina? — perguntei a Roberto.

— Talvez ela se dissipe logo — ele respondeu.

Enrique e Armando nos deixaram um café da manhã na fogueira. Sergio e alguns dos policiais se juntaram a nós e, enquanto comíamos, ouvimos o barulho de uma multidão se aproximando. Em questão de segundos, ficamos chocados ao ver uma horda de jornalistas correndo pela estrada de terra em direção à cabana. Eles dispararam quando nos viram.

— Estes são os sobreviventes? — gritaram. — Roberto? Fernando?

Câmeras clicavam, microfones eram enfiados nas nossas caras e repórteres de jornal rabiscavam em bloquinhos e gritavam perguntas num emaranhado de vozes.

— Por quanto tempo vocês caminharam?

— Quem mais está vivo?

— Como vocês sobreviveram ao frio? O que comeram?

Olhei espantado para Roberto.

— Como eles nos acharam — murmurei —, e como chegaram aqui antes dos helicópteros?

Nos vimos cercados de repórteres de jornais e canais de tevê do mundo inteiro. A chegada repentina deles nos surpreendeu e ficamos um pouco confusos com a intensidade das suas perguntas, mas tentamos responder a elas da melhor maneira possível, embora tenhamos omitido os fatos mais dolorosos. O capitão da polícia montada permitiu que as entrevistas continuassem por um tempo, e então nos afastou dos jornalistas.

— O nevoeiro ainda está denso — ele nos disse. — Não acho que os helicópteros vão chegar hoje. Vou mandar vocês para Puente Negro para esperarem a equipe de resgate. Talvez seja mais fácil para eles aterrissarem lá.

Assentimos com a cabeça e, em instantes, Roberto e eu seguíamos a cavalo a polícia montada pela trilha, com a imprensa no nosso encalço. De repente, toda a ruidosa comitiva parou para olhar para o céu nublado. Havia um alvoroço sobre as nossas cabeças, o estrondo de motores poderosos e um barulho de vento. A neblina ainda estava tão densa que não conseguimos ver os helicópteros pousarem, mas seguimos o som em nossos cavalos até uma campina perto das

cabanas, a cerca de 400 metros de distância de onde estávamos, onde os três helicópteros enormes da força aérea chilena haviam acabado de pousar.

Desmontamos enquanto os médicos e os tripulantes saltavam dos helicópteros e corriam para nos examinar. Roberto precisava demais dos cuidados deles, mas eu me recusei a ser examinado. Em vez disso, fui até dois dos pilotos, Carlos Garcia e Jorge Massa, e tentei convencê-los da necessidade de partirmos imediatamente.

O comandante Garcia balançou a cabeça.

— Não temos como voar nesse nevoeiro — ele disse. — Temos que esperar que se dissipe. Enquanto isso, o que você pode me dizer sobre a localização do avião?

Descrevi mais uma vez nossa jornada pelos Andes. Garcia franziu as sobrancelhas com ceticismo para mim, então pegou uma carta de voo de dentro do helicóptero e a abriu na grama.

— Você acha que consegue me mostrar no mapa? — ele perguntou.

Ele meteu o dedo no mapa e disse:

— Nós estamos aqui.

Olhei para o mapa por um instante e, assim que me localizei, foi fácil traçar ao contrário a rota que eu e Roberto seguimos.

— Aqui — eu disse, batendo com o dedo no lugar do mapa onde o vale acabava na base do pico que eu batizara de monte Seler. — Eles estão do outro lado desta montanha.

Massa e Garcia trocaram olhares de incredulidade.

— Isso é na Argentina — disse Garcia. — São os altos Andes. Eles ficam a mais de 100 quilômetros daqui.

— Temos que nos apressar — eu disse. — Nossos amigos estão morrendo.

Massa franziu o cenho para Garcia.

— Ele está confuso — disse Massa. — Eles não podem ter atravessado os Andes a pé! É impossível.

— Você tem certeza de que entende este mapa? — Garcia me perguntou.

— Tenho — eu disse. — Nós descemos esta montanha e seguimos este vale. Aqui é onde o vale se bifurca, então nós seguimos esta bifurcação e ela nos trouxe até aqui! O avião está caído ali, logo depois da montanha, em uma geleira sobre um vale enorme que vai para o leste.

Garcia meneou a cabeça e dobrou o mapa. Eu ainda não estava certo de que ele acreditara em mim.

— Quando você vai buscá-los? — perguntei.

— Assim que a neblina se dissipar, nós partimos — ele disse, e então os dois se afastaram com as cabeças coladas, e eu sabia que estavam falando sobre o

meu relato e sobre quanto deveriam acreditar nele.

Três horas depois, ainda havia neblina, mas ela se dispersara um pouco e os pilotos achavam que já era seguro voar. Enquanto a tripulação se preparava para decolar, Garcia se aproximou de mim.

— Nós estamos partindo — ele disse. — Mas a localização que você nos deu fica em uma parte muito alta e remota dos Andes. Voar até lá vai ser muito difícil e, sem pontos de referência, nós nunca vamos achar seus amigos no meio de todas aquelas montanhas. Você acha que pode vir conosco e nos guiar até o avião?

Não me lembro como respondi a ele, ou se cheguei a responder, mas, em questão de segundos, senti braços ao meu redor erguendo-me para dentro do helicóptero e fui colocado em um assento dobrável no compartimento de carga. Alguém enfiou um par de fones de ouvido na minha cabeça e posicionou a ponta de um pequeno microfone embutido perto da minha boca. Três membros da Equipe de Resgate Andina sentaram-se do meu lado. O copiloto sentou-se na minha frente e o comandante Garcia assumiu os controles. Enquanto Garcia aquecia os motores, olhei pela janela e vi Roberto, a única pessoa que podia entender como eu estava apavorado por estar voando de volta para os Andes. Ele não acenou; apenas trocamos olhares. Então o helicóptero balançou no ar e meu estômago despencou quando nos inclinamos e nos lançamos para o leste, na direção das montanhas. Primeiro meus fones estalaram com o palavrório técnico enquanto o piloto e o mecânico determinavam a rota, então Garcia falou comigo.

— Ok, Nando — ele disse —, mostre-nos o caminho.

Guiei-os até o vale e nós o descemos até cruzarmos a fronteira chilena, chegando aos Andes argentinos, com um segundo helicóptero, pilotado pelo comandante Massa, colado à nossa cauda. O ar estava turbulento e o helicóptero dançou e sacudiu como uma lancha numa correnteza, mas o voo foi curto — em menos de vinte minutos estávamos pairando sobre a extremidade leste do vale, onde o volume maciço do monte Seler se erguia sobre nossas cabeças como os muros de uma gigantesca fortaleza.

— Santo Deus — alguém murmurou.

Garcia deixou o helicóptero pairando no ar enquanto olhava para cima, para o pico coberto de neve da montanha, e depois para as encostas negras que mergulhavam na superfície do vale, várias centenas de metros abaixo.

— Minha nossa Senhora — ele disse —, não me diga que você desceu isso.

— Sim — eu disse —, este é o caminho.

— Tem *certeza*? — ele disse. — Está *certo* disso?

— Tenho certeza — eu disse. — Eles estão do outro lado.

Garcia olhou para o copiloto.

— Estamos pesados demais com tanta gente — disse o copiloto. — Não sei se temos potência suficiente para ultrapassar a montanha.

Garcia perguntou mais uma vez.

— Nando, você tem certeza absoluta de que este é o caminho?

— Tenho! — gritei ao microfone.

Garcia assentiu com a cabeça.

— Segure-se — ele disse.

Senti o helicóptero se encapelar para a frente enquanto os pilotos forçavam o motor. Disparamos para a superfície da montanha, ganhando velocidade, e então, lentamente, o helicóptero começou a subir. Na medida em que voávamos cada vez mais próximos da montanha, éramos castigados pelo ar que subia em espiral das encostas. Garcia lutou para manter o controle, enquanto o helicóptero balançava com violência de um lado para o outro. Os motores gritavam, o para-brisa tremia e meu assento chacoalhava tanto que minha vista ficou embaçada. Parecia que cada parafuso do helicóptero estava sendo forçado para além dos seus limites e eu tinha certeza de que logo ele se despedaçaria de tanto chacoalhar. Já vira aquele tipo de caos mecânico momentos antes de o Fairchild bater no pico, e ver aquilo novamente fez o pânico subir pela minha garganta como vômito. Garcia e o copiloto vociferavam comandos com tanta velocidade que eu não sabia quem estava falando o quê.

— O ar é muito rarefeito! Não temos elevação suficiente.

— Vamos, force-o!

— Cem por cento, 110%...

— Mantenha a estabilidade! Mantenha a estabilidade!

Olhei para a equipe de resgate na esperança de ver algum sinal de que aquilo era normal, mas seus rostos estavam tensos e pálidos. Garcia continuava a forçar os motores, lutando por cada metro de altitude, e finalmente conseguiu levar o helicóptero para além do topo da montanha, mas, assim que passamos do cume, as poderosas correntes de ar que se deslocavam acima do pico nos jogaram com violência para trás, e Garcia não teve escolha senão deixar o helicóptero descer em um longo círculo para evitar que fôssemos arremessados contra as encostas. Enquanto caíamos, comecei a gritar, e continuei gritando quando demos a volta para tentar mais uma vez atravessar o topo, apenas para sermos empurrados de volta do mesmo jeito apavorante.

— Não vamos conseguir passar por cima dessa montanha — anunciou Garcia. — Precisamos dar um jeito de contorná-la. Agora esta missão é de risco de morte, não vou prosseguir a não ser que todos a bordo concordem. Vou deixar nas mãos de vocês. Vamos continuar ou retornar?

Troquei olhares com os demais tripulantes, então nos viramos para o capitão e

assentimos com a cabeça.

— Ok — ele disse. — Mas segurem firme, não vai ser nada fácil.

Meu estômago mergulhou mais uma vez quando nos inclinamos para a direita e sobrevoamos alguns dos picos mais baixos logo ao sul do monte Seler. Era o único caminho livre, mas estávamos nos afastando da rota que eu e Roberto havíamos seguido e perdi rapidamente meu senso de direção naquela paisagem desconhecida.

— Para onde agora? — perguntou Garcia.

— Não tenho certeza... Fiquei confuso...

Esquadrinhei o horizonte, procurando freneticamente por um ponto de referência, morrendo de medo que tivesse perdido de vez meus amigos. Para onde quer que olhasse só via repetição e mesmice, somente um oceano interminável de neve branca e rochas negras... Então alguma coisa no perfil denteado de um dos picos chamou minha atenção.

— Espere! — gritei. — Eu conheço aquela montanha! Já sei onde estamos! Desça!

Enquanto descíamos até as montanhas, percebi que Garcia contornara os picos que margeavam o local da queda ao sul. Estávamos sobre o vale que havíamos atravessado nas nossas tentativas de fuga pelo leste e indo para o oeste na direção da face oriental do monte Seler.

— Eles devem estar lá em cima — eu disse, apontando para o leste.

— Não vejo nada — disse o piloto.

— Vá em frente! — eu disse. — Eles estão na geleira!

— O vento está forte! — disse o copiloto. — Não sei se vamos conseguir descer aqui.

Olhei para as encostas e de repente o enxerguei, um pontinho apagado na neve.

— Estou vendo o avião! — gritei. — Lá, à esquerda.

Garcia esquadrinhou as encostas.

— Onde... não estou vendo nada. Espere, sim, estou vendo. Calem a boca, cale a boca, todo mundo!

Em instantes estávamos voando em círculos bem acima do local da queda e meu coração batia forte enquanto Garcia lutava contra a violenta turbulência sobre a geleira, mas meus medos desapareceram quando vi uma fileira de pequenos vultos saindo da fuselagem. Mesmo daquela altura conseguia reconhecer alguns deles — reconheci Gustavo por causa do boné de piloto, Daniel, Pedro, Fito, Javier... Havia outros, correndo, acenando. Tentei contá-los, mas não era possível com o helicóptero balançando tanto. Não via sinal de Roy ou Coche, que eram os que mais me preocupavam.

Ouvi a voz de Garcia nos fones de ouvido, falando com a equipe de resgate.

— A encosta é íngreme demais para aterrissar — ele disse. — Vou descer o mais baixo que puder. Vocês vão ter que pular.

Então ele voltou sua atenção para a tarefa traiçoeira de descer o helicóptero em segurança naquela ventania.

— Merda! A turbulência está forte. Mantenha a estabilidade.

— Cuidado com a encosta, estamos perto demais!

— Mantenha a estabilidade.

— Cuidado...

Ele virou o helicóptero de modo que um dos lados desse para a encosta, então o desceu até que um dos esquis quase tocasse a neve.

— Agora! — ele gritou.

A equipe de resgate abriu a porta de correr, jogou os equipamentos na montanha e saltou para fora sob as hélices rodopiantes. Olhei pela porta e vi Daniel correndo em nossa direção. Ele se agachou sob as hélices e tentou mergulhar dentro do helicóptero, mas calculou mal o pulo e bateu com o peito contra um dos esquis.

— *Carajo!* — ele gritou. — Acho que quebrei as costelas.

— Não vá se matar agora! — gritei. Então estiquei os braços para baixo e o puxei para dentro. Alvaro Mangino subiu atrás dele.

— Só podemos levar esses — gritou Garcia. — Amanhã pegamos os outros. Agora feche a porta!

Obedeci às ordens do capitão e, em segundos, estávamos pairando sobre o local da queda enquanto o segundo helicóptero descia e mais membros da equipe de resgate saltavam na montanha. Vi Carlitos, Pedro e Eduardo subirem no helicóptero. Então vi a figura emagrecida de Coche Inciarte mancando na direção dele.

— Coche está vivo! — eu disse para Daniel. — Como está Roy?

— Vivo — disse Daniel —, mas por pouco.

A viagem de volta para Los Maitenes foi tão perturbadora quanto o voo anterior, mas em menos de vinte minutos já havíamos aterrissado em segurança no gramado próximo à cabana dos camponeses. Assim que as portas se abriram, Daniel e Alvaro foram levados pelos médicos. Em instantes, o segundo helicóptero pousou a uns 30 metros de distância, e eu estava lá quando as portas foram abertas. Coche se jogou alegremente nos meus braços, e, em seguida, Eduardo e Carlitos. Maravilhados por estarem vendo flores e verde novamente, alguns deles caíram de joelhos na grama. Outros se abraçavam e rolavam juntos no chão. Carlitos cingiu-me com os braços e me derrubou.

— Seu desgraçado — ele gritou. — Você conseguiu! Você conseguiu!

Então enfiou a mão nos bolsos e tirou o sapatinho vermelho que eu dera a ele quando deixei a fuselagem. Ele estava radiante, com os olhos inflamados de alegria e o rosto a centímetros do meu.

— Estou feliz em ver você, Carlitos — eu disse —, mas, por favor, não vai me beijar, vai?

Quando a comemoração acabou, eles nos trouxeram sopa quente, queijo e chocolates. Enquanto os médicos examinavam os seis recém-chegados, procurei o comandante Garcia e perguntei quando os demais sobreviventes seriam resgatados da montanha. Ele explicou que seria perigoso demais voar até lá à noite. O resgate teria que ficar para o outro dia. Mas ele me assegurou que os médicos e os membros da equipe que ficaram na montanha garantiriam a segurança de todos os rapazes.

Depois de todos termos comido, fomos embarcados nos helicópteros e levados até uma base militar próxima à cidade de San Fernando. Equipes de médicos e enfermeiras estavam lá para nos colocarem em ambulâncias. As ambulâncias saíram em comboio, escoltadas por policiais de motocicleta, e chegamos em cerca de dez minutos ao hospital São João de Deus, em San Fernando. Funcionários do hospital nos receberam no estacionamento com macas. Alguns dos rapazes precisaram delas, mas eu disse às enfermeiras que conseguia andar. Depois de cruzar os Andes a pé, não ia deixá-las me carregarem pelos últimos poucos metros.

Levaram-me para um quarto pequeno e limpo e começaram a arrancar as camadas de roupa suja do meu corpo. Atiraram os farrapos imundos num canto e eu os vi caídos ali — os suéteres, jeans e calças que haviam sido minha segunda pele. Foi bom me livrar deles e deixá-los para trás. Fui levado a um banheiro e me deram um banho quente. Senti mãos lavando meus cabelos e um pano macio esfregando a sujeira do meu corpo. Quando o banho terminou, elas me secaram com toalhas macias e então me vi no espelho de parede do banheiro. Meu queixo caiu quando vi o que tinha me tornado. Antes da queda, eu era um atleta em atividade, mas já não havia o menor vestígio de músculo no meu corpo. Os ossos das costelas, quadris e omoplatas estavam à mostra, e meus braços e pernas mirraram tanto que os joelhos e cotovelos estavam protuberantes como nós grossos em uma corda. As enfermeiras me afastaram do espelho e vestiram-me com um roupão limpo, e então me levaram até uma cama estreita e começaram a me examinar, mas pedi que me deixassem um instante sozinho. Depois que elas saíram, regozijei-me sossegadamente com o conforto, a limpeza e a paz do agradável quartinho. Deitei-me no colchão macio, senti a suavidade dos lençóis de algodão. Lentamente, deixei a ideia se assentar na minha cabeça: Eu estava em segurança; estava voltando para casa. Inspirei longamente e então soltei o ar

devagar, com entusiasmo. *Respire mais uma vez*, costumávamos dizer na montanha para encorajarmos uns aos outros nos momentos de desespero. *Enquanto estiver respirando, você está vivo.* Naqueles dias, cada respiração era quase uma bravata. Nos meus 72 dias nos Andes, não respirei uma única vez sem medo. Agora, finalmente, gozava do luxo de respirar normalmente. Repetidas vezes, enchi os pulmões e soltei o ar em expirações longas e lentas e, a cada respiração, sussurrava maravilhado para mim mesmo:

Estou vivo. Estou vivo. Estou vivo.

De repente, meus pensamentos foram interrompidos por gritos atrás da minha porta e pelo que parecia um tumulto no corredor.

— Acalme-se! — gritou uma voz masculina firme. — Ninguém pode entrar aqui.

Uma voz de mulher respondeu.

— Meu irmão está aí dentro! — ela gritou. — Eu preciso vê-lo! Por favor!

Coloquei os pés no corredor na hora em que minha irmã Graciela passava aos empurrões por um bando de enfermeiros. Chamei seu nome e ela começou a chorar quando me viu. Em instantes ela estava nos meus braços e meu coração se encheu de amor enquanto eu a abraçava. Seu marido Juan a acompanhava com os olhos brilhando de lágrimas e, por um momento, nós três nos abraçamos sem dizer palavra. Então levantei a cabeça. No fim do corredor, imóvel na tênue luz fluorescente, estava a figura magra, arqueada do meu pai. Andei na direção dele e o abracei, então o levantei nos braços até seus pés saírem do chão.

— Está vendo, *papá* — eu sussurrei enquanto o colocava de volta no chão —, ainda estou forte o bastante para levantá-lo.

Ele grudou seu corpo ao meu, tocando-me, convencendo-se de que eu era real. Abracei-o por muito tempo, sentindo seu corpo tremer levemente enquanto ele chorava. Ficamos os dois em silêncio por alguns instantes. Então, com a cabeça ainda colada ao meu peito, ele sussurrou:

— *Mami?* Susy?

Respondi com um silêncio respeitoso e ele cedeu um pouco nos meus braços quando compreendeu. Instantes depois, minha irmã veio na nossa direção e nos levou de volta para o quarto. Eles se juntaram ao redor da cama e eu contei a história da minha vida nas montanhas. Descrevi a queda, o frio, o medo, a longa jornada que fiz com Roberto. Expliquei como mamãe morrera e como havia confortado Susy. Papai se encolheu quando mencionei minha irmã, de modo que o poupei dos detalhes do seu sofrimento, considerando que já bastava contar que ela nunca ficou sozinha e que morrera nos meus braços. Graciela chorou baixinho enquanto eu falava. Não conseguia tirar os olhos de mim. Meu pai se sentou em silêncio ao lado da cama, ouvindo, assentindo com a cabeça, com um

sorriso dolorido no rosto. Quando terminei, fez-se um silêncio até meu pai encontrar forças para falar.

— Como você sobreviveu, Nando? — ele perguntou. — Tantas semanas sem comida...

Contei a ele que tivemos que comer a carne daqueles que não sobreviveram. A expressão em seu rosto não mudou.

— Você fez o que tinha que fazer — ele disse, sua voz falhando de emoção. — Estou feliz por você ter voltado.

Queria contar tantas coisas a ele, que pensara nele a todo momento, que seu amor fora a luz que me guiara em direção à segurança. Mas haveria tempo depois para isso. Naquele instante, queria aproveitar cada momento da nossa reunião, por mais agridoce que ela fosse. No começo, foi difícil acreditar que aquilo, aquele momento com o qual eu sonhara por tanto tempo, fosse real. Minha mente funcionava lentamente e minhas emoções estavam estranhamente entorpecidas. Não me sentia jubiloso ou triunfante, apenas o delicado calor da segurança e da paz me envolvia. Não havia palavras para explicar como eu me sentia, então simplesmente fiquei em silêncio. Alguns instantes depois, ouvimos sons de comemoração no corredor, à medida que as famílias dos demais sobreviventes encontravam seus filhos. Minha irmã se levantou e fechou a porta e, na privacidade do meu quarto, compartilhei com o que restava da minha família o simples milagre de estarmos mais uma vez juntos.

Capítulo Dez

Depois

No dia seguinte, 23 de dezembro, os oito sobreviventes que haviam sido deixados na montanha foram levados até Santiago, onde foram examinados em um hospital conhecido como Posta Centrale. Os médicos decidiram manter Javier e Roy internados para observação — estavam preocupados especialmente com Roy, cujos exames de sangue demonstraram irregularidades que poderiam ser nocivas ao seu coração —, mas os demais receberam alta e foram transferidos para o Hotel Sheraton San Cristóbal, onde muitos se juntaram às suas famílias. Nós oito, que estávamos no Hospital São João, fomos transferidos para Santiago na mesma tarde. Alvaro e Coche, os mais fracos do grupo, foram internados no Posta Centrale, enquanto o resto de nós recebeu alta e foi levado para o Sheraton para nos reunirmos com nossos amigos.

A atmosfera no Sheraton, e em toda Santiago, por sinal, estava carregada de um sentimento de celebração e reverência religiosa. Os jornais chamavam nosso retorno de “O Milagre de Natal”, e muitas pessoas nos viam quase como figuras místicas: jovens que haviam sido salvos pela intervenção direta de Deus, provas vivas do amor Dele. O mundo inteiro dava primeira página para a notícia da nossa sobrevivência e o interesse do público era intenso. O *lobby* do Sheraton e as ruas em frente ao hotel estavam lotados 24 horas por dia de repórteres e equipes de notícias esperando para acompanhar qualquer coisa que fizéssemos. Não podíamos lanchar em um café ou conversar tranquilamente com nossas famílias sem que uma horda de jornalistas empurrasse microfones para cima de nós e disparasse *flashes* nas nossas caras.

Na véspera de Natal, uma festa foi organizada para nós no salão de baile do hotel. A atmosfera era de alegria e gratidão, visto que muitos dos sobreviventes e suas famílias agradeciam a Deus por tê-los salvado da morte.

— Eu disse que estaríamos em casa para o Natal — Carlitos disse para mim, com o mesmo sorriso de convicção que me mostrara nas montanhas. — Eu falei que Deus não nos abandonaria.

Estava feliz por ele e pelos outros, mas, à medida que os observava dividindo a alegria com seus entes queridos, percebi que, com a exceção de Javier, todos os meus colegas sobreviventes estavam voltando para uma vida idêntica à que

tinham antes. É verdade que muitos haviam perdido amigos no desastre, e todos haviam suportado um pesadelo incrível, mas agora, para eles, estava acabado. Seriam acolhidos de volta por seus pais, irmãos e irmãs, namoradas. O mundo deles recomeçaria e as coisas seriam iguais a antes de o acidente interromper suas vidas. Mas meu mundo fora destruído, e a festa apenas frisava para mim quanto eu perdera. Nunca mais passaria outro Natal com minha mãe ou com Susy. Estava claro para mim que papai havia sido devastado por aquela provação e eu me perguntava se ele voltaria a ser o homem que eu conhecia. Tentei participar da comemoração naquela noite, mas me sentia muito sozinho, sabendo que o que era um triunfo para os demais significava o começo de um futuro novo e incerto para mim.

Depois de três dias em Santiago, a atmosfera de circo no hotel ficou insuportável e meu pai nos levou para uma casa no *resort* de praia chileno de Viña del Mar. Passamos três dias tranquilos lá, descansando, passeando, tomando sol. Na praia, eu me sentia uma aberração. Minha foto estava em todos os jornais e, com minha barba longa e os ossos aparecendo, era fácil me reconhecer como um sobrevivente. Não podia andar muito sem ser abordado por estranhos, de modo que ficava perto da casa e passava muitas horas com papai. Ele não fez muitas perguntas sobre o que aconteceu comigo nas montanhas e notei que ele ainda não estava preparado para ouvir os detalhes, mas estava disposto a dividir comigo como havia sido sua vida nas longas semanas em que estive ausente. Contou-me que às três e meia da tarde de 13 de outubro, na hora exata em que o avião caíra do céu, ele estava indo fazer um depósito em um banco perto do seu escritório em Montevidéu quando, de repente, alguma coisa o fez parar.

— Eu estava a poucos passos da porta do banco — ele me contou —, mas não conseguia mais continuar. Foi tão estranho. Perdi todo o interesse no banco. Meu estômago se contraiu. Tudo que queria era ir para casa.

Em toda a vida, papai só faltara ao trabalho algumas poucas vezes, mas, naquele dia, ele esqueceu do escritório e voltou para nossa casa em Carrasco. Serviu-se de uma xícara de mate e ligou a tevê, onde boletins especiais davam a notícia que um avião uruguaio fretado desaparecera nos Andes. Sem saber do nosso pernoite em Mendoza, ele se tranquilizou com a ideia de que já teríamos chegado a Santiago na tarde anterior. Ainda assim, uma sensação de pavor o assombrou enquanto ele assistia ao noticiário. Então, cerca de uma hora depois de ele ter chegado em casa, bateram na porta.

— Era o coronel Jaume — meu pai explicou, dizendo o nome de um amigo que era oficial da força aérea uruguaia. — Ele disse: “Estou com um carro esperando. Quero que você venha comigo. Receio ter más notícias...”

O coronel levou meu pai até a casa dele, onde confirmou as piores expectativas — o avião desaparecido era, de fato, o nosso. No dia seguinte, meu pai embarcou em um avião para Santiago, para uma reunião com oficiais chilenos que iriam esclarecer o que sabiam sobre o acidente. Sua rota sobrevoou os Andes e, enquanto olhava para as montanhas abaixo, ficou desolado com a ideia de que sua mulher e seus filhos haviam caído em um lugar tão implacável.

— Naquele momento — ele me disse —, perdi todas as esperanças. Soube que nunca mais veria vocês novamente.

As semanas que se seguiram foram tão horrorosas quanto tudo que eu imaginara para ele nas montanhas. Ele não conseguia dormir ou comer. Não encontrava conforto nas orações ou na companhia das outras pessoas. Muitos pais de outras vítimas encontraram maneiras de manter as esperanças vivas. Algumas das mães se reuniam regularmente para rezar por nós. Um grupo de pais, liderado pelo pai de Carlitos, Carlos Paez-Villaro, chegou a organizar suas próprias buscas, contratando aviões e helicópteros para sobrevoarem os Andes nos lugares em que as autoridades achavam que o Fairchild poderia ter caído. Meu pai ajudou financeiramente essas buscas, embora tivesse certeza de que elas eram completamente inúteis.

— Quando um avião cai nos Andes, ele se perde para sempre — ele disse. — Eu sabia que teríamos sorte se as montanhas nos deixassem ver um simples pedaço dos destroços.

Sem esperanças, seu estado emocional piorou rapidamente. Ele se tornou recluso e apático. Ficava sozinho, em silêncio, por horas, ou andava sem rumo pela praia acompanhado somente do meu cachorro, Jimmy.

— Sua mãe era minha força — ele me disse. — Eu precisava tanto dela naquela hora, mas ela se fora e, sem ela, eu estava perdido.

À medida que os dias passavam, ele ficava mais apático e recluso e, mais de uma vez, sua dor o levou à beira da loucura.

— Um dia, eu estava almoçando com Lina — ele disse. — A casa estava tão silenciosa. Tinha tantos lugares vazios na mesa. Eu larguei meu garfo e disse: "*Mamá*, não consigo ficar aqui." Então saí de casa e comecei a andar.

Ele andou pelas ruas por horas, durante a tarde inteira e noite adentro. Sua mente estava vazia, à exceção do pensamento informe de que precisava seguir adiante, de que através do simples ato de andar para a frente talvez conseguisse se distanciar da dor. Finalmente, ele se viu no extenso gramado da Plaza Matriz, a histórica praça central de Montevidéu. À sua frente, erguiam-se as torres negras e ornamentadas da Catedral Metropolitana, construída pelos colonizadores espanhóis em 1740. Meu pai não era um homem religioso, mas algo o atraíra até a igreja, uma ânsia por paz ou por algum pequeno conforto no

qual pudesse se amparar. Ele se ajoelhou e tentou rezar, mas não sentiu nada. Inclinando-se no banco da igreja, olhou para o relógio e ficou chocado ao ver que estivera andando por mais de dez horas. Com medo de estar enlouquecendo, saiu da igreja e voltou para casa na escuridão.

— Eu disse a mim mesmo: "Tenho que mudar tudo isso" — ele disse.

Então, como se pudesse se livrar da dor ao cortar os laços físicos com o passado, papai começou a desmantelar sua vida. Vendeu seu Mercedes premiado e o amado Rover de mamãe. Colocou o *flat* de Punta del Este à venda e se preparou para vender a casa de Carrasco. Tentou até vender as empresas que trabalhou a vida inteira para construir, mas Graciela e Juan descobriram seus planos e o dissuadiram daquela temeridade antes que ele causasse maiores estragos.

— Eu não sabia o que estava fazendo — ele me disse. — Às vezes conseguia pensar com clareza, outras vezes ficava totalmente *loco*. Nada importava para mim naqueles dias. Nada mais fazia sentido depois da queda do avião.

Quando papai ficou sabendo que Roberto e eu havíamos sido encontrados nas montanhas, ele se recusou a acreditar, mas, lentamente, se permitiu aceitar que era verdade. Na manhã de 23 de dezembro, embarcou em um voo fretado para Santiago com Graciela e Juan, e com as famílias de outras vítimas do acidente. Os nomes dos demais sobreviventes ainda não haviam sido divulgados e, enquanto meu pai sobrevoava mais uma vez os Andes, ele deixou que suas esperanças aumentassem. "Se alguém está vivo", ele disse à minha irmã, "é porque sua mãe os salvou." Horas depois ele estava em meus braços e eu lhe revelava que suas esperanças eram falsas; minha mãe e minha irmã não haviam sobrevivido.

— *Papá* — eu disse para ele um dia em Viña del Mar —, sinto muito por não ter conseguido salvar *Mami* e Susy.

Ele sorriu com tristeza e segurou meu braço.

— Quando tive certeza de que vocês estavam todos mortos — ele disse —, achei que nunca iria me recuperar da perda. Era como se minha casa tivesse pegado fogo e tudo que eu possuía tivesse se perdido para sempre. E, agora que você voltou, é como se eu houvesse topado com algo valioso no meio das cinzas. Sinto que renasci. Minha vida pode recomeçar. De agora em diante, vou tentar não ficar triste com o que me foi levado embora, e sim feliz com o que me foi dado de volta.

Ele me aconselhou a fazer o mesmo.

— O sol vai nascer amanhã — ele me disse —, e depois de amanhã e depois de depois de amanhã. Não deixe que aquilo se torne a coisa mais importante que aconteceu na sua vida. Olhe para a frente. Você vai ter um futuro. Você vai viver

uma vida.

Fomos embora de Viña del Mar no dia 30 de dezembro em um avião para Montevidéu. Eu estava morrendo de medo de cruzar os Andes novamente, mas, com a ajuda de sedativos prescritos por um médico chileno, consegui me forçar a embarcar no avião. Quando chegamos a nossa casa em Carrasco, uma multidão de amigos e vizinhos estava reunida na rua me esperando. Apertei suas mãos e os abracei enquanto subia a longa escada da calçada até a porta da frente, onde minha avó Lina me aguardava. Joguei-me em seus braços, e ela me abraçou com tanta força e afeto agridoce que eu sabia que, em sua mente, ela estava abraçando também Susy e mamãe. Entramos todos. À minha frente, deitado no piso da entrada, estava meu cão, Jimmy. Ele estava ferrado no sono, mas, quando nos ouviu entrar, abriu os olhos com cansaço, sem levantar a cabeçorra quadrada das patas. Lançou-me um olhar curioso, então suas orelhas se ergueram e ele se sentou e entortou a cabeça como se não conseguisse acreditar no que via. Estudou-me por um bom tempo e então, com um latido alegre, atirou-se na minha direção com tanta velocidade que antes correu sem sair do lugar, com as patas raspando o piso escorregadio. Eu o abracei quando ele pulou nos meus braços e deixei-o lamber meu rosto com sua língua quente e molhada. Todos riram da alegria de Jimmy; para mim, ela foi uma excelente recepção.

Aqueles primeiros instantes em casa foram estranhos. Eu estava feliz e pasmo por estar de volta, mas os cômodos ribombavam com a ausência da minha mãe e da minha irmã. Fui até meu antigo quarto. Graciela viera morar com meu pai depois do acidente, e seu filho de 2 anos estava usando meu quarto. Vi que todas as minhas coisas tinham sumido. Em sua tentativa angustiada de se purgar do passado, papai se livrara de tudo que era meu — minhas roupas, meus livros, meus artigos esportivos e minhas revistas de corrida, até mesmo do meu pôster do Jackie Stewart, que estivera pendurado na parede por anos. Na sala de estar, vi minha fotografia sobre a lareira, arrumada com fotos de mamãe e Susy em um melancólico memorial. Olhei pela janela. Carros passavam pela rua. As luzes estavam se acendendo em outras casas onde as pessoas tocavam suas vidas. *Seria assim que a vida seria se eu tivesse morrido,* pensei. *Eu não deixei um vazio tão grande. O mundo seguiu adiante sem mim.*

Aquelas primeiras semanas em casa foram uma espécie de limbo para mim. Tanta coisa havia mudado e eu não parecia ser capaz de retornar à minha vida. Com Guido e Panchito mortos, eu passava a maior parte do tempo sozinho. Brincava com Jimmy e passava horas andando na minha motocicleta — papai a vendera na minha ausência, mas o amigo que a comprara a devolveu assim que soube do nosso resgate. Às vezes andava pelas ruas, mas era reconhecido em

todos os lugares que ia e, depois de um tempo, ficou mais fácil ficar em casa. Quando saía, era sempre lembrado do que acontecera comigo. Uma vez, em La Mascota, uma pizzaria do bairro que eu frequentara desde criança, o dono, que também era o garçom, fez um escarcéu sobre como era uma honra me receber lá e eles se recusaram a aceitar meu dinheiro. Não fizeram por mal, eu sei, mas eu já voltara havia muito tempo. Estranhos se aproximavam na rua para apertar minha mão, como se eu fosse uma espécie de herói que trouxera honra ao Uruguai com minhas façanhas. De fato, nossa sobrevivência virou um motivo de orgulho nacional. Nossa provação era celebrada como uma gloriosa aventura. As pessoas comparavam nosso feito à conquista heroica do time de futebol uruguaio que ganhara a Copa do Mundo de 1950. Algumas pessoas chegavam a me dizer que invejavam minha experiência nos Andes e queriam ter estado lá comigo. Não sabia como explicar para elas que não havia glória alguma naquelas montanhas. Havia apenas feiura, medo e desespero, além da obscenidade de presenciar tantas pessoas inocentes morrerem.

Também fiquei chocado com o sensacionalismo utilizado por muitos dos veículos de imprensa na cobertura sobre o que havíamos comido para sobreviver. Logo após o resgate, membros da Igreja Católica anunciaram que, de acordo com a doutrina da Igreja, não havíamos cometido pecado ao comer a carne dos mortos. Conforme Roberto argumentara na montanha, eles disseram ao mundo que o pecado seria termos nos permitido morrer. Porém, fiquei mais contente com o fato de que muitos dos pais dos rapazes que morreram nos apoiaram publicamente, dizendo ao mundo que entendiam e aceitavam o que tínhamos feito para sobreviver. Sempre fui grato pela coragem e pela generosidade que eles demonstraram ao nos apoiarem. Apesar desses gestos, muitos jornalistas se ativeram à questão da nossa dieta de uma maneira insensível e aproveitadora. Alguns jornais publicaram manchetes sinistras com fotos de primeira página macabras, tiradas depois que a Equipe de Resgate Andina já havia nos salvado, mostrando pilhas de ossos humanos perto da fuselagem e partes de corpos humanos espalhadas na neve. Na esteira dessa cobertura sensacionalista, começaram a surgir boatos, incluindo uma teoria de que a avalanche nunca acontecera e que na verdade tínhamos matado as pessoas que morreram naquele desastre para comê-las.

Graciela e Juan me ajudaram muito naqueles dias, mas eu sentia uma falta terrível de Susy e de mamãe. Papai dividia meu sofrimento, mas, combalido pela dor, ele estava tão perdido quanto eu. Logo descobri que, em sua solidão, ele buscara conforto na companhia de outra mulher, e que ainda a estava encontrando. Não o culpei por isso. Sabia que ele era um homem que precisava de um centro emocional forte em sua vida e que a morte de mamãe o privara da

sensação de completude e equilíbrio sem a qual ele não conseguia viver. Ainda assim, era difícil para mim ver os dois juntos tão pouco tempo depois do desastre, e isso era apenas mais uma indicação de que minha antiga vida havia acabado para sempre. Então, quando o verão chegou, decidi deixar para trás Montevidéu e todas as lembranças que ela trazia para passar um tempo sozinho no *flat* do meu pai em Punta del Este. Fazia anos que nossa família veraneava lá, desde a época em que eu e Susy éramos criancinhas e brincávamos na praia. Mas tudo havia mudado, é claro. Todos me conheciam e, aonde quer que eu fosse, era cercado por idiotas, admiradores e estranhos querendo autógrafos. No começo me escondi no *flat*, mas tenho que admitir que, com o passar do tempo, parte de mim começou a gostar da atenção — especialmente quando percebi que tantas jovens atraentes pareciam interessadas em me conhecer. Eu sempre invejara a habilidade natural de Panchito de atrair as garotas mais bonitas da praia, e essas mesmas garotas passaram a vir a mim com a mesma intensidade. Elas se sentiam atraídas por quem eu era ou pelo que eu tinha feito? Ou será que era por conta da minha nova celebridade? Não me importava. Pela primeira vez na vida, as garotas me achavam fascinante — irresistível, para dizer a verdade —, e fiz o melhor que pude para aproveitar ao máximo. Por semanas a fio, fui a festas com uma mulher bonita atrás da outra, às vezes com duas ou três no mesmo dia, e sempre ficava de olho para encontrar uma garota nova. Tornei-me um dos mais célebres libertinos de Punta del Este, com minha foto sempre aparecendo nas colunas sociais — Nando em uma ou outra festa chique, erguendo um copo, vivendo a vida de lazer de um *playboy* em tempo integral, sempre com uma ou duas garotas vistosas nos braços. Essa notoriedade não fugiu à atenção dos meus colegas sobreviventes, que não ficaram felizes com o meu comportamento. Para eles, o suplício fora uma experiência transformadora que lhes mostrara a dignidade da vida humana e os levara a se comprometerem com uma vida de moralidade e princípios elevados. Aos olhos deles, eu estava esquecendo as lições que havia aprendido. A certa altura do verão, fui chamado para ser juiz de um concurso de beleza na praia, oferta que aceitei de bom grado. A notícia saiu em um jornal local, que publicou uma foto minha com um sorriso enorme, cercado por meia dúzia de beldades de biquíni. Isso foi demais para os outros e, por consideração a eles, voltei atrás e recusei o convite. Ainda assim, achava que meus amigos estavam se levando um pouco a sério demais. Afinal, tendo em vista o que havíamos passado, o mundo não nos devia um pouco de diversão? Dizia a mim mesmo que estava curtindo a vida, compensando o tempo perdido na montanha. Mas talvez estivesse me enganando. Creio agora que, no centro da minha alma, havia um entorpecimento, um vazio, e que eu estava tentando preencher aquele vazio com noites e noites de farra. Ainda estava negando a dor

que eu trazia dentro de mim desde os primeiros dias do desastre. Estava buscando uma maneira segura de *sentir*.

Uma noite, em uma casa noturna em Punta chamada 05, eu estava conversando com a minha garota e bebericando uma Coca-Cola, quando a realidade me atingiu como um cassetete na cabeça. Havia passado tantas noites naquele mesmo clube com Panchito que, naquela hora, por força do hábito, me vi esperando que ele entrasse pela porta. Pensara muito nele desde o resgate, mas naquela noite, naquele lugar, senti sua ausência visceralmente, como uma dor no estômago, e compreendi com uma clareza brutal que ele se fora. A compreensão daquela perda trouxe à tona todas as outras e, pela primeira vez desde a queda do Fairchild nas montanhas, comecei a chorar. Baixei a cabeça e solucei com tanta força que não conseguia me controlar. Minha garota fez a gentileza de me levar para casa e fiquei horas sentado na sacada do *flat*, observando o oceano, sozinho com meus pensamentos. Enquanto meditava sobre todas as coisas que me haviam sido roubadas, a dor foi logo substituída pela indignação. Por que aquilo acontecera? Por que fora obrigado a sofrer tantas perdas enquanto tantos outros puderam viver suas vidas alegremente? Fiquei horas parado desse jeito, amaldiçoando Deus ou a minha sorte, e torturando-me com as possibilidades: *Se ao menos os pilotos tivessem visto o pico antes. Se ao menos Panchito tivesse escolhido outro lugar. Se ao menos eu não tivesse convidado minha mãe e minha irmã para nos acompanharem.* Pensei nos rapazes que cancelaram a viagem de última hora, ou que perderam o avião e tiveram que pegar outro. Por que não fui poupado, como aqueles meninos? Por que logo a minha vida teve que ser destruída?

À medida que as horas passavam e eu me afundava cada vez mais nesses pensamentos amargos, minha raiva ficou tão forte que achei que jamais iria perdoar a vida pela maneira como ela havia me privado de um futuro feliz. Mas então, logo antes do amanhecer, quando o cansaço amainou minha fúria, lembrei-me do conselho que papai me dera em Viña del Mar: *Você vai ter um futuro. Você vai viver uma vida.*

E, refletindo sobre suas palavras, vi como eu estava equivocado. Vinha pensando no desastre como um erro terrível, como um desvio imprevisto da história feliz da vida que me fora prometida. Mas eu começava a entender que minha provação nos Andes não era uma interrupção do meu destino verdadeiro ou uma perversão do que minha vida deveria ser. Esconder-me desse fato, ou viver uma vida amargurada e rancorosa, só me impediria de ter a chance de viver genuinamente. Antes da queda, eu não dava importância a quase nada, mas as montanhas mostraram-me que a vida, qualquer vida, é um milagre. E eu ganhara, miraculosamente, uma segunda chance de viver. Não era a vida que eu queria ou

esperava, mas entendia que era meu dever vivê-la o mais intensa e esperançosamente possível. Jurei que ia tentar. Viveria a vida com paixão e curiosidade. Eu me abriria para as suas possibilidades. Saborearia cada momento e tentaria, todos os dias, me tornar mais humano e mais vivo. Compreendia que fazer menos que isso seria uma afronta àqueles que não sobreviveram.

Fiz esses votos sem expectativas de ser feliz. Senti apenas que era minha obrigação aproveitar ao máximo a chance que me fora concedida. Assim, me abri à vida e, felizmente, minha nova vida teve início.

Em janeiro de 1973, alguns amigos me convidaram para assistir ao Grande Prêmio de Fórmula 1 em Buenos Aires. Eu não estava muito disposto a viajar na época, mas minha temporada nas montanhas não diminuíra minha paixão por esportes automobilísticos, e aquela era uma chance de ver os melhores pilotos do mundo, de modo que concordei em ir. Pouco depois de chegarmos à pista, a imprensa notou minha presença e logo me vi cercado de fotógrafos. Deixei que eles tirassem suas fotos e seguimos em frente. Logo em seguida, fui surpreendido por um anúncio no sistema de som da pista.

— *Nando Parrado, favor comparecer ao* pit stop *da Tyrell.*

— Deve ser algum jornal querendo uma entrevista — disse aos meus amigos. — Mas é o *pit stop* da Tyrell. Vamos lá. É a nossa chance de ver os carros de perto.

Quando chegamos, os *pits* da Tyrell estavam tinindo de atividade. Cerca de vinte mecânicos vestindo macacões azuis cuidavam diligentemente de dois belos carros de Fórmula 1. Quando me apresentei, um dos mecânicos me pegou pelo braço e me levou para além dos carros até um trecho de asfalto atrás dos *pits*, onde um *trailer* enorme estava estacionado. O mecânico abriu a porta da frente para mim e então voltou para os *pits*. Subi um pequeno lance de escadas e entrei no *trailer*. À minha esquerda, um homem esguio, de cabelos negros, estava sentado em um sofá, com um macacão de corrida à prova de fogo cinza vestido até as pernas. Quando olhou para cima e vi quem ele era, levei um susto e dei um passo para trás.

— Você é o Jackie Stewart! — exclamei.

— Sim, eu sou — disse ele com o leve sotaque irlandês que eu ouvira na tevê centenas de vezes. — E você é o Nando Parrado?

Fiz que sim com a cabeça silenciosamente.

— Fiquei sabendo que você estava aqui — ele disse — e pedi para o acharem.

Então ele falou que queria me conhecer desde que ouvira a história do desastre nos Andes. Disse que havia ficado muito impressionado com o que eu fizera e esperava que eu não me importasse em falar com ele sobre aquilo.

— Não — balbuciei —, seria um prazer...

Ele sorriu e me olhou de cima a baixo.

— Você gosta de correr? — perguntou.

Respirei fundo. Por onde começar?

— Eu adoro — disse, finalmente. — Adoro correr desde criança. Você é meu piloto favorito. Eu li os seus livros. Sei de todas as suas corridas, tenho um pôster seu no meu quarto...

Não sei por quanto tempo fiquei falando desse jeito, mas queria que ele entendesse que eu não era um fã qualquer. Queria que ele soubesse que estudara suas técnicas e que respeitava seu domínio do esporte — o virtuosismo necessário para levar o carro até o limite sem abusar, como ele equilibrava agressividade e graça, risco e controle. Queria que ele visse que, no meu íntimo, eu entendia a corrida e sabia que pilotar bem era mais uma questão de poesia do que de macheza.

Jackie sorriu amavelmente enquanto terminava de se vestir.

— Tenho que ir para o *qualifying* agora — ele disse —, mas fique aqui pelos *pits* e a gente conversa quando eu voltar.

Em menos de uma hora, Jackie estava de volta. Ele me mostrou seu carro — deixou-me até sentar atrás do volante — e então me convidou para ficar para a reunião anterior à corrida da equipe. Observei admirado Jackie discutir com engenheiros e mecânicos os ajustes de última hora que haviam feito no motor e na suspensão do carro para prepará-lo para a corrida. Depois da reunião, eu e Jackie conversamos por horas. Ele me perguntou sobre os Andes, e eu perguntei a ele sobre corridas e carros. Depois de um tempo, já não era tão espantoso estar com ele. Apesar de toda a fama e importância, ele era um homem franco e generoso e, à medida que nos conhecíamos melhor, percebi, maravilhado, que meu ídolo de infância e eu estávamos nos tornando amigos.

Alguns meses depois, aceitei o convite de Jackie para visitá-lo em sua casa na Suíça, onde me aproximei da sua família e nossa amizade ficou mais forte. Jackie e eu passávamos horas conversando sobre carros e corridas, e eu tentava absorver tudo que ele dizia. Por fim, confessei que sonhava pilotar carros de corrida desde menino.

Jackie levou meu interesse a sério e me encorajou a fazer o mesmo. Em 1974, sob recomendação dele, matriculei-me na autoescola Jim Russell, em Snetterton, na Inglaterra. Naquela época, era a melhor escola de corridas de todas, e seus graduados — Emerson Fitipaldi era um deles — corriam nas principais competições do mundo. Na Russell, treinei em carros de Fórmula Ford — máquinas tão espetaculares quanto os carros com que sonhava quando garoto — e provei a mim mesmo que tinha condições de me tornar um piloto de ponta.

Quando as aulas acabaram, voltei para a América do Sul e passei os dois anos seguintes pilotando motocicletas e *stock cars* no Uruguai, na Argentina e no Chile. Conquistei algumas vitórias, mas sempre sonhara em correr nas grandes pistas da Europa, e não levou muito tempo para esse sonho se tornar realidade. Em 1973, no Grande Prêmio de Buenos Aires — a mesma corrida em que conhecera Jackie Stewart —, fui apresentado a Bernie Ecclestone, o empresário de corridas inglês que é considerado hoje em dia um dos fundadores da Fórmula 1 moderna. Naquela época, Bernie já era uma das figuras mais influentes no cenário das corridas internacionais, além de dono da grande equipe Brabham. Como Jackie, ele notou minha paixão pelas corridas e isso se tornou a base de uma grande amizade. A partir dali, permanecemos em contato e ele acompanhou minha curta carreira como piloto. No começo de 1977, Bernie me informou que a prestigiada equipe Autodelta, da Alfa-Romeo, estava precisando de pilotos. Ele se ofereceu para conseguir uma entrevista para mim e, poucas semanas depois, fui até as agências da Alfa-Romeo na Itália com três outros pilotos sul-americanos — Juan Zampa, Mario Marquez e Eugene "Chippy" Breard. Nossos encontros com os homens da Autodelta correram bem e, em maio de 1977, Juan, Mario, Chippy e eu começamos a correr como colegas de equipe nas corridas de longa distância do Campeonato Europeu de Carros de Turismo. Eu havia chegado lá, à vida que eu sonhara para mim, pilotando excelentes carros contra pilotos de ponta nas maiores corridas do mundo. Nós nos saímos bem, terminando em segundo em Silverstone, na Inglaterra, e em Zandvoort, na Holanda, e conquistando nossa primeira vitória em Pergusa, uma pista muito rápida no sul da Itália. Eu ganhava mais confiança a cada corrida. Corria melhor, com mais equilíbrio, precisão e velocidade. Excedia cada vez mais os limites, e provei a mim mesmo que, mesmo competindo com os melhores, conseguia me garantir. E, pouco a pouco, realizava meu sonho de menino — o sonho de encontrar poesia no poder e na precisão de uma boa máquina.

Foi um ano incrível, repleto de excitação, grandes desafios, pessoas interessantes e viagens glamorosas. Estava vivendo um sonho e, quando cheguei à Bélgica para disputar a corrida de Zolder em setembro, não tinha motivos para achar que ele teria fim. Porém, nos dias anteriores à corrida, enquanto nossa equipe preparava os carros, estava andando numa área VIP cujo anfitrião era Philip Morris, atrás de uma Coca-Cola, quando vi uma loura alta vestindo um *blazer* vermelho e calças brancas. Ela estava de costas para mim, mas alguma coisa nela me fez parar. Então ela se virou e sorriu.

— Nando? — ela disse.

— Veronique? — respondi, pasmo. — O que você está fazendo aqui?

Eu a conhecia. Seu nome era Veronique van Wassenhove, uruguaia de

nascença, cujos pais emigraram da Bélgica. Era uma garota linda, alta e esbelta, com cabelos longos e grandes olhos verdes. A conhecera três anos antes, em 1974, em Montevidéu, quando ela estava saindo com Rafael, o irmão mais novo de Gustavo Zerbino. Rafael sofrera um acidente leve logo antes de uma grande festa e me ligara para saber se eu podia buscar a garota dele. Eu estava a caminho da festa com Roberto e sua namorada Laura, e paramos na casa de Veronique para oferecer uma carona. Rafael nos encontraria na festa, mas não apareceu, e eu fui o par de Veronique naquela noite. Ela só tinha 16 anos na época, mas já era dona de uma graciosidade simples e de um traço de maturidade que me diziam que seus pés estavam bem firmes no chão. Gostei dela de cara. Nos divertimos muito juntos, conversando e dançando, e fiquei cada vez mais impressionado com ela no decorrer da noite. Mas ela era nova demais para mim e, além disso, estava saindo com um amigo meu, de modo que nunca pensei naquilo como algo mais que uma noite casual. Nos anos que se seguiram, encontrava Veronique na praia, ou em clubes ou festas, e sempre nos cumprimentávamos. Certa tarde, eu e meus amigos estávamos na plateia do concurso anual de Miss Punta del Este, um evento prestigioso que juntava as mais belas mulheres de toda a América do Sul, vendo uma mulher deslumbrante depois da outra aparecer em elegantes vestidos de gala. Depois de um tempo, uma loura alta, com um vestido azul liso, subiu ao palco. Ela se movia diferentemente das outras. Seus passos eram menos estudados e dotados de uma graça mais natural. Havia humor em seus olhos e, enquanto as outras pareciam se esforçar para apresentar sua imagem mais brilhante e glamorosa, aquela mulher trazia um sorriso tranquilo e uma atitude despreocupada que me mostravam que ela estava se divertindo de verdade. Era Veronique, é claro. Ela entrara no concurso no último instante, impulsionada por amigos que achavam que ele ajudaria a deslanchar sua carreira de modelo. Ri quando ela passou pela mesa de jurados. As outras concorrentes tinham obviamente gastado muito tempo e dedicação embonecando sua aparência e suas roupas, até os sapatos chiques que cada uma delas calçava. Mas quando Veronique cruzou o palco, eu vi, debaixo da bainha de seu vestido, que ela estava descalça. Fiquei completamente encantado, assim como os jurados que, no fim da noite, lhe deram a coroa.

E lá estava ela, na Bélgica, alguns anos mais velha, sem Rafael e ainda mais encantadora do que eu me lembrava. Disse-me que estava com a mãe no apartamento delas em Bruxelas, que conseguira um emprego temporário como relações-públicas na corrida e que planejava ir para Londres estudar inglês; mas meus pensamentos estavam muito dispersos para registrar as coisas que ela dizia. Não conseguia parar de olhar para ela. Mal conseguia respirar. Desde pequeno

imaginava como seria a mulher com quem eu me casaria. Como iria reconhecê-la? Ouviria uma trovoada? Fogos de artifício estourariam na minha cabeça? Agora eu sabia. Não era nada daquilo, era apenas uma voz segura, tranquila e convicta sussurrando em minha mente: *Veronique. Mas é claro...*

Levou apenas um segundo. Vi meu futuro nos olhos dela. E acredito que ela tenha visto o dela nos meus. Conversamos um pouco, então ela me convidou para almoçar na segunda-feira, no apartamento da sua família. Corri no dia seguinte e terminei em segundo, o que foi um milagre, pois choveu forte e correr na chuva requer muita concentração. Mas conforme jogava o carro numa curva após a outra e acelerava nas retas, não estava pensando na estabilidade, na tração ou na importância de encontrar o melhor traçado para completar a curva. Estava com a cabeça na segunda-feira, quando reencontraria Veronique. Quando o dia finalmente chegou, me vi almoçando com Veronique e sua mãe no elegante apartamento na Avenue Louis, em Bruxelas. A mãe de Veronique era uma mulher impressionantemente aristocrática que me recebeu calorosamente, mas devia estar desconfiada daquele corredor de 27 anos que estava dando em cima da sua filha de 19. Tentei me comportar da melhor maneira possível, mas já estava loucamente apaixonado e tive que me esforçar ao máximo para desgrudar os olhos de Veronique e me lembrar de que havia outra pessoa na sala.

Depois do almoço, fomos até Bruges, uma romântica cidade medieval repleta de canais e catedrais. A cada passo que dávamos, sentia o laço entre nós se estreitar. Quando a tarde acabou e era hora de levá-la para casa, implorei que ela me visitasse em Milão.

— Você é doido! — Ela riu. — Minha mãe me mataria só de eu perguntar.

— Venha para a Espanha, então — persisti. — Vou correr na semana que vem em Jarama.

— Nando, eu não posso — ela disse. — Mas vamos nos reencontrar logo.

Voltei para o meu apartamento em Milão na terça-feira, sentindo uma falta terrível de Veronique, mas, na quarta, ela me surpreendeu com um telefonema dizendo que estava indo. Sua decisão não era nada leviana ou impensada. Ela pensara bem em tudo e fizera uma escolha consciente. Havíamos passado apenas um dia juntos na Bélgica, mas não havia dúvida de que havia uma coisa real entre nós. Ela estava escolhendo o seu futuro. Será que eu estava pronto para fazer o mesmo?

Na noite de quinta-feira, fui encontrá-la na estação ferroviária de Milão. Ela saltou do trem carregando somente uma mochila e uma bolsa pequena. Estava linda e voltei a me apaixonar. Veronique foi comigo para Jarama, então viajamos para o Marrocos, onde tiramos algumas semanas de férias. Compreendi que estava diante de uma grande decisão. Provara a mim mesmo que tinha aptidão

para ser um piloto de ponta, mas, para realizar esse sonho, teria que me dedicar cada vez mais ao esporte. Pilotar teria que ser o centro da minha vida, e aquele não era o tipo de vida que interessaria uma mulher como Veronique. Seria eu capaz de desistir de todos os meus sonhos como piloto, dos sonhos de toda uma vida, logo quando eles estavam prestes a se realizarem? Sabia que, se nos juntássemos, teria que ser no Uruguai. Seria eu forte o bastante para trocar minha vida glamorosa por longos dias dando duro nas lojas de ferragens de papai, fechando o balanço, preenchendo pedidos, fazendo o controle do envio de pregos e parafusos? No fim das contas, não havia dúvida. As lições que aprendera na montanha me impediram de tomar uma decisão que não fosse a correta; eu construiria meu futuro com a mulher que amava.

Já na primavera de 1978, minha carreira de piloto era apenas uma lembrança e Veronique e eu havíamos retornado a Montevidéu. Casamos em 1979. Mudamos para uma pequena casa em Carrasco e começamos a construir uma vida juntos. Veronique começou a trabalhar como modelo e eu descobri que gostava de trabalhar nas lojas de ferragens. Graciela e Juan trabalhavam lá havia anos e, juntos, sob a orientação de papai, transformamos nosso negócio na maior cadeia de lojas de ferragens do país.

Com o passar dos anos, outras oportunidades surgiram. Em 1984, chamaram-me para produzir e apresentar um programa sobre esportes motorizados para o Canal 5 da TV Nacional do Uruguai. Jamais estivera em frente às câmeras antes, mas era uma chance de voltar a fazer parte do mundo das corridas, e decidi aproveitá-la. Na TV, descobri uma nova paixão, que se transformou em uma segunda carreira. Atualmente, eu e Veronique produzimos e apresentamos cinco programas na TV uruguaia, incluindo programas de viagens, natureza, moda e acontecimentos da atualidade. Estamos envolvidos em todos os aspectos da produção desses programas — escrevemos, editamos e dirigimos; chegamos até a escolher a trilha sonora. O trabalho na televisão satisfaz meu apetite por criatividade, e nosso sucesso nesse meio nos levou a outros empreendimentos, incluindo uma empresa de TV a cabo. Trabalhamos duro para construir esses negócios e temos sido agraciados com o sucesso repetidas vezes. Mas a maior bênção da nossa vida foi, de longe, o nascimento das nossas duas filhas.

Veronica nasceu em 1981. Até então, eu pensava que não podia amar nada na vida mais do que amava minha mulher, mas, quando olhei nos olhos do meu bebê, fui arrebatado pelo meu amor por ela. Instantes depois do seu nascimento, ela se tornara mais um tesouro em minha vida, e tive certeza de que morreria por ela sem hesitar. Saboreei desde o início cada momento da paternidade. Adorava trocar suas fraldas, alimentá-la, dar banho nela, colocá-la para dormir. Às vezes a segurava, maravilhado com a doçura e a perfeição do seu corpinho e

compreendia que, se não tivesse conseguido sair dos Andes, aquela pessoazinha linda não existiria. Sentia uma atordoante sensação de gratidão pelas valiosas alegrias da minha vida — recebera tanto amor e felicidade — e percebia que cada passo dado naquele ermo desolado fora um passo na direção daquele pequeno e precioso milagre que eu segurava em minhas mãos.

Dois anos e meio depois, minha filha Cecilia nasceu após somente cinco meses e meio de gravidez. Ela pesava apenas um quilo e duzentos e passou os primeiros dois meses de vida na UTI. Houve muitas noites em que os médicos nos disseram para nos prepararmos para o pior, que devíamos ir para casa e rezar, e cada noite dessas foi como outros Andes para mim. Mas Veronique passava horas no hospital todos os dias, afagando nosso bebê, falando baixinho com ela, persuadindo-a a voltar à vida e, lentamente, Cecilia foi ficando mais forte. Agora, minhas duas filhas são jovens bonitas de vinte e poucos anos, cheias de vida e alegria, e prontas para encarar o mundo sozinhas.

Enquanto minhas filhas começam a vida, meu pai adentra seu 88º ano, ainda com a mente e o corpo saudáveis. É impossível descrever com palavras a nossa intimidade. Nos muitos anos desde o desastre nos Andes, ele se tornou mais que um pai para mim; ele é meu amigo mais próximo e íntimo. Somos ligados pelo nosso sofrimento e pela nossa perda, mas também por um grande senso de respeito mútuo e, é claro, por um profundo e inquestionável amor. Não sei se meu pai chegou a entender quão importante ele foi para mim quando eu estava perdido. Jamais esquecerei o que ele me disse logo depois de eu voltar dos Andes.

— Eu planejei tudo para você, Nando — ele disse. — E para *Mami*, Susy e Graciela. Estava tudo sob controle. Havia escrito a história das suas vidas como um livro. Mas não previ que isso fosse acontecer. Não escrevi esse capítulo.

Entendi que aquilo era um pedido de desculpas. Apesar de todo o esforço para nos manter seguros e felizes, ele não fora capaz de nos proteger e, em alguma parte do seu coração, estava a ideia de que havia nos decepcionado. Quis escrever este livro para dizer ao meu pai que ele estava errado. Ele não falhou comigo. Ele salvou minha vida. Salvou-me ao contar histórias para mim quando eu era criança, histórias que me ajudaram a encontrar forças nas montanhas. Salvou-me ao trabalhar duro, ao nunca desistir e ao me ensinar, através do seu exemplo, que tudo é possível se você estiver disposto a sofrer. E, acima de tudo, ele me salvou com o seu amor. Papai nunca foi um homem abertamente afetuoso, mas jamais duvidei do seu amor na minha infância. Era um amor discreto, mas sólido, profundo e duradouro. Quando eu estava nas montanhas, preso nas sombras da morte, aquele amor foi uma corda salva-vidas que me ancorou ao mundo dos vivos. Enquanto me agarrasse àquele amor, não estaria

perdido, estaria conectado ao meu lar e ao meu futuro e, no fim das contas, foi aquele forte cordão de amor que me afastou do perigo. Meu pai entrou em desespero quando achou que estávamos todos mortos, e, em sua dor, perdeu as esperanças. Mas não era da sua esperança que eu precisava. Ele me salvou simplesmente por ser o pai que eu amo.

Logo após meus colegas sobreviventes e eu voltarmos das montanhas, nossos pais e professores, preocupados que estivéssemos traumatizados pelos horrores que enfrentamos, pediram que fôssemos a um psicólogo. Nos negamos em conjunto. Sabíamos poder contar com o apoio uns dos outros e, para mim, aquilo sempre fora o suficiente. Mas até hoje as pessoas ficam curiosas sobre os efeitos psicológicos de um suplício dessas dimensões e sempre me perguntam como lidei com o trauma. Tenho pesadelos? *Flashbacks?* Sofri de culpa do sobrevivente? Essas pessoas sempre se surpreendem e, às vezes, acho eu, ficam incrédulas, quando digo a elas que não passei por nada disso. Tive uma vida feliz desde o desastre. Não carrego culpa ou ressentimento. Vivo para o amanhã e sempre espero que o futuro seja bom.

“Mas como pode?”, elas perguntam. “Como você consegue ficar em paz com a vida depois de tudo o que sofreu?” Digo-lhes que não estou em paz apesar do que sofri, mas por conta do que sofri. Os Andes me roubaram muitas coisas, explico, mas também me trouxeram uma compreensão que me libertou e iluminou minha vida: *A morte é real e está muito próxima de nós.*

Nas montanhas, não houve um instante em que não senti a morte ao meu lado, mas no momento em que cheguei ao topo da montanha e vi apenas picos enormes até onde a vista conseguia alcançar, todas as minhas dúvidas desapareceram e a certeza da minha própria morte se tornou visceralmente real. A concretude da morte me deixou sem ação, mas, ao mesmo tempo, jamais a vida brilhara tão intensamente dentro de mim e, diante da total falta de esperança, senti uma explosão de alegria. A realidade da morte era tão clara e tão poderosa que, por um instante, destruiu tudo que era efêmero e falso. A morte havia mostrado sua cara, negra, predatória, invencível, e, por uma fração de segundo, pareceu-me que, para além das frágeis ilusões de vida, a morte era tudo que existia. Mas então vi que havia algo no mundo que não era a morte, algo tão impressionante, duradouro e profundo quanto ela. Era o amor, o amor em meu coração e, por um instante incrível, à medida que eu sentia esse amor aumentar — o amor pelo meu pai, pelo meu futuro, pela simples maravilha de se estar vivo —, a morte perdeu seu poder. Parei de fugir dela. Em vez disso, transformei cada passo em um passo na direção do amor, e foi isso que me salvou. Jamais parei de seguir em direção ao amor. A vida me presenteou com sucesso material.

Gosto de carros velozes, bons vinhos, boa comida. Adoro viajar. Tenho uma bela casa em Montevidéu e outra na praia. Acredito que a vida deva ser aproveitada, mas a experiência me ensinou que sem o amor da minha família e dos meus amigos todos os sinais de sucesso material seriam vazios. Também sei que seria um homem feliz mesmo que perdesse todas essas coisas, desde que estivesse perto das pessoas que amo.

Acredito que muitas pessoas gostariam de ver a si mesmas dessa forma, mas sei que se não tivesse sofrido o que sofri, se não tivesse sido obrigado a olhar a morte nos olhos, não valorizaria os simples e preciosos prazeres da minha vida tanto quanto agora. Existem tantos momentos perfeitos em um dia, e não quero perder nenhum deles — os sorrisos das minhas filhas, o abraço da minha mulher, as boas-vindas babonas do meu novo cachorrinho, a companhia de um velho amigo, a sensação da areia da praia sob meus pés e o sol quente do Uruguai no meu rosto. Esses momentos fazem o tempo parar para mim. Eu os saboreio, deixo que eles se tornem uma eternidade em miniatura e, ao viver esses pequenos instantes da vida tão plenamente, desafio a sombra da morte que paira sobre todos nós, reafirmo o amor e a gratidão por todas as bênçãos que recebi e preencho-me mais e mais de vida.

Nos anos que se seguiram ao desastre, pensei muito em meu amigo Arturo Nogueira e nas conversas que tivemos nas montanhas sobre Deus. Muitos dos meus colegas sobreviventes dizem ter sentido a presença Dele nas montanhas. Eles acreditam que Deus teria permitido misericordiosamente que sobrevivêssemos em resposta às nossas orações, e estão certos de que foi a mão Dele que nos guiou para casa. Tenho grande respeito pela fé dos meus amigos, mas, para ser sincero, por mais que tenha rezado por um milagre nos Andes, jamais senti a presença de Deus. Pelo menos não senti Deus como a maioria das pessoas O vê. Senti, sim, a presença de algo maior do que eu, algo nas montanhas, nas geleiras e no céu brilhante que, algumas raras vezes, me tranquilizou e me fez sentir que o mundo era ordenado, amável e bom. Se isso era Deus, não O era como um ser, um espírito ou uma mente onipotente e sobre-humana. Era apenas um silêncio, uma completude, uma simplicidade digna de reverência. Algo que parecia chegar a mim através dos meus próprios sentimentos de amor, e refleti muitas vezes que, quando sentimos o que chamamos de amor, estamos de fato sentindo nossa conexão com essa extraordinária presença. Ainda a sinto quando minha mente se aquieta e presto bastante atenção. Não pretendo entender o que ela é ou o que ela quer de mim. Não quero entender essas coisas. Não tenho interesse em nenhum Deus que possa ser entendido ou que se comunique conosco através de um ou outro livro

sagrado, e que altere nossas vidas de acordo com algum desígnio divino, como se fôssemos personagens em uma peça. Como posso aceitar um Deus que prefere uma religião em detrimento das demais, que responde a uma prece e ignora a outra, que manda 16 jovens para casa e deixa outros 29 morrerem em uma montanha?

Houve um tempo em que desejei esse Deus, mas percebo agora que o que eu queria de fato era o conforto da certeza, a noção de que o *meu* Deus era o único Deus *verdadeiro*, e que no fim Ele me recompensaria pela minha fé. Agora compreendo que ter certeza — sobre Deus ou sobre qualquer coisa — é impossível. Perdi a necessidade de saber. Nas inesquecíveis conversas com Arturo enquanto ele agonizava, meu amigo me disse que a melhor maneira de encontrar a fé é ter a coragem de duvidar. Lembro-me dessas palavras todos os dias, duvidando, mantendo a esperança e, dessa maneira imprecisa, tento intuir meu caminho em direção à verdade. Ainda faço as orações que aprendi quando criança — ave-marias, pais-nossos —, mas não imagino um pai sábio e celestial ouvindo pacientemente do outro lado da linha. Em vez disso, imagino amor, um oceano de amor, a verdadeira fonte do amor, e imagino-me fundido a ele. Abro-me a ele e tento direcionar essa onda de amor para as pessoas que me são próximas, na esperança de protegê-las e ligá-las a mim para sempre, e conectar todos nós ao que quer que exista neste mundo de eterno. Quando rezo dessa forma, sinto-me como se estivesse conectado a algo bom, absoluto e poderoso. Nas montanhas, foi o amor que me manteve em contato com o mundo dos vivos. Coragem e inteligência não teriam me salvado. Não podia contar com a experiência, então me fiei na confiança que tinha no amor por meu pai e pelo meu futuro, e essa confiança me levou para casa. Desde então, ela tem me levado a um entendimento mais profundo de quem eu sou e do que significa ser humano. Neste momento, estou convencido de que, se existe algo de divino no universo, a única maneira de chegar até ele é através do amor que sinto pela minha família e pelos meus amigos e através do simples milagre de estar vivo. Não preciso de nenhuma outra sabedoria ou filosofia que não seja esta: Minha obrigação é preencher meu tempo na Terra com o máximo de vida possível, tornar-me um pouco mais humano a cada dia e compreender que somente quando amamos nos tornamos humanos. Tentei amar meus amigos com um coração leal e generoso. Amei minhas filhas com todas as minhas forças. E amei uma mulher com um amor que encheu minha vida de sentido e alegria. Sofri grandes perdas e fui abençoado com grandes consolações, mas, a despeito do que a vida me dê ou me tire, esta é a simples sabedoria que sempre iluminará minha existência: Eu amei com paixão, sem medo, com todo o meu coração e toda a minha alma, e fui amado de volta. E isso me basta.

Dois anos depois do milagre nos Andes, meu pai e eu retornamos ao local da queda nos altos Andes, próximo à montanha Sosneado. Uma rota fora descoberta, transitável apenas no verão, levando das colinas argentinas até a geleira em que o Fairchild estava. É uma viagem dura, de três dias, que começa com um percurso de oito horas em veículos *off-road* pelo terreno acidentado das colinas andinas, seguido de dois dias e meio a cavalo. Cruzamos um rio veloz e, em seguida, cavalgamos cavalos andinos especialmente adestrados por trilhas íngremes e estreitas que serpeavam subindo as montanhas sobre quedas apavorantes até as encostas rochosas abaixo. Chegamos à base da geleira ao meio-dia, e então escalamos a pé a última parte até o cemitério. A sepultura, cavada logo após o resgate por oficiais das forças aéreas do Uruguai e do Chile, ficava em um promontório de pedra que se projetava da neve. Sob as rochas estavam Susy e mamãe, com os restos dos que morreram ali, todos a uma distância segura da geleira assassina a algumas centenas de metros dali. É um jazigo simples, formado apenas por uma pilha de pedras e por uma pequena cruz de ferro encimando o túmulo. Meu pai trouxe flores e uma caixa de aço inoxidável contendo o ursinho de pelúcia com o qual Susy dormira todas as noites de sua vida. Ele colocou essas ofertas no túmulo e ficamos parados em silêncio na quietude das montanhas. Lembrava-me tão bem daquele silêncio, uma constante e absoluta ausência de som. Nos dias calmos, você ouve apenas a sua própria respiração, os seus próprios pensamentos. O rosto de papai estava pálido e as lágrimas molhavam suas faces enquanto partilhávamos daquela triste reunião, mas não senti dor ou mágoa. Senti-me tranquilo naquele lugar. Já não havia mais medo ali, tampouco dor ou luta. Os mortos estavam em paz. A inércia pura e perfeita das montanhas estava de volta.

Fazia um dia claro e limpo de primavera. Meu pai se virou para mim com um sorriso triste. Olhou para a geleira, para os picos negros acima das nossas cabeças, para o céu selvagem e vasto dos Andes, e sei que ele estava tentando imaginar aquele lugar nos meses frios do começo da primavera. Ele olhou para os destroços da fuselagem. Será que estava vendo jovens amontoados lá dentro? Rostos assustados no escuro e no frio, ouvindo o uivar do vento e o retumbar de avalanches distantes, sem ninguém com quem contar além deles mesmos? Estaria ele me imaginando naquele lugar árido, tão apavorado, tão inacreditavelmente longe de casa, e ansiando desesperadamente estar junto dele? Ele não disse. Apenas sorriu com ternura, segurou meu braço e sussurrou:

— Nando, agora eu entendo...

Ficamos cerca de uma hora no cemitério, e então descemos até os cavalos. Nunca pensamos, nem por um instante, em transferir os corpos dos nossos entes queridos para um cemitério no mundo civilizado. Enquanto descíamos as

montanhas, a grandiosidade dos Andes retumbava à nossa volta — tão silenciosa, tão maciça, tão perfeita —; nem eu nem papai conseguíamos pensar em um jazigo mais majestoso.

Epílogo

Há cerca de trinta anos os sobreviventes do desastre dos Andes se reúnem anualmente com suas famílias no dia 22 de dezembro para comemorar o dia em que fomos resgatados da montanha. Celebramos essa data como nosso aniversário em comum, pois nesse dia todos nós renascemos. Mas o que nos foi dado foi mais do que uma vida; cada um de nós saiu da montanha com uma nova maneira de pensar, com um maior apreço pelo poder do espírito humano e com uma compreensão mais profunda do milagre — para nós e para qualquer pessoa — que é estar vivo. A capacidade de estar verdadeiramente vivo e consciente, de saborear cada momento da vida com discernimento e gratidão, esse é o presente que os Andes nos deram. Um estranho poderia deixar de perceber o carinho especial com que meus amigos abraçam suas esposas ou a ternura com que afagam seus filhos, mas eu percebo, pois, como eles, sei que essas coisas são milagres. Após nosso resgate, os jornais chamaram nossa sobrevivência de "O Milagre dos Andes". Para mim, o verdadeiro milagre é que, por termos vivido por tanto tempo sob a sombra da morte, tenhamos aprendido da forma mais intensa e transformadora o que significa exatamente estar vivo. Essa é a sabedoria que nos une e, mesmo que, como todos os amigos, tenhamos nossa cota de conflitos e desentendimentos, e mesmo que a vida tenha levado alguns de nós para bem longe da nossa Montevidéu, jamais deixaremos que esses laços se rompam.

Mesmo hoje em dia, mais de três décadas após o desastre, penso em todos esses homens como irmãos. Mas nenhum deles foi um irmão melhor para mim do que Roberto Canessa, meu parceiro naquela longa jornada pelos Andes. Vários dias naquela viagem, à medida que ficávamos cada vez mais fracos naquele lugar sem vida, e a esperança parecia esmaecer a cada passo, Roberto apontou para o belo cinto que estava usando. Notei que era o cinto de Panchito.

— Estou usando o cinto que tirei do corpo do seu melhor amigo — ele disse —, mas sou seu melhor amigo agora.

Naquela hora, nenhum de nós acreditava que tivéssemos algum futuro, mas tínhamos, e, mais de trinta anos depois, tenho orgulho de dizer que Roberto ainda é meu melhor amigo e que se tornou mais engenhoso, mais confiante e, sim, mais cabeça-dura com o passar do tempo. Essas qualidades, que fizeram dele uma figura tão importante e difícil nas montanhas, ajudaram-no a se tornar um dos mais respeitados cardiologistas pediátricos do Uruguai e renderam-lhe a

reputação de um homem cujo conhecimento e cuja habilidade perdem apenas para sua feroz determinação em ajudar seus jovens pacientes. A maioria das crianças que Roberto trata possui quadros graves, e o fato de ele não poupar esforços para ajudá-las não surpreende ninguém que o conheça. Por exemplo, certa vez, um grande amigo seu, que era diretor de cardiologia em um hospital de Nova York, disse a Roberto que seu hospital tinha um aparelho de ecografia Doppler de que não precisava mais. Ele o ofereceu a Roberto, sob a condição de que ele ficaria responsável pelo transporte da máquina para o Uruguai. Roberto sabia que a máquina seria de grande ajuda no tratamento dos pacientes e também sabia que o hospital em Montevidéu não podia arcar com os custos de uma tecnologia tão cara. Ele levou apenas alguns segundos para tomar a decisão e, menos de 24 horas depois, estava em Nova York apanhando o equipamento. Sem um plano definido de como levar o aparelho e sem ninguém para ajudá-lo, Roberto enfiou a volumosa máquina — era do tamanho de uma geladeira pequena — em um carrinho de mão que pegara emprestado do departamento de manutenção do hospital e empurrou-a até um elevador. Instantes depois, ele estava em uma rua movimentada, tentando pegar carona em um caminhão. Ele ficou lá fazendo sinal por muito tempo, enquanto os carros passavam. Ninguém parecia notá-lo, até que finalmente ele atraiu a atenção do motorista de uma picape que aceitou, por um preço, levar Roberto e a máquina até o aeroporto JFK.

Roberto passou por mais problemas ao chegar a Montevidéu, onde funcionários cheios de dedos da alfândega recusaram-se a deixar a máquina entrar no país. Mas estava claro que Roberto não seria contrariado. Chamou um táxi e foi direto para o gabinete do presidente do Uruguai, onde exigiu uma reunião com o líder do país. Incrivelmente, seu pedido foi atendido e, depois de explicar a questão ao presidente, os funcionários alfandegários do aeroporto receberam ordens para ignorar a burocracia e permitir que o Doppler entrasse no país. Roberto cuidou que ele fosse levado ao hospital, onde foi imediatamente colocado para funcionar. Menos de 48 horas haviam se passado desde que Roberto ouvira falar da máquina, mas ela já estava instalada e salvando as vidas de crianças uruguaias.

Roberto gozou de uma vida pessoal rica e tranquila. Três anos após nosso retorno dos Andes, casou-se com Laura Surraco, a garota de que sentira tanta falta nos Andes, e isso foi uma sorte para ele, pois ela devia ser a única mulher do Uruguai capaz de aguentar sua teimosia e refrear sua energia sem fim. Tiveram dois filhos e uma filha. Sou padrinho de seu filho Hilario, que agora é um proeminente jogador do Old Christians. Roberto, que sempre participara dos negócios do time, agora é presidente da equipe, função que exerce com prazer,

por amar o Old Christians e estar convencido de que ninguém poderia dirigi-lo melhor. É claro que ele se sente assim sobre qualquer coisa e acredita que deva ser ouvido em todas as questões importantes, incluindo os mais elevados assuntos do estado uruguaio. Em 1999, por sinal, ficou tão insatisfeito com a liderança do nosso governo que fundou seu próprio partido político e concorreu para presidente. Sua campanha popular arrecadou apenas uma pequena porcentagem de votos, mas, como sempre, ele se fez notar. Sempre implico com Roberto por conta do seu ego, mas não o imagino de outra forma.

Gustavo Zerbino é outro amigo especial, de quem me aproximei muito com o passar dos anos. Ele é um homem franco e de princípios sólidos e, quando fala, é pra valer. Não consigo imaginar um amigo mais digno do que Gustavo. Nos Andes, ele sempre foi corajoso, esperto e firme e, se não tivesse se esgotado naquela primeira tentativa quase fatal de escalar a montanha, quase certamente teria sido um dos nossos mais confiáveis expedicionários. Mas, mesmo depois do desastre, ele continuou sendo um companheiro leal e protetor, incapaz de abandonar um colega de time ou um amigo. Jamais esquecerei a vez em que ele me ajudou em uma partida dura de rúgbi, quando um adversário me acertou pelas costas com um soco ilegal na nuca. A pancada me desorientou. Não vi de onde ela veio, mas Gustavo, sim.

— Foi o número 12 — ele me disse, enquanto minha cabeça rodava. — Não se preocupe — sussurrou —, ele é meu.

Instantes depois, formou-se um *maul*, com os jogadores dos dois times enganchados em uma disputa feroz para ficar com a bola. De repente, vi o número 12 sair mancando do emaranhado de corpos e cair para trás como uma árvore. Gustavo passou andando por cima dele e veio na minha direção. Lançou-me um aceno de cabeça casual. Tudo que disse foi:

— Pronto.

Gustavo era um jovem idealista e compassivo que trabalhava frequentemente com os jesuítas nas favelas de Montevidéu. Hoje em dia, tem a mesma preocupação com o bem-estar alheio, o que faz dele um amigo forte e generoso. Trabalha para uma grande empresa de produtos químicos, faz parte de várias organizações comunitárias, é presidente da Associação de Química do Uruguai e vice-presidente do Old Christians Rugby Club. É divorciado e tem quatro lindos filhos do primeiro casamento. Sempre encontro com ele e com a sua família, pois ele mora a poucos quarteirões da minha casa.

Carlitos Paez, outro dos meus melhores amigos, continua tão irreverente, afetuoso e cativante quanto era todos os dias nas montanhas. Gosto dele por sua criatividade, por seu humor ultrajante e pelo afeto que sempre dedicou às minhas filhas, que são especialmente ligadas a ele e foram atraídas pela sua

personalidade magnética desde bebês. Carlitos enfrentou desafios de sobra na vida. Seu primeiro casamento acabou depois de apenas dois anos e ele está solteiro desde então. Cerca de 15 anos atrás, mergulhou fundo no vício do álcool e das drogas, e todos percebemos que devíamos fazer algo a respeito. Certa tarde, Gustavo e eu aparecemos na casa de Carlitos. Dissemos a ele que o levaríamos para uma clínica de reabilitação, onde ele ficaria até se recuperar totalmente. Carlitos ficou chocado com esse assédio e, no início, recusou-se a ir, mas argumentamos que a decisão não era mais dele. Dissemos que já estava tudo acertado e a expressão em nossos rostos deixou bem claro que não adiantava resistir. Felizmente, Carlitos se recuperou depressa. Está sóbrio desde então, e atualmente dedica seu tempo a aconselhar pessoas em luta contra o abuso de substâncias e o vício. Carlitos trabalha como executivo em uma empresa de relações públicas de Montevidéu. Tem uma paixão tão grande pelo golfe que comprou recentemente uma casa que faz divisa com o *fairway* de um clube de golfe. Mas atualmente sua maior paixão é a neta, Justine, filha de sua filha, Gochi. O mundo dele gira em torno dessa criança e é bom ver a alegria que ela lhe traz. Certa vez, Carlitos escreveu para mim: “Ainda seguimos nosso caminho com a certeza de que a vida vale a pena ser vivida, de que nada é impossível se houver afeto e solidariedade, se tivermos pessoas dispostas a ajudar [aqueles que] precisam.” Carlitos sobreviveu a mais de uma provação na vida, mas aprendeu a encontrar a felicidade, e fico sempre feliz de tê-lo comigo.

Alvaro Mangino era um dos rapazes mais novos no desastre e talvez por causa disso sempre me senti especialmente protetor em relação a ele enquanto estávamos nas montanhas. Tornou-se um homem de grande bom senso e paz interior, que aprendeu a deixar nosso suplício para trás e seguir com a vida, ao mesmo tempo que aprendeu muito com a experiência. Está há anos casado com sua esposa, Margarita, e criou quatro filhos. Viveu muitos anos no Brasil, mas voltou recentemente para Montevidéu, onde trabalha para uma empresa de aquecedores e ares-condicionados e faz parte da diretoria do Old Christians. É um amigo leal e verdadeiro e fico feliz em tê-lo mais uma vez próximo de mim.

Alvaro é muito íntimo de outro dos meus grandes amigos, Coche Inciarte, que, de todos os sobreviventes, talvez seja o mais calmo, dócil e previdente. Coche tem uma índole naturalmente terna e pacífica, e posso dizer com honestidade que nunca o ouvi levantar a voz. Ele fala com grande eloquência natural e com uma inteligência mordaz, mas, embora esteja sempre brincando e atiçando os outros, Coche compreende profundamente o que sofremos e jamais esconde a proximidade que sente em relação ao restante de nós. Casou-se com Soledad, seu amor de infância, que achava que o tinha perdido para as montanhas. A reunião deles foi um milagre para ambos, e Coche nunca se

esquece da bênção que é tê-la e os três filhos que criou ao seu lado.

Por muitos anos, Coche, que é fazendeiro, foi um dos maiores produtores de laticínios do Uruguai. Vendeu recentemente suas ações e se aposentou para curtir a família e dedicar tempo à sua grande paixão — a pintura. Coche é um artista muito talentoso. Um de seus quadros está pendurado em meu escritório e penso nele sempre que o vejo, pois sua arte revela a mesma profundidade, candura e dignidade que fazem dele um amigo tão valioso.

Como membro do triunvirato de líderes conhecido como “os primos”, Eduardo Strauch foi uma figura importante nas montanhas. Seu raciocínio claro e cauteloso acrescentou estabilidade e orientação à nossa luta cotidiana pela sobrevivência. Ele não mudou muito desde os Andes: continua calmo e senhor de si, um homem de poucas palavras, mas a quem vale a pena dar ouvidos. Eduardo e Laura, sua esposa, têm cinco filhos. Ele é um arquiteto de renome em Montevidéu e construiu muitas casas e prédios ótimos na cidade, incluindo minha primeira casa.

Daniel Fernandez, primo de Eduardo, ainda tem o mesmo humor e carisma que usou para aliviar a pressão e os medos intensos que encaramos nos destroços da fuselagem. Daniel é um ótimo contador de histórias e tem a habilidade de captar a imaginação da plateia quando está falando. Quando Daniel, que é membro do partido Blanco, e Roberto, um Colorado ferrenho, discutem política, saem faíscas. Os dois são uns cabeças-duras e adoram implicar um com o outro. As discussões sempre acabam sem solução, mas independentemente de quão acaloradas elas fiquem são sempre bem-humoradas, e o restante de nós aproveita bastante o show. Daniel administra uma bem-sucedida firma de computação e tecnologia em Montevidéu. Ele e Amalia, sua esposa, têm três filhos maravilhosos.

Sempre admirei Pedro Algorta, o bom amigo de Arturo Nogueira, por sua sagacidade, inteligência afiada e independência de pensamento. Não vejo Pedro tanto quanto gostaria, pois ele vive na Argentina, onde trabalha como gerente geral de um grande fabricante de cerveja e bebidas. Mas ele comprou recentemente uma fazenda no Uruguai e espero que isso permita que eu o encontre com mais frequência. Ele e Noel, sua esposa, têm duas filhas e um filho, todos estudando ou trabalhando no exterior.

Nos Andes, nenhum dos sobreviventes era tão calmo e senhor de si quanto Bobby François. Tenho certeza de que ele estava tão assustado quanto qualquer um de nós, mas parecia determinado a enfrentar seu destino com o mínimo de drama. “Se a gente morrer, morreu”, ele parecia dizer. “Por que gastar energia se preocupando com isso?” Viveu a vida mais ou menos com a mesma atitude, e ela lhe caiu como uma luva. Bobby é um rancheiro, leva uma vida de ritmo lento e

simples que combina com ele. Passa o dia inteiro na montaria, cavalgando sozinho nos campos abertos, vigiando o gado sob o céu imenso das planícies uruguaias. Tem cinco filhos com Graciana, sua esposa. Eles passam metade do tempo no rancho e metade em Carrasco, onde Bobby tem uma grande amizade com Coche e Roy Harley.

Javier Methol, o único sobrevivente além de mim que perdeu um familiar na montanha, batalhou para se recuperar da morte de Liliana, mas encontrou forças na sua grande fé católica e no amor pelos quatro filhos que teve com a esposa. Depois de ficar de luto por Liliana por muitos anos, Javier conheceu e se casou com Ana Maria, com quem teve mais quatro filhos! Foi por muitos anos executivo de uma grande companhia de tabaco — fundada pela família de Panchito —, mas agora está alegremente aposentado.

De todos os sobreviventes, Javier é o mais convencido de que foi a mão de Deus que nos tirou das montanhas. Certa vez ele escreveu para mim: *Deus nos trouxe à vida mais uma vez nas montanhas e nos tornou irmãos. Quando achávamos que você estava morto, Ele lhe trouxe de volta à vida, para que depois, com Roberto, vocês se tornassem os mensageiros Dele na busca pela nossa salvação. Estou certo de que, por alguns instantes, Ele carregou vocês dois nos braços...*

Javier e eu temos ideias diferentes sobre Deus e sobre o papel que Ele teve na nossa sobrevivência. Mas, ainda assim, respeito a humildade e a sinceridade da sua fé e a maneira como ele reconstruiu a vida após sua perda devastadora. Calmo e equilibrado, ele é uma das forças estabilizadoras do grupo, e sempre me sinto em paz quando estou em sua companhia.

Antonio Vizintin, que escalou corajosamente a montanha comigo e com Roberto, enfrentou vários desafios e problemas na vida. Seu primeiro casamento acabou num divórcio e sua segunda esposa morreu de forma trágica. Casou-se uma terceira vez e estamos todos torcendo para que seu futuro seja mais feliz. Tintin, como ainda o chamamos, tem dois filhos, um menino e uma menina, ambos do segundo casamento. Ele é um bom pai e tem sido bem-sucedido em sua carreira de importador de produtos químicos e outros artigos para a indústria de plásticos. Ainda vive em Carrasco, mas é um tanto solitário e, nos últimos anos, o vimos menos do que gostaríamos. Mesmo assim, Tintin sempre será um de nós, e queremos encontrá-lo com mais frequência, apesar de ele deixar seu filho, um bom jogador de rúgbi, jogar para o Old Boys Rugby Club, o arquirrival do Old Christians.

Roy Harley é um dos sobreviventes que está sempre na minha cabeça. Por mais de trinta anos fiquei incomodado pela maneira como Roy foi retratado nos relatos anteriores do desastre, especialmente no magnífico livro *Os*

Sobreviventes, de Piers Paul Read. É verdade que Roy ficou emocionalmente fragilizado nos Andes, mas é também verdade que ele era um dos mais jovens do grupo e que esteve mais perto de morrer do que qualquer outro sobrevivente. O fato de que suas emoções estivessem à flor da pele não significa que ele fosse mais fraco ou estivesse mais amedrontado do que o restante de nós. Ninguém podia estar mais amedrontado do que eu e, na verdade, percebi, ao escrever este livro, que foi meu próprio medo que alimentou a raiva e a frustração que sentia em relação a Roy. *Os Sobreviventes* foi em grande parte baseado em entrevistas extensas feitas com cada um dos sobreviventes, e me arrependo de, naquelas conversas, termos feito um perfil muito simplório da luta individual de Roy. Mas éramos jovens e as coisas pareciam mais simples. Em *Milagre nos Andes*, tentei acertar essas contas: para mim, Roy Harley não era um covarde ou um fracote. Ele foi e sempre será um de nós, um sobrevivente, um amigo confiável e um elo importante do nosso círculo. Nos anos que se passaram, ele demonstrou repetidas vezes ser um homem íntegro e forte e é uma das pessoas com as quais sei que posso contar. Hoje em dia, Roy é um engenheiro de sucesso e trabalha para um grande fabricante de tintas. Vive em Montevidéu com Cecilia, sua mulher — irmã de Laura, esposa de Roberto —, duas filhas adoráveis e um filho que joga pelo Old Christians. Roy, um grande defensor da boa forma física, quase não envelheceu, e todos o invejamos por sua barriga reta e músculos firmes, pois a maioria de nós viu os músculos amolecerem e as barrigas crescerem.

Alfredo “Pancho” Delgado é outro sobrevivente cuja ficha deve ser limpa. Em *Os Sobreviventes*, Pancho é descrito como uma pessoa manipuladora e desonesta, que tramou pelas nossas costas para ganhar mais conforto, muitas vezes à custa dos outros. Não há dúvida de que Pancho tenha feito essas coisas, mas, na realidade, todos nós as fizemos também. Todos nós, em alguns momentos, fomos egoístas — tentando roubar um pouco mais de comida ou cigarros, fugindo do trabalho ou garantindo para nós as roupas mais quentes e os lugares mais confortáveis para dormir. Ninguém era santo. Não sobrevivemos porque éramos perfeitos, mas porque a nossa preocupação com o próximo pesou mais do que nosso egoísmo natural. Por que Pancho se destacou nesse sentido é um mistério. Ele tinha uma inteligência afiada e uma eloquência natural e, talvez, tenhamos nos ressentido do seu talento para se safar das consequências das suas transgressões. Seja como for, não é justo que Pancho seja rechaçado dessa forma e tenha que carregar o peso dessa reputação. A verdade é que Pancho sempre foi e sempre será um de nós e, como os demais, sempre gozará da minha amizade, da minha confiança e do meu respeito. Pancho, que é meu vizinho em Carrasco, é um advogado de destaque. É casado com Susana, seu

amor de longa data, com quem teve dois filhos e duas filhas. Seu filho mais velho, Alfredo, é capitão do time principal do Old Christians.

Ramon "Moncho" Sabella, que nunca se casou, é o solteirão do grupo. Apesar dos nossos constantes esforços para apresentá-lo a várias boas pretendentes, ele continua um feliz e solteiro *bon-vivant*, que jura estar simplesmente se divertindo demais para sossegar. Quando não está em festas na praia de Punta del Este ou nos clubes de Montevidéu, Moncho trabalha com especulação imobiliária e em uma nova empreitada, em parceria com o colega sobrevivente Fito Strauch: produção e criação de ostras. Moncho é um bom amigo, ainda tem um bom faro para mulheres bonitas e é sempre uma companhia divertida.

Fito Strauch foi um dos homens mais importantes na montanha, e nenhum de nós — eu muito menos — esqueceu as suas inúmeras contribuições para nossa sobrevivência. Como Javier, Fito acredita piamente que foi a intervenção direta de Deus na montanha que nos salvou, e que devemos viver nossa vida como mensageiros Dele. Às vezes acredito que Fito desaprova a maneira como vivi; que ele acha que minimizei ou até mesmo desprezei o papel de Deus no nosso resgate, e que não fui fiel às lições espirituais da nossa provação. Digo a ele que não sei bem como espalhar a palavra de Deus, pois não tenho certeza de que mensagem é essa. Fito talvez dissesse que a lição dos Andes é que Deus nos salvou porque Ele nos ama. Mas Ele não amava minha mãe e minha irmã e as outras 29 pessoas que morreram? O que aconteceu conosco nos Andes me transformou intensamente e presenteou-me com uma visão de vida mais espiritual e profunda e, para mim, a lição das montanhas é que a vida é preciosa e deve ser vivida plenamente, com o coração e com amor. Não quero que minha vida seja ditada por uma coisa que aconteceu comigo há trinta anos; sinto que estou escrevendo o roteiro da minha vida, dia a dia. Para mim, isso não significa negar as lições espirituais que aprendemos nas montanhas, e sim cumpri-las à risca.

Fito e eu provavelmente jamais vamos concordar nessa questão, mas, para mim, isso não diminui o respeito e a amizade que tenho por ele e, quando nos encontramos, sempre nos abraçamos como irmãos. Fito vive no interior, onde tem e administra um rancho de gado. Tem quatro filhos com sua esposa, Paula.

Sergio Catalan, o camponês chileno que foi o primeiro a encontrar a mim e a Roberto nas montanhas, e cuja reação rápida e competente levou diretamente ao nosso resgate e à salvação de outras 14 jovens vidas não é, tecnicamente, um dos sobreviventes. Mas faz definitivamente parte da nossa família e mantivemos contato com ele com o passar dos anos, visitando-o em seu povoado no Chile ou colocando-o em um avião para nos visitar em Montevidéu. Ele continua o mesmo homem humilde, gentil e imensamente digno que cavalgou por dez horas

guiando a equipe de resgate até onde estávamos, em Los Maitenes. Vive uma vida simples, passando semanas inteiras nos pastos das montanhas, apenas com o cachorro para lhe fazer companhia, enquanto cuida do gado e das ovelhas. Sergio e sua esposa criaram nove filhos, e me impressiona o fato de que, mesmo com os recursos modestos de um pastor das montanhas, ele tenha conseguido mandar a maioria deles para a faculdade e ver todos estabelecidos em bons casamentos e empregos.

Em março de 2005, Virginia, a mulher de Sergio, me ligou para nos convidar para o seu aniversário de cinquenta anos de casamento. Ela disse que seria uma surpresa para Sergio e que não diria que estávamos indo. Concordamos e, um dia antes da comemoração, Roberto, Gustavo e eu, juntamente com nossas famílias, estávamos dirigindo pela estrada estreita e pedregosa que levava ao povoado de Sergio. As colinas acidentadas e áridas dos Andes nos cercavam enquanto subíamos sem parar, então alguém viu um vulto a cavalo. Ele estava vestindo o traje tradicional dos vaqueiros chilenos — casaco curto, botas pontudas e chapéu de aba larga.

— É o Sergio! — alguém disse.

Encostamos. Roberto, Gustavo e eu saímos do carro e andamos em direção ao cavaleiro. A princípio ele ficou desconfiado, como quando nos conhecemos, mas quando viu Roberto e a mim, seu olhos se arregalaram e se encheram de lágrimas. Antes que ele pudesse falar alguma coisa, dei um passo à frente.

— Com licença, meu bom homem — eu disse —, mas estamos perdidos de novo. Você poderia nos ajudar mais uma vez?

Quando estou junto dos meus colegas sobreviventes, dizemos em silêncio tudo que há para ser dito sobre nossa temporada nas montanhas e, por muitos anos, nos foi suficiente saber que esses amigos e minha família compreendiam o que enfrentamos. Eu tinha pouco interesse em compartilhar minha história pessoal com qualquer pessoa de fora do nosso círculo e, embora tenha dado algumas entrevistas para revistas e jornais e participado de documentários em comemoração dos vários aniversários do desastre, sempre fui cauteloso no que diz respeito a revelar muito de mim mesmo a estranhos. Acreditava que tudo o que o público precisava saber havia sido revelado, magistralmente, em *Os Sobreviventes.* É verdade que o livro se atém quase totalmente aos fatos do nosso suplício; seus leitores podem ter apenas uma vaga ideia da luta interna ou das emoções violentas que me levaram a sobreviver. Mas eu não tinha intenção de revelar essas coisas a fundo. Os leitores podiam ficar com o drama, o terror e a aventura. Guardaria para mim as memórias mais íntimas e dolorosas.

Com o passar dos anos, fui abordado mais de uma vez por agentes e editores que me pediam para recontar a história da minha perspectiva. Sempre recusei. Aquelas pessoas me viam como um herói, e eu sabia que elas queriam louvar o desastre como uma história inspiradora de triunfo e perseverança. Mas eles estavam equivocados. Eu não era nenhum herói. Estava o tempo todo assustado, fraco e confuso, o tempo todo desesperançoso. E pensar no desastre — na intensidade do nosso sofrimento, no desperdício obsceno de tantas vidas inocentes — não trazia sensação alguma de triunfo ou glória ao meu coração. Nossa história pode ter inspirado milhões de pessoas em todo o mundo como uma fábula sobre o poder do espírito humano, mas, para mim, aqueles meses nas montanhas foram dias de agonia, horror e perdas irreversíveis. O desastre não era algo a ser celebrado. Era algo a ser superado, e eu fizera o meu melhor nesse sentido, preenchendo minha vida com as riquezas da amizade e da família, de modo que todas as partes despedaçadas da minha vida ficassem enterradas sob o acúmulo de uma vida inteira de felicidade e amor.

E eu estava feliz em lidar com a coisa dessa maneira. Isso não quer dizer que eu tenha negado o passado — até hoje, as lembranças dos Andes tocam-me todos os dias. Quis apenas evitar que a tristeza e o sofrimento moldassem o meu futuro. Estava seguindo o conselho que papai me deu logo após o resgate. Olhe para a frente, Nando, ele disse. Não deixe que aquilo se torne a coisa mais importante que aconteceu na sua vida. Não queria viver como um sobrevivente. Não queria que o desastre definisse a minha vida. Tirei as lições que pude do suplício. Desfrutei as amizades que cresceram dali e sempre honrei a memória daqueles que morreram. Mas não poderia glorificar ou romantizar o que aconteceu conosco e certamente não me interessava remexer aquelas lembranças com a inescapável honestidade necessária para escrever um livro.

Por que, então, depois de mais de trinta anos, concordei em escrever o relato que você agora tem em mãos? A resposta começa em 1991, com uma ligação de um homem chamado Juan Cintron. Cintron estava organizando uma conferência de jovens donos de negócios na Cidade do México e decidiu que minha história daria uma grande palestra de motivação para o encontro, então me contatou por telefone em Montevidéu e pediu que eu enviasse as linhas gerais do que pretendia falar. Não tinha intenção de transformar minhas experiências numa palestra motivacional, de modo que recusei polidamente. Mas Juan não aceitava um não como resposta. Ele voltou a me ligar várias vezes, pedindo que eu reconsiderasse. Finalmente, veio de avião até Montevidéu para me implorar pessoalmente. Impressionado com sua persistência e seu entusiasmo, sucumbi à sua persuasão e concordei em dar a palestra.

Nos meses que se seguiram, trabalhei para criar o tipo de discurso que Cintron

queria. Ele me pedira para buscar na história lições que prendessem a atenção de jovens e ambiciosos empreendedores ávidos por *insights* e ideias que os ajudassem a prosperar — questões sobre liderança, inovação, trabalho em equipe e soluções criativas de problemas. Ele me pediu que deixasse a apresentação clara e enxuta. Eu lidaria com pessoas ocupadas e impacientes, ele disse. Se você for lento demais, vai perdê-las. Enquanto trabalhava no discurso, tentando arrancar de tanta tristeza e agonia o tipo de dica inspiradora que poderia ajudar uma plateia de estranhos a engordar suas contas bancárias, me arrependi enormemente por ter aceitado dar a palestra. Mas já não tinha volta. Finalmente, chegou o dia, e me vi em cima do palco na Cidade do México, sob os holofotes, com as anotações da palestra à minha frente. Fui apresentado, os aplausos de cortesia acabaram e estava na hora de começar. Queria falar, mas por mais que tentasse, as palavras não saíam. Meu coração esmurrava o peito, suor frio escorria pela gola da minha camisa e minhas mãos tremiam. Olhei para as anotações. Elas não faziam sentido. Comecei a embaralhar os papéis. As pessoas se mexiam nas cadeiras. O silêncio constrangido ficou tão alto que parecia um trovão e, quando o pânico estava prestes a me esmagar, ouvi minha própria voz.

— Eu não devia estar aqui — eu disse, subitamente. — Devia estar morto em uma geleira nos Andes.

E então, como se uma represa houvesse aberto, despejei minha história, sem poupar emoções e não retendo nada. Simplesmente falei com o coração. Guiei-os por todos os momentos importantes do suplício para que eles vivenciassem tudo como eu vivenciei, a dor feroz que senti quando Susy morreu, o terror quando soubemos que a busca fora cancelada e o horror de comer a carne dos nossos amigos mortos. Levei-os para dentro da fuselagem conosco na noite da avalanche e nos dias cruéis que se seguiram. Fiz com que subissem a montanha e os mostrei a devastadora visão do topo, e então os levei comigo e com Roberto pela trilha que tínhamos certeza que nos guiaria até a morte. Não falei uma palavra sobre criatividade, trabalho de equipe ou soluções criativas de problemas. Não mencionei a palavra sucesso. Em vez disso, compartilhei com eles o que de súbito percebi ser a verdadeira lição do suplício: não foi inteligência ou coragem ou qualquer outro tipo de competência ou habilidade que nos salvou, foi tão somente amor, nosso amor mútuo, nosso amor pelas nossas famílias, pelas vidas que desejávamos tão desesperadamente viver. Nosso sofrimento nos Andes apagou tudo de trivial e desimportante. Cada um de nós percebeu, com uma clareza difícil de descrever, que a única coisa crucial na vida é a chance de amar e de ser amado. Nas nossas famílias, nos nossos futuros, já tínhamos tudo de que precisávamos. Os 16 de nós que tiveram a sorte de voltar para suas vidas jamais esqueceremos isso. Ninguém jamais deveria esquecer.

Falei por mais de noventa minutos, embora tenham parecido apenas cinco, e quando terminei o salão estava imerso em um silêncio pesado. Por vários segundos, ninguém se mexeu, e então os aplausos se avolumaram e a plateia ficou de pé. Em seguida, estranhos com os olhos cheios de lágrimas vieram me abraçar. Alguns me chamaram de lado para falar sobre as dificuldades que enfrentaram na vida, lutas contra doenças, perdas, divórcios, vícios. Senti um vínculo tão poderoso com aquelas pessoas. Elas não haviam apenas entendido minha história; estavam fazendo as suas próprias histórias. Isso me encheu de uma grande sensação de paz e propósito e, embora não entendesse plenamente aquelas emoções na hora, tive certeza de que queria me sentir daquela forma novamente.

Depois do sucesso da palestra na Cidade do México, pediram-me para dar palestras em todo o mundo, mas minhas filhas ainda eram pequenas e eu estava muito envolvido com os negócios, de modo que só pude aceitar alguns desses convites. Com o passar dos anos, comecei a ter mais tempo e a falar com mais frequência. Hoje em dia, falo para plateias no mundo inteiro, embora meus compromissos em casa ainda me obriguem a ser muito seletivo. E em cada palestra que dou, ajo da mesma forma que na primeira: conto a história e compartilho a modesta sabedoria que adquiri. O resultado é sempre o mesmo: uma efusão de afeto, gratidão e uma poderosa sensação de conexão. Uma vez, depois de uma palestra, uma jovem pediu para falar comigo. “Alguns anos atrás eu estava saindo de ré da minha garagem”, ela disse. “Não sabia que minha filha de 2 anos estava atrás do carro. Passei com o carro por cima dela e ela morreu. Minha vida parou naquele momento. Desde então, não tenho conseguido comer, dormir ou mesmo pensar em nada que não seja aquele instante. Venho me torturando com perguntas. Por que ela estava lá? Por que não a vi? Por que não fui mais cuidadosa? E, acima de tudo, por que isso aconteceu? Desde aquele instante, tenho estado paralisada pela culpa e pela dor, e toda a minha família está sofrendo. Sua história me mostrou que eu estou errada. É possível viver, mesmo quando se sofre. Agora sei que tenho que seguir adiante. Tenho que viver pelo meu marido e pelos meus outros filhos. Mesmo com a dor que sinto, tenho que encontrar forças para fazê-lo. Sua história me fez acreditar que isso é possível.”

Sem palavras, a envolvi nos meus braços e a abracei. Naquele instante, um pensamento informe que estava rondando minha cabeça assumiu um foco penetrante. Percebi que a *minha* história era a história *dela*; é a história de todos que a ouvem. Aquela mulher jamais sentiu uma rajada de vento abaixo de zero. Jamais cambaleou por uma nevasca nas altas altitudes ou observou seu corpo definhar de inanição. Mas não havia dúvida de que, fundamentalmente, ela

sofrera tanto quanto eu. Sempre pensei na minha história como algo singular, uma coisa tão extrema e revoltante que apenas os que estiveram lá conseguiam entender de verdade o que passamos. Mas em sua essência — na essência da emoção humana — ela é a história mais familiar do mundo. Todos nós, às vezes, encaramos o desespero e a falta de esperança. Todos vivenciamos a dor, o abandono e perdas esmagadoras. E todos nós, cedo ou tarde, iremos enfrentar a inevitável proximidade da morte. Enquanto abraçava aquela mulher triste, uma frase se formou nos meus lábios. “Todos temos nossos próprios Andes”, eu disse.

Agora, depois de mais de dez anos de palestras públicas, depois de ver minha história ecoar diversas vezes em milhares de pessoas em todo o mundo, compreendi que o vínculo que senti com minhas plateias possui raízes mais profundas do que a admiração delas pelo que fiz para sobreviver. Elas veem, na minha história, suas próprias lutas e seus próprios medos materializando-se em um cenário surreal, em uma escala épica. Essa história as entristece, mas também as encoraja, pois percebem que, mesmo em face do tipo mais cruel de sofrimento, e contra todas as chances, uma pessoa comum pode perseverar. Fico imensamente satisfeito por tantas pessoas poderem encontrar força e conforto nas coisas que tenho a dizer, mas elas me deram muito em retribuição. Mostraram-me que há mais coisas na minha história do que apenas dor e tragédia sem sentido. Ao usar meu sofrimento como fonte de inspiração e reafirmação, elas me ajudaram a curar minhas memórias feridas. Percebi que minha mãe, minha irmã e os demais não morreram em vão e que nosso sofrimento de fato resultou em algo importante, em algum tipo de sabedoria, que pode tocar os corações de seres humanos no mundo todo.

Meus ouvintes também me tocam. Extraio muito amor e realização do vínculo que tenho com eles, como se estivéssemos unidos por uma rede humana de compreensão, como se cada pessoa comovida pela minha história enriquecesse e expandisse minha vida. Fico maravilhado com o fato de eu ser o mesmo homem que não gostava de falar dos Andes, pois agora divido minha experiência apaixonadamente com o maior número de pessoas possível, e foi dessa paixão que nasceu o desejo de escrever este livro. Comecei a escrevê-lo, no meu íntimo, muitos anos atrás, e finalmente a hora pareceu apropriada para colocar meus pensamentos no papel. Foi uma experiência extraordinária — dolorosa, alegre, dignificante, surpreendente e muito recompensadora. Tentei ser o mais sincero possível ao escrever este relato e agora o ofereço como um presente:

Ao meu pai, para que ele possa ver, em detalhe, o que passei e como meu amor por ele foi o verdadeiro poder que me salvou;

Aos meus colegas sobreviventes, para que possam saber do amor e respeito

que sempre sentirei por eles;

A minha mulher e as minhas filhas, para que possam ficar ao meu lado nas montanhas, dia a dia, e ver que, mesmo quando eram apenas parte do meu futuro distante, cada passo que dei foi um passo para me aproximar delas;

E, por fim, a todos que estão ligados a mim através dos sofrimentos, das alegrias e frustrações da vida — isto é, todos que estão lendo este livro. Não sou um sábio. Cada dia me revela quão pouco sei da vida e como posso estar errado. Mas existem coisas que sei que são verdadeiras. Sei que vou morrer. E sei que a única resposta sensata a esse horror é amar. Antes de morrer, Arturo Nogueira, um dos mais corajosos entre nós, disse repetidas vezes: “Mesmo aqui, mesmo sofrendo dessa forma, a vida vale a pena...” Ele quis dizer que mesmo quando tudo nos havia sido privado, ainda podíamos pensar nas pessoas que amamos, ainda podíamos mantê-las em nossos corações e acalentá-las como o tesouro de nossas vidas. Como todos nós, Arturo havia descoberto que isso era tudo o que importava. Minha esperança é que você que está lendo este livro não custe muito a ter consciência dos tesouros que possui. Nos Andes, vivemos de batida do coração em batida do coração. Cada segundo de vida era uma dádiva que resplandecia de propósito e sentido. Venho tentando viver dessa forma desde então, e isso encheu minha vida de incontáveis bênçãos. Insisto que você faça o mesmo. Conforme dizíamos nas montanhas: “Respire. Respire mais uma vez. Enquanto estiver respirando, você está vivo.” Após todos esses anos, este ainda é o melhor conselho que posso lhe dar: Saboreie sua existência. Viva cada momento. Não desperdice uma respiração.

Agradecimentos de Nando Parrado

Gostaria de expressar minha gratidão aos amigos e colegas cujas contribuições foram essenciais para a existência deste livro:

Aos meus agentes, Stephanie Kip Rostan, Elizabeth Fisher, Daniel Greenberg e Jim Levine, por seus sábios conselhos.

À minha editora, Annik LaFarge, por seu entusiasmo e profissionalismo, e pela paixão e carinho com os quais transformou este livro em realidade.

A Vince Rause, cujo humor e talento transformaram nosso trabalho em um prazer e que posso chamar agora de amigo.

A Gail e Kelly Davis, que apoiaram este livro desde o início e cuja amizade sempre me foi valiosa.

Ao falecido Mark McCormack, um grande homem e um grande amigo, que sempre me encorajou a escrever minha história. Finalmente segui seu conselho.

A Jackie Stewart, sua esposa, Helen, e seus filhos, Paul e Mark, que sempre fizeram com que eu me sentisse parte da família. Minha amizade por Jackie foi uma grande bênção, e sou agradecido a ele por todas as suas lições sobre corridas, negócios e sobre a vida.

A Bernie Ecclestone, que abriu tantas portas para mim quando eu era jovem e que, como Jackie, ensinou-
-me tantas coisas que me tornaram quem eu sou hoje. Tenho orgulho de dizer que sou seu amigo.

Ao meu bom amigo Piers Paul Read, cujo magnífico livro *Os Sobreviventes* foi o primeiro a revelar a história do desastre dos Andes para o mundo, com honestidade, sensibilidade e muito vigor.

A todos os meus colegas de equipe e amigos que morreram na queda. Jamais os esqueci e tentei honrá-los na minha vida.

Aos meus 15 colegas sobreviventes, meus irmãos para toda a vida, que são os únicos que podem entender plenamente o que sofremos. Sem nossa lealdade e solidariedade mútuas, nenhum de nós teria escapado dos Andes.

Ao Old Christians Rugby Club e ao espírito do Old Christians, um espírito de união e altruísmo, que nos uniu e nos deu a força e a vontade em comum de sobreviver.

A minha irmã Graciela, que foi um grande conforto para mim após o nosso suplício e que se tornou cada vez mais íntima com o passar dos anos.

A minha mulher, Veronique, e as minhas filhas, Veronica e Cecilia, por seu

amor e apoio constantes e pela paciência com a qual suportaram as longas horas que passei trabalhando neste livro. Elas são as coisas mais caras a mim neste mundo.

A minha irmã Susy, de quem ainda sinto tanta falta quanto nos primeiros momentos após sua morte.

A minha mãe, Xenia, cujo carinho, amor e sabedoria deram-me a força necessária para suportar o insuportável...

E a meu pai, Seler, que me inspirou na infância e que me inspira até hoje. Foi meu amor por ele, e nada mais, que me tirou das montanhas, e cada momento com ele desde então tem sido uma bênção.

— Nando Parrado

Agradecimentos de Vince Rause

Quando me foi oferecida a possibilidade de trabalhar com Nando Parrado em *Milagre nos Andes*, minha primeira reação foi pensar se o livro era necessário. Como milhares de outras pessoas, fiquei fascinado e fui inspirado pela saga do Desastre de 1972 nos Andes, mas o *best-seller* de 1973, *Os Sobreviventes*, contou a história com tanta riqueza de detalhes e com uma abrangência e um vigor tão definitivos que imaginei se havia alguma boa razão para recontá-la. Sabia que para este novo livro conquistar um público ele teria que explorar aspectos da história inexplorados por *Os Sobreviventes* — aspectos emocionais e introspectivos, espirituais e afetivos. Não faria sentido simplesmente recontar os fatos do suplício. Tínhamos que colocar o leitor dentro da cabeça de Nando, permitir a ele olhar com os próprios olhos a esterilidade dos Andes e forçá-lo a se arrastar desesperadamente, com seus surrados sapatos de rúgbi, pelas encostas congeladas que ele estava certo de que seriam seu túmulo. Teríamos que prendê-lo com Nando e seus amigos na cordilheira sem vida, fazê-lo sobreviver ao frio, ao medo, à desolação. A história teria que ser contada de dentro para fora, através do filtro emocional do desespero de Nando, e só daria certo a partir do momento que Nando entendesse que a melhor história que ele podia contar não era apenas sobre um jovem vencendo as montanhas; era sobre um garoto comum que amava demais a vida para ser derrotado pelas mais desfavoráveis probabilidades.

Eu sabia que para contar bem esta história seria preciso sensibilidade e coragem. Nando teria que reabrir velhas feridas. Teria de reviver, de olhos bem abertos, momentos de perda e terror que poucos de nós somos capazes de imaginar. Ele me revelaria esses momentos? Traria à tona suas lembranças mais íntimas e dolorosas e as exporia para mim? Que tipo de homem era ele? Durão? Honesto? Será que tinha a inteligência emocional para compreender como o suplício o transformara? E, depois de trinta anos de reflexão, teria ele algo de útil a dizer sobre o significado daquilo tudo?

Não conhecia Nando na época, mas sabia o tipo de homem que ele teria que ser para escrever um livro do qual nós dois nos orgulhássemos, e sabia que esse tipo de homem não é sempre fácil de encontrar. Se Nando não fosse essa pessoa, se não fosse capaz de iluminar sua história com uma clareza significativa e com o mais corajoso tipo de sinceridade, o livro ficaria supérfluo, e trabalhar nele seria enfadonho. Os riscos pareciam altos, e a cautela me aconselhou a sair antes

que o projeto fosse mais adiante, mas algum tipo de intuição não me deixava me afastar. Perdi noites de sono remoendo o assunto: E se ele fosse aquele tipo de cara? No fim das contas, a intuição venceu, e quando Nando me ofereceu oficialmente o serviço, eu aceitei e fui de avião para o Uruguai para conhecê-lo. Sentamos na sala de estar da sua casa de praia em Punta del Este e começamos lentamente a nos conhecer. Mostrei-lhe fotos da minha família. Conheci sua esposa e suas filhas. Brincamos com o seu enorme labrador preto, Sasha, e, a certa altura, quando pareceu o momento apropriado, ele começou a falar sobre os Andes. Era verão na América do Sul e, pela janela panorâmica, eu podia ver as ondas verdes batendo na praia. Mas assim que Nando começou a falar me esqueci da praia, das ondas e do sol, pois já não estava mais em Punta del Este. Estava ao lado de Nando na cordilheira coberta de neve. Sua voz era suave, expressiva e cadenciada, e lembro-me que ele sorria amavelmente, mesmo ao lembrar algum horror. Ele recordou o momento em que enterrou a irmã na neve e como os flocos de neve cintilavam em sua face antes de seu rosto se cobrir. Recordou o pânico que sentiu quando ouviu a notícia de que as tentativas de resgate haviam sido canceladas e como teve que se conter para não correr às cegas para o vazio. Eu o vi enterrado sob o peso esmagador da avalanche, cansado de lutar, querendo descobrir como era a morte, e no topo do monte Seler, onde a paisagem cruel o devastou tão completamente que ele se esqueceu de respirar por mais de um minuto. Ele revelou tudo — as saudades de casa, o terror constante, a crueldade do frio das altas atitudes, a sensação da carne humana entre os dentes. Nando manteve os olhos em mim enquanto descrevia essas coisas, e havia uma urgência serena em sua voz. Ele queria que eu entendesse. A história já foi contada antes, ele parecia me dizer, mas não esta história, não a minha história...

Ele falou por mais de uma hora, então se recostou no sofá e ficou em silêncio. Antes que eu pudesse organizar minhas ideias para falar, ele abriu um grande sorriso e deu de ombros modestamente. “Não sei bem”, ele disse com calma, “você acha que dá pra fazer um livro com isso?” Naquele instante, me senti um idiota por ter duvidado da habilidade de Nando de dar conta do recado. Em vez disso, me vi abalado pela compreensão de que eu teria que dar o meu melhor para fazer justiça àquela história. Daquele momento em diante, tentei com todo o meu coração ajudar Nando a escrever um livro digno da sua experiência e posso dizer agora que trabalhar com ele foi uma das experiências mais enriquecedoras e recompensadoras da minha vida. De modo que minha prioridade aqui é expressar minha gratidão a Nando Parrado. Agradeço a ele pela sua coragem, pela sua generosidade, pela sua visão, pelo seu bom humor e pela grande dádiva que é a sua amizade. Mas, acima de tudo, agradeço a ele por ter me confiado a

sua história. É a melhor história que já ouvi, e ter tido a chance de ajudá-lo a contá-la foi um privilégio inesquecível.

Tenho também o privilégio de trabalhar com uma equipe excepcional na agência Levine/Greenberg, incluindo Jim Levine, Dan Greenberg, Arielle Eckstut, Elizabeth Fisher e, especialmente, Stephanie Kip Rostan, cujo trabalho duro colocou esse navio nas águas e cuja gentil persistência evitou que ele seguisse seu rumo sem mim.

Nossa editora, Annik LaFarge, trouxe uma rara combinação de cérebro e coração ao projeto, e não consigo imaginar este livro sem ela. Ela começou como nossa defensora mais ferrenha, tornou-se nossa fidedigna conselheira e terminou como amiga. Agradeço sua orientação e seu entusiasmo. Agradeço também a Steve Ross, Amy Boorstein, Mary Choteborsky, Genoveva Llosa, Luke Dempsey e a toda a equipe da Crown, por abraçarem este livro com tanto profissionalismo; a Ernesto e Roselle Trello, que forneceram apoio emocional e local de trabalho nas horas de necessidade; a Gail Davis, pelos esforços pioneiros para fazer este livro acontecer; a Roy Harley, Coche Inciarte, Alvaro Mangino e Gustavo Zerbino, por compartilharem suas lembranças; e a Ed West, por seus bons conselhos, por sua inteligência irreverente e por uma amizade que dura quase quarenta anos.

Por fim, agradeço a minha esposa, Chris, que é a âncora da nossa família com sua força serena e paciência sem fim, e a minha filha, Carmela, que não é nem um pouco paciente ou serena, mas que vive a vida com uma exuberância tão doce e graciosa que meus dias são repletos de sorrisos. As duas fizeram muitos sacrifícios enquanto eu trabalhava neste livro, e agora eu dedico este trabalho a elas, com afeto.

— Vince Rause

Nando Parrado ganhou fama mundial pela coragem e determinação que o fizeram um dos jovens heróis do desastre aéreo de 1972 nos Andes. Atualmente é CEO de várias empresas baseadas no Uruguai, seu país de origem, incluindo uma cadeia nacional de lojas de ferragens, empresas de propaganda e marketing e uma produtora de TV, para a qual produz e apresenta programas populares de viagens, assuntos da atualidade e esportes motorizados. Desde 1991, ele é um dos mais requisitados palestrantes do circuito internacional de conferências. Ex-piloto de corrida e vencedor do Campeonato Europeu de Carros Turismo, gosta ainda de pilotar carros, motocicletas e lanchas. Vive em Montevidéu com sua esposa, Veronique, e suas filhas, Veronica e Cecilia.

Vince Rause é escritor e colunista, e seus contos foram publicados na *New York Times Magazine*, na *Los Angeles Times Magazine*, na *Readers' Digest*, na *Sports Illustrated* e em diversos outros periódicos nacionais e regionais. Em 2001, publicou com o renomado estudioso do cérebro, Andrew Newberg, *Why God Won't Go Away: Brain Science and the Biology of Belief* (Por que Deus não vai embora: a ciência do cérebro e a biologia da crença). Seu mais recente lançamento foi *Make the Impossible Possible* (Faça o impossível possível).

Table of Contents

Capa
Folha de Rosto
Créditos
Sumário
Prólogo
Capítulo Um - Antes
Capítulo Dois - Tudo de mais valioso
Capítulo Três - Uma promessa
Capítulo Quatro - Respire mais uma vez
Capítulo Cinco - Abandonados
Capítulo Seis - Sepultura
Capítulo Sete - Leste
Capítulo Oito - O oposto da morte
Capítulo Nove - “Estou vendo um homem...”
Capítulo Dez - Depois
Epílogo
Agradecimentos de Nando Parrado
Agradecimentos de Vince Rause
Sobre o Autor